



CADERNO DE RESUMOS

SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA 2025.2



INTERSEÇÕES EM
**Linguagens e
Representações**

DÍALOGO E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES



**20
25**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES

REITOR

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA

VICE-REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU

DIRETORA DO DLA

ÉLIDA PAULINA FERREIRA

COORDENADOR DO PPGL

ROGÉRIO LUID MODESTO

VICE-COORDENADOR DO PPGL

ROGÉRIO SOARES DE OLIVEIRA

DOCENTE RESPONSÁVEL PELA DISCIPLINA

YURI ANDREI BATISTA SANTOS

DIAGRAMAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

AISSA LAUANY SANTOS DE ALMEIDA

COMISSÃO ORGANIZADORA

LAURA CHIVATÁ QUINTERO (LINHA A)

BRUNA SANTOS NOVAIS DE SOUZA (LINHA A)

DARLEI JESUS DOS SANTOS (LINHA B)

RAQUEL BARBOSA GALVÃO (LINHA B)

AISSA LAUANY SANTOS DE ALMEIDA (LINHA C)

KETIE EMILLY SANTOS NEVES (LINHA C)





Em memória da Prof.^a Angela van Erven Cabala,

cuja presença e cuja palavra formaram professores, ampliaram horizontes e nos ensinaram a ver o mundo para além de uma única perspectiva.

“O mundo é grande demais para caber dentro de uma só maneira de ver.”

— João Ubaldo Ribeiro

APRESENTAÇÃO



“Interseções em Linguagens e Representações: diálogos entre saberes, práticas e modos de narrar o mundo”

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) do PPGL/UESC reafirma a vocação do Programa em articular diferentes campos do conhecimento por meio das múltiplas linguagens e representações. Neste semestre, as pesquisas apresentadas percorrem áreas como ensino e formação docente, literatura e artes, linguística, tecnologias digitais, estudos de gênero, raça e saberes populares — mostrando que a complexidade dos fenômenos contemporâneos exige abordagens que ultrapassem fronteiras disciplinares.

O diálogo entre teorias, métodos e objetos torna-se, assim, um eixo estruturante do nosso encontro. As práticas de linguagem analisadas pelos discentes não se encerram em recortes disciplinares estritos: entrecruzam espaços educativos, literários, midiáticos, históricos e socioculturais, produzindo novas perspectivas sobre como sujeitos, corpos, narrativas e saberes que ultrapassem que ultrapassem são construídos, performados e interpretados.

É nesse movimento que a afirmação de Mikhail Bakhtin ressoa com força renovada. Ao tomarmos essa ideia como bússola, defendemos que a interdisciplinaridade não é apenas um método, mas uma forma de existência acadêmica, um modo de produzir conhecimento que se abre ao outro, às diferenças e às múltiplas vozes que constituem o mundo.

Em sua diversidade, os trabalhos aqui reunidos convergem para um ponto fundamental: a interdisciplinaridade não é apenas um princípio organizador do Programa, mas uma exigência do próprio mundo que buscamos compreender. Essa pluralidade de perspectivas revela a força de um Programa comprometido em pensar as representações em movimento e as linguagens em sua dimensão múltipla, viva e relacional.

O SIP 2025.2 celebra, assim, a multiplicidade de vozes e percursos de pesquisa, reafirmando o compromisso do PPGL com o diálogo, a crítica e a invenção de novas formas de pensar as linguagens e suas representações.





INFORMAÇÕES GERAIS

SOBRE O PPGL

O Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), instituído em 2007 e ativo desde 2008, oferece mestrado e doutorado com foco na inclusão e valorização de sujeitos historicamente marginalizados, como indígenas, afrodescendentes, mulheres e LGBTQIAP+, promovendo uma abordagem não excludente dos objetos de pesquisa e ampliando os enfoques tradicionais da academia. Com nota 4 na avaliação da CAPES desde 2010 e reconhecido pelo seu impacto regional, o PPGL se destaca pela produção científica qualificada, participação em eventos acadêmicos e projetos voltados à formação em linguagens na educação básica e superior.

SOBRE O SIP

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é uma atividade obrigatória do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), prevista em seu regimento e exigida como pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação. A avaliação é feita por meio de participação e apresentação, sem atribuição de nota, com conceito de “Aprovação em Atividade”. Realizado semestralmente – no primeiro semestre com doutorandas e doutorandos, e no segundo com mestrandas e mestrandos – o SIP constitui um espaço de troca e discussão das pesquisas em andamento. Desde 2016, suas programações e resumos são publicados na página do programa, fortalecendo a transparência, a visibilidade acadêmica e os indicadores de avaliação externa do PPGL.





LINHAS DE PESQUISA

LINHA A - LITERATURA E INTERFACES

Em perspectiva transdisciplinar, as pesquisas privilegiam produções literárias e representações em zonas de diálogo com a história, a memória e as relações étnico-raciais, transitando por perspectivas teórico-críticas que problematizam saberes/poderes hegemônicos. A linha constitui-se por três eixos: i) Literatura, história e memória; ii) Literatura, identidade e diferença; e iii) Literatura e outras artes e saberes.

LINHA B: ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM)

Os estudos desta linha voltam-se para pesquisas sobre a língua(gem) tanto na sua dimensão formal quanto na prática social. A linha constitui-se por três eixos: i) Discurso, argumentação e ensino; ii) Estudos em descrição e análise linguística; iii) Estudos em Linguística Aplicada.

LINHA C: LINGUAGEM, ESTUDOS DE GÊNERO E ESTUDOS DO DISCURSO

Estudo de práticas discursivas e linguagens literária, audiovisual e outras destacando a diversidade étnico-racial e dissidências de sexos, orientações sexuais e identidades de gênero, assim como políticas do corpo que transpassam o processo de assujeitamento (ou as formas de subjetivação contemporâneas) e as práticas de dominação/resistência. A linha constitui-se por dois eixos: i) Linguagem e Estudos de Gênero; ii) Linguagem e Estudos do Discurso.

SOBRE A CURADORIA IMAGÉTICA

Fios que se Cruzam: identidades, memórias e entrelaçamentos na arte brasileira contemporânea

Nas páginas deste caderno, a curadoria imagética propõe um encontro entre três artistas mulheres brasileiras contemporâneas — Sônia Gomes, Vivian Caccuri e Rosana Paulino — que, por meio do fio, da costura e do tecido, nos convidam a pensar o diálogo em suas múltiplas dimensões. Seus trabalhos, cada um à sua maneira, expandem o olhar para o tecido das memórias, das resistências e das identidades que compõem as diversas camadas do povo brasileiro na contemporaneidade. Aqui, o diálogo não aparece como uma ideia abstrata, mas como gesto material

Embora trabalhem com materiais distintos e com repertórios simbólicos muito próprios, as três artistas compartilham uma aposta comum: compreender a arte como prática de conexão. Os tecidos de Sônia Gomes evocam saberes populares, gestos manuais, histórias familiares e comunitárias; são formas que emergem da escuta e do encontro com objetos e vidas. As experimentações de Vivian Caccuri convocam outras camadas de experiência: a vibração, o ruído, a presença invisível do ambiente urbano e natural. Já Rosana Paulino reinscreve o tecido como superfície de memória e de denúncia, costurando, literalmente, as marcas da diáspora africana e da violência colonial nos corpos negros femininos. Em cada uma delas, o tecido funciona como metáfora e como matéria, uma forma de narrar aquilo que não cabe no discurso linear, mas que se articula por camadas, fricções, costuras e suturas.

É desse ponto de convergência — o entrelaçamento — que nasce nossa proposta curatorial. As obras aqui reunidas não formam uma coleção homogênea, mas antes um tecido polifônico, feito de fios que se cruzam para construir novas possibilidades de leitura do Brasil contemporâneo. Ao aproximarmos essas três artistas, ressaltamos que o diálogo interdisciplinar não é apenas a convivência de campos distintos, mas um processo ativo de criação de pontes, dobras e conexões improváveis. Esta curadoria, portanto, celebra o entrelaçar como método, metáfora e gesto político-estético, um convite para olhar o Brasil pelos fios que sustentam sua diversidade e pelas relações que o mantêm vivo.



SUMÁRIO

LINHAA – LITERATURA E INTERFACES.....	10
A representação do feminino nas dinâmicas temporais e espaciais em <i>cem anos de solidão</i> (1967), de Gabriel García Márquez.....	11
A retomada dos seres da floresta em <i>Kumiça Jenó</i>.....	22
Cuiridade: traços identitários na literatura silenciada a partir de <i>Vista desde una Acera</i> de fernando molano e <i>pela noite</i> de Caio Fernando Abreu.....	32
Escrevivência e Oralitura em cena: vozes negras femininas no Slam e na Instapoesia.....	40
Literaturas do Trauma: a violência manicomial em Lima Barreto e Stella do Patrocínio.....	49
O Lírico, o Épico e o Cinematográfico: reflexões sobre a poética drummondiana.....	54
Representações linguístico-culturais no livro didático <i>Anytime</i>: uma análise em Linguística Aplicada Crítica e Estudos Culturais.....	62
Representar para resistir: a mulher com diversidade funcional diante da violência em <i>As Primas</i> (2022), de Aurora Venturini.....	70
 LINHA B – ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM).....	 80
“De quem é o aluno surdo nas escolas regulares”? Um estudo sobre a gostatividade na vivência escolar desses estudantes.....	81
A Multifuncionalidade do verbo pegar na rede social X: uma análise construcional.....	91
Chatbots e desenvolvimento de habilidades orais em Inglês: emoções e reflexões na formação docente.....	100
Construções instanciadas pelo verbo levar em sua função de verbo suporte: um pareamento de forma e sentido.....	109
Entre o apagamento e a resistência: Lima Barreto e as condições cronotópicas de seu tempo.....	117

Formação docente para o ensino de argumentação: análise da dialogicidade em um curso de formação continuada de professores.....	125
Formação intercultural de professores(as) de inglês: entre discursos curriculares e práticas pedagógicas.....	131
O debate no ensino de argumentação: análise da reflexividade em debates escolares.....	141
O papel do livro didático de língua portuguesa nas estratégias de ensino da escrita: um olhar sobre o ensino fundamental anos finais.....	151
Percepções e práticas de professores do ensino superior de um curso de letras sobre metodologias ativas e TDICs: um estudo de caso.....	160
LINHA C – LINGUAGEM, ESTUDOS DE GÊNERO E ESTUDOS DO DISCURSO.....	167
Cassandra Rios no espaço (les)biográfico: o caso de <i>Eudemônia</i> e <i>Eu Sou Uma Lésbica</i>	168
Do <i>Queer</i> ao Sagrado: uma investigação das construções de personagens e narrativas dentro dos jogos <i>smite</i> e <i>league of legends</i>	175
Efeitos de sentido sobre o envelhecimento feminino: discurso, etarismo e relações de poder na rede social X.....	183
Entre o pop e o pornô: discursos sobre o corpo feminino nos videocliques de 2020.....	192
Humor em Discurso: os memes na (des)construção dos sentidos sobre gênero e sexualidade.....	202
Masculinidades negras e linguagem no candomblé Ijexá: práticas, performances e ancestralidades no Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá.....	211
Nas Ins/estabilidades da significação: a dinâmica dos sentidos de gênero e sexualidade na rede X.....	218
O imaginário de ciências e mulheres cientistas nas histórias em quadrinhos...	226
Racialização e linguagem nas tradições afro-brasileiras: uma análise discursiva da obra de Ruy Póvoas.....	233
Representatividade transgênero em animes japoneses: análise de <i>One Piece</i> ..	241

Sonia Gomes, *Acordes Naturais [Accords naturels]*, 2018, coutures, galons, différents tissus et dentelles, dimensions variables



LINHA A
LITERATURA E INTERFACES



A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS DINÂMICAS TEMPORAIS E ESPACIAIS EM *CEM ANOS DE SOLIDÃO* (1967), DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Matheus Santos Souza¹

Debora Duarte dos Santos (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O presente projeto propõe analisar a representação do feminino no romance *Cem Anos de Solidão* (1967), obra de Gabriel García Márquez. Nesta obra, o autor enfatiza a história da família Buendía ao longo de cem anos, compreendendo o período desde a criação da aldeia de Macondo até a sua destruição. O fundador, José Arcadio Buendía, sonha em construir uma sociedade perfeita, mas suas obsessões e as dos seus descendentes acabam condenando a família a um ciclo de solidão e repetição. Ao longo do romance, o tempo parece circular, e os destinos dos personagens se repetem de forma trágica e simbólica, marcados pela solidão, pela busca do conhecimento, pelo amor impossível e pela incapacidade de escapar do passado. Considerando, portanto, tempo e espaço como peças-chave fundamentais desta narrativa, a pesquisa, objeto deste resumo, busca enfatizar a maneira como as categorias temporais e espaciais contribuem para a configuração das personagens femininas e para a rearticulação de formas identitárias no contexto latino-americano. Parte-se da premissa de que o realismo mágico, entendido não apenas como efeito estilístico, mas como dispositivo epistemológico, produz modos singulares de inscrição do tempo, da memória e do espaço que tensionam e, em diversos momentos, subvertem normas patriarcais e cânones narrativos.

Gabriel García Márquez constrói uma estética própria que, ao mesmo tempo em que inova formalmente, dialoga com os elementos socioculturais latino-americanos. O estilo do autor se consolida, especialmente, a partir dos anos 1960 e 1970, com o advento do movimento conhecido como *Boom* da literatura latino-americana que não se limitou só a um fenômeno comercial, representando também uma oportunidade de apoio às revoluções e aos

¹mssouza.ppql@uesc.br

²ddsantos@uesc.br

projetos socialistas no continente.

A narrativa de *Cem Anos de Solidão* (1967) distingue-se, portanto, pela fusão entre o real e o mágico. O mágico, tanto na literatura quanto na história, ocupa uma posição ambivalente, situada entre o sagrado, o imaginário e o racional. Nas sociedades tradicionais, ele não se distinguia da realidade empírica, era parte constitutiva da ordem do mundo, inscrito nos mitos, nos ritos e nas narrativas que conferiam sentido à experiência coletiva. Como mostrou Mircea Eliade, o pensamento mítico integrava o mágico ao cotidiano, atribuindo-lhe uma função de ordenamento cósmico e simbólico. Esse lugar privilegiado, contudo, foi progressivamente questionado pela modernidade. O avanço da ciência e o racionalismo iluminista deslocaram o mágico para o campo do ilusório e da superstição, instaurando o que Max Weber denominou o “desencantamento do mundo”, isto é, a substituição da transcendência por explicações científicas e instrumentais. Apesar disso, o desencantamento nunca foi completo: crenças, práticas espirituais e narrativas literárias mantiveram o mágico vivo como força cultural, revelando que a modernidade não o eliminou, mas o transformou. Esse mágico inclui criar personagens e eventos que ultrapassam os limites do cotidiano. Tal abordagem questiona as concepções tradicionais de realidade e enriquece o discurso literário com significados sociopolíticos densos. Segundo Garramuño (2008), em *La opacidad de lo real*, a literatura latino-americana se caracteriza por explorar a própria opacidade do real, recurso que em García Márquez adquire especial relevo, uma vez que o elemento mágico não se limita ao maravilhoso, mas atua como instrumento crítico para refletir e tensionar as múltiplas camadas da realidade.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo central analisar a representação do feminino em *Cem Anos de Solidão* (1967), investigando de que maneira o realismo mágico e as personagens femininas se articulam na construção de narrativas que resgatam e reconfiguram a história de Macondo, tendo em vista que a obra de García Márquez oferece amplo material para essa análise.

A pesquisa será orientada pela seguinte questão: Como se dá a representação do feminino na obra, e o que essa revela sobre as construções de gênero no contexto latino-americano? Para responder a essas questões, a análise se apoiará nos aportes teóricos de Josefina Ludmer e Florencia Garramuño, cujas perspectivas, embora dialoguem no campo da crítica literária latino-americana, partem de premissas distintas. Em *Temporalidades de la nación* (2010), Ludmer examina como as temporalidades narrativas funcionam como dispositivos que permitem pensar a nação e suas identidades múltiplas, privilegiando,

portanto, a dimensão referencial e histórica do texto. Em contrapartida, Garramuño (2008), em *La opacidad de lo real*, propõe que a literatura latino-americana se define pela opacidade, isto é, pela impossibilidade de reduzir o texto a uma função representativa da realidade. Nesse contraste, a leitura de García Márquez evidencia-se como campo de tensão: se para Ludmer as manipulações temporais e espaciais de Macondo iluminam processos de construção identitária, para Garramuño essas mesmas operações instauram zonas de indeterminação em que o mágico resiste a qualquer interpretação transparente do real, especialmente na representação das personagens femininas. Este referencial é fundamental para compreender como García Márquez. A análise se apoiará nos aportes teóricos de Josefina Ludmer e Florencia Garramuño, cujas perspectivas, embora tratem da literatura latino-americana, se orientam em direções opostas. Em *Temporalidades de la nación* (2010), Ludmer entende as manipulações narrativas do tempo como estratégias de inscrição histórica: na literatura, as múltiplas temporalidades funcionam como dispositivos para pensar a nação e suas identidades. Nesse sentido, quando García Márquez faz o tempo de Macondo girar em espiral, sobrepondo passado e presente, Ludmer veria aí uma forma de refletir sobre os ciclos da história latino-americana e sobre a repetição de estruturas patriarcais que atravessam a vida das personagens femininas. Já Florencia Garramuño (2008), em *La opacidad de lo real*, propõe que a literatura latino-americana não pode ser lida apenas como representação transparente de processos históricos, pois opera também pela opacidade do real, instaurando zonas de indeterminação. Sob essa chave, as mesmas estratégias narrativas de García Márquez, como a coexistência do insólito com o cotidiano ou a inserção de personagens femininas que se movem entre o terreno e o mítico, como Remédios, que ascende aos céus em pleno dia, não seriam lidas como alegoria social, mas como gesto estético que resiste à tradução totalizante do real. Dessa forma, o contraste entre Ludmer e Garramuño permite iluminar tanto a dimensão histórico-identitária quanto a dimensão estética e irredutivelmente opaca da obra.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar manipulação e as dimensões temporais e espaciais na criação de Macondo e de que modo estas categorias influenciam na representação das personagens femininas.

Objetivos Específicos:

- Discutir o conceito de realismo mágico na tradição latino-americana, destacando suas implicações estéticas e epistemológicas;
- Examinar como as estratégias do realismo mágico influenciam na construção das personagens femininas dentro do romance;
- Analisar as interrelações entre literatura, memória e cotidiano, privilegiando categorias analíticas como temporalidade, genealogia, identidade e deslocamento.

JUSTIFICATIVA

A literatura latino-americana distingue-se pela intensa interpenetração entre real e imaginário, produzindo uma estética singular que transcende o verossímil e incorpora o mágico como elemento constitutivo do discurso literário. Nesse contexto, o realismo mágico emerge como um dos principais modos de representação narrativa, permitindo a inscrição de múltiplas temporalidades, memórias e subjetividades. Tal característica manifesta-se de maneira particularmente expressiva na representação das personagens femininas, cujas experiências cotidianas são frequentemente permeadas por elementos mágicos e simbólicos, dando origem a uma gramática ficcional que tensiona as normatividades de gênero e permite o questionamento de estruturas tradicionais de poder e identidade.

Nesse sentido, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de revisitar um texto canônico do Boom a partir de uma perspectiva que coloque o feminino no centro da análise formal e simbólica, e operando tanto na economia narrativa quanto na constituição de saberes culturais, que desafiam modelos históricos dominantes. O aparato teórico articula contribuições complementares: de um lado, Josefina Ludmer, cuja abordagem das temporalidades literárias permite ler as manipulações do tempo como dispositivos para pensar a nação, a repetição histórica e a inscrição de traumas coletivos; de outro, Florencia Garramuño, cuja noção de opacidade do real torna possível compreender o realismo mágico não como alegoria transparente, mas como dimensão que resiste à leitura unívoca e legítima formas alternativas de conhecimento.

A obra *Cem Anos de Solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, constitui um exemplo paradigmático dessa articulação entre o mágico e o cotidiano, sendo especialmente rica no que se refere à construção de personagens femininas densas, complexas e centrais à dinâmica narrativa. Embora exista ampla produção crítica sobre a obra e sobre o realismo

mágico, enquanto fenômeno estético e histórico, ainda são relativamente escassas as análises que examinam em profundidade o papel simbólico e político das personagens femininas nesse contexto.

Dessa forma, a relevância da presente pesquisa consiste em aprofundar os estudos sobre o realismo mágico hispano-americano, especificamente no que tange às representações do feminino. Partindo da abordagem de Florencia Garramuño e Josefina Ludmer, o estudo possibilita uma leitura das temporalidades narrativas operantes na literatura latino-americana como dispositivos para refletir sobre a nação e suas identidades múltiplas.

Inserida na linha de pesquisa "Literatura e Interfaces", esta investigação objetiva contribuir com os debates interdisciplinares sobre literatura e história, alargando as possibilidades interpretativas da literatura latino-americana contemporânea e reafirmando seu potencial de intervenção simbólica nas disputas por visibilidade, reconhecimento e justiça social.

APARATO TEÓRICO

A relação entre história e literatura mágica é central para a compreensão das narrativas que emergem desse gênero, principalmente na América Latina. Conforme argumenta Florencia Garramuño (2008), a opacidade do real na literatura moderna cria um espaço onde o imaginário se sobrepõe ao factual, permitindo que as narrativas do realismo mágico questionem e reconfigurem as noções de realidade e história. Essa característica torna a literatura mágica não apenas um gênero literário, como destaca Flores (1955) define o realismo mágico como a união de dois mundos, o real e o mágico, fundidos de forma natural, sem causar surpresa ao leitor ou às personagens.

Na América Latina, a literatura mágica surge como uma resposta às complexidades históricas e culturais, especialmente a partir do século XVIII, durante o período da revolução industrial. Josefina Ludmer (2010) explora as "temporalidades da nação" em suas discussões sobre a construção da identidade latino-americana, argumentando que a literatura mágica oferece uma maneira de narrar a história que desestabiliza as noções tradicionais de tempo e espaço. Através dessa perspectiva, a literatura não é apenas uma transfiguração do real, como sugere Coutinho (2008), mas uma ferramenta crítica que reimagina e reconstrói a realidade social.

Garramuño (2008) enfatiza que a literatura mágica na América Latina não apenas reflete a história, mas a reinscreve, criando novas temporalidades e formas de entendimento. Essa reinvenção histórica se manifesta na maneira como as narrativas mágicas articulam o

real e o imaginário, situando o leitor em um espaço liminar onde as fronteiras entre ficção e realidade se tornam permeáveis, aspecto que coincide com a visão de Chartier (1991), que vê a literatura como um espaço de construção de sentidos, onde o vínculo entre o mundo do texto e o mundo do leitor é constantemente negociado.

Ademais, a literatura mágica latino-americana se distingue por sua capacidade de capturar a dinâmica de vida e sobrevivência dos povos, suas crenças e religiosidade, como observa Iegelski (2016). Nesse sentido, história e literatura se articulam de modo complementar, situando o leitor em relação ao discurso da obra e ao contexto histórico no qual ela está inserida. Como sugere Compagnon (1999, p. 32), a literatura opera na fronteira entre o literário e o não literário, com variantes que dependem do contexto cultural e temporal, enquanto a história atua como um fator formador e representativo do passado e do presente de um determinado grupo social (Lee, 2011, p. 19-42). Assim, a literatura latino-americana, ao entrelaçar história e imaginação, não apenas contribui para a formação de identidades culturais, mas também desafia as narrativas históricas hegemônicas, oferecendo novas formas de compreensão da realidade e da subjetividade na América Latina.

A intersecção do realismo mágico em *Cem Anos de Solidão* (1967) ultrapassa o plano estilístico, apresentando implicações epistemológicas significativas para a compreensão das formas narrativas na literatura hispano-americana. A presença do insólito na obra de Gabriel García Márquez não se configura como desvio ou ruptura da realidade, mas como elemento estruturante de um modelo de representação que incorpora formas distintas de racionalidade, ancoradas em experiências culturais específicas da América Latina.

Chanady (1995) destaca que o realismo mágico se sustenta na convivência equilibrada entre o racional e o extraordinário, sem que haja hierarquização entre esses registros. Essa configuração narrativa rompe com os princípios da lógica causal e da linearidade temporal próprios da tradição ocidental, instaurando uma estética na qual o insólito é tratado com naturalidade e integração plena ao universo ficcional. A naturalização dos eventos extraordinários não busca criar estranhamento, mas sim reafirmar uma concepção de realidade na qual o mágico é constitutivo.

No caso do real maravilhoso, conforme definido por Carpentier (1987), a dimensão extraordinária não decorre da invenção artística, mas da própria materialidade histórica e cultural do continente latino-americano. O maravilhoso é, portanto, uma categoria vinculada à percepção coletiva de mundo, fundamentada em práticas culturais, cosmologias indígenas, crenças populares e heranças coloniais. A obra de García Márquez, embora não se filie de modo explícito ao conceito de Carpentier, compartilha dessa mesma base epistemológica ao

construir Macondo como espaço narrativo em que a história e o mágico coexistem de maneira indissociável.

A ocorrência de fenômenos como o retorno de Melquíades após a morte (MÁRQUEZ, 2007, p. 72) ou a longa chuva de quatro anos, onze meses e dois dias (p. 311) deve ser compreendida dentro dessa lógica de representação. Tais eventos não são metafóricos nem simbólicos, mas constituem manifestações diretas de uma concepção de realidade que integra o inexplicável como dimensão legítima da experiência humana. Nesse sentido, a narrativa mobiliza o mágico como instrumento de questionamento das formas de conhecimento hegemônicas, desestabilizando os paradigmas eurocêtricos que separam rigidamente razão e crença.

A obra incorpora o elemento mágico como forma de reelaboração da memória histórica. A omissão institucional sobre o massacre dos trabalhadores da Companhia Bananera e a subsequente “amnésia” da população de Macondo (MÁRQUEZ, 2007, p. 325) exemplificam a maneira como o mágico opera como crítica à repressão política e à manipulação do discurso histórico. Essa abordagem está alinhada à perspectiva de Jean Franco (1991), que interpreta a presença do insólito como um recurso diante da opressão histórica e do apagamento de vozes subalternizadas.

METODOLOGIA

Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza analítica e interpretativa; o procedimento incluirá levantamento bibliográfico rigoroso sobre realismo mágico e estudos de gênero na literatura latino-americana, leitura de *Cem Anos de Solidão* com foco nas personagens femininas (por exemplo, Úrsula Iguarán, Amaranta e Remédios) e estabelecimento de correlações entre as operações narrativas de tempo/espaço e as funções simbólicas dessas personagens.

O foco da investigação recai sobre a construção das personagens femininas e a maneira como estas se relacionam com os elementos do realismo mágico, constituindo uma representação simbólica do cotidiano latino-americano. Essa análise se realiza à luz das temporalidades narrativas presentes na literatura latino-americana, compreendidas como dispositivos que permitem refletir sobre a nação e suas múltiplas identidades. O percurso metodológico adotado busca, assim, articular de forma consistente os objetivos geral e específicos da pesquisa.

O processo investigativo terá início com um levantamento bibliográfico rigoroso, contemplando estudos teóricos e críticos sobre realismo mágico latino-americano, e as representações do feminino. Essa etapa visa fundamentar teoricamente a análise da obra a partir de contribuições centrais como as de Florencia Garramuño, cuja obra *La opacidad de lo real* (2008) propõe uma leitura da literatura latino-americana a partir da indissociabilidade entre o real e o opaco, e de Josefina Ludmer, que em *Temporalidades de la nación* (2010) aborda a maneira como as narrativas literárias moldam diferentes temporalidades e identidades nacionais. Esses aportes são indispensáveis para se compreender a inserção do feminino na estrutura simbólica do romance em questão.

A seguir, será realizada uma leitura atenta e sistemática da obra *Cem Anos de Solidão*, orientada por categorias analíticas previamente definidas, tais como feminino, cotidiano, tempo, espaço, memória e elemento mágico. Essa leitura será guiada pela metodologia proposta por Marconi e Lakatos (2003), baseada na análise descritiva e interpretativa do conteúdo literário, e será acompanhada por fichamentos temáticos, registros de citações relevantes e produção de inferências. O intuito é mapear a presença e a função narrativa das personagens femininas, bem como investigar de que modo o mágico se insere na tessitura do real, especialmente quando associado à experiência subjetiva dessas personagens.

Serão consultadas fontes primárias, como entrevistas e comentários do próprio autor, bem como edições especiais da obra que integram o acervo pessoal do pesquisador. As informações obtidas serão sistematizadas por meio do uso de instrumentos digitais e analógicos de organização acadêmica. A análise será orientada pelas categorias teóricas da crítica literária de gênero e dos estudos sobre o realismo mágico, com vistas à construção de uma leitura crítica e interdisciplinar da obra.

A principal variável da pesquisa é a representação das personagens femininas enquanto dispositivos narrativos do realismo mágico. Como variáveis intermediárias, considera-se a inserção dessas personagens em contextos marcados pelo cotidiano e pelo mágico, suas relações com o poder e com a tradição familiar, bem como a manipulação do tempo e do espaço na composição narrativa. Já as variáveis contextuais dizem respeito à inserção histórica da obra no contexto das décadas de 1960 e 1970 da Colômbia, bem como ao papel do autor no movimento literário conhecido como Boom latino-americano.

Entre os aspectos metodológicos favoráveis, destaca-se que a obra de García Márquez, amplamente estudada, disponibiliza um rico material para análise crítica, contando ainda com edições comentadas que facilitam a compreensão das escolhas narrativas do autor.

A abordagem que articula literatura, gênero e história cultural permite, por sua vez, investigar dimensões menos exploradas da obra, especialmente no que se refere à representação das personagens femininas. Por outro lado, desafios metodológicos podem surgir devido à polissemia do conceito de realismo mágico, que admite diferentes interpretações e leituras.

A investigação será desenvolvida no período de 24 meses, com início em março 10 de 2025 e término previsto para março de 2027. A viabilidade do projeto está garantida pela disponibilidade de fontes bibliográficas na biblioteca da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e por meio de plataformas digitais acadêmicas.

DISCUSSÃO

A presente análise da obra *Cem Anos de Solidão* (1967), fundamentada nas perspectivas teóricas de Florencia Garramuño e Josefina Ludmer, busca evidenciar de maneira consistente como a representação do feminino se manifesta na intersecção entre elementos mágicos e cotidianos, funcionando como um instrumento simbólico e narrativo de reorganização das temporalidades e identidades próprias da América Latina. As personagens femininas como Úrsula Iguarán, Amaranta, Remedios e Fernanda del Carpio serão investigadas não apenas em seu papel na dinâmica familiar, mas também como protagonistas na construção do tempo histórico, da memória coletiva e das mitologias que fundamentam a ficcionalidade de Macondo.

A pesquisa propõe demonstrar que a manipulação das categorias de tempo e espaço na narrativa permite a articulação de temporalidades que se distanciam da linearidade ocidental tradicional, aproximando-se de uma lógica cíclica, ancestral e mítica. Nesse contexto, o feminino assume uma função mediadora entre diferentes dimensões temporais, contribuindo de forma significativa para a estrutura simbólica do enredo. Argumenta-se, ainda, que a presença do mágico, longe de se configurar como recurso meramente estético, atua como linguagem crítica que questiona noções convencionais de racionalidade, incorporando as experiências femininas à construção da narrativa histórica latino-americana.

Espera-se também que os resultados desta investigação indiquem que a estética do realismo mágico utilizada por Gabriel García Márquez tem o efeito de naturalizar, legitimando, desse modo, formas de conhecimento e de existência que escapam à lógica patriarcal, eurocêntrica e colonial. Assim, pretende-se que a pesquisa contribua para o reconhecimento do papel das mulheres na constituição simbólica e epistemológica da literatura hispano-americana,

situando suas vivências como formas legítimas de produção de saber histórico, cultural e político.

Outro aspecto relevante a ser abordado é a maneira como a obra, mesmo produzida por um autor do cânone literário masculino, permite uma leitura crítica do feminino ao colocar as personagens mulheres como eixo central na resistência a formas de hegemonia patriarcal. Reconhecer que García Márquez escreve a partir de uma posição masculina não invalida a possibilidade de identificar, em suas narrativas, estratégias que evidenciam subjetividades historicamente marginalizadas. A análise dessas personagens permitirá compreender como o texto articula crítica social, elaboração histórica e contestação das estruturas de poder, mostrando que a literatura pode produzir significados emancipatórios para além da identidade de seu autor.

A pesquisa também tem como objetivo traçar uma cartografia simbólica das representações femininas em *Cem Anos de Solidão* (1967), mapeando padrões recorrentes ligados à ancestralidade, à corporeidade, à espiritualidade e à administração do tempo e do espaço doméstico. Tais atributos, no contexto do realismo mágico, assumem relevância epistemológica. No contexto do realismo mágico, esses atributos adquirem relevância epistemológica, mas sua análise será conduzida com cuidado para evitar anacronismos, situando cada representação em seus contextos históricos e culturais apropriados. Para tanto, é de suma importância fundamentar a investigação em um sólido aporte teórico, que permita articular a leitura das personagens femininas com debates contemporâneos sobre identidade de gênero, memória cultural e literatura como prática política.

Por fim, pretende-se evidenciar a importância de uma abordagem interdisciplinar no campo dos estudos literários, destacando como a interlocução entre literatura e história contribui para ampliar as possibilidades interpretativas da obra de García Márquez. Ao destacar o papel do feminino na composição narrativa de *Cem Anos de Solidão*, esta pesquisa almeja aprofundar a compreensão da obra e fortalecer epistemologias alternativas, valorizando as múltiplas experiências históricas que integram o contexto sociocultural latino-americano.

REFERÊNCIAS

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Tradução: Teresa Cristina Montero. Rio de Janeiro: Record, 1987.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1969.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo: 2006.

CHANADY, Amaryll. **El realismo mágico y lo fantástico**. São Paulo: Edusp, 1995.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura e sociedade na América Latina**. São Paulo: UFRJ, 2008.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

FLORES, Angel. **O realismo mágico: surgimento e definição**. In: Revista Hispánica Moderna, v. 18, n. 1, p. xx-yy, 1955.

GARRAMUÑO, Florencia. **La opacidad de lo real: literatura y política en la Argentina contemporánea**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

IEGELSKI, Marli Fantini. **Realismo mágico e construção da identidade na literatura latino-americana**. Revista Aletria, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 215–229, 2016.

LEE, Hermano. **História e literatura: os sentidos da narrativa**. Curitiba: Appris, 2011.

LUDMER, Josefina. **Temporalidades de la nación**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.



A RETOMADA DOS SERES DA FLORESTA EM *KUMIÇA JENÓ*

Sandra Santos Esteves¹

Randra Kevelyn Barbosa Barros
(orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Esta proposta de pesquisa objetiva compreender quais rasuras folclóricas, a obra *Kumiça Jenó*, produz sobre as entidades da floresta. Para analisá-las, me basearei na ótica teórico-crítica de Trudruá Dorrico sob o conceito de voz-*práxis* estético-literária que parte de um “eu-nós-político”, (Danner; Dorrico; Danner, 2018) e a noção de “heterogeneidade” do crítico literário e cultural Antonio Cornejo Polar, para que, assim, sejam estudadas narrativas poéticas sobre os seres da floresta.

Algumas das entidades da floresta são a Matinta (ou Matinta-perê), o Curupira, o Saci, o Boto, a Iara ou Mãe-d’água, que durante muitos séculos sofreram um processo de folclorização por parte do cânone brasileiro. Conforme o escritor e pesquisador Yaguarê Yamã (2007), estes são alguns dos seres encantados que foram narrados pelo folclore, todavia, eles fazem parte de uma hierarquia que, segundo a cosmovisão indígena, pertencem à ordem dos Wihóg’wató ou classe dos espíritos da natureza.

Este processo de folclorização foi marcado pela ocultação da espiritualidade inerente a essas entidades, pois eram apresentadas e representadas como mitos/lendas desespiritualizados e, além disso, eram narrativas vistas como primitivas (Guesse, 2011). Segundo algumas cosmovisões indígenas, essas são entidades de criação do mundo, compondo a ordem do Seres, Encantados, Mães-da-Mata e as Visages que “habitam os limites da floresta e da natureza, os

¹ ssesteves.ppgl@uesc.br. Bolsista Fapesb

² rkbarros@uesc.br.

quais não podem ultrapassar, segundo a lei regida por Tupana, que a estabeleceu, após a criação do novo mundo e a pedido dos seus habitantes” (Yamã, 2007, p. 34).

A partir da década de 1990, a Literatura Indígena Brasileira Contemporânea se institui enquanto um texto estético-literário, inaugurando um novo momento para produção das autorias indígenas (Machado; Raposo; Dorrico, 2018). E, assim junto ao ativismo passou a demarcar espaços literários do Brasil, formulando um horizonte de atuação política, onde se busca desenvolver concepções que confrontavam a hegemonicamente estabelecida, através da positivação e/ou valorização de seus ditames culturais. Por meio da metodologia eleita, pretendo responder: a partir de *Kumiça Jenó* quais rasuras dos sentidos folclóricos a autoria de Kambeba produz a respeito dos seres da floresta?

Librandi (2018, p. 14) reafirma também o direito dos povos indígenas em “habitar a palavra”, ou seja, é urgente o reconhecimento da reivindicação/valorização dessas narrativas enquanto memórias, autoria e autonomia que se diferenciam de diversos modos como foram anteriormente narradas. No caso da escrita de Márcia Kambeba, a autora coloca em evidência um aspecto relevante no que tange ao reconto dessas entidades da floresta na literatura indígena brasileira contemporânea. Isto é, sublinha, a imprescindibilidade de análises literárias que positivam/valorizam esses personagens enquanto frutos da pluralidade cultural dos povos indígenas brasileiros.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender quais rasuras dos sentidos folclóricos os poemas narrativos de *Kumiça Jenó*, assinados por Márcia Kambeba, produzem sobre as entidades da floresta.

Objetivos Específicos

- Compreender o processo de folclorização das entidades das florestas pelo cânone;
- Compreender as cosmovisões indígenas sobre a relação homem-natureza, as entidades e o sagrado dos povos da Amazônia;
- Elaborar uma análise crítica e interpretativa da obra *Kumiça Jenó* (2021);
- Avaliar os aspectos político-literários da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea presentes na autoria de Márcia Kambeba;
- Verificar as contribuições de obras que possuem cosmovisões indígenas para a criação de uma consciência ambiental, sobretudo em crianças e adolescentes.

- Compreender nos traços da autoria, os valores, a ancestralidade, a autonomia, o protagonismo, a representatividade e os desafios ao poder hegemônico.

JUSTIFICATIVAS

A opção por estudar as obras escolhidas, para além dos pontos levantados, também me atravessa pessoalmente, seja pela minha origem étnica paterna indo até as memórias da minha infância, quando ouvia histórias sobre essas entidades da floresta nas férias na zona rural da minha região, em Camacan, no sul da Bahia. Esses relatos eram contados de memória pela minha mãe, avós e tias com afeto e amor. Após a descoberta étnica sobre minha identidade indígena (pataxó-hã-hã-hãe), a partir de 2013, busquei estudar mais sobre as culturas indígenas e participar dos movimentos de luta. Hoje, faço parte do Mulherio das Letras Indígenas, coletivo no qual mulheres indígenas de toda Abya Yala se reúnem presencialmente e virtualmente em busca de um outro mundo possível para nós mulheres e outros grupos minoritários. Posteriormente, foram estas mesmas histórias que reencontrei em uma iniciação científica, em 2020, quando estudei as literaturas indígenas ao pesquisar mulheres indígenas escritoras que resistem ao esquecimento e silenciamento por meio de sua escrita e poesia.

A relevância dessa pesquisa também é perpassada por um cunho epistemológico-político, pois, partir da década de 1990, a Literatura Indígena Brasileira Contemporânea se institui enquanto um texto estético-literário, inaugurando um novo momento para produção das autorias indígenas (Machado; Raposo; Dorrico, 2018). E, assim junto ao ativismo passou a demarcar espaços literários do Brasil, formulando um horizonte de atuação política, onde se busca desenvolver concepções que confrontavam a hegemonicamente estabelecida, através da positivação e/ou valorização de seus ditames culturais. Pois, conforme Graúna, a literatura indígena é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização (Graúna, 2013, p. 15).

Além disso, ao aprofundar-me nas pesquisas sobre a autora, pude encontrar os trabalhos de D'Amorim Júnior (2019), Sousa Lima (2019), Costa Santos (2022) e Zimmer (2023). Nestes estudos, a obra mais estudada de Kambeba foi *Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)*, todavia a *Kumiça Jenó* ainda não aparece nas bases científicas como objeto principal de análises, o que reforça o ineditismo desta proposta.³ Entendo que estudos que se debrucem sobre a autoria

³ Para este levantamento foram consultados a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* e o *Catálogo de teses e dissertações da CAPES*. Para tanto, utilizei as palavras-chave “Márcia + Kambeba”, resultando em apenas 4 trabalhos de pós-graduação sobre o tema, nível mestrado, na Área de Concentração de Letras, Literatura e/ou Linguagens.

escolhida para este projeto abrem possibilidades de (re)apresentar e ampliar a fortuna crítica no campo dos estudos literários, ao passo que reafirmam o comprometimento científico brasileiro em valorizar a produção literária e cultural desse agrupamento social.

Para além da importância social e bibliográfica, este projeto também se filia à proposta da linha de pesquisa “Literatura e Interfaces”, do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguagens (UESC), visto que se insere nos estudos das literaturas e culturas de grupos socialmente oprimidos, debruçando sobre aqueles sempre falaram por si em seus registros históricos e literários, mas que foram silenciados pelo processo colonial e ainda carecem de reconhecimento cultural e intelectual devido.

APARATO TEÓRICO

A escolha em estudar os temas que orbitam a literatura indígena brasileira desafia-me a refletir também acerca da relevância e da função das autorias indígenas no cenário literário brasileiro contemporâneo, visto que o pensamento hegemônico ocidental impôs aos povos indígenas o silenciamento e a exclusão de seus saberes ancestrais. Por isso, Danner, Dorrico e Danner (2018) argumentam que, as obras de autorias indígenas, atualmente, configuram-se uma *voz-práxis*, ou seja,

se a voz-práxis estéticas-literária indígena é crítica do presente, assumindo-se diretamente sob a forma de um eu-nós lírico-político que é ativista e militante, ela assim o é, assim se constitui e assim se dinamiza por causa da pertença comunitária, por meio da afirmação e da utilização da tradição ancestral como arcabouço normativo da manifestação público-política enquanto diferença” (Danner; Dorrico; Danner, 2018, p. 156).

Portanto, a partir da voz-práxis estético-literária de Márcia Kambeba, é possível perceber que não há somente ali uma única mulher falando, mas, sim, as vozes silenciadas pela cultura dominante, vozes “diferentemente do escritor burguês, altamente individualista, que pode assumir-se como totalmente independente do grupo de que faz parte e que pode produzir uma obra basicamente descomprometida em relação a questões socioculturais” (Danner; Dorrico; Danner, 2018, p. 154).

Ademais, no que compete às “entidades da floresta” um processo de folclorização foi implementado desde o Brasil Colônia, fazendo com que hoje a literatura indígena reivindique o seu lugar plurinacional na historiografia literária brasileira. Assim, o ato de “retomada”, presente na escrita acadêmica, é o que Linda Tuhiwai Smith (2021) considera um ato de reescrita com a ampliação do escopo literário, sobretudo ao incluir aspectos orais neste processo. Contar e ouvir histórias em diversas culturas, e aqui, especificamente, a indígena, desde muito possuiu um papel fundamental. Neste sentido, Tiago Hakiy (2018, p. 38), escritor

indígena Sateré-Mawé fortalece tal entendimento ao declarar que através da oralidade, bem como do grafismo a literatura indígena “encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários”. Diante disso, nota-se também, que os textos de autoria indígena evidenciam um forte caráter heterogêneo. *Kumiça Jenó*, ilustra essa condição ao evidenciar perspectivas opostas da relação homem-natureza, questionar narrativas estabelecidas, realizar negociações culturais e desconstrução de estereótipos e preconceitos, bem como outras possibilidades de interpretação, portanto, o conceito de heterogeneidade formulado pelo crítico peruano Antonio Cornejo Polar dialoga com esta e outras produções de Kambeba, o autor define o seguinte sobre o conceito, “[...] se caracterizam pela duplicidade ou pluralidade de signos socioculturais do seu processo produtivo [...]” (Cornejo-Polar, 2000, p. 162). Assim, compreende-se que esta condição heterogênea também está inscrita no corpo, na memória, nas vivências da autora, no seu ativismo político e devir expressando em seus textos sua pluralidade criadora, autonomia e crítica.

É importante ressaltar que a literatura indígena é muito mais que uma escrita alfabética, ou seja, é a linguagem que simboliza os significantes e os sons orais para escrever os gêneros textuais (Morais, 2005, p. 30). Trata-se, na verdade, de uma escrita calcada na voz da ancestralidade, através das contações de histórias ao redor da fogueira, ao ouvir o canto dos pássaros, ao escutar o silêncio misterioso das florestas ou ao observar as noites de lua cheia. Deste modo, portanto, a noção de autoria para os povos indígenas confronta a noção de autoria construída pela modernidade, principalmente, a noção elaborada por Barthes (2004) no qual a escrita autoral “destrói todo tipo de voz e destitui o sujeito, fazendo-o, assim, perder toda a identidade” (Peres, 2015, p. 40). Todavia, a noção de performance contribui significativamente a ampliação e a possibilidade de autoria na literatura contemporânea, por meio de um pacto entre o narrador e o leitor, utilizando o exemplo do povo Navajo, Toelken e Scott (1981 *apud* THIÉL, 2006, p. 206) explicam do que se trata esse pacto,

[...] um tipo de interação contratual é desenvolvida pelo narrador com sua audiência, que tende a direcionar aspectos da recitação e que parece estar baseada no reconhecimento mútuo do gênero do texto, dos seus personagens centrais e de sua importância na cosmovisão Navajo, e na expectativa mútua de que esta performance específica fará com que idéias importantes nasçam de maneiras interessantes.

A partir desse entendimento, portanto, com efeito, é possível ressignificar a relação entre autor, texto e leitor, por meio da utilização da performance no reconto dos textos.

METODOLOGIA

Para este projeto foi escolhido o método bibliográfico de cunho qualitativo e caráter interpretativo, a partir de teorias pós-estruturalistas e pós-coloniais, pois, será enfoque deste estudo abordar o texto literário observando os elementos da narrativa, visto que esses carregam o eixo da narratividade da obra.

Inicialmente, um levantamento bibliográfico será feito, a fim de identificar narrativas, obras e estudos que geraram e/ou problematizaram concepções folclóricas em relação às entidades da floresta, além de aprofundar-me nas cosmovisões indígenas dos povos originários da Amazônia para previamente aprimorar a compreensão a respeito dos aspectos político-literários das autorias indígenas, em especial, da autora Márcia Kambeba. A etapa servirá de suporte para a análise da obra, pois, aprofundará entendimentos sobre o cânone, folclorização, seres encantados, cosmovisões dos povos originários e os processos de produção presentes em suas culturas e literaturas.

Na segunda etapa, apresentarei e analisarei o tema da obra, a qual versa sobre união das entidades, sua luta pela proteção da floresta e as histórias contadas por sua avó Assunta e seus bisavós Daniel e Delma. Nesta etapa, buscarei identificar de qual maneira autora construiu o aspecto temático em alinhamento às cosmovisões indígenas para criar uma contranarrativa sobre as entidades da floresta. Na terceira etapa, o cerne será o estudo da linguagem utilizada, visto que há uma diversidade de expressões próprias do tupi intrinsecamente presentes na língua portuguesa, além disso, investigarei a união de dois gêneros literários adotada pela autora (narrativo e lírico), pois entendo que mesclas de gêneros e línguas podem ser uma forma de valorização da sua identidade visando desmitificar a linguagem indígena, o que justifica o seu estudo.

A seguir, na quarta fase, buscarei investigar como os motivos e os conflitos narrados são atravessados por questões ambientais. Para tanto, me inspirarei nas contribuições de Marino (2023, p. 57), e o conceito de “ecopoesia” ou “poesia ecológica”, que busca compreender as poesias que promovem a disseminação de informações acerca da crise ambiental instaurada pelo sistema capitalista global. Em uma perspectiva indígena, não há diferença entre corpo-alma, e nem homem-natureza (Correia, 2018, p. 369). Por se passar, em um contexto de preservação ambiental, a obra de Kambeba pode dar pistas sobre a ótica dos povos originários sobre a natureza, as entidades da floresta, e como esta pode ser uma contribuição para humanidade e sua relação com o planeta.

A quinta etapa, tange aos personagens, e nela buscarei compreender as cadeias específicas de hierarquias na pajelança, os quais ao todo são 28, classificados em sete ordens.

Assim, irei descrever e analisar as origens e a representação dadas por Márcia Kambeba às entidades da floresta, levando em consideração seus comportamentos, atitudes etc. Buscarei, desta maneira, entender como uma autora indígena pode atribuir sentidos diferentes a aqueles estabelecidos pela colonialidade às entidades e como isso se conecta com uma cosmovisão que vai de encontro à hegemônica.

O sexto passo será examinar o narrador/a dos poemas, e analisarei os seus tipos e as suas conexões com o gênero, bem como de que forma ele narra os fatos e como ele é afetado, haja vista que se percebe no mínimo três tipos presentes na obra os quais constroem situações entre quem conta a história e quem a escuta. O sétimo ponto de análise será em relação ao espaço, observando se as narrativas se passam em lugares estáticos e cinéticos, para tanto me basearei em Tomachevski (1973), o qual afirma que no estático as ações dos personagens ocorrem somente em um lugar fixo, enquanto o cinético os personagens podem mudar de local. Deste modo, sendo a natureza o lugar tematizado e o palco das ações das entidades, faz-se importante compreender o papel da biodiversidade, seus significados, e as relações que cada entidade desenvolve com este lugar, para melhor compreender a atenção acerca das urgências climáticas e dos conflitos sofridos sob uma cosmovisão indígena.

Na última etapa investigarei a relação da autoria, com os diversos poemas que estão associados à sua vida cotidiana, por isso é preciso entender e refletir seu modo de escrever, suas produções, o que há de ancestralidade, valores, autonomia, representatividade e protagonismo, e desafios ao poder hegemônico, visto que “o colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor” (Bonnici, 2009, p. 265). Desse modo, pretendo examinar o texto literário em suas partes, a partir da leitura, análise descritiva e interpretativa por meio do método estrutural, colocando em evidência a complexidade da obra literária (Franco Júnior, 2009). Portanto, com vistas minuciosas aos diversos elementos do texto literário em sua totalidade, as teorias críticas e a metodologia escolhidas buscam recuperar e contribuir para subverter a folclorização destas narrativas na literatura brasileira.

DISCUSSÃO

Espera-se com esse projeto ampliar a produção de fortuna crítica literária que envolvem os seres encantados das narrativas e poéticas dos autores indígenas, bem como trazer para a discussão os teóricos indígenas da contemporaneidade, os quais estabelecem contrapontos em relação aos personagens das narrativas canônicas da literatura brasileira.

A partir do pensamento indígena, que vivencia religiosidades e culturas, produz saberes, sabores, artes e literaturas, espero demonstrar as inflexões que a literatura indígena provoca no

cânone brasileiro e no campo teórico literário, apresentar as relações que existem entre literatura e sagrado, autor e escrita literária e, também, evidenciar o que o processo de folclorização ocultou e os seres da floresta retomam nas narrativas e, sobretudo, escutar o que a floresta tem a nos ensinar.

Com essa pesquisa, aspiro celebrar pluralidade étnica e cultural das literaturas indígenas, mas também criar aparatos que subsidiem futuras pesquisas para educadores, agentes culturais, graduandos e pós-graduandos em literatura, cultura e linguagens.

Enquanto pesquisadora, desejo, também, contribuir com a elaboração e divulgação de artigos, ensaios, resenhas, resumos e apresentações deste trabalho não só na UESC, mas em outras universidades, cujo intuito é ecoar as vozes originárias de autoras/es que compartilham conosco a arte de contar suas histórias ancestrais. Acredito, portanto, que o principal dos resultados é que temos e muito que desaprender e, (re) aprender com as narrativas dos seres da floresta.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A morte do autor. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica e pós-colonialistas. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009.

CORNEJO-POLAR, Antonio. **O condor voa: literatura e cultura latino-americana**, Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000.

CORREIA, Heloísa Helena Siqueira. Saberes não humanos nas mitologias ameríndias: o que ensinam e para quem? *In: DORRICO, Julie et al (org.). Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 359-375.

D'AMORIM JÚNIOR, Miguel Antonio. **May Sangara Kumissa: o encanto e encontro com uma voz da poesia indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula**. 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. 143 A estilística da literatura indígena brasileira: a alteridade como crítica do presente—sobre a noção de eu-nós lírico-político. **Revista Letras N° 97-Jan/Jun 2018**, 2018, p. 154-156.

FRANCO JR., A. Operadores de leitura da narrativa. *In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Ed. da UEM, 2003.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013, p.15.

GUESSE, Érika Bergamasco. **DA ORALIDADE À ESCRITA: OS MITOS E A**

LITERATURA INDÍGENA NO BRASIL. **Anais do Silel**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2011. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_130.pdf. Acesso em: 29 ago. 2024.

HAKIY, Tiago. Literatura indígena - a voz da ancestralidade. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando. **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editoria Fi, 2018. Cap. 2. p. 37-38. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta**. Estados Unidos: UderlinePublishiing LLC, 2021. 158 p.

LIMA, Paola Efelli Rocha de Sousa. **O ensino de literatura indígena a partir da poesia de Márcia Kambeba analisada pela via dos estudos culturais**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019.

LIBRANDI, Marília. A carta Guarani-Kaiowá e o direito a uma literatura com a terra e das gentes. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LICARIÃO, Berttoni; NAKAGOME, Patrícia. **Literatura e resistência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018, p. 13-36.

MACHADO, Ananda; RAPOSO MOREIRA, Auristela; DORRICO, Julie. O Ensino De Língua E Literatura Macuxi A Partir Das Kasari Pantoni E Outras Narrativas Do Boto. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 12–21, 2023. DOI: 10.47456/pl.v13i33.41400. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/41400>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MARINO, Mariana Cristina Pinto. **(Re)visar as naturezas, (re)organizar os mundos: quando os estudos ecocríticos encontram a poesia contemporânea brasileira escrita por mulheres**. 2023. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Ciência Humanas, Universidade Federal do Paraná, Campinas, 2023.

MORAIS, Artur Gomes. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap. 2, p. 30. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

PERES, Julie Dorrico. **Autoria e performance nas narrativas míticas indígenas amondawa**. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

SANTOS, Jasminny Rodrigues da Costa. **O desvelar das identidades indígenas na obra “AyKakyritama: eu moro na cidade”, de Márcia WaynaKambeba**. 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: EdUFPR, 2018.

THIÉL, J. C. **Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira e norte-americana na literatura**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federa do Paraná, Curitiba, Paraná, 2006.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura - Formalistas russos**. Trad. de Ana M. R. Filipouski. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 169- 204.

YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri: o livro sagrado do povo satarê-mawé**. São Paulo: Peirópolis,

2007.

ZIMMER, Gabriela Lesme. **A cultura indígena em Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade, de Márcia Kambeba**. 2023. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.



**CUIRIDAD: TRAÇOS IDENTITÁRIOS NA LITERATURA SILENCIADA A
PARTIR DE *VISTA DESDE UNA ACERA* DE FERNANDO MOLANO E *PELA
NOITE* DE CAIO FERNANDO ABREU**

Laura Chivatá Quintero¹

Pra. Dra. Debora Duarte Santos (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Os corpos dissidentes ou sujeitos falantes, como diria Paul Preciado (2020), têm experimentado e criado quadros de conhecimento e interpretação dos afetos, da vida, do mundo e das crenças de maneiras particulares (e individualizadas), mas também a partir de lugares comuns que os situam de acordo com suas circunstâncias. Essas “formas comuns” de atravessar a vida desses sujeitos falantes cuir localizam-se na América Latina, o que configura um modo específico da vivência cuir e podem ser rastreadas por meio dos traços identitários. Desde essa perspectiva, este trabalho busca estabelecer: (1) uma análise paralela desses traços identitários, a saber, os afetos, o corpo enfermo, a violência simbólica, física e psicológica, a homofobia e a misoginia rastreados nas obras *Vista desde una acera* (2012) de Fernando Molano e no conto *Pela noite* (1983) de Caio Fernando Abreu; e (2) a possibilidade de pensar e propor a categoria de cuiridade como epistemologia cuir. Isso com o objetivo de responder à pergunta: Como se configura a cuiridad a partir dos traços identitários presentes em *Vista desde una acera* de Fernando Molano e *Pela noite* de Caio Fernando Abreu, e de que maneira essa configuração contribui para uma nomeação situada e reivindicatória das dissidências sexuais na América Latina?

A seleção dos textos deve-se às semelhanças rastreadas a partir desses traços identitários, que permitem entrever e analisar tais elementos em seus respectivos contextos:

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), bolsista GCUB-CAPES, e-mail: lvcquintero.ppgl@uesc.br.

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e-mail: ddsantos.ppgl@uesc.br.

Colômbia e Brasil, entre as décadas de 1980 e 1990. Além disso, ambas as narrativas fazem parte da chamada literatura silenciada: textos que sofreram censura tanto por seus temas quanto por quem foram seus autores; maricas soropositivos. Por um lado, *Vista desde una acera* (2012), de Fernando Molano, é um romance situado em Bogotá, Colômbia. Narra a história de Adrián, o amor eterno de Fernando, como uma pessoa soropositiva no contexto bogotano dos anos oitenta. Essa narrativa se desenvolve paralelamente à história do próprio Fernando, um homem homossexual e universitário que confronta os preconceitos e violências sociais que o atravessam, bem como sua relação sexoafetiva com Adrián. Embora o texto apresente elementos ficcionais, o caráter autobiográfico é perceptível. Molano (1961–1998) foi um escritor colombiano, bogotano, abertamente marica e soropositivo, que atravessou múltiplas violências estruturais ao lado de Diego (que inspira o personagem Adrián), o homem por quem se apaixonou e com quem manteve uma relação sexoafetiva até sua morte, resultado das complicações de saúde relacionadas à AIDS, mesma razão pela qual Molano falece. As cinzas de ambos foram enterradas no Parque Nacional de Bogotá, a pedido de Fernando.

Por outro lado, Caio Fernando Abreu (1948–1996) foi um escritor brasileiro, homossexual, soropositivo, exilado e perseguido pela ditadura militar. Seus interesses literários atravessavam a condição de seu próprio corpo enfermo e resistente, um lugar íntimo de exploração da morte, da solidão, do medo e da enunciação das relações homoeróticas. Sua obra é prolífica e transita entre conto, dramaturgia e romance; em *Triângulo das águas* (1983), constroem-se três mundos emocionais e políticos que revelam a complexidade da condição humana. No terceiro vértice, *Pela noite*, a sensibilidade narrativa acentua de maneira aguda a alteridade, o amor, a morte, a dor e a condição soropositiva de um dos personagens. A dificuldade da identidade, da pertença e do não-lugar são temas situados que acompanham as experiências dos corpos marginalizados que habitam a cuiridad.

Este paralelo, portanto, será analisado porque permite pensar a maneira na qual a cuiridad poderia ser estabelecida. Esse deslocamento de queer-cuir e a necessidade de situar o cuir são condições que possibilitam compreender a cuiridad como epistemologia cuir, marica, enquanto múltiplos pontos de fuga da hegemonia. Esses pontos de fuga serão examinados por meio das categorias cuerpo-relego-cuerpo-afecto e objetivo militar-centro simbólico. Tais categorias, rastreadas, sentidas como espaços de reparação, em ambos os textos, constituem apenas um exemplo do não-*ethos* que se modela a partir da heterogeneidade e dos traços identitários capazes de sustentar essa condição de existência pensada desde a interseccionalidade. A cuiridad, assim, se configura como epistemologia subversiva e como um campo de novos dispositivos afetivos de poder.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Propor a cuiridad como gesto crítico de visibilização no interior da literatura silenciada, não em silêncio, mediante a análise dos traços identitários presentes em *Vista desde una acera* (2012) de Fernando Molano e *Pela noite* (1983) de Caio Fernando Abreu.

Objetivos Específicos:

- Explicar as subcategorias cuerpo-afeto-cuerpo-relego, dispositivos afetivos de poder e objetivo militar-centro simbólico, a fim de sustentar a categoria de cuiridad.
- Rastrear os traços identitários das experiências cuir segundo as narrativas presentes nas obras de Molano e Abreu, considerando os contextos sociopolíticos da Colômbia e do Brasil nos anos de produção das obras.
- Compreender de que maneira a cuiridad na literatura silenciada se posiciona como um lugar de resistência contra-hegemônica.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa propõe analisar o conceito do cuir e apresentar uma cuiridad a partir do rastreamento de traços identitários comuns nas obras *Vista desde una acera* (2012), de Fernando Molano, e *Pela noite* (1983), de Caio Fernando Abreu. A categoria de cuir é necessária para situar uma forma de habitar a dissidência LGBTIQ+ na América Latina. O cuir consiste em uma ressignificação do termo *queer* que, de maneira performativa, possibilitou a visibilização do não hegemônico por meio de diversas manifestações artísticas e, sobretudo, através da existência contracorrente desses corpos cuir. No entanto, as condições estruturais às quais os corpos LGBTIQ+ são submetidos na América Latina correspondem a vivências específicas e, portanto, demandam uma análise e uma resposta situadas e interseccionais. Em relação à cuiridad, esta é proposta como um marco epistemológico: o substantivo/adjetivo situado, o *locus/fraturado* desses corpos que habitam circunstâncias particulares.

A seleção de *Vista desde una acera* (2012), de Fernando Molano, e *Pela noite* (1983), de Caio Fernando Abreu, responde à possibilidade de rastrear traços identitários cuir a partir de lugares de enunciação marcados pela marginalidade, pela doença e pela resistência. Ambos os autores, inseridos em contextos socio-históricos distintos, mas atravessados por violências estruturais com diversas semelhanças, narram experiências sexoafetivas dissidentes que

transbordam os marcos hegemônicos de representação. Nessas obras, elementos como o corpo vulnerado, o estigma, a dor, o afeto e o silêncio permitem construir um paralelo analítico que fundamenta a proposta de uma cuiridad, situada e crítica, em diálogo com os desafios contemporâneos de pensar as literaturas dissidentes na América Latina.

A relevância prática da pesquisa encontra-se em: (1) propor uma análise conceitual sobre a categoria de cuiridad como marco epistemológico para pensar os traços identitários das narrativas cuir e, assim, afirmar sua potência estética, política e epistêmica; (2) contribuir para a visibilidade de uma literatura historicamente silenciada, promovendo a inclusão de vozes cuir e o reconhecimento, no âmbito lusófono, de autores cuir de língua espanhola e, reciprocamente, de autores de língua portuguesa.

APARATO TEÓRICO

Esta pesquisa é construída a partir de uma análise bibliográfica, hermenêutica e teórica dos estudos de gênero, a partir da qual se propõe a conceitualização do cuir e da cuiridad, assim como a elaboração de um aparato teórico que contempla a análise de literatura comparada das duas obras já mencionadas, nas quais se rastreiam em paralelo os traços identitários.

Para estabelecer as bases do cuir, pretende-se dialogar com Paul Preciado por meio de *Manifiesto Contrasexual* (2020) e *Historia de una palabra: queer* (2012). Para a delimitação do termo “cuir”, foram consideradas as obras *Queer & Cuir: Políticas de lo irreal* (2015), compilação organizada por Fernando R. Lanuza e Raúl M. Carrasco, e *Ética Marica* (2017), de Paco Vidarte. Além disso, para compreender a evolução e o posicionamento do termo queer–cuir, bem como sua definição, serão utilizados os textos de Sayak Valencia, *Do Queer ao Cuir* (2023), e *Transviad@s: género, sexualidade e direitos humanos* (2017), de Berenice Bento.

Para refletir sobre o homoerotismo em Fernando Molano e a narrativa de *Vista desde una acera* (2012), será utilizado o trabalho monográfico de Marieth Helena Serrato, *Fernando Molano Vargas: una ventana hacia la literatura homoerótica* (2016). Esta investigação não apenas apresenta grande riqueza quanto aos aspectos autobiográficos e biográficos de Molano e à proximidade da autora com o escritor, mas também posiciona o homoerotismo como um eixo analítico na obra de Molano ao compreender que o autor não tinha um interesse particular em narrar “histórias de personagens gays”, mas sim contar uma história de amor e do que este amor implicava. Nesse estudo, retomam-se elementos próprios das categorias que orientarão o desenvolvimento conceitual e a análise das obras.

No que diz respeito à análise de *Pela noite*, de Caio Fernando Abreu, em *A AIDS nas crônicas de Caio Fernando Abreu*, de Milena Mulatti Magri (2013), estabelecem-se pontos de contato importantes a partir de reflexões geradas por categorias como corpo, doença e experiência soropositiva; traços identitários também reconhecíveis, embora distintos, dadas as circunstâncias históricas e as características biográficas de cada autor. Nesse artigo, destaca-se a importância do trauma como parte da vivência, assim como o lugar de combate de Caio para humanizar a experiência da pessoa doente. Também em *Pelas noites: identidades homoeróticas em Caio Fernando Abreu*, de Wagner Vonder (2009), explora-se a relação entre amor e nojo conforme a exploração sexual anal na obra de Abreu. Tema que também é abordado por Guy Hocquenghem em *El deseo homosexual* (2009), cujos elementos serão retomados nesta pesquisa.

Além disso, no que se refere à categoria de “cuiridad”, não foi encontrado um desenvolvimento teórico rigoroso. Assim, como ponto de partida epistemológico (além dos textos mencionados anteriormente), consideram-se os artigos de Diego Falconí: *Queer/cuir das Américas: tradução, decolonialidade e o incomensurável* e *De lo queer/cuir/cuy(r) en América Latina* (2021). Também será consultado *Prosa plebeya* (2021), de Néstor Perlongher, para situar o cuerpo-afeto do homossexual na América Latina. De forma fundamental, será utilizada *La política cultural de las emociones* (2015), de Sara Ahmed, para abordar o que se entende como dispositivos afetivos de poder. E, de maneira transversal e central para a proposta desta pesquisa, *Epistemología del armario* (1998), de Eve Kosofsky.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e de natureza bibliográfica, com ênfase na análise teórica, hermenêutica e comparativa das obras, além de um desenvolvimento teórico baseado nos estudos de gênero que sustentará a formulação da categoria de cuiridad.

Para isso, será realizada uma leitura crítica, interpretativa e comparativa dos textos narrativos e dos referenciais teóricos, o que permitirá estabelecer a categoria proposta por meio do exame comparativo das duas obras. Dessa forma, propõe-se um desenvolvimento teórico da cuiridad como uma epistemologia cuir, entendida como lugar de reivindicação dos sujeitos falantes cuir na América Latina. Esse desenvolvimento teórico se apoiará nas seguintes subcategorias: a) cuerpo-relego-cuerpo-afecto; b) dispositivos afetivos de poder; e c) objetivo militar-centro simbólico.

Do mesmo modo, pretende-se rastrear em paralelo os traços identitários: os afetos, o corpo enfermo, as violências estruturais presentes em ambas as obras à luz dessa análise categorial, que permite compreender como se constrói uma epistemologia cuir a partir da ficção, mas também dos matizes autobiográficos presentes tanto em Fernando Molano quanto em Caio Fernando Abreu.

DISCUSSÃO

A pesquisa apresenta dois eixos paralelos. Por um lado, o desenvolvimento teórico do conceito proposto como cuiridad, correspondente a uma epistemologia cuir. Por outro lado, a análise paralela dos textos *Vista desde una acera* (2012), de Fernando Molano, e *Pela noite* (1983), de Caio Fernando Abreu, rastreando os traços identitários que possibilitam nomear-se a partir da cuiridad. Esses dois eixos procuram sustentar a hipótese de que os sujeitos falantes cuir, pessoas dissidentes de gênero na América Latina, especificamente na Colômbia e no Brasil, têm construído lugares comuns de criação de sentido, conhecimento e afetos dentro das circunstâncias específicas pertencentes ao contexto latino-americano. Cumpre assinalar que isso não desconsidera que existem circunstâncias individuais próprias de cada sujeito falante cuir que não podem ser anuladas dentro de seu marco vivencial. No entanto, no rastreamento de ambas as obras, esses traços identitários se tornam visíveis de modo paralelo e se refletem sistematicamente nas distintas sociedades, o que possibilita a discussão sobre uma epistemologia cuir.

Propor a cuiridad como uma epistemologia cuir pode configurar-se como uma contribuição necessária na área dos estudos de gênero para compreender, analisar e nomear a forma pela qual as vivências dos corpos cuir na América Latina desenvolvem seus marcos de compreensão, de afecção e de experiência. A formulação da cuiridad por meio da análise das obras mencionadas também contribui para a visibilidade da literatura historicamente silenciada, pois narra as vivências desses sujeitos falantes cuir, ao mesmo tempo, em que evidencia a censura exercida sobre autores igualmente atravessados por essas experiências, próprias desses marcos de compreensão e afecção. Além disso, pretende-se dar visibilidade, em território brasileiro, ao trabalho pioneiro na literatura LGBTQI+ do escritor colombiano Fernando Molano, bem como promover a difusão da obra de Caio Fernando Abreu nas discussões desenvolvidas em territórios hispano-falantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pela noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

AHMED, Sara. **La política cultural de las emociones**. Traducción de Cecilia Olivares Mansuy. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, 2015.

BELINATO, Wagner Vonder. **Pelas noites**: identidades homoeróticas em Caio Fernando Abreu. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração: Estudos Literários) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009

BALDERSTON, Daniel. **El deseo: enorme cicatriz luminosa**. Ensayo sobre homosexualidades latinoamericanas. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EdUFBA, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>.

CASTRO, Marieth Helena Serrato. **Fernando Molano Vargas**: una ventana hacia la literatura homoerótica. 2016. 81 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidad Tecnológica de Pereira, Pereira, 2016.

FALCONÍ, Diego. De lo queer/cuir/cuy(r) en América Latina: accidentes y malos entendidos en la narrativa de Ena Lucía Portela. **Mitologías hoy**, v. 10, p. 95-113, invierno 2014. ISSN 2014-1130.

_____, Diego; MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes; PIERCE, Joseph M.; VIDAL-ORTIZ, Salvador; VITERI, María Amelia. Introdução: Queer/Cuir das Américas: tradução, decolonialidade e o incomensurável. **Periódicus**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 1–16, maio-ago. 2021. ISSN 2358-0844. Disponible en: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Traducción de Geoffrey Huard de la Marre. Epílogo de Beatriz Preciado. Barcelona: Editorial Melusina, 2009.

KOSOFSKY, Eve. **Epistemología del armario**. Traducción de Teresa Bladé Costa. 1ª ed. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

LANUZA, Fernando R.; CARRASCO, Raúl M. (Comp.). **Queer & cuir**: Políticas de lo irreal. Querétaro, Qro.; México, D. F.: Universidad Autónoma de Querétaro; Distribuciones Fontamara, 2015.

MAGRI, Milena Mulatti. “A AIDS nas crônicas de Caio Fernando Abreu”. In: **Revista Estação Literária**, Londrina, vol. 11, pp. 170–182, jul. 2013. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art12.pdf. Acesso em junho 2025.

MARISTENY, José. Del pudor en el lenguaje: notas sobre lo queer en Argentina. **Revista Kamchatka**, Valencia, n. 2, p. 190–200, 2013.

MOLANO, Fernando. **Vista desde una acera**. Bogotá: laneta, 2004.

PERLONGHER, Néstor. **Prosa plebeya**: ensayos 1980-1992. Buenos Aires: Ediciones Colihue.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contrasexual**. Madrid: Opera Prima, 2000.

_____, Paul B. Historia de una palabra: queer. **Multitudes**, n. 48, Paris, 2012. Disponible en: <https://www.multitudes.net/historia-de-una-palabra-queer/>. Acceso en: 6 abr. 2025.

VALENCIA, Sayak. **Del Queer al Cuir**. ReCIA – Revista del Centro de Investigación en Artes, Elche (España), monográfico 1, febrero 2025. Disponible en: <https://recia.umh.es>.

VIDARTE, Paco. **Ética marica**: proclamas libertarias para una militancia LGTBQ. Madrid: Egales, 2007

PALAVRAS CHAVE: Cuiridad. Traços Identitários. Fernando Molano. Caio Fernando Abreu.



ESCREVIVÊNCIA E ORALITURA EM CENA: VOZES NEGRAS FEMININAS NO SLAM E NA INSTAPOESIA

Karol da Silva Santos¹
Paulo Roberto Alves dos Santos²

APRESENTAÇÃO

A transformação da literatura contemporânea ocorre em duas frentes interligadas: uma estética e outra estrutural. No plano estético, vemos um hibridismo crescente, no qual o texto literário transcende suas barreiras tradicionais para incorporar elementos visuais, sonoros e digitais, dissolvendo as antigas distinções de gênero e formato. Esse fenômeno, que Florencia Garramuño (2014) descreve como a atuação da literatura em um “campo expansivo”, questiona a própria noção de uma arte puramente “literária”.

Essa liberdade formal, no entanto, não ocorre por acaso. Ela é também impulsionada e viabilizada pela face estrutural em uma expansão dos suportes e meios de circulação digital. Se antes a forma literária era muitas vezes limitada pelo mercado editorial tradicional (que funciona como um filtro, definindo quais vozes e formatos são legítimos), hoje as novas plataformas permitem uma experimentação radical. Artistas podem, agora, contornar essas estruturas de poder, disseminando obras que desafiam as convenções e que, talvez por isso mesmo, não seriam publicadas pelos meios convencionais. Assim, a flexibilidade estética da literatura atual não é apenas uma escolha artística, mas também um ato político que reflete uma busca por maior autonomia e alcance.

O problema que se coloca é a profunda contradição entre o potencial democrático e libertário da literatura e sua manifestação histórica no Brasil, marcada pela consolidação de um cânone literário que reflete e reforça a “colonialidade do poder” (Quijano, 2005). Essa estrutura, forjada a partir de uma matriz branca, masculina e eurocêntrica, não apenas excluiu corpos e saberes negros, mas ativamente construiu um imaginário nacional que os subalterniza. Diante desse cenário, a emergência de uma potente produção poética de mulheres negras no

¹ kssantos.ppgl@uesc.br Bolsista do CNPq - Brasil

² pauloroberto3031@uol.com.br

slam e na instapoesia não pode ser vista como um fenômeno isolado. É um ato político de insurgência, materializado nas obras de poetisas como Mileny Leme³ e Matriarcak⁴ (no slam) e Ryane Leão⁵ e Bell Puã⁶ (na instapoesia). Essas obras representam a materialização da “política da representação” discutida por Stuart Hall (2003), que argumenta que a luta para que ela se efetive é um campo crucial onde identidades são forjadas e hegemonias são contestadas.

No contexto deste projeto, essa “política da representação” opera em uma frente dupla e indissociável. Por um lado, as poetisas praticam uma política de desconstrução: ao tematizar o antirracismo, o antissexismo e o antimachismo, elas ativamente contestam e rasuram os estereótipos e as narrativas de subalternização impostas pela branquitude hegemônica. Por outro lado, e de forma ainda mais potente, elas praticam uma política de (re)construção, ou seja, ao reivindicarem o direito de falar sobre amor, alegria e autoestima, elas recusam ser definidas apenas pela dor da opressão. Elas usam a poesia para produzir ativamente novas subjetividades, forjando um imaginário de cura e potência que é, em si, um ato de resistência.

É nesse sentido que as poetisas em questão escrevem a partir de uma identidade diaspórica, uma identidade que não é fixa ou essencial, mas que está em constante processo de produção. Elas estão mostrando como é ser uma mulher negra no Brasil agora, negociando todas as histórias, traumas e potências. Como afirma Hall (2003):

As identidades formadas no interior da matriz dos significados coloniais foram construídas de tal forma a barrar e rejeitar o engajamento com as histórias reais de nossa sociedade ou de suas “rotas” culturais. Os enormes esforços empreendidos, através dos anos, não apenas por estudiosos da academia, mas pelos próprios praticantes da cultura, de juntar ao presente essas “rotas” fragmentárias, frequentemente ilegais, e reconstruir suas genealogias não-ditas, constituem a preparação do terreno histórico de que precisamos para conferir sentido a matriz interpretativa e as auto-imagens de nossa cultura, para tornar o invisível visível. (Hall, 2023, p. 42)

³ Mulher preta, bissexual, nasceu em 2023, moradora de Mauá-SP. Multiartista, atua como atriz, palhaça, recreadora, entre outras frentes. Também é professora e slamer. Bi-Campeã Paulista de Poesia Falada, Leme é responsável pelo Slam do ABC, projeto que tem como objetivo impulsionar o trabalho de novos poetisas e artistas da região.

⁴ Nascida em 1995 na Zona Norte de SP, Anaíle Paulino da Silva (Matriarcak) é mãe, poeta, escritora, arte-educadora e assistente de direção. Atua como *slammaster* no Primeiro Ato Slam e no Slam do Bronx. É referência na cena: campeã do Torneio dos Slams, bicampeã do Slam SP e vice-campeã nacional do Slam BR (2022).

⁵ Natural de Cuiabá (1988) e radicada em São Paulo, Ryane Leão é poeta, professora e idealizadora do @ondejazzmeucoracao. É autora das obras “Tudo nela brilha e queima” e “Jamais peço desculpas por me derramar”. Mulher negra e do axé (filha de Oyá com Ogum), faz de sua escrita um território de arte, resistência e afeto.

⁶ Isabella Puente de Andrade (Recife, 1993), artisticamente Bell Puã, é poeta, cantora e mestra em História. Campeã do Slam BR e finalista do Jabuti, é autora de obras premiadas como *Lutar é Crime* e vencedora dos prêmios Malê e Conceição Evaristo. Sua poética sobre raça e território expande-se para a música no EP *Jogo de Cintura*, onde funde o trap a raízes pernambucas.

É a partir dessa compreensão da identidade como um ponto de sutura, como um encontro complexo de histórias, geografias, relações de poder e de rompimento, que esta pesquisa se aproxima das poéticas de mulheres negras. Seus poemas materializam o que Conceição Evaristo (2020) tão precisamente nomeou de “escrevivência”, uma escrita que nasce da vivência, do corpo e da condição coletiva da mulher negra, indissociável de sua memória e de sua ancestralidade. Contudo, a análise não se restringirá apenas à escrita. Em diálogo direto com a escrevivência, a pesquisa mobilizará o conceito de “oralitura” de Leda Maria Martins. A oralitura permite compreender como, no slam, a potência da voz, do corpo e dos gestos inscreve a palavra e a memória no próprio corpo-território da performance.

Tendo isso em vista, cabe pensar sobre o que acontece, então, quando sujeitos historicamente silenciados, cujas vozes foram sistematicamente apartadas dessa esfera pública e da própria instituição literária, se apropriam desse direito de enunciação? Este trabalho investiga, portanto, como mulheres negras brasileiras têm reivindicado esse poder em dois gêneros contemporâneos de grande circulação: o slam e a instapoesia. A questão central que orienta a análise é: De que modo as escrevivências dessas poetisas, materializadas na grafia e na oralitura, transformam o silêncio em linguagem e ação, tensionando a instituição literária e articulando críticas descolonizantes para a construção de novas identidades diaspóricas?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar produções poéticas de mulheres negras brasileiras nos gêneros slam e Instapoesia, a fim de compreender como suas “escrevivências” articulam críticas descolonizantes às opressões estruturais e constroem subjetividades de resistência.

Objetivos específicos

- Mapear e analisar as características temáticas e estéticas de um corpus poético delimitado, focado nas produções de Ryane Leão e Bell Puã (instapoesia) e de Mileny Leme e Matriarcak (slam), identificando como essas autoras abordam questões de raça, gênero, identidade, corpo, afetividade, ancestralidade e memória.
- Comparar os gêneros slam e instapoesia, a partir das obras analisadas, destacando suas convergências e diferenças na forma como veiculam as

experiências e as críticas dessas poetisas, considerando as especificidades de suas materialidades (a oralitura/performance vs. a digitalidade/multimodalidade).

JUSTIFICATIVAS

A relevância desta pesquisa se ancora, primariamente, na potência cultural e política dos seus objetos de estudo: o slam e a instapoesia. Assumindo seu lugar de insurgência, estes são fenômenos que operam a partir das margens, constituindo uma verdadeira revolução fora do centro. Sua força reside precisamente na capacidade de deslocar o eixo da produção, da circulação e da legitimação poética para longe dos círculos canônicos tradicionais, estabelecendo-se como espaços de contra-hegemonia onde vozes historicamente silenciadas encontram plataformas para a enunciação.

O slam, nessa perspectiva, torna-se explícito na poética de Mileny Leme e Matriarcak. Elas ativam a performance como um evento de aquilombamento e disputa política, onde a força não reside no texto escrito, mas na “oralitura” (Martins). Isso fica evidente quando Leme, em sua crítica histórica, denuncia que “o Brasil não foi descoberto / foi invadido e explorado” (Leme, 2025) e que “nossa morte nunca foi coincidência ou acaso / sempre foi plano” (Leme, 2025). Ou quando Matriarcak, em um gesto de autoafirmação, ressignifica o insulto para se declarar um “puta mulherão da porra” (Matriarcak, 2022) e recusa ser definida por outros, afirmando-se “pequena igual uma granada [...] que te explode inteiro” (Matriarcak, 2023). Elas usam o corpo-voz como um “corpo-território de enunciação” (Martins), transformando a performance em um ato público de recusa ao machismo e ao racismo epistêmico.

Em paralelo, a instapoesia opera uma revolução na circulação da “escrevivência” (Evaristo, 2020), o que é visível nas obras de Ryane Leão e Bell Puã. Elas utilizam a lógica multimodal e acessível das redes sociais para criar uma poética de diálogo direto, que se equilibra entre a desconstrução e a (re)construção. Bell Puã, por exemplo, usa o formato carrossel para fazer uma crítica política direta, questionando a “indignação seletiva” que lamenta por George Floyd mas se cala sobre Mbaye, conectando o silêncio ao projeto histórico de “embranquecimento” (Puã, 2025). Em contraponto, Ryane Leão foca na cura e na (re)construção da subjetividade, usando sua poética para lembrar à “Pretinha” de sua “grandeza ancestral” e da “fé que você conseguiu botar em si mesma” (Leão, 2021). Elas criam uma ressonância imediata entre milhares de leitoras que, excluídas do repertório canônico, encontram nesses posts um espaço de reconhecimento e fortalecimento.

Portanto, a escolha de investigar especificamente a produção de mulheres negras nesses espaços se justifica porque são elas que mais radicalmente utilizam esses gêneros para

confrontar o que Lélia Gonzalez (1982, p. 91) identificou como os “lugares apropriados” designados a elas pela branquitude hegemônica. Como afirma a autora:

Desta forma, as práticas discriminatórias, a tendência a evitar situações discriminatórias e a violência simbólica exercida contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como “lugares apropriados” para a pessoa de cor. (Gonzalez, 1982, p. 91)

O slam e a instapoesia, ao se constituírem nesses espaços de rompimento à margem do centro, são os locais onde essas mulheres recusam a “violência simbólica” e criam suas próprias narrativas de vida/escrivências. Desse modo, investigar essas poéticas é, assim, um ato político de valorização desses saberes. Para essas mulheres, a poesia não é apenas um passatempo, é uma ferramenta de sobrevivência. Como afirma Audre Lorde (2020), “Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência”. É por meio da linguagem poética que a experiência vivida é destilada, nomeada e transformada em teoria. Portanto, a poesia torna-se o lugar onde o indizível ganha forma, permitindo que novas ideias e, conseqüentemente, novas ações políticas surjam.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa contribui para os estudos literários ao aprofundar a compreensão sobre a literatura negro-brasileira (Cuti, 2010), articulando-a com os estudos da diáspora (Hall, 2003) e do feminismo negro (Gonzalez, 2020; hooks, 2019; Collins, 2019; Lorde, 2020). A justificativa central deste projeto é, portanto, a de se debruçar sobre a potência desses poemas enquanto atos epistêmicos (produtoras de conhecimento) e estéticos. O foco é analisar como as vozes dessas mulheres, por meio das materialidades do slam e da instapoesia, articulam uma insurgência contra o silenciamento histórico, provando a vitalidade de se estudar a literatura que é forjada como ferramenta de sobrevivência e libertação.

APARATO TEÓRICO

A construção teórica desta pesquisa se dará em um diálogo interdisciplinar, mobilizando uma constelação inicial de conceitos que fundamentam a poesia como uma forma de conhecimento e ação política. O referencial aqui apresentado constitui o ponto de partida para a investigação, um conjunto de ferramentas críticas que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

O alicerce desta pesquisa repousa sobre uma concepção de poesia como práxis, fundamental para mulheres que historicamente tiveram suas formas de expressão

subalternizadas. Como define Audre Lorde (2020), a poesia não é um luxo, mas uma “necessidade vital”. Para Lorde, a poesia é a forma de dar nome ao “sem-nome” para que possa ser pensado, é o primeiro passo para a formulação de novas ideias e para a ação política. A poesia é, portanto, uma ferramenta de sobrevivência e de transformação.

Essa poética vital, no século XXI, encontra novas formas de circulação que extrapolam o livro impresso. Para compreender o slam e a instapoesia como manifestações legítimas, a pesquisa dialogará com o pensamento de Florencia Garramuño (2014) sobre a arte contemporânea latino-americana. Garramuño discute como o contemporâneo se define por um “campo expandido”, onde as fronteiras entre o estético e o político, a arte e a vida, são borradas. O slam (como performance-vida) e a instapoesia (como vida-digital) são, assim, compreendidos não como gêneros “menores”, mas como expressões centrais da literatura contemporânea, onde o valor estético está indissociavelmente ligado à sua potência experiencial e política.

Essa produção se dá em um contexto identitário específico, que será analisado à luz dos Estudos da Diáspora de Stuart Hall (2003). A noção de “identidade cultural” como um processo de produção, um “tornar-se” que negocia com as rotas e as raízes, é crucial para entender como as poetas negras utilizam o slam e a instapoesia para construir e afirmar suas identidades.

Finalmente, a investigação atentará para as especificidades dos gêneros e suas materialidades. Para dar conta da dimensão performática do slam, o conceito de “oralitura” de Leda Maria Martins será indispensável. De forma complementar, a análise da instapoesia exigirá uma abordagem focada em sua multimodalidade. Ou seja, investigar como os artifícios estéticos e digitais (a combinação de texto, tipografia, layout, imagem e cor) são empregados para construir sentido, impacto e engajamento no ambiente digital. Este conjunto de autoras e conceitos forma, assim, a base inicial a partir da qual a pesquisa irá se desenvolver.

METODOLOGIA

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa de natureza teórico-analítica, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e análise textual-discursiva de um corpus composto por quatro poetas, sendo duas de cada gênero textual: Mileny Leme e Matriarcak, no slam, e Ryane Leão e Bell Puã, na instapoesia. O percurso metodológico está organizado nas seguintes etapas:

- Pesquisa bibliográfica e aprofundamento teórico: fase de consolidação do domínio sobre os conceitos-chave que guiarão a análise e a interpretação dos dados.

- Coleta e organização do corpus: O material de análise será constituído pelos poemas e performances das autoras selecionadas. Para o slam, serão coletados registros audiovisuais das performances de Mileny Leme e Matriarcak disponíveis em plataformas digitais como Instagram e YouTube. Para a instapoesia, serão coletadas as publicações (em formato de imagem e carrossel) nos perfis oficiais de Ryane Leão e Bell Puã no Instagram.
- Análise textual-discursiva: etapa central da pesquisa, com foco na articulação entre forma e conteúdo. A análise considerará as dimensões temáticas, discursivas (construção do eu-lírico, estratégias de enunciação) e estético-formais (recursos linguísticos, imagéticos, rítmicos, performáticos e multimodais).
- Sistematização e escrita: fase final de organização dos dados analisados e elaboração da escrita da dissertação, que contemplará capítulos dedicados à fundamentação teórica, à análise separada e comparativa dos gêneros, e às reflexões sobre as implicações pedagógicas do estudo.

DISCUSSÃO

A discussão a ser desenvolvida ao longo desta pesquisa se concentrará em demonstrar como a poética de mulheres negras no slam e na instapoesia opera como uma poderosa ferramenta de crítica social e construção de subjetividades insurgentes. A análise buscará evidenciar que, para além da denúncia das opressões (como racismo, machismo, sexismo etc.), esses poemas são marcados pela proposição de novas “utopias”, pela celebração da identidade negra e pela reivindicação do afeto e do autocuidado como práticas políticas de resistência. A dissertação resultante deste percurso investigativo buscará, assim, oferecer uma contribuição original aos estudos literários no Brasil, valorizando produções e gêneros contemporâneos que tensionam as fronteiras do campo.

Um dos encaminhamentos analíticos centrais do trabalho, já esboçado em investigações preliminares, aponta para a produtividade de se ler a poética de ambas as cenas sob a ótica da escrevivência (Evaristo, 2020). Tanto em poetisas da instapoesia, como Ryane Leão (@ondejazzmeucoração) e Bell Puã (@bellpua_), quanto em poetisas do slam, como Mileny Leme (@eusoumileny) e Matriarcak, a narração da experiência individual é imediatamente conectada a uma vivência coletiva e histórica da mulher negra, transformando o “eu” em um “nós” e conferindo à poesia uma dimensão testemunhal. A discussão aprofundará essa análise, demonstrando como essa matriz da escrevivência se materializa de formas distintas e complementares: no slam, ela se realiza através da oralitura (Martins), onde o corpo-voz se

torna o território da performance e intensifica a conexão comunitária; na instapoesia, ela se dá pela performance multimodal, onde a articulação entre texto, design e imagem cria redes de identificação e sororidade no ambiente digital.

O aprofundamento teórico e a análise crítica do corpus visam fomentar um diálogo acadêmico mais robusto sobre essas manifestações literárias, oferecendo subsídios que consolidem sua importância e inspirem novas frentes de pesquisa dentro dos estudos literários e áreas afins. Como um desdobramento natural, espera-se que este estudo sirva também como uma fonte de consulta e reflexão para educadores que buscam expandir o cânone e diversificar as poéticas trabalhadas em seus contextos pedagógicos.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **O que é pensamento feminista negro?** São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella P. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina, 2020. p. 26-47.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução: Carlos Csefal. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. *In*: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LEÃO, Ryane. pretinha, a primeira coisa que gostaria de te dizer hoje... Instagram. *In*: @ondejazzmeucoração, 07 de julho de 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRDDH_9JlaE/. Acesso em: 16 de Nov. de 2025.

LEME, Mileny. COINCIDÊNCIA OU PLANO?. Instagram. *In*: @eusoumileny, 14 de fev de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKx2iclN8Jm/>. Acesso em: 16 de Nov. de 2025.

LEME, Mileny. PINDORAMA É O NOME DESSA TERRA!. Instagram. *In*: @eusoumileny, 03 de fev de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DFoCJfURMlx/>. Acesso em: 16 de Nov. de 2025.

LORDE, Audre. A Poesia Não é um Luxo. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 44-48.

MATRIARCAK. **Não tô na vida que pedi pra Deus**. YouTube, 28 nov. 2023. 1 vídeo (1 min. e 58 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X20INCgOUaI>. Acesso em: 16 nov. 2025.

MATRIARCAK. **Putá**. YouTube, 17 out. 2022. 1 vídeo (3 min. e 25 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8DJy_7hx99Y. Acesso em: 16 nov. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Corpo-Oralidade-Território**.

PUÃ, Bell. Te vi lamentar... Instagram. *In*: @bellpua_, 16 de abril de 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DIgfFZiN_Qd/?img_index=3. Acesso em: 16 de Nov. de 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; slam; instapoesia; mulher, memória

LITERATURAS DO TRAUMA: A VIOLÊNCIA MANICOMIAL EM LIMA BARRETO E STELLA DO PATROCÍNIO

¹Bruna Santos Novais de Souza

²Paula Regina Siega (orientadora)

³Aryadne Bezerra de Araújo (co-orientadora)

APRESENTAÇÃO

As literaturas do trauma têm adquirido relevância crescente nos estudos contemporâneos, sobretudo quando articuladas às violências históricas que estruturam a sociedade brasileira. Nesse contexto, *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2000), de Stella do Patrocínio, e *Diário do Hospício* (2017), de Lima Barreto, destacam-se como testemunhos fundamentais da violência manicomial, revelando como racismo, pobreza e exclusão social se entrelaçam no processo de institucionalização psiquiátrica. Ambos os autores, ainda que situados em épocas distintas, registram a experiência do manicômio como espaço de aniquilamento do eu e controle social, contribuindo para a compreensão de que a psiquiatria brasileira funcionou como prolongamento das práticas coloniais que historicamente incidiram sobre corpos negros e vulneráveis.

Considerando que a literatura, em uma dimensão estética, pode também operar como dispositivo ético e político da memória, capaz de confrontar o discurso hegemônico que historicamente apagou as vozes de sujeitos subalternizados, as obras analisadas apresentam-se como gestos de resistência, que reposicionam o manicômio no imaginário social não como cura, mas como espaço de exclusão e violência.

O contexto que sustenta essa discussão se articula em três frentes principais. A primeira refere-se à história da violência manicomial no Brasil, marcada por práticas higienistas e eugenistas que utilizaram a medicina psiquiátrica como ferramenta de controle e

¹bsnsouza.ppgl@uesc.br

²prsiega@uesc.br

³abaraujo@uesc.br

extermínio da população pobre, negra e marginalizada (Costa, 2007; Zacharias, 2020). A segunda envolve a teoria do trauma, fundamentada em autores como Freud (2016), Caruth (1996) e Kehl (2024), que compreendem o trauma como ruptura na experiência do eu, que retorna de maneira tardia e compulsiva, muitas vezes pela via da linguagem fragmentada e elíptica. A terceira frente articula-se à crítica literária brasileira contemporânea, particularmente nas obras de Ginzburg (2008; 2011; 2013) e Seligmann-Silva (2002; 2008; 2005), que concebem trauma e violência como conceitos centrais para se pensar a literatura brasileira. Nessa linha de reflexão, cabe salientar a contribuição de Fanon (2008), cuja obra amplia significativamente o debate sobre trauma ao demonstrar que a psique do sujeito negro se constitui de maneira distinta da psique do sujeito branco. Para Fanon (2008), o negro vive sob a constante interpelação do olhar colonial, o olhar do branco, que o reduz à condição de objeto, confinando-o no lugar negativo do Outro, de tal forma que sua subjetividade é moldada por experiências contínuas de desumanização.

Assim, o trauma, na experiência da pessoa negra, não pode ser compreendido exclusivamente como fenômeno individual, mas deve ser analisado como trauma social, produzido por séculos de colonização, escravidão e racismo estrutural. Essa perspectiva é crucial para compreender a obra de Stella do Patrocínio, cuja linguagem, marcada por imagens de animalização, evidencia o modo como o racismo e a violência institucional atravessam não apenas o corpo, mas a constituição psíquica do sujeito e suas formas de autorrepresentação. Também ilumina a experiência de Lima Barreto, para quem a vivência de marginalidade social e preconceito racial é inseparável de seu sofrimento psíquico e do processo de adoecimento que o conduziu e confinou ao manicômio.

OBJETIVO GERAL

Realizar o cotejo entre as obras *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), de Stella do Patrocínio, e *Diário do hospício* (2017), de Lima Barreto, identificando os rastros testemunhais relativos à internação e violência manicomial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar na linguagem dos relatos autobiográficos de Barreto e Patrocínio os vestígios da memória traumática, tais como fragmentações, lacunas, repetições e outras marcas do trauma no discurso;

- Analisar as diferenças e semelhanças entre as obras no que concerne às formas de narrar o hospício, bem como em relação às críticas feitas pelos autores à instituição psiquiátrica e ao discurso científico vigente em suas respectivas épocas;
- Discutir sobre a influência do racismo e da atuação policial, como manifestação da violência de Estado, em suas internações, salientando o lugar da instituição psiquiátrica enquanto instrumento de perpetuação do colonialismo no século XX.
- Examinar o papel fundamental da fala e da escrita como meios de sobrevivência do eu em contextos traumáticos de encarceramento e privação de direitos.

JUSTIFICATIVAS

A relevância desta pesquisa reside, em primeiro lugar, na necessidade de preencher lacunas consideráveis nos estudos sobre o manicômio enquanto catástrofe histórica. Embora amplamente abordado em pesquisas da área da saúde, o manicômio ainda é pouco analisado nos estudos literários como espaço de violência estrutural comparável a outras catástrofes históricas. Além disso, apesar das convergências entre Patrocínio e Barreto, ainda são raras as abordagens que os estudam conjuntamente. Outro ponto fundamental é o compromisso ético de valorizar as narrativas marginalizadas e de reconhecer a literatura como instrumento de reconstrução do passado que produz fissuras na memória hegemônica, reconfigurando o espaço da arte como território de denúncia e reparação histórica.

METODOLOGIA

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, que utiliza análise comparativa das obras literárias e articulação teórica com os estudos do trauma. O enfoque recai sobre a materialidade textual dos relatos e sobre como a experiência traumática incide sobre a forma, modificando o modo de narrar e de se perceber no mundo.

APARATO TEÓRICO

A fundamentação teórica que sustenta a análise articula contribuições da crítica literária, da psicanálise, da filosofia e dos estudos raciais. Ginzburg e Seligmann-Silva, que representam no Brasil a continuação teórica da escola de Frankfurt, Adorno e sua crítica da violência, são fundamentais para compreender as especificidades das literaturas testemunhais e das escritas do trauma no contexto brasileiro. Freud (2016), Caruth (1996) e Kehl (2024) permitem analisar as marcas do trauma no discurso e Fanon, por sua vez, amplia essa discussão ao demonstrar que o trauma do sujeito negro nasce da experiência colonial e do racismo

estrutural, sendo, portanto de natureza coletiva e histórica, aspecto essencial para a análise dos relatos de Patrocínio e Barreto.

Na discussão inicial, observa-se que a fragmentação, as repetições e as metáforas zoológicas nos falatórios de Patrocínio se convertem em formas de expressar a desumanização vivida no manicômio, enquanto Barreto utiliza o diário como instrumento de crítica ao cientificismo de sua época e, também, como meio promover a sobrevivência de sua subjetividade diante do processo de mortificação do eu que caracteriza as instituições totais (Goffman, 1974). Em ambos, a escrita e a fala funcionam como resistência à morte, física e simbólica, imposta pelo manicômio, e como gesto de insubordinação contra o regime de violência.

Conclui-se que essas obras produzem não apenas registros da dor, mas intervenções críticas contra o apagamento histórico. Suas narrativas contribuem para a construção de uma cultura da memória e para o reconhecimento do manicômio como catástrofe histórica, reafirmando a literatura enquanto espaço de resistência e reconstrução da subjetividade dilacerada dos sujeitos oprimidos.

Palavras-chave: Literatura. Trauma. Violência. Lima Barreto. Stella do Patrocínio.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Diário do hospício & O cemitério dos vivos**. Editora Companhia das Letras, 2017.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed experience: trauma, narrative, and history**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**. Editora Garamond, 2007.

DO PATROCÍNIO, Stella. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Azougue Editorial, 2001.

FANON, Frantz. **Peles negras máscaras brancas**. Salvador: Edufba., 2008. 194 p.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. L&PM Editores, 2016.

GINZBURG, Jaime. Literatura e direitos humanos. Notas sobre um campo de debates In: BITTAR, Eduardo, org. **Educação e Metodologia**. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Perspectiva, 1974.

GINZBURG, Jaime. Literatura e direitos humanos. Notas sobre um campo de debates In: BITTAR, Eduardo, org. **Educação e Metodologia**. 2008.

_____. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: SALGUEIRO, Wilberth. **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências**. Vitória: Edufes, 2011.

_____. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

KEHL, Mariana Sales. **Por Uma Psicanálise do Refúgio**: por uma psicanálise do refúgio: narrativas do trauma no contexto das migrações forçadas. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2024.

SELIGMANN, SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-posições** 13.3 (2002): 135-153.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008.

_____. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 30, 2005.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira**. 2020. Tese de Doutorado. [sn].



O LÍRICO, O ÉPICO E O CINEMATOGRAFICO: REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DRUMMONDIANA

Luiz Felipe Gonçalves de Oliveira¹
Paula Regina Siega (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Nascido na cidade de Itabira, em Minas Gerais, desde cedo o autor Carlos Drummond de Andrade teve contato direto com os filmes que eram exibidos no cinematógrafo de sua cidade. Quando cresceu e se mudou para capitais como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, frequentou grandes cinemas como o Odeon e o Pathé durante toda a sua vida (Werneck, 2024). A obra do poeta é marcada por uma profunda e duradoura fascinação pelo cinema (Azevedo, 2006; Conceição, 2019; Mello, 1998; Santos, G., 2017; Santos, S., 2008). Embora a relação entre o a linguagem cinematográfica e a poesia de Drummond tenha sido já objeto de tais estudos, ainda não existe uma reflexão acerca da presença de elementos épicos na lírica drummondiana, dada pela elaboração poética de filmes que marcam o início da história do cinema. O começo da estabilização da linguagem cinematográfica, sobretudo estadunidense, é entendido, por teóricos como Deleuze (1983 [1985]), como fase do cinema-ação ou “imagem-movimento”. No caso dos Estados Unidos, especificamente em Griffith, existe uma tematização da história dos Estados Unidos em tons heroicos que mobilizam a ideia de crise e recomposição de uma unidade nacional (Deleuze, 1983 [1985], p. 186). Tal mobilização nos permite pensar o cinema em termos de afirmação de uma linguagem épica desdobrada na poesia drummondiana que se refere a filmes “épicos” da história do cinema. Daí o recorte do *corpus*, tomando como objetos de estudo os poemas “Balada do amor através das idades”, de *Alguma Poesia* (1930 [2013]), e “O grande filme”, de *Boitempo: Esquecer para lembrar* (1979 [2017]). O primeiro poema, com sua montagem de cenas que percorre a história do amor através dos tempos, e o segundo, que tematiza explicitamente a cinematografia de Griffith, o primeiro narrador da “grande história” dos Estados Unidos em linguagem fílmica.

¹ lfgoliveira.ppgl@uesc.br

² prsiega@uesc.br

Tendo como ponto de partida as reflexões acima, esta pesquisa busca analisar de que maneira, na poesia drummondiana, a mobilização da linguagem cinematográfica manifesta formalmente uma crise da forma épica no mundo contemporâneo. Tal entendimento será baseado nos entendimentos de Adorno e Benjamin sobre o épico e suas configurações na contemporaneidade.

O percurso teórico, todavia, inicia-se com as concepções clássicas sobre o épico, destacando Aristóteles (2020), que na *Poética* estabelece as bases para a compreensão deste gênero. Para o filósofo, apesar de tratar, como na tragédia, de homens “melhores” do que a média, o gênero se diferencia do trágico por sua métrica, sua extensão e pelo fato de ser uma história contada por alguém, visto que, em suas palavras, a tragédia se efetua “por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração” (Aristóteles, 2020, p. 73). Depois, investigaremos a concepção hegeliana através da leitura de Jaime Ginzburg (2010) acerca do épico para a centralidade das violências como forma estrutural e a ligação da história do herói com a história de uma nação. O próximo movimento teórico conduz a dois teóricos da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin e Theodor Adorno. Enquanto Adorno observa a degradação da forma na “epopeia negativa, testemunho de uma condição na qual o indivíduo liquida a si mesmo” (Adorno, 1958 [2003], p. 62), Benjamin analisa a crise da experiência a partir das novas condições de produção da arte, onde a reprodutibilidade técnica abala os fundamentos rituais e tradicionais da fruição estética. Ele toma em consideração a forma cinematográfica, detalha como o potencial produtivo da modernidade é fascistizado, fazendo com a comunicação de massa se transforme, para estas próprias massas, em espelho de sua aniquilação técnica (pelas bombas, pela guerra, filmada e transformada em propaganda política) (Siega, 2025). Isso porque o fascismo manipula a expectativa de mudança social das massas, negando-lhes direitos e oferecendo-lhes, em troca, uma forma de expressão controlada pelo capital. Como Benjamin (1958 [2012], p. 117) aponta: “As massas possuem um direito à mudança das relações de propriedade; o fascismo busca dar-lhes uma expressão conservando essas relações. O fascismo resulta, conseqüentemente, em uma estetização da vida política”. Essa estetização encontra na guerra seu espetáculo máximo, desviando a tecnologia para a aniquilação e transformando a própria destruição em objeto de fruição estética, através das filmagens de guerra, mostradas nos cinejornais. É nesse ponto que a aniquilação épica se consuma, para Benjamin: não como fatalidade da técnica, mas como projeto político finalizado à morte.

Essa linha de análise benjaminiana é aprofundada por Paula Regina Siega em seu artigo “Da épica do genocídio à poética do testemunho: uma leitura dos versos de José de Anchieta, Renata Machado Tupinambá e Wilberth Salgueiro” (2025). A crítica foca a discussão sobre

como o fascismo apropria-se da tecnologia para fins de aniquilação. Esta inversão é descrita pela leitura que a faz do pensamento benjaminiano:

“Com o uso desmedido da técnica, a força produtiva das massas era empregada na aniquilação de si mesmas: em vez de sementes, os aviões despejavam bombas, em vez de desviar rios, o fascismo conduzia o fluxo mortal dos homens por entre trincheiras, destruindo a aura (da vida humana) de uma maneira completamente nova” (Siega, 2025, p. 12).

Essa compreensão da técnica como ferramenta de autodestruição espetacular é um pilar para se analisar a forma como o “épico negativo”, mencionado por Adorno, se manifesta em obras que lidam com a fratura da experiência histórica. Este pilar analítico encontra sua aplicação direta na poética drummondiana através das formulações de Jaime Ginzburg em sua tese “Críticas em tempo de violência” (2010). O autor conecta o pensamento de Adorno ao trauma histórico vivido no Brasil e expresso em Drummond. Em vez de responder à retórica grandiosa do fascismo com outra totalidade, Drummond, segundo Ginzburg, adota a forma do fragmento e do resíduo. A tese central do crítico é que, assim como em Adorno, em Drummond “a incorporação traumática da experiência histórica leva à imagem do mínimo” (Ginzburg, 2010, p. 171). Esta poética da “vida mínima”, que Ginzburg analisa longamente no poeta, torna-se, assim, a forma específica do testemunho drummondiano que confronta a modernização autoritária.

Este arcabouço teórico, que estabelece a tensão entre a épica espetacular e a poética do mínimo, permite situar com precisão os dois objetos de estudo desta dissertação. Os poemas “Balada do amor através das idades” (1930 [2013]) e “O grande filme” (1979 [2017]) são analisados aqui por representarem momentos-chave em que Drummond mobiliza a própria linguagem cinematográfica para elaborar sua épica negativa, a partir da linguagem do mínimo. A conexão se manifesta de formas distintas em cada obra.

Em “Balada do amor através das idades” (1930 [2013], p. 62), a técnica da montagem cinematográfica é usada para criar um painel de narração épica, percorrendo uma “grande” e enciclopédica história em saltos: “Eu era grego, você troiana”; “Virei soldado romano”; “fui pirata mouro”; “fui cortesão de Versailles”. Contudo, Drummond esvazia essa forma de seu conteúdo heroico. A grande narrativa histórica é, em si, uma sucessão de falhas, mortes e impossibilidades: “o leão comeu nós dois”; “Me suicidei também”; “nos levaram à guilhotina”. O poema, assim, expressa a característica central do épico negativo: a ausência de uma resolução histórica verdadeira. A única “solução” que a modernidade oferece é a falsa reconciliação imposta pela indústria cultural. Já “moço moderno”, o eu-poético se assume

“herói da Paramount”, substituindo a experiência histórica fraturada pela imagem de consumo. Nesse cenário, a verdadeira resistência reside na própria opção pela forma poética: ao insistir na individuação lírica em meio à catástrofe, o poema performa a negação crítica dessa falsa totalidade.

Se no poema anterior ainda utiliza a técnica cinematográfica para ironizar a ambição épica, a elaboração poética de Drummond atinge sua forma mais madura em “O grande filme” (1979 [2017], p. 228). Neste poema tardio, o poeta não apenas emprega a linguagem do cinema: ele tematiza a própria experiência de assistir ao espetáculo. O eu-poético se posiciona como o espectador diante da retórica grandiosa de *Intolerância*, de Griffith, anunciada como “50 mil comparsas, 15 mil cavalos, 30 artistas famosos”. A reação, contudo, é a da poética do mínimo, onde o poeta afirma ser “grandioso demais para a minúscula visão minha da História”. O espetáculo não gera síntese, mas a fratura da experiência que o sujeito confessa: “Saio em fragmentos”. Desse modo, Drummond utiliza o tema da aniquilação espetacular para construir a forma da elaboração poética, que se refugia no “ar puríssimo de todas as montanhas”.

Diante do exposto, a contribuição deste trabalho é, portanto, a de estabelecer uma ponte crítica entre os estudos da relação entre poesia e cinema em Drummond e o debate teórico sobre a transformação do épico, em forma de ruínas, no mundo contemporâneo. Em vez de apenas celebrar feitos grandiosos, a poética drummondiana, repercutindo, pelo avesso, a linguagem do espetáculo, elabora experiências de fragmentação e violências sofridas pelas massas no século XX.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar como os poemas “Balada do amor através das idades” e “O grande filme”, de Drummond, reconfiguram o épico na contemporaneidade pela incorporação da linguagem cinematográfica e da fragmentação narrativa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Investigar as concepções clássicas e modernas do épico (Aristóteles, Adorno, Benjamin, Ginzburg e Siega);
- 2- Examinar as conexões entre a linguagem cinematográfica e a estrutura poética do *corpus* analisado.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa se justifica pela ausência de um estudo aprofundado sobre a apropriação do épico nos poemas de Drummond, especificamente naqueles com referência ao cinema (seja por sua linguagem ou obras). Justifica-se, ainda, pela relevância de entender como o épico (gênero de feitos heroicos e coletivos) é reinterpretado na contemporaneidade pela poética drummondiana.

A escolha do poeta deve-se ao seu destaque na literatura brasileira, sua cinefilia notória e sua aptidão para o diálogo entre artes e correntes filosóficas. Sua produção, sensível à condição política e às fraturas históricas, é um objeto propício para refletir sobre as transformações do épico no cenário atual. A justificativa alinha-se à crítica de Ginzburg (2010), que analisa a poesia drummondiana a partir de suas articulações com o autoritarismo e a violência histórica no Brasil.

A abordagem teórica destaca-se por mobilizar a leitura de Benjamin sobre a estetização da política. Este conceito é crucial, pois oferece a contrapartida (a estetização fascista da guerra) à tese central: a transformação do épico em épico negativo (Adorno). Ao aplicar este aparato às conexões entre Drummond e o cinema, o estudo contribui para a compreensão das mudanças na poesia contemporânea, promovendo análises entre literatura, filosofia e cinema. Ao explorar como Drummond assimila e dialoga com as evoluções do épico, a pesquisa amplia a compreensão das formas literárias atuais e suas conexões com outros discursos, demonstrando como a análise de uma forma poética específica ilumina processos culturais mais amplos, como a crise das narrativas de totalidade.

APARATO TEÓRICO

A relação entre a poesia de Drummond e o cinema é um campo consolidado na fortuna crítica. Contudo, essa crítica foca majoritariamente nos aspectos formais ou temáticos, sem aprofundar a articulação dessa linguagem com a crise da forma épica. A pesquisa dialoga com essa tradição, mas avança ao conectar a linguagem cinematográfica em Drummond a um referencial teórico que pensa o esfacelamento das grandes narrativas.

A base do épico parte da definição clássica de Aristóteles (2020): a mimese de ações nobres em narrativa extensa. Na crítica moderna, a crise da forma torna-se evidente. Benjamin (1958 [2012]) postula que a reprodução mecânica (cinema, fotografia) destrói a “aura” e a percepção das massas sobre si, via espetacularização da política (fascismo) ou politização das artes (União Soviética). Adorno (1958 [2003]) aprofunda a questão na narrativa. Em *Notas de Literatura I*, se a lírica é vista como resistência (“Palestra sobre lírica e sociedade”), a narração

épica torna-se impossível no mundo fragmentado, onde a experiência individual é liquidada. Isso resulta no que o filósofo conceitua como “epopeia negativa” (“Posição do narrador no romance contemporâneo”).

Siega (2025) aplica este arcabouço ao contexto brasileiro, articulando dialeticamente a “epopeia da aniquilação humana” (Benjamin) e o “épico negativo” (Adorno). A autora usa essa dupla definição da Escola de Frankfurt para analisar a “incorporação traumática” da violência histórica, mostrando sua redefinição da forma poética no Brasil. Recorre-se também a Ginzburg (2010), que aplica o ferramental adorniano à poética drummondiana. Ginzburg foca na resposta a essa crise, postulando que a incorporação traumática da experiência histórica em Drummond resulta na “imagem do mínimo”.

A lacuna a preencher reside na intersecção de três campos: a crítica sobre Drummond e o cinema, a teoria da crise do épico e a aplicação da Escola de Frankfurt à poética drummondiana. O estudo propõe analisar como o cinema é mobilizado por Drummond não apenas como recurso estético, mas como meio simbólico que expressa as fraturas históricas que inviabilizam a forma épica. Tomando os poemas “Balada do amor através das idades” (1930 [2013]) e “O grande filme” (1979 [2017]) como objetos, a pesquisa investigará como o poeta usa a paródia (filmes de aventura) para falar heroico-ironicamente de uma história de amor e da megalomania hollywoodiana que não cabe em sua mínima história. Tem-se uma poética da fragmentação que corrói a monumentalidade do épico, absorvido como cinema e revertido em poesia brasileira consciente de seu lugar em um mundo de totalidade irrepresentável.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, focada na análise e crítica literárias. A metodologia justifica-se pela natureza do objeto, que exige leitura interpretativa das dimensões históricas, filosóficas e estéticas do discurso poético. O trabalho adota uma perspectiva crítica e comparativa, visando compreender as relações entre a poesia de Drummond e a tradição épica, via diálogo com o cinema. Espera-se contrastar procedimentos de fases distintas da obra do poeta em resposta ao mesmo problema: a impossibilidade da representação da totalidade, tradicionalmente associada ao épico. No primeiro poema, analisar-se-á a comicidade paródica da jornada heroica (sucessão de quadros/estereótipos do cinema de aventura); no segundo, o foco será a crítica ao cinema-espetáculo como metáfora da monumentalidade histórica esvaziada. A comparação mapeará a permanência da problemática e a evolução das soluções estéticas de Drummond.

DISCUSSÃO

Espera-se a construção de conhecimento literário pela análise pormenorizada do corpus: “Balada do amor através das idades” (1930 [2013]) e “O grande filme” (1979 [2017]). A análise pretende demonstrar que, na mobilização da linguagem cinematográfica em Drummond, reconhecem-se traços da crise da grandiosidade épica, respondida com uma estética lírica do mínimo. A análise de “Balada do amor através das idades” focará em como a montagem ironiza a expectativa heroica da épica, transformando a narrativa histórica numa sucessão de falhas líricas. A discussão de “O grande filme” abordará a invocação do cinema: o poema será lido como a elaboração da “épica negativa” a partir da experiência do “espetáculo”, onde o sujeito, não absorvido pela grandiloquência, “sai em fragmentos”.

Por fim, pretende-se que a pesquisa contribua aos estudos drummonianos ao propor uma análise crítica da presença e transformação do épico em Drummond, evidenciando como sua lírica (via fragmentação, ironia e linguagem cinematográfica) responde à crise da totalidade épica contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 65-89.

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 55-63.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Balada do amor através das idades. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 62-63.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Grande Filme. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo: esquecer para lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 228.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

AZEVEDO, Melissa Carolina Herrero de. **Drummond e Chaplin: o poema e o homem no jogo intertextual**. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

CONCEIÇÃO, Rosângela Ramos da. **Memória cinematográfica de Carlos Drummond de Andrade: a literatura de um poeta cinéfilo**. 2019. 34 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/791/2/PDF%20-%20Ros%C3%A2ngela.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. 300 f. Tese, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

INTOLERÂNCIA. Direção: D. W. Griffith. [S.l.]: Triangle Distributing Corporation, 1916. 1 filme.

MELLO, Marcus Santos de. **O cinema, a cidade e o poema: uma leitura de Drummond**. 1998. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, Glleyce Clivia Vinagre. **Ecos cinematográficos na poesia de Carlos Drummond de Andrade**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/10560/1/Dissertacao_EcosCinematograficosPoesia.pdf. Acesso em: 02 nov. 2025.

SANTOS, Sônia Maria Fernandes dos. **Literatura e Cinema: Interfaces n'O {caso do} Vestido**. 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008

SIEGA, Paula Regina. Da épica do genocídio à poética do testemunho: uma leitura dos versos de José de Anchieta, Renata Machado Tupinambá e Wilberth Salgueiro. **Texto Poético**, [S.L.], v. 21, n. 45, p. 6-31, 25 maio 2025. Revista Texto Poetico. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/1169/700>. Acesso em: 02 nov. 2025.

WERNECK, Humberto. Drummond e sua paixão pelo cinema. **Carlos Drummond de Andrade**, 2024. Disponível em: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Drummond-e-sua-paixao-pelo-cinema>. Acesso em: 02 nov. 2025.



REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-CULTURAIS NO LIVRO DIDÁTICO

ANYTIME: uma análise em Linguística Aplicada Crítica e Estudos Culturais

Wendone Pereira de Souza¹

Élida Paulina Ferreira (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Historicamente, o ensino de Língua Inglesa tem experienciado significativas mudanças diante dos efeitos e demandas da globalização. Contudo, no contexto das escolas públicas no Brasil, muitas práticas pedagógicas ainda seguem pautadas em metodologias tradicionais com foco na estrutura da língua e na busca pela “pronúncia perfeita” do falante nativo (Leffa, 2012; Abrahão, 2015). Tendo em vista a limitação dos métodos (Kumaravadivelu, 2006) e a necessidade de considerar a língua enquanto prática social e sensível aos contextos, inclusive a partir de materiais didáticos, a pesquisa propõe analisar as representações de língua/linguagem, cultura, práticas e relações interculturais no livro *Anytime* a partir da Linguística Aplicada Crítica (LAC) e dos Estudos Culturais (Bhabha, 2018; Canagarajah, 2007; 2018; Hall, 2016; Kumaravadivelu, 2006; Makoni; Pennycook, 2015; Pennycook, 2006).

O estudo parte do pressuposto de que o livro didático não é um instrumento neutro. Ele possui um papel político e ideológico (Rajagopalan, 2012) que pode atuar na manutenção de tradições dominantes ou possibilitar uma formação problematizadora. Fundamentado teórico e metodologicamente na LAC e nos Estudos Culturais, o projeto compreende a língua enquanto prática social, situada, dinâmica e atravessada por relações de poder, identidade e representação.

O *corpus* de análise é o livro *Anytime! Always Ready for Education* (PNLD/2021), destinado ao Ensino Médio e publicado pela Editora Saraiva. A obra afirma adotar uma perspectiva “desterritorializada” da língua, dialogar com a diversidade cultural e promover

¹ wpsouza.ppgl@uesc.br

² epferreira@uesc.br

práticas voltadas para cidadania e direitos humanos. Cabe investigar, portanto, de que modo tais princípios se materializam (ou não) nas propostas pedagógicas que estruturam o livro, e se essas propostas possibilitam práticas interculturais.

A metodologia da pesquisa está organizada em cinco etapas, a saber: 1) levantamento bibliográfico, fundamentado na LAC e nos Estudos Culturais, de modo a articular conceitos como língua, linguagem, cultura, identidade, representação e práticas interculturais; 2) breve balanço de estudos realizados nos últimos 5 anos sobre análise de livros didáticos de Língua Inglesa no Brasil no contexto do PNLD; 3) seleção de capítulos e atividades com temáticas/discussões relacionadas à língua, cultura, identidade e diversidade, considerando aspectos verbais e não verbais; 4) análise do material a partir de quadro de perguntas norteadoras; 5) organização, análise dos resultados e reflexão crítica.

OBJETIVOS

- **Objetivo geral**

Analisar as representações de língua/linguagem, cultura, práticas e relações interculturais no livro didático Anytime a partir da Linguística Aplicada Crítica e dos Estudos Culturais.

- **Objetivos específicos**

1. Traçar uma articulação entre os conceitos discutidos na pesquisa na interface da linguística aplicada crítica com estudos culturais.
2. Realizar levantamento de conceitos e noções de língua, linguagem, cultura, interculturalidade e identidade no livro didático estudado.
3. Identificar e discutir a abordagem teórico metodológica proposta no livro.
4. Situar a proposta teórico metodológica desta pesquisa em relação a estudos já realizados nos últimos 5 anos sobre livros didáticos de Língua Inglesa no Brasil, particularmente considerando aqueles estudos que fazem referência a análise de livros didáticos no contexto do PNLD.
5. Analisar as competências trabalhadas no material didático tanto no âmbito verbal quanto não verbal.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa se justifica pela necessidade de intensificar produções científicas que considerem a língua de maneira mais ampla, como prática social, política e cultural. Não convém enfatizar esta ou aquela variante linguística como digna de destaque, mas reforçar o movimento de estudos que exploram a língua enquanto um fenômeno dinâmico, variável, que carrega diferentes representações. A análise de um livro didático nos possibilita um recorte de como a língua tem sido apresentada nas escolas mediante métodos ou abordagens de ensino/aprendizagem adotados, e como se dá a interação entre o inglês e a língua materna.

Por este ângulo, pesquisas no âmbito da LAC e dos Estudos Culturais costumam propor revisões ao modelo tradicional de ensino historicamente enraizado nas escolas. É nas ações alternativas que podemos questionar a percepção de identidade e diferença como um problema (Candau, 2016). É bem verdade que tal tradicionalismo pode ser refletido em materiais didáticos e até imposto para uso aos educadores, o que se configura como um desafio diário. Porém, a compreensão mais ampla do papel desses materiais pode fomentar a reflexão crítica e a agência docente (Braga; Gomes Júnior, 2024), na qual o professor é capaz de reinterpretar e transformar as concepções apresentadas.

Por fim, o estudo também se justifica por oportunizar a investigação sobre até quais níveis as competências comunicativas em inglês no livro são consideradas, haja vista a noção de repertórios espaciais proposta por Canagarajah (2018). Dessa forma, convém descobrir se o *Anytime* já aborda a comunicação como um processo multissemiótico, envolvendo objetos, gestos, sons, espaços e interações situadas.

APARATO TEÓRICO

Longe de se intitular como uma nova disciplina ou campo fixo, a LAC não se resume à simples adição de um enfoque crítico para a linguística aplicada. Na verdade, Pennycook (2006, p. 67) prefere concebê-la como “uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador”. Sendo assim, estamos diante de uma prática em movimento que preza pelo constante questionamento a respeito do que está posto, o saber estabelecido e dominante. Similarmente, Souza e Hashiguti (2022) argumentam sobre como a linguística aplicada ainda carrega uma herança de normatividade da linguística, em vista disso, precisa ser questionada, para enfatizar a educação linguística, não o mero ensino de línguas.

Esse entendimento dialoga com autores que defendem uma visão dinâmica e sociopolítica da língua (Kumaravadivelu, 2006; Makoni; Pennycook, 2015; Pinto, 2010). Nessa visão, a linguagem advém do locus de enunciação e das práticas dos sujeitos, sendo marcada por trajetórias históricas, repertórios múltiplos e negociações identitárias contínuas. Silva (2019) destaca que práticas heterogêneas de língua podem promover experiências interculturais, embora, segundo Siqueira (2012), tal implementação nas aulas e nos materiais didáticos ainda seja uma luta constante.

Nessa direção, Siqueira (2012) pontua que comumente alguns livros didáticos se propõem a abordar a língua de um olhar diversificado, quando na verdade estão apenas apresentando superficialmente as diferentes culturas e retomando o foco na maioria das atividades orais e escritas para o aprimoramento do inglês padrão almejado.

Nesse contexto, são fundamentais as contribuições dos estudos culturais no sentido de aprofundar o próprio conceito de cultura, da relação entre língua e cultura, e das representações culturais envolvidas no encontro entre línguas e culturas. Hall (2016, p. 200) argumenta sobre o estereótipo como “uma forma de poder hegemônico e discursivo que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação, quanto por outros meios”. A relação do estereótipo com o poder se dá em contextos de desigualdade, quando legitima hierarquias e dominação cultural ao reduzir/excluir o outro. No livro didático, por exemplo, um estereótipo pode fixar uma determinada visão simplificada de um grupo social, reforçando desigualdades e influenciando na forma como o estudante percebe aquela cultura. Reconhecer esses processos permite problematizar as representações presentes no livro e promover uma abordagem mais crítica e consciente da linguagem.

Na mesma direção, Bhabha (2018) destaca que a diferença cultural é sempre negociada, instável e atravessada por processos híbridos, portanto, não pode ser lida apressadamente a partir de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos e fixados numa determinada tradição. No âmbito do ensino e aprendizagem, Canagarajah (2007) salienta que as línguas não são puras ou separadas, mas sim influenciadas umas pelas outras na prática da negociação de sentidos. Em reforço à essa perspectiva, Kumaravadivelu (2006) propõe a pedagogia pós-método, que questiona a limitação existente dos métodos, tendo em vista que nenhum deles consegue dar conta da complexidade em torno do ensino de línguas. Para o autor, a prática pedagógica deve ser sensível às realidades locais e capaz de acolher

múltiplas identidades, experiências e formas de significar a língua.

É nessa perspectiva que o estudo caminha para compreender as possibilidades de representação das línguas e culturas, bem como de suas diferenças, entendendo que as identidades não são fixas, mas se (re)constroem através de interações e negociações contínuas. Nesse sentido, serão igualmente consideradas contribuições de Jenkins (2015), Rajagopalan (2009) e Canagarajah (2018), visando um possível diálogo e interação com o inglês como língua franca, o World English e o Translanguaging, pois apesar de possuírem particularidades próprias, são discussões que reforçam o multilinguismo da língua.

É no cerne das discussões supracitadas que o projeto se sustenta, consciente da necessidade docente de assumir uma postura crítica ao manusear e selecionar os materiais didáticos a serem utilizados na sala de aula, de modo que possa priorizar a perspectiva intercultural, na esperança de corroborar para pequenas mudanças diárias na educação e sociedade, pautadas na democracia, inclusão e respeito às diferenças.

METODOLOGIA

O estudo, de natureza qualitativa, interpretativista e crítica, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e documental. Em consonância com Bortoni-Ricardo (2008), a abordagem qualitativa pressupõe a postura reflexiva do pesquisador, que interpreta o objeto investigado a partir de seu contexto e de sua própria posição no processo de pesquisa. Ademais, enquanto a pesquisa bibliográfica abarca as contribuições teóricas de diferentes autores sobre determinados temas, a pesquisa documental se difere por se sustentar em “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 51).

Face a estas definições, a primeira etapa da pesquisa consiste no levantamento bibliográfico no campo da LAC e dos Estudos Culturais sobre os conceitos de linguagem, língua, cultura, identidade e interculturalidade. O aprofundamento desses conceitos envolve a leitura e discussão de textos científicos, a visualização de *lives*, documentários ou palestras relacionadas aos temas e a realização de fichamentos bibliográficos. Na segunda etapa, será feito um breve balanço de estudos realizados nos últimos 5 anos sobre análise de livros didáticos de Língua Inglesa no Brasil no contexto do PNLD, como uma forma de situar o estado da arte da temática que constitui a pesquisa.

Na sequência, a terceira etapa consiste na coleta de dados. Após uma análise prévia de todos os capítulos do livro, serão selecionados capítulos e/ou atividades que enfatizem temáticas/discussões relacionadas à língua, cultura, identidade e diversidade. Os capítulos selecionados devem conter propostas de atividades que contemplem todas as quatro habilidades comunicativas (leitura, escrita, fala e compreensão auditiva). Os critérios acima buscam responder de quais maneiras os elementos do estudo são representados no livro e se esse material considera outros recursos semióticos não-verbais no desenvolvimento da competência comunicativa. Cabe ressaltar, em adição, a necessidade de se fazer um recorte frente à extensão do livro, de modo a aproximar ainda mais o diálogo entre práticas de linguagem e a dimensão sociocultural e intercultural.

A quarta etapa corresponde à análise do material selecionado, a qual se baseará em um quadro de perguntas norteadoras, criado a partir de análises semelhantes por autores de estudos antecedentes, do próprio aporte teórico que rege a pesquisa e dos critérios de avaliação e seleção de obras literárias do PNLD. As perguntas do quadro servirão como um guia para identificar como a língua, a cultura e as práticas interculturais são representadas nas unidades, assim como a natureza das competências comunicativas trabalhadas. Por fim, a quinta e última etapa compreende a organização, análise e reflexão crítica dos resultados obtidos, a serem refletidos na produção escrita e defesa da dissertação.

DISCUSSÃO

Face ao exposto, espera-se que a partir da análise proposta, seja possível compreender como determinadas concepções de língua, cultura e identidade são reforçadas ou tensionadas no material, permitindo identificar quais representações permanecem alinhadas a modelos tradicionais e quais apontam para perspectivas mais críticas e interculturais. Nesse sentido, os resultados podem evidenciar se o livro realmente rompe com a centralidade da língua estática/padrão e do falante nativo, ou se apenas atualiza esses mesmos discursos por meio de uma abordagem superficialmente diversificada, ainda orientada por práticas hegemônicas.

Além disso, espera-se que o estudo aponte os limites e potencialidades da obra *Anytime* para fomentar práticas interculturais e reflexões críticas na sala de aula. Caso o material apresente abordagens que dialogam com as diferenças linguísticas, com a articulação às práticas interculturais e repertórios espaciais, tais achados podem contribuir para uma valorização de práticas mais democráticas e sensíveis às realidades dos estudantes. Por outro

lado, se prevalecerem representações simplificadas de cultura ou uma visão limitada de competência comunicativa, os resultados deverão evidenciar a necessidade de uma atuação docente mais ativa e crítica, capaz de reinterpretar e ressignificar o material. De todo modo, a pesquisa busca promover a reflexão e uso crítico de livros didáticos de inglês por parte do docente.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. V.. Algumas reflexões sobre a abordagem comunicativa, o pós-método e a prática docente. **EntreLínguas**, v. 1, n. 1, p. 25-42, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6193377>. Acesso em: 05 jul. 2025.

ARAGÃO, R. C. **Emoção no Ensino/Aprendizagem de Línguas**. Afetividade e Emoções no Ensino/Aprendizagem de Línguas: Múltiplos Olhares. Campinas, São Paulo. v. 18, p. 163-189, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321753736_Emocao_no_EnsinoAprendizagem_de_Linguas. Acesso em: 05 jul. 2025.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAGA, J. C. F; GOMES JUNIOR, R. C. "Na palma da mão": a natureza ecológica e complexa da agência do professor. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 17, p. e47924, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/47924>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CANAGARAJAH, S. Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. **The modern language journal**, v. 91, p. 923-939, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1540-4781.2007.00678.x>. Acesso em 14 nov. 2025.

CANAGARAJAH, S. The unit and focus of analysis in lingua franca English interactions: in search of a method. **International Journal Of Bilingual Education And Bilingualism** 2018, VOL. 21, NO. 7, 805–824. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/13670050.2018.1474850?needAccess=true>. Acesso em: 05 jul. 2025.

CANDAU, V. M. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v.46, n.161, p. 802-820, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/GKr96xZ95tpC6shxGzhRDrG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **Cultura e representação**. Apicuri: PUC-Rio, 2016.

JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a lingua franca. **Englishes in Practice**, v. 2, n. 3, p. 49-85, 2015. Disponível em:

<https://reference-global.com/2/v2/download/pdf/10.1515/eip-2015-0003>. Acesso em 14 nov. 2025.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching**: From method to postmethod. Routledge, 2006.

LEFFA, V. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de estudos da linguagem**, v. 20, n. 2, p. 389-411, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28616>. Acesso em: 05 jul. 2025.

MAKONI, S; PENNYCOOK, A. Desinventando e (re)constituindo línguas. Trad. SEVERO Cristine Gorski. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 2, p. 9-34, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p9>. Acesso em: 05 jul. 2025.

MARQUES, A; CARDOSO, A. C. **Anytime!**: always ready for education. 2020.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, L. P. M. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. p. 67-84. São Paulo: Parábola, 2006.

PINTO, J. P. Da língua-objeto à práxis linguística: desarticulações e rearticulações contra hegemônicas. **Linguagem em foco**, v. 2, n. 3, p. 69-84, 2010. <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1712>. Acesso em: 05 jul. 2025.

RAJAGOPALAN, K. 'World English' and the Latin analogy: Where we get it wrong. **English Today**, v. 25, n. 2, p. 49-54, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/english-today/article/abs/world-english-and-the-latin-analogy-where-we-get-it-wrong/B90E962695E43935BBEA703D7E1CF7F3>. Acesso em: 05 jul. 2025.

RAJAGOPALAN, K. O papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como língua estrangeira. In: SCHEYERL, Denise.; SIQUEIRA, Sávio. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade**: contestações e proposições. Salvador: Editora da UFBA, 2012. p. 57-82. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16424>. Acesso em: 05 jul. 2025.

SILVA, F. M. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 158-176, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/4xfG8MrF5LPr6bP78G5z65h/?lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2025

SIQUEIRA, D. S. P. (2012). Se o inglês está no mundo, onde está o mundo nos materiais didáticos de inglês? In: SCHEYERL, Denise; _____. (Orgs.) **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade**: contestações e proposições. Bahia: Editora da UFBA, p.311-353. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16424>. Acesso em: 05 jul. 2025

SOUZA, L. M. T. M; HASHIGUTI, S. T. Decolonialidade e (m) Linguística Aplicada: Uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. **Polifonia**, v. 29, n. 53, p. 149-177, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1343727>. Acesso em: 05 jul. 2025.

**REPRESENTAR PARA RESISTIR: A MULHER COM DIVERSIDADE FUNCIONAL
DIANTE DA VIOLÊNCIA EM *AS PRIMAS* (2022), DE AURORA VENTURINI**

Nadjane de Oliveira Santos¹

Debora Duarte Santos (orientadora)²

APRESENTAÇÃO:

A literatura contemporânea é um espaço de representação e resistência às normas sociais, as quais são consideradas construções herdadas pelo colonialismo, que ainda hoje moldam a cosmovisão dos sujeitos. Neste sentido, as representações literárias das mulheres com diversidade funcional em contextos de violência permitem compreender a escrita como gesto simbólico de resistência às influências coloniais sobre o corpo, gênero e capacidade.

Diante disso, torna-se importante analisar como essas representações são construídas em obras literárias específicas e quais sentidos manifestam-se desses corpos femininos atravessados pela colonialidade da capacidade. Por isso, este trabalho tem como objetivo analisar as representações da mulher com diversidade funcional diante do contexto de violência em *As primas* (2022), de Aurora Venturini – romance publicado originalmente em 2007, e traduzido em 2022 por Mariana Sanchez. Para tanto, o presente estudo adota a expressão “Pessoas com Diversidade Funcional (PDF)” – em vez de “Pessoa com deficiência (PcD)” –, apresentada no Fórum de Vida Independente, na Espanha, em 2005, considerando o reconhecimento à pluralidade de formas de funcionamento do ser humano (Canimas, 2015). Contudo é importante destacar que alguns autores utilizam o termo “Pessoa com deficiência”, razão pela qual esse termo aparecerá ao longo do texto.

De antemão, cabe sinalizar que esta pesquisa também envolve uma questão de ordem autobiográfica. Sou uma jovem negra com Paralisia Cerebral (PC), o que me traz limitações na fala e no lado esquerdo do meu corpo. Minha trajetória pessoal foi marcada pela descoberta da educação como espaço de afirmação de minha voz enquanto sujeito com diversidade funcional, desde os anos iniciais. Na graduação em Letras, já havia o desejo de investigar as representações literárias do sujeito com diversidade funcional, o que só se concretizou com a leitura *As primas*

¹ nosantos.ppgl@uesc.br.

² ddsantos@uesc.br.

(2022), obra que possibilitou refletir sobre as representações de mulheres com diversidade funcional e ampliar a visibilidade para outras mulheres na mesma condição.

Além disso, é importante mencionar que o interesse por *As primas* (2022) surgiu a partir da leitura do artigo “Ficciones de la discapacidad cognitiva en la novela hispánica: entre el estigma y la desestabilización”, de Soledad Pereyra e María Paula Salerno (2023). Nesse texto, as autoras analisam como *Las primas*, de Aurora Venturini, e *Lectura Fácil*, de Cristina Morales, representam mulheres com problemas cognitivos, o que acabou por despertar em mim o desejo de ler e analisar mais profundamente a obra *As primas* (2022).

O romance de Aurora Venturini é uma obra protagonizada por uma jovem disléxica – Yuna Riglos –, que tem problemas cognitivos e vive numa família composta por Betina, sua irmã cadeirante; e duas primas: Petra, que possui nanismo; e Carina, que tem polidactilia. Com uma trama ambientada em La Plata – cidade natal da escritora –, a protagonista Yuna compartilha sua história e a de sua irmã, Betina, e suas primas, Petra e Carina, mulheres abandonadas, obrigadas a lidar com diversidade funcional físicas e mentais, bem como a violência. Yuna usa um tom de humor ácido para narrar as histórias destes membros femininos e contar que Carina foi obrigada a abortar o feto gerado pelo estupro sofrido pelo seu vizinho. Petra virou prostituta após vingar o estupro de Carina. Betina foi abusada sexualmente pelo professor de arte da irmã. Logo, toda essa triste realidade de Yuna é transmitida nas suas pinturas, que lhe proporcionam a busca de sua verdadeira identidade e ascensão social.

Diante do exposto, a problemática que se constrói nesta pesquisa ampara-se nos seguintes questionamentos: como a obra *As primas* (2022), de Aurora Venturini, representa a mulher com diversidade funcional em contextos de violência e de que forma essa representação literária pode ser entendida como um gesto de resistência simbólica às normativas de gênero, corpo e capacidade herdadas do colonialismo?

O problema em questão tem como pressuposto a forma como a personagem Yuna internalizou o capacitismo afetando assim sua identidade e a maneira de enxergar tanto a si mesma quanto outras pessoas com diversidade funcional. Isso pode ser revelado quando ela culpa sua mãe por ter tido filhas dignas de reprovação, o que teria levado o pai a abandoná-las: “[...] Papai deve ter filhinhos normais e não estrupícios como os que ela teve e que éramos nós duas” (Venturini, 2022, p.24). Este pensamento capacitista se conecta diretamente com o conceito de colonialidade da capacidade³, termo adotado por Ferrari (2020), quem argumenta

³ termo traduzido de *colonialidad de la capacidad*.

que o colonialismo impõe um padrão normativo de corpo – produtivo, racional e eficiente – excluindo aqueles que não se enquadram nesse modelo.

A partir dessa problematização, torna-se necessário reconhecer que a internalização do capacitismo vai além da experiência pessoal, mas insere-se em um debate mais amplo sobre a influência do colonialismo nas subjetividades das mulheres com diversidade funcional e nas formas de violência que atravessam seus corpos. Desse modo, o que foi apresentado aqui serve como base para justificar a importância dos objetivos que serão traçados neste trabalho.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar as representações da mulher com diversidade funcional diante do contexto de violência *As primas* (2022), de Aurora Venturini.

Objetivos específicos

- Investigar como a narrativa constrói as subjetividades femininas com diversidade funcional marcadas pelo capacitismo);
- Verificar as formas de violência que atravessam os corpos femininos com diversidade funcional na obra;
- Compreender como a obra contribui para a reivindicação de um lugar na sociedade moderna para as mulheres com diversidade funcional.

JUSTIFICATIVA

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), existem 1 bilhão de pessoas que têm alguma deficiência no mundo, dados mostram a importância de ampliar a discussão sobre a representação desse grupo. Nesse sentido, a literatura contemporânea pode ser espaço de representatividade ao considerar que, como aponta Ludmer (2010), os textos contemporâneos rompem com a autonomia tradicional da obra literária e passam a se misturar com a vida cotidiana. É justamente nesse ponto que se torna importante analisar como determinados corpos são narrados nas produções literárias contemporâneas.

Na literatura contemporânea, é comum encontrar representações de pessoas com diversidade funcional ligadas à falta de autonomia e termos pejorativos. Bogoni (2020)

analisa os contos “O filho” e “Conto de amor”, que estão inseridos na obra *Amálgama* (2013), de Rubem Fonseca, nos quais a relação desumana entre os pais e filhos com deficiência evidencia o desprezo direcionado a esse grupo. Contudo, a autora também analisa as narrativas que enfatizam superação, como “O muro (2003)”, de Júlio Emílio Braz, que narra a história de um menino cadeirante que ultrapassa barreiras físicas e simbólicas ao jogar futebol com outros meninos sem deficiência.

Diante do exposto, esse estudo justifica-se pela originalidade de seu debate, tendo em vista que propõe verificar as representações da mulher com diversidade funcional no interior da obra de Venturini. Ademais, a relevância social desta pesquisa revela-se no sentido de dar visibilidade às experiências de corpos femininos com diversidade funcional, fortalecendo os atuais movimentos de reconhecimento e reintegração das vozes de grupos historicamente subalternizados.

APARATO TEÓRICO

Para analisar as representações da mulher com diversidade funcional diante do contexto de violência em *As primas* (2022), de Aurora Venturini, este trabalho está respaldado na discussão de Quijano sobre colonialidade, que no texto *Colonialidad y modernidad/racionalidad* (1992), argumenta que mesmo sem as colônias formais, o mundo ainda está organizado de maneira desigual, baseado nos valores, práticas estabelecidas pelo colonialismo. Apesar de haver outras formas de exploração, a colonialidade é uma das principais estruturas que organizam essas relações, influenciando profundamente a maneira como elas se constituem.

Diante disso, a pesquisa pretende investigar como a narrativa constrói as subjetividades femininas com diversidade funcional marcadas pelo capacitismo, o qual é compreendido como desdobramento da colonialidade da capacidade, denominado por Ferrari (2020), processo de apagamento e substituição das formas comunitárias de ética, cooperação, gestão de trabalho e dos recursos, bem como das cosmovisões latino-americanas, por parte do pensamento moderno colonial.

Segundo a autora, o pensamento colonial/moderno apagou ou destruiu os modos de organização dos povos originários latino-americanos, baseados na reciprocidade e cooperação, obrigando a trabalhar todas as pessoas que formavam parte da comunidade. Com isso, antes da colonização, deficiência era associada a prestígio e respeito, em sociedade como

a maia (Ferrari, 2020).

Assim, a ciência moderna, de forma exagerada, acaba criando e impondo a ideia de inferioridade biológica – como doença e defeito – tomando como referência os padrões do sujeito europeu (Ferrari, 2020). Neste sentido, o Modelo Médico da Deficiência a define como consequência natural de uma lesão no corpo, e a pessoa deve ser objeto de cuidados biomédicos (Diniz, 2007).

No entanto, esse paradigma de se pensar a diversidade funcional foi reformulado após a consolidação da Liga dos Lesados Físicos Contra Segregação (Upias), em 1976, dando origem ao modelo social da deficiência, idealizado por Michael Oliver, que passou a entender a deficiência como forma específica de opressão social decorrente de um ambiente social hostil à diversidade física (Diniz, 2007). Porém, essa primeira geração ainda mantinha valores tradicionais como produtividade. Nos anos de 1999 e 2000, com a influência das abordagens pós-modernas e de críticas feministas, surgiu a segunda geração desse modelo, que segundo Diniz (2007), trouxe importantes contribuições feministas: a crítica à supervalorização da independência, propondo a interdependência como princípio da igualdade; o reconhecimento da dor ou sofrimento do corpo; e a valorização do cuidado, ressaltando a importância das cuidadoras e a centralidade do cuidado como questão de justiça.

É importante ressaltar que esse trabalho adota a expressão “pessoa com diversidade funcional”, desloca o foco do corpo que “falha” para a responsabilidade de uma sociedade que não acolhe a diversidade. Como destacam Menezes *et. al* (2016) as pessoas com diversidade funcional têm competências e habilidades para realizar as mesmas atividades que as demais, ainda que utilizem caminhos diferentes.

Outro ponto que pretendemos discutir é a violência de gênero, respaldada em Rita Segato (2003, p.21), que traz o termo *violación cruenta* que se refere a uma forma de violação que não busca apenas prazer sexual, mas sim demonstrar poder e reforçar hierarquias sociais e de gênero. Essa perspectiva ajuda a explicar o motivo das mulheres com diversidade funcional serem especialmente vulneráveis. De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (2021), elas podem ser 10 vezes mais afetadas para violência sexual em comparação com as mulheres sem deficiência. Esse dado evidencia como a mulher com diversidade funcional é frequentemente percebida como alvo de violência que reafirmam estruturas de poder e exclusão.

Diante disso, ao propor analisar as representações da mulher com diversidade funcional diante do contexto de violência em *As primas* (2022), de Aurora Venturini, esse trabalho pretende dialogar com as mulheres com diversidade funcional da atualidade, que

buscam construir uma identidade mais igualitária. Para tanto, fundamenta-se nas discussões das autoras Josefina Ludmer e Florencia Garramuño. A primeira, em seu texto *Temporalidad de la nación* (2010), caracteriza a literatura contemporânea como pós-autônoma, porque os textos literários contemporâneos tornaram-se uma intervenção da realidade, e não apenas uma representação simbólica, mesclando a ficção com a realidade ou escrita com a vida.

Dessa forma, é possível analisar *As primas* (2022) não apenas como uma obra de ficção, mas também como uma narrativa cuja trama encontra-se ancorada no real. Em *Aurora Venturini, la maldita*, uma entrevista concedida a José Tcherkaski y María José Seoane, a autora argentina afirma que: “Com *As primas*, todos perceberam quem eu sou⁴” (2016, p.13, tradução nossa), revelando a presença de elementos autobiográficos na obra.

No entanto, essa realidade fragmentada presente nos textos literários contemporâneos é incompleta. Como defende a autora Florencia Garramuño, em seu texto *La opacidad de lo real* (2008), a literatura contemporânea narra o “resto do real”, pois está preocupada em registrar as experiências parciais, falhas e subjetividade.

Desse modo, buscaremos decolonizar o pensamento moderno sobre o corpo com diversidade funcional nos amparamos na discussão de Ferrari (2023, *apud* Dirth e Adams, 2019), que apresenta duas estratégias para que isso aconteça: normalização da deficiência e desnaturalização do conceito de capacidade. A primeira diz a respeito de reconhecer como legítimos os modos de viver das pessoas que foram historicamente classificadas como doentes ou anormais na modernidade. Já a segunda expõe que a noção de capacidade foi moldada por experiências do Norte Global, na maioria pessoas brancas e privilegiadas. É necessário ressignificar esse conceito a partir das realidades do Sul Global, considerando os efeitos da colonização que impactam na vida das pessoas.

O presente projeto pretende, assim, contribuir para as pesquisas destinadas às representações de pessoas com diversidade funcional na literatura contemporânea. Durante a busca no Google Acadêmico e Scielo, foram encontradas análises feitas sobre os personagens com diversidade funcional visual na literatura brasileira contemporânea (Viana, 2019), e personagens com diversidade funcional cognitiva e física presentes na literatura hispano-americana contemporânea (Pereyra e Salerno, 2023; Morrison, 2010; Gasel, 2020). Ademais, esse estudo também pretende cooperar com as análises desenvolvidas sobre o romance supracitado, nas quais, no atual momento, se encontram em língua espanhola (Gasel, 2020; Kaplan, 2021; Markov, 2021).

⁴ “Con Las primas todos se dieron cuenta de quién soy yo”, dice Aurora.

METODOLOGIA

Por tratar-se de uma análise literária, a metodologia adotada será qualitativa (Sousa; Nascimento, 2016), centrada na interpretação do texto a partir das estruturas internas e das relações simbólicas presentes em *As primas* (2022), de Aurora Venturini, bem como incorpora o procedimento bibliográfico, analisando artigos e livros com base teórica para auxiliar no exercício reflexivo e crítico sobre o tema.

A primeira etapa consiste no estudo da obra literária, de modo a investigar como a narrativa constrói as subjetividades das personagens Yuna, Betina, Carina e Petra, a partir da noção de capacitismo – termo relacionado a colonialidade da capacidade, adotado pela Ferrari (2020) –, visando, assim, discutir as representações literárias da mulher com diversidade funcional.

A segunda etapa consiste em verificar as formas de violência que atravessam os corpos femininos com diversidade funcional, fundamentando-se nas discussões sobre violação propostas por Segato (2003). Em seguida, trataremos de compreender como a obra de Venturini contribui para a reivindicação da identidade das mulheres com diversidade funcional na sociedade contemporânea.

Para tanto, a pesquisadora está lendo textos que abordam sobre a relação entre a subjetividade da PDF e a colonialidade (Ferrari, 2020; Ferrari, 2023; Mello, 2021; Diniz, 2007; Canimas, 2015). Também estuda a Lei N°. 13.146/2015 (Brasil, 2015) e Atlas de violência 2024 (Cerqueira, 2024), documentos que tratam sobre a inclusão da PDF e a violência contra mulheres com diversidade funcional no Brasil, respectivamente.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa pretende explorar, de forma mais aprofundada, o entendimento crítico sobre o capacitismo como desdobramento da colonialidade da capacidade, que ainda hoje molda as relações da sociedade moderna. Também, espera compreender a expressão “pessoas com diversidade funcional”, analisando como essa expressão afirma novas formas de existência e pertencimento social. Espera-se, portanto, que o trabalho contribua para os estudos decoloniais das deficiências, refletindo sobre a valorização da diversidade humana e desafiando a lógica opressora que opera nas práticas sociais. Objetiva-se, por fim, aproximar o debate social às representações da mulher com diversidade funcional presentes na literatura hispano-americana contemporânea, favorecendo a construção de um diálogo com mulheres

com diversidade funcional na realidade.

REFERÊNCIAS

ÁVALOS, E. Discapacidad, feminismo y sexualidad en *Sangre en el ojo* de Lina Meruane. **Revista de Estudios de Género y Sexualidades**, v. 44, n. 1, p. 37-48, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14321/jgendsexustud.44.1.0037>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 13.146/2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 2 jul. 2025.

BOGONI, R.M. **A representação da deficiência em narrativas ficcionais: um estudo comparado sobre as diferenças na literatura**. 2020. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/41a64858-8aaa-4d65-be77-84e27360bb04>. Acesso em: 15 nov. 2025.

CANIMAS, J.B. ¿Discapacidad o diversidad funcional?. **Siglo Cero**: Madrid, vol. 46, n. 2. abr. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10366/131883>. Acesso em: 2 jul. 2025.

CERQUEIRA, D. BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 7-89.

FERRARI, L. Deficiência, Linguagem e Decolonialidade: e se pensássemos o mundo a partir da deficiência?. In: IFA, Sérgio; MENICONI, Flávia Colen.; NASCIMENTO, Ana Karina de Oliveira (Orgs.). **Linguística aplicada na contemporaneidade**: práticas descoloniais, letramentos críticos e discurso no ensino de línguas. Pontes Editores: Campinas, p. 68–87, 2023.

FERRARI, M. B. Feminismos descoloniales y discapacidad: hacia una conceptualización de la colonialidad de la capacidad. **Nómadas**: Bogotá, n. 52, p. 115-131, Jan./Jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30578/nomadas.n52a7>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GARRAMUÑO, F. La opacidad de lo real. In: **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, 18(2), 199–214, 2008.

GASEL, A. F. Posiciones de los sujetos con discapacidad en la narrativa argentina reciente. Inclusión, integración, diferenciación. In: Peter Lang (Ed). **Inclusión, integración, diferenciación. La diversidad funcional en la literatura, el cine y las artes escénicas**. Berlim, p. 183-199, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=857375>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KAPLAN, B. Cuerpo, resistencia y sujeción en *Las Primas* de Aurora Venturini. **CoReLA**: Argentina, n. 6, p. 87-96, 2021. Disponível em: <https://ojs.filo.unt.edu.ar/index.php/confabulaciones/article/view/475>. Acesso em: 28 ago. 2024.

LUDMER, J. Temporalidades de la nación. In: **Aquí América Latina: una especulación**. 1. ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

MARKOV, A. M. Narrar desde los márgenes: la invisibilidad del cuerpo y la mirada del *voyeur* en Las primas de Aurora Venturini. In: **II Jornadas de Estudiantes Investigadorxs de Letras**, Buenos Aires. 2021. Disponível em:

<http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/JEIL/IIJEIL/paper/viewFile/5830/3560>.

Acesso em: 28 ago. 2024.

Mello, A. G. *Corpos (in)capazes*. 2 ed. **Jacobin Brasil**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/02/corpos-incapazes/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MENEZES, J. *et al.* A abordagem da deficiência em face da expansão dos direitos humanos. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 17, n. 2, p. 551-572, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53655>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MORRISON, A. E. *Cuerpos latinoamericanos: La discapacidad fundacional en la novela hispanoamericana 1847–1958*. **State University of New York at Buffalo**, 2010.

ONU NEWS. **Mais de 1 bilhão de pessoas no mundo vivem com algum tipo de deficiência** 3 dez.2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1649881>. Acesso em: 28 ago. 2024.

EREYRA, S.; SALERNO, M. P. Ficciones de la discapacidad cognitiva en la novela hispánica contemporánea: entre el estigma y la desestabilización del canon. **Revista de análisis cultural**, Kamchatka., n. 22, p. 685-711, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.7203/KAM.22.26118>. Acesso em: 28 ago. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

ROCHA, E.F. *Corpo Deficiente: Um Desvio da Norma?* **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, p.182-187, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/224478/204024>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SEGATO, R.L. **Las estructuras elementales de la violencia**: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SOUSA, F.L.L.; NASCIMENTO, F.P. **Metodologia da Pesquisa Científica**: Teoria e Prática (Monografia, Dissertação, Tese, Artigo) - Como Elaborar TCC. Brasília: Thesaurus, 2015. *E-book*.

TCHERKASKI, J.; SEOANE, M. J. **Aurora Venturini, la maldita**: una larga conversación. Lugar Editorial: Buenos Aires, 2016.

UNFPA. **Mujeres y jóvenes con discapacidad**: Directrices para prestar servicios basados en derechos y con perspectiva de género para abordar la violencia basada en género y la salud y los derechos sexuales y reproductivos. New York: UNFPA, 2018.

Disponível em:

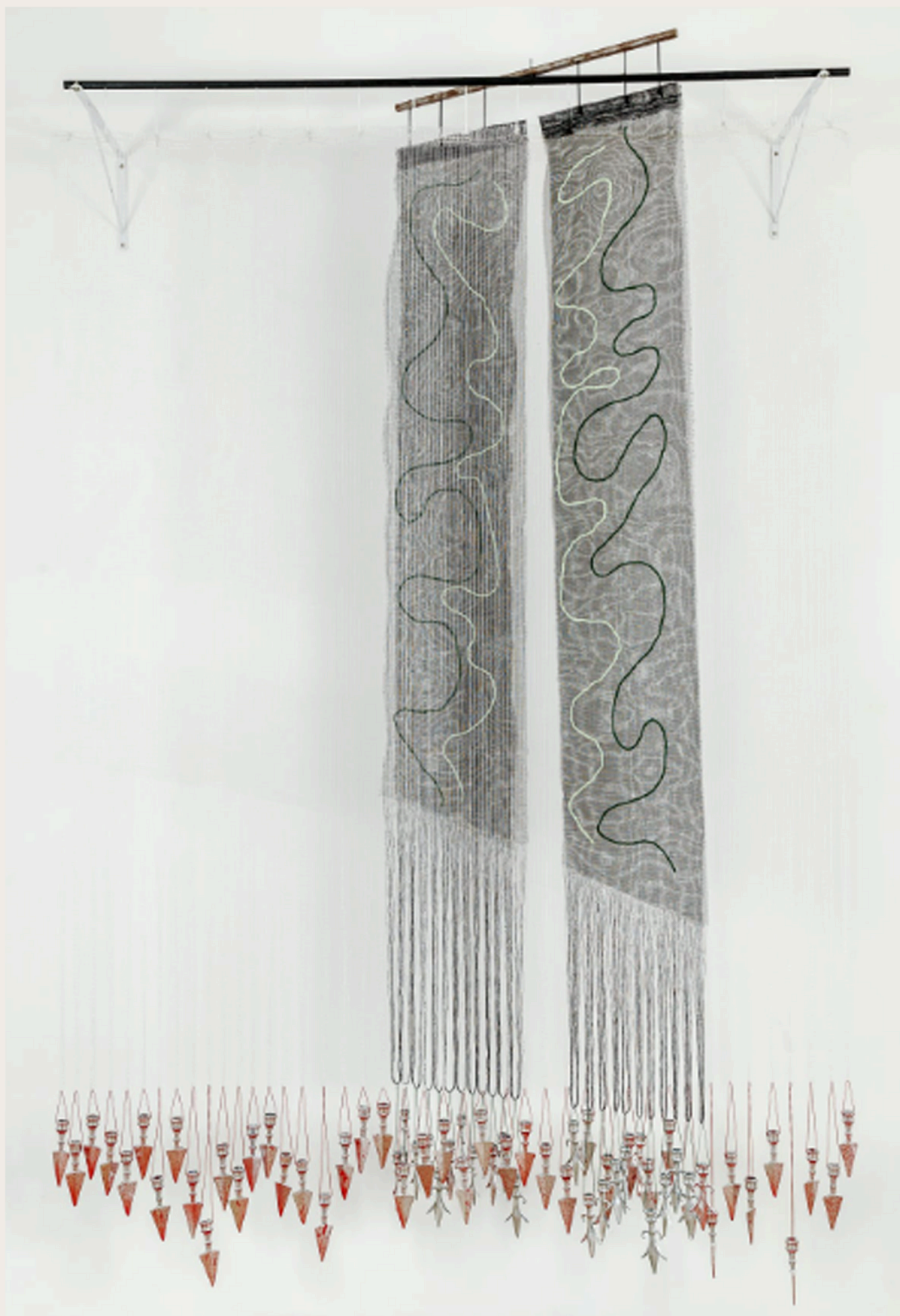
https://unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Disability_Guidelines_in_Spanish. Acesso em: 20 mai. 2025.

VENTURINI, A. **As primas**. Tradução Mariana Sanchez. São Paulo: Fósforo Editora, 2022. *E-book*.

VIANA, L. S. e. **Um estudo de representações da deficiência visual na literatura brasileira contemporânea**. 2018. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29542>. Acesso em: 20 mai. 2025.

PALAVRAS-CHAVE: Aurora Venturini. Colonialidade da capacidade. Pessoa com diversidade funcional. Violência.

Vivian Caccuri, Pagode Igarapé, 2020. Barra de ferro, tela mosquiteiro, cordão de nylon, linhas de algodão e barras de alumínio. 235 x 156 x 52 cm.



LINHA B

ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM)



“DE QUEM É O ALUNO SURDO NAS ESCOLAS REGULARES”? UM ESTUDO SOBRE A GOSTATIVIDADE NA VIVÊNCIA ESCOLAR DESSES ESTUDANTES

Ádila Beatriz Rodrigues S. Andrade¹
Nair Floresta Andrade Neta
(orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O projeto de pesquisa intitulado “*De quem é o aluno surdo nas escolas regulares? Um estudo sobre a gostatividade na vivência escolar desses estudantes*” propõe investigar as experiências educacionais e afetivas de alunos surdos no contexto das escolas regulares do município de Itabuna-BA em seu processo de inclusão. A proposta surge da necessidade de compreensão, sob diferentes perspectivas, de como a inclusão de alunos surdos vem se configurando no contexto investigado e de que maneira esse processo repercute na vivência escolar desses alunos, com especial atenção à gostatividade como fenômeno afetivo, um conceito emergente que será abordado mais adiante.

A pesquisa se insere no campo da educação inclusiva, com ênfase na formação afetiva, social e linguística dos alunos surdos, e na relação que se estabelece entre o professor, o intérprete de Libras, a escola e o próprio aluno, considerando que diferentes dimensões humanas e políticas presentes no cotidiano escolar atravessam a experiência desses estudantes.

O estudo se fundamenta no conceito da gostatividade, desenvolvido por Andrade Neta (2011; 2014; 2016), definido como uma emoção espontânea, de origem inconsciente, construída a partir de experiências relacionais com o objeto desencadeador, manifestada no processo de aprendizagem e que influencia diretamente o prazer e o vínculo do aluno com o ato de aprender. A gostatividade emerge na tríade formada pela relação aluno–professor–escola, constituindo-se como um fenômeno que expressa o quanto o ambiente educativo é capaz de mobilizar sentimentos de envolvimento, interesse e satisfação no processo de

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

construção do conhecimento. A partir dos estudos desenvolvidos até o momento, pela autora do conceito e outras pesquisadoras como Gomes (2018), Guimarães (2020) infere-se que, quando o aluno vivencia práticas pedagógicas significativas e acolhedoras, sua gostatividade tende a ser positiva; quando enfrenta barreiras de comunicação, exclusão ou invisibilidade, tende a ser negativa, gerando afastamento do objeto de aprendizagem e de seus mediadores.

Embora o Brasil disponha de um importante marco legal que reconhece os direitos da comunidade surda, como a Lei nº 10.436/2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta o ensino bilíngue e define a formação de professores e intérpretes, a realidade das escolas demonstra que a inclusão plena ainda é um desafio. Persistem situações em que o aluno surdo não tem acesso a materiais adaptados, enfrenta carência de profissionais qualificados e é visto como “responsabilidade” de um único agente escolar, o que evidencia a ausência de uma prática coletiva e colaborativa (Apolinário, Oliveira e Lima, 2015; Lacerda, 2005).

Essa distância entre o discurso legal e a prática pedagógica real evidencia uma lacuna importante no cotidiano escolar, especialmente quando se observa como a gostatividade atravessa a experiência do aluno surdo. Nesse cenário, torna-se relevante a seguinte problematização: como a gostatividade dos alunos surdos se manifesta nas relações, nas práticas e nas dinâmicas institucionais da escola, e de que modo a compreensão e a implementação da política de inclusão, por parte de diferentes agentes, influenciam no fortalecimento ou enfraquecimento da gostatividade desses alunos?

OBJETIVOS

- **Objetivo Geral:**

Investigar, a partir de diferentes olhares, como se configura a gostatividade na vivência escolar de alunos surdos e como essa configuração é atravessada pelas formas de compreensão e implementação do processo de inclusão desses alunos na escola regular.

- **Objetivos Específicos:**

- a) Verificar como se manifesta a gostatividade nas relações afetivas, cognitivas e sociais entre o aluno surdo e a comunidade escolar

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

- b) Identificar as práticas pedagógicas, comunicacionais e relacionais que constituem o cotidiano escolar e que podem favorecer ou fragilizar a gostatividade dos alunos surdos.
- c) Analisar como a política de inclusão de alunos surdos é compreendida e implementada pela escola, a partir da perspectiva de professores, gestores e demais agentes escolares, e como essa implementação repercute na gostatividade desses alunos.

JUSTIFICATIVAS

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre o processo de inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares, considerando as dimensões afetivas, linguísticas, pedagógicas e institucionais que permeiam essa vivência.

O Brasil avançou consideravelmente no campo das políticas de inclusão com a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005. No entanto, quanto à efetivação desses marcos legais as escolas ainda enfrentam desafios estruturais, como: à ausência de profissionais capacitados, à carência de intérpretes, à falta de materiais acessíveis e, sobretudo, à indefinição da responsabilidade institucional pela aprendizagem do aluno surdo.

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como o aluno surdo vivencia a escola, não apenas em termos cognitivos, mas também emocionais e relacionais. É nesse contexto que o conceito de gostatividade, Andrade Neta (2011; 2014), adquire relevância singular. No caso dos alunos surdos, suspeitamos que a gostatividade pode ser profundamente afetada pela presença ou ausência de acessibilidade comunicacional, pela valorização (ou negação) da Libras e pelas atitudes pedagógicas adotadas.

No estudo de Gomes (2018), a gostatividade aparece como um elemento central para compreender a relação entre emoção, leitura e aprendizagem, retomando o conceito de Andrade Neta (2011, 2014). Gomes mostra que propostas didáticas que mobilizam experiências estéticas, como o uso da música, despertam emoções positivas que ampliam o prazer pela leitura, revelando que a gostatividade se manifesta na articulação entre práticas pedagógicas significativas e vínculos afetivos.

Nas buscas que vimos realizando para a construção do estado da arte deste estudo, não foram encontrados estudos tematicamente relacionados com a nossa proposta, no que concerne à gostatividade escolar de alunos surdos. Portanto, até onde conseguimos averiguar, há escassez de estudos sobre a dimensão afetiva dos processos de ensino e aprendizagem do aluno surdo e há provável inexistência de estudos específicos sobre a gostatividade, aplicada a

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

esse campo de estudos, o que corrobora a necessidade de nossa pesquisa. Por fim, a relevância desta investigação culmina com o seu potencial de dar voz aos próprios sujeitos da inclusão, alunos surdos e profissionais da educação, permitindo compreender a gostatividade no cotidiano escolar.

APARATO TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA

A fundamentação teórica do estudo ancora-se em autores que tratam das dimensões linguísticas, cognitivas, políticas e afetivas do processo educativo de pessoas surdas, bem como da alfabetização, letramento e educação bilíngue.

Soares (1999; 2016) define o letramento como a condição de quem, além de saber ler e escrever, utiliza a leitura e a escrita em práticas sociais significativas, distinguindo-o da alfabetização, que corresponde apenas ao domínio técnico da língua. Essa diferença é reforçada por Tfouni (1988), que apresenta o letrado como aquele que faz uso social e funcional da linguagem.

No contexto da educação de surdos, Almeida (2015) e Fernandes (2003) destacam que o ensino da leitura e da escrita deve ter como base a Libras, reconhecida como primeira língua, e o português escrito como segunda língua, respeitando as especificidades linguísticas e cognitivas desse público. Essa perspectiva bilíngue é amparada pelo Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a formação de professores e de intérpretes e orienta a criação de turmas bilíngues para alunos surdos.

Anteriormente, Quadros (2005) já ampliava esse entendimento ao afirmar que o bilinguismo ultrapassa o campo estritamente linguístico, envolvendo dimensões políticas e culturais, e que a escola inclusiva, muitas vezes, ainda adota uma lógica assimilacionista, centrada no português, o que marginaliza o aluno surdo.

Nesse debate sobre a diferença no contexto escolar, Candau (2012) contribui ao evidenciar que a cultura escolar moderna foi historicamente construída sobre ideais de homogeneidade, o que resultou na invisibilização de diferenças culturais, linguísticas, religiosas, corporais e identitárias. Para a autora, embora o discurso pedagógico contemporâneo valorize a diversidade, as práticas cotidianas ainda operam sob uma lógica monocultural que trata a diferença como problema ou desvio a ser superado, a autora propõe que a escola reconheça a diferença como construção sócio-histórica e como potência, criando condições pedagógicas.

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

Nesse sentido, o debate proposto por Almeida (2025) sobre as contradições entre o discurso oficial de inclusão e a realidade vivida nas escolas brasileiras contribui para aprofundar a compreensão deste estudo. Ao analisar o Decreto nº 12.686/2025, o autor evidencia que, embora a legislação avance ao reafirmar direitos e princípios inclusivos, ainda persiste uma distância significativa entre o texto normativo e a materialidade do cotidiano escolar, marcada por fragilidades estruturais, ausência de recursos, barreiras comunicacionais e práticas que continuam ancoradas na lógica da normalização. Tal reflexão é essencial para compreender como essas tensões afetam diretamente as vivências dos alunos surdos e, especialmente, a gostatividade, dimensão central desta pesquisa.

Além dessa discussão, Almeida (2025) também contribui ao articular a Filosofia da Diferença às existências surdas e surdocegas, defendendo que a diferença não deve ser compreendida como ausência ou deficiência, mas como potência criadora. O autor pontua que a escola, historicamente estruturada pela norma, tende a capturar e a disciplinar corpos dissidentes, como o corpo surdo, restringindo formas próprias de expressão e produção de sentido. Afirmando que a linguagem (incluindo a Libras e a Libras Tátil) é um território de resistência e invenção, o autor amplia a compreensão sobre como os processos escolares podem favorecer ou comprometer o vínculo afetivo e o prazer de aprender, elementos que se articulam diretamente ao conceito de gostatividade.

O conceito de gostatividade, por Andrade Neta (2011, 2014, 2016), é o eixo central deste trabalho. Ele, expressa o prazer ou o desprazer que o aluno sente diante do ato de aprender. Em sala de aula, ele traduz o vínculo afetivo entre professor e aluno, aluno e aluno, aluno e objeto de conhecimento, e pode ser decisiva para a permanência e o engajamento estudantil.

Tanto Gomes (2018) quanto Guimarães (2020) aprofundam essa perspectiva ao compreenderem a gostatividade como um fenômeno afetivo central, estruturado a partir da definição de Andrade Neta (2011). Ambas as autoras defendem que o “gostar” é uma força mobilizadora que orienta o modo como o sujeito se relaciona com o conhecimento, favorecendo o interesse, o engajamento e a permanência nas práticas de leitura e escrita. Enquanto Gomes (2018) evidencia a relevância da gostatividade nas experiências leitoras mediadas pela música, Guimarães (2020) demonstra sua potência na produção textual, especialmente quando associada ao Conto Fantástico, ampliando a disposição para escrever, reduzindo resistências e qualificando o processo de criação. Assim, as duas autoras convergem ao demonstrar que a gostatividade constitui um motor afetivo-pedagógico capaz

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

de fortalecer vínculos positivos entre aluno, professor e objeto de estudo, potencializando aprendizagens significativas.

Autores como Bakhtin (2006) e Volóchinov (2017) proporcionam potenciais considerações para complementar o entendimento da gostatividade como um fenômeno socialmente construído, ao destacarem que a linguagem é um fenômeno social e dialógico, e que o sentido é construído na interação entre sujeitos. No discurso inclusivo, cabe destacar que o aluno surdo, como sujeito de relações, embora valendo-se inicialmente de uma língua diferente, é tão humano e suscetível de ter emoções como os demais seres humanos ouvintes. Desse modo, a aprendizagem, especialmente para o aluno surdo, não se limita a aspectos cognitivos, mas envolve afetividade e comunicação, dimensões fundamentais para que a escola seja um espaço de inclusão real.

Ademais disso, Skliar (2017) ressalta que a escola não possui um modelo fixo e acabado, sendo definida por suas relações cotidianas. Para ele, é preciso reconhecer que as instituições ainda não estão plenamente preparadas para o acolhimento do aluno surdo e devem se reorganizar continuamente para tornarem-se inclusivas. Essa reorganização passa pela valorização da Libras, pela formação continuada de professores e pela criação de práticas pedagógicas que contemplem a diversidade linguística e cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base nos pressupostos de Marconi e Lakatos (2007), por buscar compreender em profundidade os fenômenos humanos e suas dimensões subjetivas e afetivas. Trata-se de uma investigação, de natureza interpretativa, configurando-se como um estudo de caso múltiplo (Marconi e Lakatos 2007), porque envolve vários participantes, provenientes de 10 categorias: 6 professores que estão atuando com alunos surdos, 6 professores que já tiveram alunos surdos, 4 diretores de escolas que estejam com alunos surdos matriculados, 1 diretor de escola, que não estejam com alunos surdos matriculados, 4 coordenadores de escolas que estejam com alunos surdos matriculados, 1 coordenadores de escola, que não estejam com alunos surdos matriculados, 3 interpretes de Libras, 2 professores bilíngues, 4 alunos surdos que ainda estudam, 3 Surdos que já saíram da escola e concluíram.

A emoção investigada é a gostatividade, analisada a partir das relações que se constroem entre aluno, professor, intérprete de Libras e escola. As informações serão

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

produzidas por meio de entrevistas em áudio (para ouvintes) e vídeo (surdos), permitindo captar não apenas o conteúdo verbal das narrativas, mas também elementos gestuais, expressivos e afetivos que compõem a experiência bilíngue desses sujeitos.

Embora o grupo de participantes inclua estudantes surdos que ainda estão matriculados e outros que já concluíram sua trajetória escolar, essa composição não descaracteriza o enquadramento metodológico como estudo de caso múltiplo. Assim, mesmo aqueles que já deixaram a escola permanecem como sujeitos legítimos de investigação, na medida em que produzem narrativas capazes de iluminar o fenômeno estudado.

A coleta de dados será dividida em duas fases:

1. Aplicação de questionários on-line (Google Forms), com perguntas abertas e fechadas sobre percepções de responsabilidade institucional, sobre práticas de inclusão e sobre experiências afetivas;
2. Entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, gravadas em áudio (para ouvintes) e vídeo (para surdos), mediante consentimento prévio.

A análise dos dados será conduzida segundo a Análise de Conteúdo Simplificada (Guerra, 2008), permitindo identificar categorias emergentes relacionadas à responsabilidade pela inclusão, à experiência afetiva e à manifestação da gostatividade. Para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, será utilizada a triangulação dos dados, integrando as informações obtidas nos questionários e entrevistas.

DISCUSSÃO

A discussão parte da compreensão de que a inclusão do aluno surdo não se concretiza apenas pela inserção física no ambiente escolar, mas pela execução de práticas bilíngues, afetivas e participativas que assegurem a comunicação, o reconhecimento e o sentimento de pertencimento. Nesse contexto, a Libras assume papel central, pois é por meio dela que o estudante surdo se reconhece e se constitui como sujeito. Quando essa língua é desconsiderada, a escola corre o risco de perpetuar processos de exclusão silenciosa e invisibilização.

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

A gostatividade, Andrade Neta (2014), surge como categoria fundamental para analisar o modo como o aluno surdo se relaciona com o aprendizado e com o ambiente escolar. Essa emoção, traduz o prazer ou o desprazer de aprender, e reflete a qualidade das relações entre o aluno, o professor e a instituição. Como resposta provisória à problematização, pensamos que, quando o aluno surdo se sente acolhido, reconhecido e compreendido, a gostatividade se manifesta de forma positiva, despertando engajamento, entusiasmo e autoconfiança. Em contrapartida, a ausência de sensibilidade pedagógica, de recursos acessíveis e de valorização da Libras tende a gerar uma gostatividade negativa ou aversiva, marcada pela frustração e pelo desinteresse. Espera-se identificar os fatores que favorecem o prazer de aprender e os que dificultam o vínculo com a instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno Surdo. Gostatividade. Vida Escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wolney Gomes (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus, BA: Editus – UESC, 2015.

¹ALMEIDA, Wolney Gomes. **Entre o discurso e a realidade: o Decreto nº 12.686/2025 e as contradições da educação inclusiva no Brasil**. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. XIX, n. 19, 2025.

ALMEIDA, Wolney Gomes. **A filosofia da diferença e as dissidências corporais: linguagem, educação e existência surda/surdocega**. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. XX, n. 20, 2025.

ANDRADE NETA, Nair Floresta. **Se gosto, gosto. Se não gosto, não gosto. E isso influencia mesmo? Um estudo da dimensão afetiva na formação docente**. In: *Anais do SBL – Simpósio Brasileiro de Letras e Linguística*, 2014.

ANDRADE NETA, Nair Floresta. **La gustatividad en la formación docente: un fenómeno afectivo emergente**. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 18, n. 2, p. 92-104, 2016.

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

APOLINÁRIO, Maria José da Silva; OLIVEIRA, Alda Suzana Souza de; LIMA, Ana Cláudia Ferreira. **Educação de surdos: o processo de construção do intérprete de Libras junto ao aluno surdo**. Universidade Estadual da Paraíba, 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso).

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 ago. 2024.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escolar e cultura(s): multiculturalismo, universalismo e currículo**. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (org.). *Didática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009. p. 242–256.

FERNANDES, Sueli de Fátima. **Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

GOMES, Emiliane Santana. **Leitura, música e emoção: uma proposta didática para os anos finais do ensino fundamental**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Cascais, Portugal: Principia, 2008.

GUIMARÃES, Roberta Leal Lopes. **A gostatividade e a produção de contos fantásticos nas aulas de Língua Portuguesa**. 2020. 162 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2020.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O intérprete de língua de sinais em sala de aula: experiência de atuação no ensino fundamental**. *Contrapontos*, Itajaí, v. 5, n. 3, p. 353-367, set./dez. 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos**. In: _____. *Surdez e bilingüismo*. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. v. 1, p. 26-36.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

¹ abrsandrade.ppgl@uesc.br

² nandrade@uesc.br



A MULTIFUNCIONALIDADE DO VERBO PEGAR na rede social X: uma análise construcional

Larissa Gomes de Jesus¹

Gessilene Silveira Kanthack (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Ao ensinar gramática, a escola costuma adotar uma perspectiva normativa centrada na norma culta, privilegiando o padrão linguístico da alta tradição literária e desconsiderando a variedade que o aluno de fato domina em seu cotidiano. Esse desalinhamento faz com que a língua ensinada pareça distante e estranha, alimentando mitos, como a ideia de que o português é difícil e de que os brasileiros não sabem falar corretamente (Bago, 2006). Nessa abordagem, difunde-se a noção de classes gramaticais rígidas e bem delimitadas, como no caso do verbo, definido por Bechara (2006) como unidade essencial que expressa ações e se flexiona em modo, tempo, pessoa e número, e por Cunha e Cintra (2001) como núcleo do predicado. Porém, tais definições se restringem a critérios morfosintáticos e pouco consideram propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, que são fundamentais para compreender o funcionamento real dos verbos e das unidades linguísticas que eles selecionam.

O reconhecimento de propriedades, além daquelas previstas tradicionalmente, é necessário para se compreender efetivamente o uso que os falantes fazem das palavras, em particular, o verbo, objeto de nossa pesquisa. Como amostra dessa classe, elegemos o verbo *pegar* que, a partir de observações empíricas de dados reais do português brasileiro contemporâneo, evidencia um caráter multifuncional dadas as combinações formadas em diferentes estruturas. São alguns exemplos: “Aí eu peguei e falei”, “Ele pega e escreve”, “pegou ranço” “pegou raiva”, “pegar no tranco”, “peguei uma gripe” e “ela pegou chuva ao sair de casa”. Nessas construções, *pegar* parece não mais codificar uma ação física concreta (sentido prototípico de segurar), mas atuar como um elemento de valores semântico-pragmáticos expandidos; ou seja, o verbo é usado não apenas com funções lexicais,

¹ lgjesus.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² gskanthack@uesc.br

mas também com funções gramaticais, refletindo, nas novas funções, a capacidade de o falante ajustar a forma às diversas situações de comunicação.

Motivadas por essa constatação, propomos a presente pesquisa, orientada pela seguinte questão: quais são as propriedades formais e funcionais que caracterizam os usos do verbo *pegar* na rede social X? Partimos da hipótese de que, no plano formal, haverá uma diversidade de itens lexicais associados ao verbo e distintos graus de integração sintática, em função da presença ou ausência de adjuntos; no plano funcional, pressupomos que esses usos se vinculem a diferentes funções semânticas e a variados contextos discursivos. Para alcançar esse objetivo, tomamos como *corpus* micromensagens publicadas na rede social X (antigo Twitter), por entendermos que esse ambiente oferece acesso privilegiado ao uso do português brasileiro contemporâneo em interações dinâmicas e orgânicas, permitindo observar como a linguagem se manifesta, se modifica e reflete padrões e variações do uso linguístico na sociedade atual.

Ao investigar o verbo *pegar*, busca-se mostrar como ele se desloca de sentidos literais para usos mais abstratos, assumindo diferentes funções sintático-semânticas e revelando a natureza dinâmica da língua, moldada pelas necessidades comunicativas dos falantes (Kanthack, 2017). Reconhecer esses processos de alteração formal e funcional é fundamental no contexto escolar, pois favorece um ensino mais rico e contextualizado de língua portuguesa, em que os alunos possam compreendê-la como um sistema vivo e em constante transformação.

Para embasar teoricamente a investigação, adotamos a Gramática de Construções (GC) (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), que concebe a língua como um sistema dinâmico e emergente, no qual a estrutura está estreitamente vinculada aos contextos de uso e os padrões são ajustados às necessidades comunicativas dos falantes, sendo muitos deles descritos de forma mais adequada por meio do pareamento forma-função. Nessa perspectiva, Rosário e Oliveira (2016) defendem o tratamento integrado entre forma e sentido, ao afirmarem que propriedades formais e funcionais se implicam mutuamente, o que permite uma compreensão mais ampla dos fenômenos linguísticos e uma análise mais detalhada e sistemática do uso da língua.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Investigar propriedades formais e funcionais que caracterizam os usos do verbo *pegar* na rede social X.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Buscar, no *corpus*, as ocorrências do verbo *pegar*;
- Descrever aspectos da forma, levando em conta as configurações morfosintáticas das construções instanciadas;
- Identificar as nuances semânticas e pragmáticas evidenciadas pelo uso do verbo;
- Reconhecer os contextos discursivos em que o verbo ocorre;
- Analisar a natureza das construções a partir das propriedades de esquematicidade, composicionalidade;
- Atestar a produtividade das construções a fim de verificar o grau de rotinização/convencionalização na língua.

JUSTIFICATIVAS

Este estudo justifica-se pela relevância do verbo *pegar* no português brasileiro contemporâneo, especialmente em contextos informais e digitais, nos quais ele assume uma variedade de funções que ultrapassam acepções e propriedades de transitividade reconhecidas comumente em dicionários, gramáticas de orientação normativa e livros didáticos. Em muitas das acepções, esse verbo é visto como transitivo direto, associado a significados de valores mais concretos. No entanto, na língua em uso, observamos que *pegar* é um verbo de comportamento multifuncional, atuando como marcador aspectual, discursivo ou até como estratégia de organização do enunciado, a depender do contexto. Essas funções, que só são compreendidas a partir dos contextos pragmático-discursivos, são ainda pouco descritas a partir de uma perspectiva que considera a noção de pareamento, forma-função, como a defendida pela GC.

Assim, a escolha por investigar esse verbo foi motivada por sua recorrência em enunciados da rede social X, ambiente digital que se caracteriza por uma linguagem concisa, dinâmica e altamente contextualizada. Nessa plataforma, observamos usos em que o verbo *pegar* integra construções diversas, com diferentes graus de autonomia sintático-semântica. A natureza multifuncional do verbo, nesses casos, reflete sua adaptabilidade a diferentes propósitos comunicativos, o que o torna um objeto pertinente para a descrição linguística a partir de uma abordagem centrada no uso.

Antes da delimitação do objeto de estudo, foi realizada uma busca sistemática no banco de teses e dissertações da CAPES, utilizando os descritores “verbo pegar”, “gramática de construções” e “português brasileiro”. A pesquisa revelou que, até o presente momento, não há trabalhos que investigaram especificamente os usos multifuncionais do verbo *pegar* sob a

abordagem teórica da Gramática de Construções, o que confirma a originalidade da proposta. Ainda que o verbo tenha sido citado pontualmente em estudos sobre gramaticalização, seu mapeamento funcional amplo, considerando diferentes configurações morfossintáticas e semânticas, bem como propriedades pragmático-discursivas, se faz necessário.

Dessa forma, com os resultados da investigação, pretendemos contribuir para a descrição e compreensão do funcionamento real do verbo *pegar* em contexto digital, valorizando a diversidade e a adaptabilidade dos recursos linguísticos empregados pelos falantes. Ao privilegiar uma perspectiva construcional e sustentada por dados empíricos, o estudo visa enriquecer os debates sobre descrição, variação e, consequentemente, ensino da categoria *verbo*, que, assim como outras classes gramaticais, ainda é abordado, em sala de aula, de modo compartimentado, com limites muito bem definidos.

APARATO TEÓRICO

Fundamentada na Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções concebe a língua como um sistema simbólico estruturado por meio de pareamentos entre forma e significado — ou seja, construções — organizadas em rede (Goldberg, 2006; Croft, 2001). Esse modelo rompe com a visão tradicional de gramática como conjunto de regras abstratas e independentes, propondo que a gramática emerge da experiência dos falantes com a língua e é profundamente influenciada por fatores cognitivos, discursivos, sociais e interacionais (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]; Bybee, 2016 [2010]).

De acordo com Cunha Lacerda e Furtado da Cunha (2017), essa perspectiva teórica entende que nenhum nível da gramática — seja fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático ou discursivo — é autônomo ou hierarquicamente superior, pois todos estão interligados. Assim, o estudo de construções e padrões linguísticos deve considerar simultaneamente seus aspectos formais (estrutura, flexão, organização sintática, por exemplo) e funcionais (valores semânticos, intencionalidade, efeitos pragmáticos, entre outros), de modo a captar a complexidade dos fenômenos linguísticos como produtos da interação entre cognição e contexto.

Nessa teoria, as construções são definidas como unidades simbólicas convencionais: simbólicas porque relacionam uma forma a um significado específico; e convencionais porque são socialmente compartilhadas e reconhecidas por membros de uma comunidade linguística (Traugott; Trousdale, 2021). Essas construções organizam-se em diferentes níveis de abstração: os esquemas correspondem às formas mais genéricas e abstratas; os subesquemas operam com padrões intermediários; e as microconstruções representam padrões altamente específicos. Já

os construtos são as ocorrências empíricas dessas construções em situações reais de uso.

Para explicar as construções, a teoria mobiliza conceitos fundamentais, dentre eles, os que nos permitem entender a esquematicidade, a composicionalidade e a produtividade. A esquematicidade diz respeito ao grau de abstração de uma construção, o que permite indicar se uma construção é mais ou menos genérica ou mais ou menos específica. A composicionalidade refere-se à relação entre as partes da construção e o significado do todo: quando essa relação é transparente, o sentido pode ser previsto a partir das partes; quando não, surgem casos de baixa composicionalidade, em que o sentido global depende de convenções de uso ou de processos metafóricos e inferenciais. Já a produtividade diz respeito à frequência de uma construção, podendo ela ser captada em termos de *types* (os tipos de construção) e em termos de *token* (a quantidade de ocorrências de cada construção). Por meio da produtividade é possível verificar o grau de rotinização e convencionalização de uma construção (Traugott e Trousdale (2021 [2013])).

Outro aspecto relevante da Gramática de Construções é a concepção de língua como um sistema adaptativo e emergente, que se molda a partir do uso frequente em contextos situados (Hopper, 1987). Esse caráter adaptativo possibilita que determinadas construções se estabilizem no repertório linguístico dos falantes, adquiram novas funções, ampliem sua distribuição e incorporem significados pragmáticos e discursivos de acordo com as necessidades comunicativas da interação.

A Gramática de Construções, por sua flexibilidade descritiva e sua orientação empírica, tem se mostrado adequada para a análise de fenômenos linguísticos que evidenciam o uso de padrões emergentes, padrões que revelam construções multifuncionais, como ocorre com determinados verbos que, tradicionalmente classificados como plenos, passam a exercer funções discursivas, interacionais, modais, enfáticas, entre outras. Enfim, padrões que se rotinizam e se convencionalizam no e pelo uso efetivo da língua.

Diante do exposto, assumimos que a aplicação da noção de construção, conforme propõe a Gramática de Construções, nos permitirá descrever e explicar propriedades formais e funcionais de construções instanciadas pelo verbo *pegar*. Essa abordagem viabiliza uma investigação ancorada na relação entre forma e sentido, no uso real da língua e nas estratégias comunicativas dos falantes, o que nos possibilitará promover uma descrição mais realista e atualizada da multifuncionalidade do verbo *pegar* na rede social

METODOLOGIA

Como gesto analítico, optamos por um método misto de investigação, combinando

abordagens qualitativas e quantitativas, conforme proposto por Cunha Lacerda (2016). Esse método híbrido será empregado para investigar de forma abrangente os usos do verbo *pegar* na rede social X, podendo captar a complexidade e a diversidade de seu comportamento multifuncional no português brasileiro contemporâneo. A escolha da rede social X justifica-se por sua natureza dinâmica, pela concisão dos enunciados e pela alta frequência de interações entre os usuários, o que a torna um espaço fértil para a coleta de dados linguísticos variados.

Para a investigação prática, constituiremos, primeiro, o nosso *corpus*: serão selecionadas ocorrências do verbo *pegar* extraídas de mensagens escritas veiculadas na rede social X. A coleta foi realizada nos 15 primeiros dias de agosto de 2025, manualmente, por meio da caixa de busca da plataforma. Utilizaremos o verbo em sua forma infinitiva “pegar”, pois acreditamos que ela possibilita um número suficiente de usos que possam ser analisados. As ocorrências serão organizadas em planilhas.

Feita a coleta, promoveremos as análises, qualitativa e quantitativa. Para a primeira, consideraremos pressupostos da Gramática de Construções, com o quais explicaremos as propriedades da forma e da função. Para isso, verificaremos as funções do verbo e as propriedades morfosintáticas vinculadas, como a natureza dos itens lexicais selecionados por ele e os graus de integração sintática; também, analisaremos os sentidos de cada função, identificaremos os campos semânticos e os contextos discursivos associados aos usos. Também, analisaremos as propriedades da esquematicidade e composicionalidade das construções, com o intuito de compreender a flexibilidade sintático-semântica do verbo em contextos digitais.

Para a segunda etapa, a quantitativa, faremos o levantamento das frequências *type* (tipos de padrões construcionais) e *token* (número de ocorrências de cada padrão), a fim de atestar a produtividade das construções instanciadas com o verbo *pegar*. Essa análise fornecerá uma visão empírica sobre a distribuição dos usos do verbo na rede social, permitindo observar/detectar a prevalência relativa de cada padrão, bem como possíveis tendências de fixação ou variação no uso.

A integração entre as abordagens qualitativa e quantitativa permitirá mapear, de forma detalhada, a multifuncionalidade do verbo *pegar*, evidenciando como suas construções emergem, se estabilizam ou variam em um ambiente de alta interação como a rede social X. Acreditamos que a adoção desse método misto nos possibilitará uma compreensão ampla e aprofundada do uso desse verbo.

DISCUSSÃO

A partir da constituição do *corpus*, composto por 450 micromensagens contendo o verbo

pegar na rede social X, foram selecionadas, para uma análise preliminar, 68 construções instanciando o esquema [V + SN], em que SN designa sintagma nominal e V o verbo *pegar*. Os dados sugerem que *pegar* desempenha papel significativo no português brasileiro contemporâneo, especialmente em registros digitais. Nessa amostra, observamos usos plenos (15 *tokens*), não-plenos (28 *tokens*), cristalizados/idiomáticos (24 *tokens*) e perifrásticos (1 *token*), o que aponta para um *continuum* entre empregos concretos e abstratos. Essa distribuição inicial indica uma tendência de afastamento do sentido prototípico de “segurar” em direção a funções mais abstratas, frequentemente associadas à codificação de mudança de estado e a efeitos discursivo-pragmáticos.

A descrição das 68 construções do tipo [V + SN] evidenciou subesquemas recorrentes, tais como [PEGAR + Nsentimento] (nojo, ódio, birra), [PEGAR + Ndoença] (vírus, gripe, tétano, conjuntivite), [PEGAR + transporte] (ônibus, trem, Uber/99), [PEGAR + ranking/posição] (top 1, 1º), [PEGAR + fenômeno natural] (chuva, sol), [PEGAR + N aquisitivo] (contato, direitos, livro, boleto, celular, skins, cupons, plano universitário), [PEGAR + confronto] (pegar o time) e [PEGAR + pessoa] em contextos romântico-sexuais, além de padrões como [PEGAR no + N] e [SE PEGAR + GERÚNDIO]. Esses subesquemas articulam propriedades formais — seleção de SNs de campos semânticos distintos, com ou sem adjuntos — e funções semânticas específicas, como contrair enfermidade, desenvolver estado afetivo, embarcar, alcançar colocação, obter bens ou benefícios, enfrentar, entre outras. Tal organização em padrões parcialmente esquemáticos confirma a perspectiva da Gramática de Construções, segundo a qual forma e função se implicam mutuamente e se distribuem em rede de esquemas, subesquemas e microconstruções.

Nesse contexto, a abordagem qualiquantitativa adotada mostrou-se adequada para, de um lado, mapear a diversidade construcional do verbo *pegar* e, de outro, estimar a produtividade relativa de cada subesquema por meio das frequências *type* e *token*. A normalização do *corpus* integral, bem como a testagem sistemática de fatores internos (tipo de SN selecionado) e externos (registro, domínio discursivo), configuram etapas subsequentes necessárias para refinar a descrição da rede construcional desse verbo na rede social X. Espera-se, assim, contribuir para uma caracterização empiricamente fundamentada da gramática do português brasileiro em contexto digital e para a compreensão de trajetórias de abstratização e especialização funcional de verbos de alta frequência em uso contemporâneo.

Palavras-chave: Verbo *pegar*. Gramática de Construções. Rede X; Multifuncionalidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 45.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 83-101, dez. 2016.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Gramática de construções**: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura. (Org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17- 46.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Linguística Funcional Centrada no Uso**: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). **Linguística Funcional Centrada no Uso**: uma homenagem a Mario Martelotta. Rio de Janeiro/Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

KANTHACK, Gessilene Silveira. Fenômenos de mudança linguística e ensino: uma abordagem centrada no uso efetivo da língua. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 24, p. 241-258, jan./abr. 2017.

KANTHACK, Gessilene Silveira; MOTA, Nahendi Almeida. Verbo levar em uso: descrição e análise dos deslizamentos funcionais. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 2, p. 21-39, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v16i2.4891>.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga** -Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 16,n. 24, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraca/article/view/27798>. Acesso em: jun. 2025.

REDE X. Disponível em: <https://x.com/userede>

ROSÁRIO, Ivo do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de Oliveira. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: **Revista Alfa**, v. 60, n. 2, 2016, p. 233-259. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>
Acesso em: jun. 2025.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edison Rosa de (org.). **Funcionalismo Linguístico**: análise e descrição. São Paulo: Contexto, v. 2, p. 31- 51. 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth. C.; TROUSDALE, Gaeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

CHATBOTS E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ORAIS EM INGLÊS: emoções e reflexões na formação docente

Raquel Barbosa Galvão¹

Rodrigo Camargo Aragão (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O presente projeto está inserido na área da Linguística Aplicada (LA) voltada à formação de professores de línguas e dialoga com os estudos do grupo FORTE – Formação, Tecnologias e Emoções (CNPq/UESC), coordenado pelo professor Dr. Rodrigo Camargo Aragão, e se insere nas investigações que articulam linguagem, emoção e práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais.

A pesquisa propõe investigar como chatbots de Inteligência Artificial podem favorecer o desenvolvimento da oralidade em inglês, considerando os aspectos emocionais, linguísticos e identitários que marcam o processo de aprendizagem. A investigação parte do entendimento de que falar uma língua adicional é um ato relacional e emocional, permeado por crenças, medos e experiências que moldam a forma como o sujeito se percebe enquanto falante.

Para essa finalidade, a pesquisadora criou o ChatOralIA, um chatbot pedagógico desenvolvido especialmente para esta pesquisa, mediado por prompts elaborados para estimular a prática oral e a reflexão sobre as emoções envolvidas no uso da língua inglesa. Parte-se da hipótese de que, por ser uma máquina que não julga nem corrige o modo de falar, o chatbot pode criar um ambiente de interação mais leve e acolhedor, no qual os estudantes se sintam à vontade para se expressar, errar e reconstruir sua autoconfiança linguística.

O estudo será realizado com estudantes da disciplina Língua Inglesa VII do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), cuja ementa contempla o desenvolvimento da oralidade e o trabalho com tecnologias digitais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, com foco na experiência narrativa dos participantes,

¹ rbgalvao.ppgl@uesc.br Bolsista Capes

² rcaragao@uesc.br

buscando compreender as emoções que emergem durante as interações com o ChatOrallIA e os sentidos que se constroem a partir dessas vivências.

A proposta fundamenta-se na Biologia do Conhecer (Maturana, 2002, 2006) e nas abordagens sistêmicas e socioculturais das emoções (Aragão, Barcelos, 2018). Sob essa ótica, a aprendizagem é compreendida como um fenômeno relacional, em que o emocionar constitui o próprio espaço do conhecer. Ao trazer a tecnologia para esse campo de diálogo, a pesquisa não busca substituir a presença docente, mas ampliar as possibilidades de escuta, expressão e reflexão sobre o aprender.

O estudo envolve: (1) aplicação de questionário inicial sobre experiências com oralidade e tecnologia; (2) interações semanais com o ChatOrallIA, mediadas por prompts pedagógicos voltados à prática oral e à reflexão emocional; (3) diários reflexivos preenchidos pelos participantes após cada interação com o chatbot, nos quais registrarão suas emoções, percepções e desafios; e (4) autoavaliações finais, que permitirão compreender os sentidos e emoções construídos ao longo do processo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar como chatbots de Inteligência Artificial podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades orais em inglês, com foco nas emoções que emergem durante esse processo.

Objetivos Específicos

- Investigar de que maneira o agente de IA, mediado por prompts pedagógicos, influencia o engajamento emocional e linguístico dos participantes durante as práticas orais em inglês;
- Analisar as emoções que emergem nas interações dos participantes com os chatbots;
- Avaliar as possíveis transformações na autopercepção e na disposição dos participantes para se comunicar oralmente em inglês após a experiência mediada pela IA.

JUSTIFICATIVAS

Nas últimas décadas, o estudo das emoções passou a ocupar um lugar nas investigações em Linguística Aplicada, especialmente no campo do ensino e formação de professores de línguas. A partir da chamada “virada afetiva” (Pavlenko, 2013; Barcelos, 2015), ganhou força a compreensão de que ensinar e aprender línguas não envolve apenas aspectos cognitivos, mas está atravessado por experiências emocionais. Essa perspectiva abriu espaço para estudos que buscam entender como as emoções influenciam as práticas pedagógicas, a formação docente e a aprendizagem de línguas.

No Brasil, embora essa área tenha avançado nos últimos anos, ainda há uma quantidade

limitada de estudos que articulem emoções com o uso de tecnologias digitais. Como apontam Barcelos et al. (2022), existe uma lacuna importante a ser explorada, principalmente quando se considera o impacto da pandemia de Covid-19 nas práticas pedagógicas. O uso intensificado de recursos tecnológicos no ensino remoto revelou dinâmicas emocionais complexas que ainda reverberam no retorno às aulas presenciais, demandando investigações que considerem essas experiências e suas implicações para o presente e o futuro da educação em línguas.

Durante a pandemia, professores e alunos vivenciaram emoções diversas, desde a ansiedade e esgotamento pela sobrecarga até a descoberta de novos modos de aprender. Esse contexto evidenciou que as emoções exercem papel estruturante nas experiências de ensino e aprendizagem mediadas por tecnologias. Com o avanço da inteligência artificial, especialmente de ferramentas como chatbots, surgem novas formas de interação que, por sua vez, podem mobilizar outras configurações emocionais. Um elemento importante dessas interações é o uso de prompts, instruções específicas que orientam as respostas dos chatbots e estruturam os diálogos.

O uso pedagógico de prompts permite personalizar os contextos comunicativos, o que pode favorecer a prática da oralidade em língua estrangeira de forma mais intencional. Ao olhar para os estudos anteriores que discutem emoções no ensino de línguas, especialmente aqueles que adotam abordagens socioculturais, críticas ou sistêmicas (Barcelos e Aragão, 2018), é possível observar uma base teórica consolidada que valoriza o papel das emoções como construções sociais e contextuais. No entanto, a articulação entre essas abordagens e o uso de tecnologias digitais, em especial aquelas baseadas em inteligência artificial, ainda se mostra pouco desenvolvida.

Nesse sentido, retomar essa linha de investigação à luz das transformações atuais é não apenas relevante, mas necessária. A relevância deste estudo também reside no fato de que a produção nacional sobre o tema ainda se mostra pouco desenvolvida, especialmente no que diz respeito a investigações qualitativas que examinem as interações entre emoção e tecnologias de inteligência artificial no ensino de línguas, como é o caso dos chatbots.

A investigação também se justifica por suas possíveis contribuições metodológicas para o ensino de línguas na era digital. Ao examinar como os chatbots podem ser utilizados para criar ambientes favoráveis (ou não) ao desenvolvimento da oralidade, ressignificando emoções que tradicionalmente limitam esse processo, o estudo se insere em um campo emergente de investigação no ensino de línguas. O uso de prompts cuidadosamente elaborados, nesse contexto, representa um recurso pedagógico com potencial para estimular a produção oral de maneira segura, criativa e emocionalmente engajadora.

Como ressaltado por Aragão e Dias (2016), a experiência com tecnologias digitais pode contribuir para que os aprendizes reconheçam outras formas de aprender e desenvolvam maior confiança em suas habilidades, reconstruindo suas identidades como falantes da língua-alvo. Essa reconstrução identitária envolve também a ressignificação de emoções que muitas vezes são associadas à insegurança, ao medo de errar ou à vergonha de se expor oralmente em outra língua. Ao propor um espaço para o mapeamento e compreensão dessas emoções, o presente estudo busca oferecer subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis, criativas e contextualizadas.

APARATO TEÓRICO (e revisão de literatura)

A oralidade configura-se como uma competência linguística central no mundo globalizado, especialmente no contexto do ensino de inglês como língua adicional. Bygate (1997) destaca que é pela fala que o aprendiz é frequentemente avaliado e, ao mesmo tempo, adquire uma parcela do conhecimento linguístico. Brown e Yule (1983) apontam que essa habilidade vai além da mera transmissão de informações: é essencial para a construção de significados e da identidade social do falante. Contudo, apesar de sua relevância, a oralidade tem sido historicamente negligenciada nos sistemas educacionais que priorizam a leitura e a escrita (Aragão, Paiva, Gomes Junior, 2017), gerando frustração e insegurança nos estudantes.

Essa lacuna entre ensino formal e uso real da língua tem impactos evidentes. Leffa (2011) observa que muitos alunos permanecem inseguros e incapazes de se expressar verbalmente, mesmo após anos de contato com o inglês. Neste contexto, estudos sobre emoções tornam-se fundamentais para compreender tais dificuldades. Horwitz et al. (1986) apontaram a ansiedade como um dos principais obstáculos, destacando o medo de avaliações negativas e o nervosismo em situações de exposição oral.

Miccoli (2010), ao investigar as experiências emocionais de aprendizes de inglês, identificou sentimentos como constrangimento, receio de errar e tensão, que limitam a participação em atividades orais. Aragão (2019, 2023) amplia essa discussão para o contexto brasileiro, mostrando como essas emoções impactam especialmente professores em formação, frequentemente intimidados pelo julgamento dos colegas ou docentes.

Para compreender a relação entre emoções e ações, Maturana (2002, 2004, 2006, 2009) as define como disposições corporais que limitam ou expandem nossas ações. Se a ansiedade e o medo predominam, as possibilidades de expressão verbal ficam reduzidas. Barcelos (2015) complementa essa visão ao mostrar como as crenças dos estudantes sobre suas capacidades linguísticas moldam suas emoções, criando um ciclo de insegurança e baixo desempenho.

Nesse cenário, o uso das tecnologias digitais surge como possibilidade de romper este

ciclo negativo. Aragão, Paiva e Gomes Junior (2017) demonstraram que recursos digitais podem reduzir as emoções negativas no aprendizado da língua inglesa, especialmente na oralidade. Os estudantes relataram sentir maior segurança, confiança e conforto em ambientes digitais, por serem livres da pressão imediata encontrada nas aulas presenciais.

Blake (2013) apresenta a ideia do "terceiro espaço", ambiente intermediário entre a sala tradicional e o mundo real, onde há menor pressão social. Yanguas e Flores (2014) acrescentam que a ausência de julgamentos visíveis favorece o engajamento. Godwin-Jones (2018) reforça que tecnologias digitais têm ressignificado a prática oral, transcendendo as limitações físicas e pedagógicas tradicionais.

Com o avanço da Inteligência Artificial e o surgimento de chatbots, novas possibilidades emergem. Fryer e Carpenter (2006) identificaram benefícios emocionais com o uso inicial de bots, destacando a redução da ansiedade. Com modelos avançados de linguagem (Bommasani et al., 2021; Chun et al., 2022), chatbots atuais conseguem interações personalizadas, contribuindo para maior autonomia, além de proporcionar um espaço seguro para experimentação (Dizon, 2021; Ryu et al., 2020).

Assim, a combinação entre tecnologias digitais e prompts pedagógicos pode atuar como suporte ao desenvolvimento da oralidade, oferecendo aos estudantes um espaço de prática em que não se sintam julgados ou avaliados. Ao reduzir pressões externas e internalizadas ligadas ao medo de errar. Esse tipo de interação pode favorecer a expressão espontânea e fortalecer a autoconfiança linguística, criando condições mais propícias para que o aluno se perceba como falante em formação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa interpretativista, fundamentada na Biologia do Conhecer (Maturana, 2006), nas perspectivas socioculturais e críticas das emoções (Barcelos; Aragão, 2018) e na pesquisa narrativa. O foco é compreender como as emoções emergem, se manifestam e se ressignificam nas interações com o ChatOrallIA, especialmente em práticas orais em inglês.

Nesse movimento de atenção às experiências vividas, torna-se relevante considerar as narrativas como forma de conhecimento e reflexão. Ao integrar a pesquisa narrativa como desdobramento metodológico, compreende-se que as histórias contadas pelos participantes não apenas descrevem fatos, mas organizam e atribuem sentido às suas trajetórias formativas. (Aragão, 2007). Como argumenta Aragão (2007), práticas investigativas que se fundamentam na reflexão sobre a própria prática revelam-se caminhos fecundos para que professores compreendam o papel das emoções na construção de suas ações profissionais.

O objetivo principal é compreender como ferramentas de IA, especialmente chatbots mediados por prompts, podem contribuir para o desenvolvimento da oralidade em inglês, considerando os aspectos emocionais envolvidos nesse processo. Mais do que mensurar resultados, interessa à pesquisadora interpretar os sentidos construídos nas interações entre sujeitos e tecnologias, compreendendo como essas experiências afetam a disposição para falar e a autopercepção linguística dos aprendizes.

As emoções envolvidas no ensino-aprendizagem do inglês na formação de professores serão analisadas sob a perspectiva da Biologia do Conhecer, conforme discutido por Maturana (2006), que destaca que cada indivíduo é sua própria referência de conhecimento e compreensão. Isso significa que as experiências e percepções únicas de cada aluno serão fundamentais para entender suas emoções e interações com o aprendizado do inglês. Esse entendimento será essencial para analisar como as emoções influenciam o processo de aprendizagem e como podem ser acolhidas e ressignificadas ao longo da trajetória formativa.

DISCUSSÃO

Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as compreensões sobre o papel das emoções no desenvolvimento da oralidade em inglês, especialmente em contextos mediados por chatbots de Inteligência Artificial. Ao acompanhar as interações entre os estudantes e o *ChatOrallIA*, busca-se compreender quais emoções emergem durante as práticas de fala e como essas emoções influenciam a autoconfiança, o engajamento e a relação dos participantes com a língua inglesa.

A partir da análise dos dados provenientes dos questionários, diários reflexivos e autoavaliações, espera-se identificar padrões emocionais recorrentes, como ansiedade, vergonha, medo de errar, mas também curiosidade, alegria e sensação de liberdade, que podem se manifestar em um ambiente de fala não avaliado por um interlocutor humano. O diálogo com o chatbot, por ser livre de julgamento e correção, poderá revelar novas formas de lidar com o erro, valorizando a fluência emocional como parte do processo de aprendizagem.

O estudo pretende, ainda, discutir como as tecnologias de IA podem ser integradas de modo ético e sensível à formação docente, contribuindo para repensar o papel do professor e os modos de mediação em contextos digitais. A intenção não é substituir a presença humana, mas compreender como a tecnologia pode se tornar uma parceira de escuta e reflexão, oferecendo ao aprendiz um espaço de prática e autoconhecimento linguístico.

No plano teórico, espera-se que a pesquisa contribua para consolidar um campo emergente na Linguística Aplicada que articula emoção, linguagem e tecnologia, inspirada na Biologia do Conhecer (Maturana, 2002, 2006) e nas abordagens de Aragão e Barcelos (2018).

No plano pedagógico, o estudo poderá oferecer novos caminhos metodológicos para o trabalho com a oralidade, ao propor o uso de chatbots como ferramentas de experimentação e autoconfiança linguística.

Do ponto de vista formativo, acredita-se que a experiência com o *ChatOrallIA* poderá favorecer o desenvolvimento de uma postura mais autônoma, empática e reflexiva por parte dos futuros professores de línguas. Ao vivenciar o processo de fala mediado por tecnologia, os participantes poderão ressignificar crenças e emoções associadas ao medo de errar, ampliando sua compreensão sobre o aprender e o ensinar a falar em outra língua.

Por fim, espera-se que os resultados da pesquisa possam inspirar práticas pedagógicas mais acolhedoras, em que o erro seja entendido como parte natural do aprendizado e a emoção, como elemento constitutivo da linguagem. A investigação também pretende fomentar o diálogo sobre ética e responsabilidade no uso de Inteligência Artificial na educação, fortalecendo a construção de uma formação docente crítica, humana e afetiva, em sintonia com as complexidades do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rodrigo. **São as histórias que nos dizem mais:** emoção, reflexão e ação na sala de aula. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ARAGÃO, Rodrigo. **Beliefs and emotions in foreign language learning.** System, v. 39, p. 303-313, 2011.
- ARAGÃO, R.; DIAS, I. A. Facebook e emoções de estudantes no uso de inglês. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas:** o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 111-118.
- ARAGÃO, R. C.; OLIVEIRA, V. L. M.; GOMES JUNIOR, R. C. Emoções no desenvolvimento de habilidades orais com tecnologias digitais. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 15, n. 3, p. 557-566, set./dez. 2017. DOI: 10.4013/cld.2017.153.14.
- ARAGÃO, R. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In: MAGNO E SILVA, W; SILVA, W; CAMPOS, D. M. (Orgs.). **Desafios da formação de professores na linguística aplicada.** Campinas: Pontes, 2019, p. 241-274. Disponível em: <
[https://www.researchgate.net/publication/334494616_Linguajar_e_emocionar_o
s_tempos_de_crise_na_formacao_de_professores_de_linguas](https://www.researchgate.net/publication/334494616_Linguajar_e_emocionar_os_tempos_de_crise_na_formacao_de_professores_de_linguas) > Acesso em: 13 ago 2024
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira et al. Contemporary perspectives on research about emotions in language teaching. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 1-16, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398202221654>
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions, and identities. *Studies in Second Language Learning and Teaching*, Kalisz, v. 5, n. 2, p. 301-325, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.14746/ssllt.2015.5.2.6>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- BLAKE, Robert J. *Brave new digital classroom: Technology and foreign language learning.* 2. ed. Washington, DC: Georgetown University Press, 2013.
- BYGATE, M. **Speaking.** Oxford: Oxford University Press, 1997.
- BROWN, Geoff; YULE, George. **Teaching the spoken language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- HORWITZ, E. K.; HORWITZ, M. B.; COPE, J. Foreign Language Classroom Anxiety. **The Modern Language Journal**, [S.l.], v. 70, n. 2, p. 125-132, Summer 1986.

LEFFA, Vilson. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, H. R. **Amar e brincar**: Fundamentos esquecidos do humano – do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MICCOLI, L. **Ensino e aprendizagem de inglês**: experiências, desafios e possibilidades. Belo Horizonte: Pontes Editora, 2010. v. 2. 280 p.

REINDERS, H.; WATTANA, S. Can I say something? The effects of digital game play on willingness to communicate. **Language Learning & Technology**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 101-123, jun. 2014.

PAVLENKO, Aneta. The affective turn in SLA: From 'affective factors' to 'language desire' and 'commodification of affect'. In: GABRYS-BARKER, Danuta; BIELSKA, Joanna (Eds.). **The affective dimension in second language acquisition**. Bristol: Multilingual Matters, 2013. p. 3-28.

YANGUAS, Í.; FLORES, A. Learners' willingness to communicate in face-to-face versus oral computer-mediated communication. *The JALT CALL Journal*, v. 10, n. 2, p. 83-103, 2014.



CONSTRUÇÕES INSTANCIADAS PELO VERBO LEVAR EM SUA FUNÇÃO DE VERBO SUPORTE: um pareamento de forma e sentido

Victória Margareth Catai Wense¹

Gessilene Silveira Kanthack²

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho propõe investigar construções com o verbo *levar* em função de suporte. Em gramáticas de orientação normativa, o verbo costuma ser definido por critérios morfossintáticos e semânticos. Para Cunha e Cintra (2008), trata-se de uma “palavra variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Cegalla (2009) afirma que o verbo exprime ação, estado ou fenômeno da natureza. Nessas abordagens, categorias como transitividade, predicação e ligação são priorizadas, o que tende a limitar a compreensão do verbo a comportamentos prototípicos e afastar propriedades pragmáticas e discursivas que influenciam o uso efetivo da língua.

Essa lacuna se evidencia especialmente na descrição de verbos que não se enquadram nos padrões tradicionais, como os verbos suporte. Segundo Neves (2011), esses verbos, também chamados de verbos leves ou funcionais, apresentam conteúdo semântico reduzido e se articulam a sintagmas nominais que carregam o núcleo do significado. Em construções como “levar um susto”, “levar um fora”, “levar uma bronca” ou “levar um choque”, o verbo *levar* não expressa seu sentido pleno de deslocamento físico, mas atua como suporte estrutural, enquanto o nome associado veicula o conteúdo semântico principal. Como aponta Mota (2018),

¹ Mestranda da Linha B no programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e bolsista CAPES. E-mail: vmcwense.ppgl@uesc.br

² Professora Doutora do Departamento de Letras e Artes da UESC. Email: gskanthack@uesc.br

embora seja possível substituir essas construções por verbos plenos equivalentes, tal substituição pode modificar nuances expressivas do enunciado.

Para explicar esse comportamento, recorreremos à Gramática de Construções (Bybee, 2010; Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2006; Traugott e Trousdale, 2013), perspectiva que compreende a língua como um conjunto dinâmico de padrões moldados pela experiência dos falantes e pelos contextos de uso. Nessa abordagem, construções são pareamentos de forma e sentido, e certos padrões só podem ser explicados a partir de uma análise integrada de ambos os polos. As construções com verbos suporte exemplificam esse funcionamento, pois envolvem propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas interdependentes.

Considerando esse cenário, propomos investigar construções com o verbo *levar* em função de suporte, analisando mensagens veiculadas na rede social X, ambiente caracterizado por forte interação entre usuários, dinamismo e criatividade linguística. A pesquisa é guiada pela pergunta: Quais são as propriedades formais e funcionais das construções com o verbo suporte *levar*?

A partir desse questionamento, formulamos as seguintes hipóteses:

a) o verbo *levar*, quando empregado como verbo suporte, tende a ocorrer em estruturas relativamente estáveis, combinando-se com certos nomes, o que indica padrões de uso regulares;

b) o sentido global da construção provém principalmente do sintagma nominal e de sua relação com o contexto pragmático-discursivo, e não do verbo isoladamente;

c) o ambiente interacional da rede social X favorece usos variados e criativos dessas construções, ampliando o repertório de sentidos associados ao verbo *levar*.

Com esta pesquisa, buscamos aprofundar a compreensão das dinâmicas que moldam o pareamento entre forma e significado na língua em uso e contribuir para suprir lacunas presentes nas descrições linguísticas tradicionalmente difundidas, sobretudo aquelas voltadas ao ensino de língua portuguesa. Ao examinar o funcionamento de construções com verbo suporte em contexto comunicativo real, pretendemos evidenciar como o verbo *levar* se adapta às práticas discursivas dos falantes na rede social X, demonstrando a produtividade e relevância desse padrão para o estudo do português brasileiro contemporâneo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é investigar propriedades formais e funcionais de construções formadas pelo verbo suporte *levar* a partir de uma amostra constituída da rede social X.

Objetivos Específicos

1. Coletar, na rede social X, construções formadas com o verbo suporte *levar*.
2. Descrever as propriedades formais (configurações lexicais e morfossintáticas) dessas construções.
3. Identificar os aspectos funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivos) evidenciados.
4. Analisar a natureza das construções a partir das propriedades de esquematicidade, composicionalidade.
5. Atestar a produtividade das construções a fim de verificar o grau de rotinização/convencionalização na língua.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa se justifica tendo em vista que o verbo *levar* em sua função de suporte ainda não foi estudado sistematicamente a partir de uma abordagem construcional. Assim, ao promover uma análise holística de construções instanciadas por esse tipo de verbo, teremos a oportunidade de evidenciar o quão é dinâmica a língua em uso, pois veremos que, a partir de uma forma já existente, o falante re(cria) padrões que se efetivam no e pelo uso efetivo da língua.

Ao investigar uma classe gramatical pouco conhecida no âmbito escolar, também contribuiremos para expansão do que se ensina normalmente sobre verbo. Como professores de língua portuguesa, reconhecemos que a dinamicidade e a heterogeneidade da língua precisam ser reconhecidas e compreendidas como propriedades inerentes do sistema linguístico.

Com os resultados da pesquisa, também difundiremos o que é preconizado pela GC, uma abordagem pouco conhecida no âmbito acadêmico e que julgamos relevante para explicar o nosso objeto.

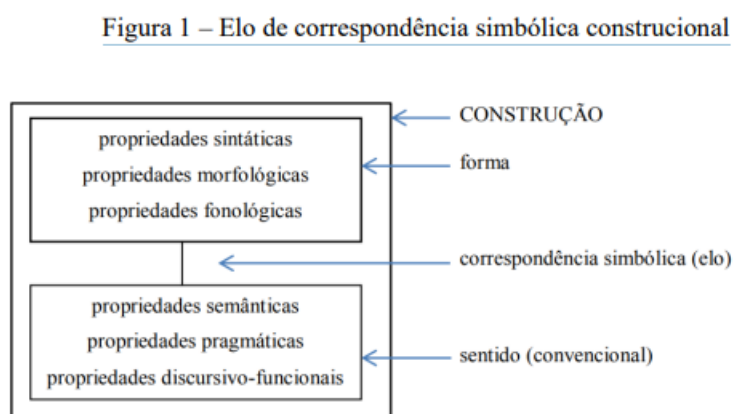
APARATO TEÓRICO

Esta pesquisa é fundamentada em pressupostos da GC (Bybee, 2010; Traugott e Trousdale, 2013), uma abordagem que defende a língua como uma rede de construções, sendo essas compreendidas como um pareamento entre forma e significado. Para essa vertente, a estrutura linguística não é fixa, mas constituída a partir da recorrência de padrões apresentados nas interações comunicativas. Nessa direção, o pressuposto defendido é que os fenômenos linguísticos devem ser investigados a partir de uma análise holística, levando em consideração fatores morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos, pois todos eles em conjunto refletem a experiência dos falantes.

Para Goldberg (1995, 2006), as construções de uma língua variam em grau de abstração e complexidade, desde expressões idiomáticas até esquemas sintáticos mais gerais, e são moldadas pelo uso linguístico real. Bybee (2010) reforça que esses padrões emergem com base na frequência e na recorrência, o que torna a gramática um sistema dinâmico, adaptativo, em constante transformação, onde as regularidades e variações coexistem e se reorganizam conforme a experiência linguística dos usuários.

Formulada no contexto da Linguística Cognitiva, a GC defende que a língua corresponde a um inventário de construções que se organizam em forma de rede, estando elas interconectadas. A construção, nessa abordagem, é a unidade básica da gramática. Para definir a construção, Croft (2001) apresenta a seguinte figura:

Figura 1 – Elo de correspondência simbólica construcional Fonte: Croft (2001, p.18).



Fonte: Croft (2001, p.18).

O autor considera o eixo da forma integrado por propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e o eixo do sentido, por propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Esses eixos estão interligados, devendo a análise de qualquer construção partir dessa integração.

Além disso, as construções são tomadas como unidades simbólicas convencionais (Langacker, 1987; Croft, 2005). São consideradas convencionais, pois são utilizadas por um determinado grupo de falantes; e são unidades, porque se manifestam de uma forma tão espontânea e rotinizada que é constituído na mente do falante um pareamento entre a forma e o sentido.

Para explicar as semelhanças e diferenças que as construções podem apresentar, três propriedades são propostas: a esquematicidade, a composicionalidade e a produtividade. Essas propriedades se caracterizam por gradiência, o que implica assumir que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, mais ou menos composicionais, mais ou menos produtivas (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]).

A esquematicidade, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013], p.13), é concebida como “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”. Ela está relacionada à capacidade de o falante categorizar e abstrair significados. Conforme essa propriedade, uma construção pode ser mais ou menos aberta ou mais ou menos fixa quanto ao preenchimento de slots, os espaços configuracionais de uma construção.

A composicionalidade é entendida através da convergência (match) ou divergência (mismatch). Há convergência quando o interlocutor é capaz de compreender o significado do todo através dos itens isolados de uma determinada sequência. Há divergência quando não existe correspondência direta entre o significado dos itens individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, (2021 [2013])).

A produtividade, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), corresponde à variedade de construções específicas instanciadas e à frequência com que essas construções ocorrem na língua, respectivamente frequências type e token, propostas por Bybee (2003), para mensurar a produtividade

Com pressupostos como esses, pretendemos explicar as construções instanciadas pelo verbo suporte *levar*, um verbo que constitui uma unidade integrada com sintagmas nominais, e, nessa combinação, o verbo perde seu valor lexical de origem e atua, principalmente, como

elemento de apoio, por isso o nome suporte. Dessa forma, buscaremos contribuir para a compreensão do funcionamento dessas construções à luz da teoria da GC, destacando como o uso efetivo da língua molda e transforma as relações entre a forma e o significado.

METODOLOGIA

Inicialmente, buscaremos referências bibliográficas que nos ajudarão a compreender conceitos-chaves, como linguagem, língua, gramática e construção. Para isso, selecionaremos e ficharemos referenciais da Gramática de Construções, com destaque para os trabalhos de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Esse levantamento teórico servirá como subsídio para a elaboração de um dos capítulos do trabalho, além de fornecer a base conceitual necessária para sustentar as análises que serão desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

Para a investigação prática, constituímos, primeiro, o nosso corpus: foram selecionadas ocorrências do verbo *levar* através da caixa busca, na rede social X, por um período de 20 dias, no mês de agosto de 2025, no final de cada dia (considerando que nesse horário haveria uma quantidade significativa de postagens). Tivemos o cuidado de selecionar apenas construções em que o verbo atua como suporte.

Feita a coleta, promoveremos as análises, qualitativa e quantitativa. Por meio da primeira, analisaremos os itens lexicais que compõem o sintagma nominal, bem como sua constituição morfossintática, por exemplo, se há presença ou não de elementos adjuntos, em posições antepostas ou pospostas. Na sequência, passaremos à identificação dos aspectos funcionais das construções, observando os sentidos e os contextos discursivos em que ocorrem, de modo a compreender os efeitos e os papéis que essas construções assumem no uso real da língua.

Também, analisaremos as propriedades da esquematicidade e composicionalidade das construções, objetivando compreender a flexibilidade sintático-semântica do verbo pesquisado. Por meio da quantitativa, faremos o levantamento das frequências type (tipos de padrões construcionais) e token (número de ocorrências de cada padrão), a fim de atestar a produtividade das construções instanciadas pelo verbo-suporte *levar*. A verificação da produtividade nos permitirá observar/detectar quais padrões/ usos estão mais rotinizados/convencionalizados no corpus pesquisado.

Por fim, sistematizaremos os resultados e organizaremos o capítulo de descrição e análise de nossa dissertação.

DISCUSSÃO E RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que a análise das construções com o verbo suporte *levar*, coletadas na rede social X, evidencie como esse verbo funciona como um elemento altamente produtivo e dinâmico no português contemporâneo. Diferentemente do uso pleno, no qual *levar* expressa deslocamento físico, os dados devem confirmar que, nas construções suporte, o verbo perde seu sentido lexical original e passa a desempenhar principalmente uma função estrutural, enquanto o sintagma nominal associado concentra o conteúdo semântico da construção.

Ao observar exemplos como *levar um susto*, *levar uma invertida*, *levar uma chamada* ou usos mais criativos típicos das redes sociais, espera-se identificar combinações relativamente estáveis, mas também ampliações que surgem justamente pelo caráter interacional e dinâmico da plataforma. Esse ambiente tende a favorecer a criação de novas construções, muitas vezes humorísticas, irônicas ou avaliativas, o que pode ampliar significativamente o repertório de nomes que se combinam ao verbo *levar*.

A partir da perspectiva da Gramática de Construções, essa produtividade deve revelar que os falantes recorrem a esquemas já conhecidos como: [levar + SN], para criar extensões, reforçando a ideia de que a língua funciona como uma rede de padrões que se reorganizam conforme o uso real. Assim, é provável que o estudo evidencie diferentes graus de esquematicidade: algumas construções serão altamente convencionais (*levar bronca*, *levar susto*), enquanto outras apresentarão maior abertura e criatividade.

Também se espera observar casos de convergência e divergência composicional dentro das próprias construções com verbo suporte. Em muitos usos, o sentido global poderá ser facilmente recuperado a partir do conjunto dos elementos, já que o sintagma nominal conduz o significado principal. Em outros, porém, a interpretação dependerá do contexto discursivo, sobretudo em postagens marcadas por humor, ironia ou referências culturais específicas típicas das redes sociais. Esse comportamento evidencia que a composicionalidade das construções com o verbo suporte *levar* não é estável, mas gradiente, variando conforme o grau de transparência entre a forma e o sentido.

Além disso, a análise quantitativa e qualitativa das ocorrências deve permitir avaliar o grau de produtividade das construções, verificando tanto a variedade de sintagmas nominais que aparecem com *levar* (frequência type) quanto a frequência de repetição das combinações

mais convencionais (frequência token). Esses resultados ajudarão a identificar quais padrões já estão estabilizados na comunidade de falantes e quais estão em processo de emergência.

Por fim, espera-se que o estudo contribua não apenas para uma compreensão do funcionamento das construções com o verbo-suporte *levar*, mas também para evidenciar como os falantes mobilizam construções gramaticais de forma criativa em contextos reais de interação. Os resultados devem mostrar que o português atual se configura como um sistema altamente adaptativo, no qual a dinâmica entre forma e significado está sempre sendo remodelada pelas práticas discursivas dos usuários. Com isso, o trabalho poderá preencher lacunas existentes nas descrições normativas e ampliar o olhar sobre a gramática como fenômeno vivo, social e em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: 2008.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- MOTA, Nahendi Almeida. **O continuum de gramaticalização do verbo levar: descrição e análise dos deslizamentos funcionais**. 2018. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras:)Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2018.
- NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.
- TRAUGOTT, Elizabeth. C.; TROUSDALE, Gaeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].



ENTRE O APAGAMENTO E A RESISTÊNCIA: Lima Barreto e as condições cronotópicas de seu tempo

Antonio Victor Silva Bomfim¹
Urbano Cavalcante da Silva Filho² (Orientador)
Yuri Batista Santos³ (Co-orientador)

APRESENTAÇÃO

Como caracterizar de modo coerente um escritor cujos críticos até bem pouco tempo teimavam em ignorar, ou, quando não ignoravam, considerava-o “desmazelado”, “mártir” ou “alcoólatra” (Prado, 2012, p. 58). Em Lima Barreto (1881-1922), de fato, fica difícil simbolizar os limites entre o intelectual profundamente consciente das questões sociais, e o escritor que insistia em não pertencer a estilo algum, seja pelo seu modo íntimo de escrever, nos diários, contos e folhetins; seja pela estética assumida e tomada como mote narrativo em suas obras.

Por vezes, a linha entre a vida e obra pode ser limítrofe. O mesmo ocorre entre biografo e biografado, ou melhor, entre pesquisador e pesquisado. Similaridades e ambivalências nos fazem realocar o olhar para o objeto de análise, em que autor e herói, observador e observado constroem narrativas, as vezes imaginárias, para refletir a imagem do seu tempo.

Em *História concisa da literatura brasileira*, Bosi (2006) nos diz que Lima Barreto sempre foi considerado, na crítica literária, um escritor polêmico, sobretudo pela forma de escrever literatura. Além disso, a vida de Lima Barreto não foi uma das mais tranquilas e que sua própria história não foi uma das mais comuns, quando relacionado aos destinos que tomavam, rotineiramente, homens e mulheres, brancos e negros de seu tempo-espço

Bosi tece a seguinte análise sobre a obra que integra o *corpus* do presente resumo,

¹ avsbomfim.ppgl@uesc.br Bolsista [FAPESB]

² urbano@ifba.edu.br

³ batista.yuriandrei@gmail.com

Triste Fim de Policarpo Quaresma é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal. Lima Barreto nele conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção de amarguras pessoais como o amanuense Isaías Caminha, nem um tipo pré-formado, nos moldes das figuras secundárias que pululam em todas as suas obras. O Major Quaresma não se exaure na obsessão nacionalista, no fanatismo xenófobo; pessoa viva, as suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a distanciá-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio (Bosi, 2006, p. 298).

Assim como Bakhtin (2008, p. 08) defende que “Dostoiévski não cria escravos mudos (como Zeus), mas pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até rebelar-se contra ele”, na narrativa barretiana, o autor não trata seus personagens como objetos estáticos, ao contrário, partilha o que lhe parece ser identificação das qualidades e da inteligência. A recepção à obra de Lima Barreto, que se construía de forma autônoma, enfrentou resistência por parte dos críticos que queriam enquadrá-lo a um determinado gênero ou estilo. Na esteira de tais críticas, temos o jornalista João Ribeiro, ao afirmar o ‘defeito grave’ o pouco ou nenhum acabamento estético nas obras de Lima Barreto; na mesma seara, o pernambucano Gilberto Freyre, ao prefaciar a obra *Diário Íntimo* (1956), afirmou que Lima Barreto era “ressentido de ser mulato”, um “homem de sensualidade quase moça” e que lhe faltou a “certeza” [talvez literária] encontrada por Machado de Assis (Schwarcz, 2017).

Assim, a pesquisa pretende percorrer os espaços-tempos criados por meio da narrativa de Lima Barreto, narrativa esta que é composta a partir de provocações do real, pois no romance barretiano, tais provocações são frutos do olhar cotidiano direcionado ao Rio de Janeiro da época, as conversas de botequim, aos comportamentos dos políticos e dos jornalistas, entre outras questões constitutivas de sua literatura. Na narrativa de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), Policarpo Quaresma representa essa figura/personagem genuinamente brasileira, um patriota idealista que tenta resgatar a cultura nacional em contraponto à influência estrangeira e ao bovarismo, mas se desilude, assim como muitos brasileiros, com a violência e a corrupção do governo.

OBJETIVOS

Geral

Investigar a configuração discursiva na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto, a partir das dimensões cronotópicas bakhtinianas.

Específicos

- Identificar e descrever as relações axiológicas estabelecidas entre os enunciados no dado contexto de produção, recepção e circulação;
- Analisar, a partir dos trabalhos de Santos (2023), a relação do *cronotopo interno* e do *cronotopo externo* na construção discursiva da obra;
- Compreender e analisar como o tempo e espaço emolduram as representações estéticas de Lima Barreto;
- Analisar as interrelações entre língua e linguagem, privilegiando categorias literário-discursivas acerca do cronotopo.

JUSTIFICATIVAS

Afincada nos estudos da linguagem, mas consubstanciada pelos estudos literários, a presente discussão pretende horizontalizar as discussões inscritas nos estudos linguísticos-literários, em especial na linha à qual me filio, a linha B do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus. Propomos uma análise que parte do conceito de diálogo, na base de uma malha conceitual situada na filosofia da linguagem como princípio fundamental para interpretar os discursos a partir do cronotopo bakhtiniano.

O interesse em estudar e enveredar pela literatura e na teoria crítica barretiana surge ainda no Ensino Médio, momento pelo qual realizei pesquisas de Iniciação Científica (IC) na perspectiva bakhtiniana. Na graduação, continuei a estudar Lima Barreto, publicando artigos e participando de eventos, discutindo questões de autor/autoria, elementos autobiográficos e, em última análise, a arquitetura bakhtiniana na obra *Diário Íntimo* (1956), fruto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

As pesquisas que versam sobre as obras barretianas costumam ater-se à análise literária das contradições abarcadas pelos personagens em suas obras ou, sob outra análise, detém-se no Lima Barreto como um pré-modernista de uma literatura militante que por vezes ficcionaliza, trabalhos estes cotejados por Prado (2012), Figueiredo (2007), entre outros/as. Em contraponto, o interesse de analisar Lima Barreto, surge da necessidade de ampliar e horizontalizar as discussões atrelando o literário e o linguístico, sobretudo na linha B do PPGL, que até o presente momento versam de poucos trabalhos na ótica literário-discursiva, em especial relativos ao cronotopo bakhtiniano.

APARATO TEÓRICO

No texto *Análise e teoria do discurso*, Brait (2012, p. 08) assevera que “ninguém em sua consciência poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo, à *Análise do Discurso Francesa*”. Nesse sentido, a *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), emerge como desdobramento das múltiplas leituras e apropriações das obras de Bakhtin e do Círculo, realizadas ao longo das últimas décadas por estudiosos comprometidos com uma perspectiva dialógica da linguagem.

Dentro do escopo teórico-metodológico da ADD um conceito basilar para entender o *corpus* de nossa análise é o cronotopo. De acordo com Bakhtin (2018), a relação indissociável entre o espaço e o tempo pode ser interpretada pelas configurações cronotópicas representadas na linguagem e no discurso ou, por ótica semelhante,

Chamaremos de *cronotopo* (que significa ‘tempo-espaço’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Para nós não importa o seu sentido específico na teoria da relatividade, e o transferimos daí para cá – para o campo dos estudos da literatura – quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente); importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria de conteúdo-forma da literatura [...] No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto (Bakhtin, 2018, p. 11-12, grifos do autor).

A concepção de tempo abarcada por Bakhtin evoca consigo uma concepção de um homem, uma imagem de homem historicamente situada; cada configuração temporal implica, assim, a emergência de um novo sujeito, um herói outro, constituído no plano da atividade estética. Chamamos atenção para o fato de que outros cronotopos podem se incorporar a um outro, podem incluir em si atravessamentos de outros cronotopos, tal qual aponta Santos (2023), em sua tese de doutorado, ao delinear, em segunda análise, os indícios do “*cronotopo interno*, o espaço-tempo da vida representada; e o *cronotopo externo real*, no qual a vida representada se realiza” (p. 61, grifos meus).

O autor ainda acrescenta que

Nessa interrelação cronotópica, por um lado, depreende-se o cronotopo externo do relato, espaço-tempo presente da situação de interação discursiva, em que se encontram o autor e seus possíveis destinatários. Por um outro, temos o cronotopo externo dos fatos relatados, que, em vínculo responsivo com a situação de interação discursiva, retoma no enunciado, pelo fio mnemônico, o acontecimento, ponto de ancoragem do relato. (Santos, 2023, p. 61-62).

Vale salientar que essa confluência cronotópica não ocorre, *a priori*, no mundo da obra, mas se concretiza e/ou materializa no mundo do autor – e é, a partir dessa confluência, que se vislumbra o horizonte do outro por meio do excedente de visão. Ao se falar em cronotopo, inevitavelmente estamos diante de uma relação exotópica, na medida em que o cronotopo estrutura-se como uma articulação entre tempo e espaço no todo de uma situação de interação discursiva; enquanto a exotopia opera como a distância necessária que possibilita a criação do objeto estético.

Nessa instância exotópica que se constrói entre mim e o outro, também se constrói, ou melhor, se alterna uma posição axiológica, de valor perante o outro, foco que também recai na análise do nosso *corpus*. Esse espaço que nasce em um recorte dialógico parte do princípio da impossibilidade da identificação desse sujeito com o si mesmo que ele encerra. Aparece, então, na definição de autoconsciência que se define como um retorno do eu sobre si mesmo que não coincide com o eu – a representação que o sujeito faz de si mesmo, o *eu-para-mim*, nas palavras de Bakhtin (1998).

Dado o contexto do início do século XX, em que as ideias de teorias raciais e de eugenia começavam a fecundar pelo Brasil e o escritor Lima Barreto ser notadamente negro, a pesquisa nos conduz a entender os índices de valoração no horizonte ideológico do discurso. Aqui, o valor é entendido numa explícita relação não só com o tempo, mas com marcadores históricos, pelo qual nos filiamos a Augusto (2024) e Schwarcz (2017).

Construir uma narrativa sobre Lima Barreto a partir do cronotopo bakhtiniano representa um passo a mais nas delimitações propostas nas análises que se detêm especificamente ao campo da literatura barretiana. Ao analisar a obra, lançamos o nosso olhar de hoje tentando reconstituir o passado e as narrativas históricas e ideológicas; assim, o tempo-espaço opera como matriz fulcral na compreensão das dimensões cronotópicas permeadas pelo tempo, mas também materializadas e envoltos por marcas de valorações circunscrito numa dada época.

Podemos compreender o cronotopo interno na vida e obra barretiana a partir dos seus biógrafos, pelo qual a vida é representada, destacando aqui dois: Francisco de Assis Barbosa, primeiro biógrafo de Lima Barreto e, na atualidade, a historiadora Lilia Schwarcz. Ambos os

biógrafos nos trazem duas concepções de tempo-espço na(s) obra(s) de Lima Barreto: o primeiro nos apresenta um arcabouço de historiográfico e documental, de catalogar, analisar e divulgar os textos de Lima Barreto não conhecidos e/ou publicados; a segunda, sob outro século, apresenta-nos um tempo-espço remontado pelos críticos de Lima Barreto e as novas narrativas simbólicas e descritivas que se fez e fazem deste escritor.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o presente trabalho se pauta no raciocínio inerente à pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica. Para essa proposta, opta-se pela análise narrativa como método de leitura e interpretação no intento de entender a configuração discursiva da obra a partir das dimensões cronotópicas advindas da ADD.

Para aprofundar a fundamentação teórica e epistêmica, será realizada uma revisão bibliográfica que incluirá, em primeiro momento, a compreensão do espaço-tempo das dinâmicas históricas do final do século XIX e a primeira metade do XX, para que assim seja possível recompor parte de sua trajetória pessoal, intelectual e, sobretudo literária, uma vez que, para Bomfim (2025), em diversos momentos da literatura barretiana ou, na “régua social do que era ou não moderno, Lima Barreto foi posto no entremeio, isto é, aquele que não foi e nem será, o não-lugar” (p. 198).

No que se refere aos objetivos, a pesquisa insere-se no escopo da pesquisa explicativa, e será dividida em algumas etapas no intuito de compreender, identificar e interpretar os mecanismos históricos e discursivos que a obra e o autor se inserem, uma vez que, concordando com Bosi “[...] para conhecer o escritor [Lima Barreto], é necessário saber de sua origem humilde, dos dilemas relacionados à sua cor, à vida penosa de jornalista e amanuense pobre, à viva consciência de sua própria situação social” (p. 316). Nesse ínterim, a análise textual aprofundada do romance é a primeira etapa, com vistas a compreender não só o romancista de quem fala/enuncia, mas sobretudo o personagem/herói, mote narrativo da obra: Policarpo Quaresma, um personagem ultranaconista narrado na primeira parte do livro como um burocrático carioca.

Na segunda parte da análise diálogo com autores como: Jorge Augusto, Alfredo Bosi, Lília Schwarcz, entre outros, no intuito de compreender que tal ideal ufanista de Policarpo Quaresma se confronta, na segunda parte do livro, com a noção de formação da identidade nacional ou, de forma sintética, à noção de *Belle Époque* dos costumes e da linguagem que se instalavam no Rio de Janeiro. Espera-se que nesse momento de escrita, seja possível descrever, por meio do cronotopo interno, como as relações de espaço-tempo são

materializadas no romance; e o cronotopo externo real, evidenciado pelo conflito do herói com o seu mundo, na qual a vida se realiza.

No terceiro e último momento da pesquisa, darei continuidade às escritas dos capítulos, mas com foco especial a unidade das análises e as revisões que farei conforme solicitações da banca de qualificação. Todas as etapas se entrecruzam, mas aqui apresento um cabedal teórico da ADD já marcado por questões caras a este projeto: as relações axiológicas (de valor) dada à obra pelo excedente de visão ou “pela alteridade para com seus personagens” (Bomfim; Cavalcante, 2021, p. 49) marcada notadamente pela frustração de forças alheias à sua vontade que lhe fizeram condenado e fuzilado por Floriano Peixoto, presidente que anteriormente Policarpo Quaresma havia apoiado.

DISCUSSÃO

Espera-se com essa pesquisa, ainda em fase de andamento, ofereça um novo olhar de Lima Barreto ao campo dos estudos de língua e linguagem, na linha B. Que ao abordar a figura de Lima Barreto seja possível analisá-lo para além do texto literário, observando as subjetividades nas entrelinhas, reconstruindo o olhar proposto com base na observação do autor, narrador e personagem.

Ademais, pretende-se, portanto, entender como esse enunciado pode ser classificado, no conjunto da obra do autor e seu reflexo na luta dos negros e no contexto histórico de influências e transformações sociais e culturais no início do século XX, no Rio de Janeiro.

Longe de se tornar uma discussão encerrada do texto, este resumo expandido é, portanto, convidativo à leitura dos textos/enunciados de Lima Barreto. Assim, pretendemos divulgar os resultados desta pesquisa em publicações futuras com o intuito de divulgar a crítica produzida, rememorar as produções do autor e se conectar a trabalhos já existentes e que ainda estão por vir em torno da obra.

O intuito também é, a partir dos desdobramentos da pesquisa e das contribuições inerentes ao processo de escrita acadêmica, que o texto possa trazer novos ares/perspectivas para os estudos que venho enveredando desde 2017 sobre este escritor fluminense. Objetiva-se, por fim, entre as questões já elencadas, evidenciar que a desilusão do herói Policarpo Quaresma se refere não só aos fatos/teorias vigentes à época, mas também relatar como os dilemas da vida real, experimentada e vivenciada constroem uma narrativa cronotópica.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Jorge. **Modernismo Negro: a literatura de Lima Barreto**. Salvador: Segundo Selo, 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma** [1915]. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BOMFIM, Antonio. Por uma arquitetura da existência na obra *Diário Íntimo*, de Lima Barreto: manifestações de língua e linguagem. **RE-UNIR – Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia**, v. 12, n. 1, p. 195-209, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47209/2594-4916.v.12.n.1.p.195-209>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BOMFIM, Antonio; CAVALCANTE FILHO, Urbano. Autor/autoria em Lima Barreto sob a égide bakhtiniana. **Revista Discentis**, v. 8, n. 2, p. 37-51, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/discentis/article/view/9990/7632>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, B. Teoria e análise do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 9-33, 2012.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. O arquivo e o olhar: da vida literária à rede de imagens culturais. **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v.14, n.21, p. 85-103, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/matraca/matraca21/arqs/matraca21a06.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2025.

PRADO, Antonio. **Lima Barreto: uma autobiografia literária**. São Paulo: editora 34, 2012.

SANTOS, Yuri. **Testemunhos autobiográficos no Brasil e na Áustria: uma análise contrastiva de discursos** (Tese de doutorado). 2023. 459f. Universidade de São Paulo - Université Paris Cité. Orientador Sheila Vieira de Camargo Grillo; orientador Patricia von Münchow -São Paulo, 2023.

SCHWARCZ, Lilia. **Triste Visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: ANÁLISE DA DIALOGICIDADE EM UM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Ismaela Midiã Santos de Jesus¹
Eduardo Lopes Piris (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A argumentação ocupa posição central nos documentos orientadores da educação brasileira, especialmente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que a trata como competência fundamental para a formação cidadã. No entanto, pesquisas recentes (Azevedo, 2015; Vidon, 2018; Piris, 2020) mostram que o ensino dessa prática permanece reduzido a modelos tradicionais, geralmente centrados na redação dissertativo-argumentativa ou em debates simulados, o que restringe a participação, a tomada de posição e a construção dialógica de sentidos. Esse cenário revela lacunas na formação docente, uma vez que professores não costumam vivenciar práticas argumentativas situadas, críticas e socialmente relevantes, sendo essas condições necessárias à educação emancipadora.

É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, vinculada ao projeto ENARE (Ensino de Argumentação na Escola). Partimos da compreensão de que argumentar, em uma perspectiva emancipadora, envolve agir com o outro, escutar, problematizar e construir sentidos de modo compartilhado (Azevedo; Piris, 2023). No entanto, apesar de reconhecida, a dialogicidade, eixo estruturante da pedagogia freiriana e do dialogismo bakhtiniano, ainda carece de sistematização teórico-metodológica em processos formais de formação docente.

Assim, o estudo busca responder à pergunta: quais princípios da dialogicidade devem orientar um curso de formação de professores para o ensino da argumentação emancipadora? Para isso, propõe-se a elaboração, implementação e análise de um curso de formação continuada para docentes de Língua Portuguesa da Instituto Municipal de Educação Aziz Maron (IMEAM), em Itabuna-BA.

O estudo se ancora na pedagogia freiriana (Freire, 1998; 2003; 2016), que concebe o diálogo como prática ética, política e cognitiva, e no dialogismo do Círculo de Bakhtin

¹ imsjesus.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² elipiris@uesc.br

(1997), que entende a linguagem como encontro de vozes em constante relação. Essas bases permitem considerar a argumentação como prática social que requer escuta, responsividade e participação, condições que só se concretizam em relações pedagógicas menos verticalizadas.

A pesquisa assume, portanto, uma perspectiva formativa que articula teoria e prática, com foco na transformação das relações de saber-poder e na promoção de práticas de linguagem que reconheçam estudantes como sujeitos históricos e produtores de sentidos. Inserida na área da Linguística Aplicada e comprometida com uma educação crítica e dialógica, a investigação visa contribuir para o debate contemporâneo sobre formação docente e ensino de argumentação, oferecendo dados concretos sobre como a dialogicidade pode ser efetivada em contextos formativos reais.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Descrever os princípios que caracterizam o eixo da dialogicidade na formação de professores para o ensino da argumentação emancipadora.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar, por meio de revisão bibliográfica, os princípios teórico-metodológicos que fundamentam o eixo da dialogicidade no ensino de argumentação emancipadora;
- Elaborar e realizar um curso de formação de professores da educação básica com base nesses princípios;
- Identificar, por meio da análise de registros de campo e materiais produzidos no curso pelos professores participantes da pesquisa, como se manifestam os princípios do eixo da dialogicidade na formação docente;
- Sistematizar diretrizes teórico-metodológicas para futuras propostas formativas baseadas na dialogicidade e na argumentação emancipadora.

JUSTIFICATIVAS

Embora a BNCC reconheça a argumentação como prática fundamental ao desenvolvimento crítico, as escolas ainda se mantêm atreladas a práticas descontextualizadas e centradas no produto escrito. A carência de abordagens dialógicas inviabiliza a participação ativa dos estudantes e reproduz relações verticalizadas de ensino. Isso evidencia uma lacuna não apenas no que se ensina, mas em como os professores são formados para ensinar argumentação.

A literatura (Azevedo; Piris, 2023; Azevedo, 2024; Alves Lima, 2022) indica que

formar professores para o ensino da argumentação emancipadora implica desenvolver capacidades vinculadas à criticidade, reflexividade e, sobretudo, dialogicidade. No entanto, tais capacidades raramente são trabalhadas de modo consistente na formação inicial, e menos ainda na prática cotidiana da escola pública.

A relevância deste projeto reside promover uma formação docente que se apoia em princípios dialógicos e em práticas sociais de linguagem. A escolha por investigar a dialogicidade como eixo formativo não é apenas teórica: trata-se de compreender como relações horizontais, escuta ativa e negociação de sentidos podem ser articuladas a práticas argumentativas emancipadoras no contexto real de uma escola pública.

A pesquisa contribui, ainda, para suprir a carência de estudos empíricos que examinem a formação continuada de professores em argumentação no contexto brasileiro, especialmente sob perspectiva crítica e dialógica. Ao sistematizar princípios e experiências formativas, o estudo busca oferecer subsídios tanto para políticas públicas quanto para novas práticas pedagógicas e acadêmicas.

APARATO TEÓRICO

A dialogicidade é fundamento teórico-metodológico da pedagogia freiriana, sendo compreendida como condição para uma educação que reconhece os sujeitos como participantes ativos da construção do conhecimento. Freire (1998, 2003, 2016) defende que a ação pedagógica deve partir do respeito às experiências dos educandos e da problematização do mundo, movendo-se pela dialogicidade como forma de superar a prática bancária. O diálogo, para ele, não é técnica, mas postura ética e política.

Essa concepção converge com o dialogismo bakhtiniano, que entende todo enunciado como resposta a outros enunciados e como antecipação de respostas futuras. Bakhtin (1997) desloca a linguagem de um espaço meramente estrutural para uma esfera social e ideológica, enfatizando que o sentido nasce do encontro entre vozes diversas. A argumentação, nesse quadro, é uma prática discursiva essencialmente dialógica.

Trabalhos como os de Azevedo e Piris (2023), Azevedo (2016; 2024) e Araújo, Azevedo e Oliveira (2024) sustentam a argumentação emancipadora como prática que articula escuta, criticidade e negociação de sentidos. Essa abordagem busca superar modelos normativos e prescritivos, valorizando contextos reais, conflitos de interpretações e problematizações de ordem social.

Além disso, estudos sobre letramento docente (Azevedo; Santos, 2023; Alves Lima, 2022) apontam que muitos professores, apesar de reconhecerem a importância da

argumentação, não possuem repertório teórico-metodológico para trabalhar com gêneros argumentativos diversos ou com práticas dialógicas de sala de aula. Daí a importância de processos formativos que ampliem o letramento profissional e articulem prática e reflexão crítica.

Essa fundamentação teórica orienta a construção do curso de formação continuada, da coleta e da análise dos dados, bem como a elaboração dos princípios formativos a serem sistematizados ao final da pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza etnográfica, participativa e bibliográfica. Será desenvolvida com professores de Língua Portuguesa do Instituto Municipal de Educação Aziz Maron, em Itabuna-BA, que se inscreverem voluntariamente no curso de formação.

A etnografia permite observar práticas educativas em seu contexto real, compreendendo valores, interações e significados compartilhados (André; Gatti, 2010; Flick, 2009). Sua dimensão participativa advém do papel da pesquisadora como professora-formadora e, segundo Fonseca (2002), destaca a importância da relação sujeito-sujeito na construção do conhecimento. Essa perspectiva, alinhada à pedagogia freiriana, reforça o caráter horizontal do processo.

A pesquisa se desenvolverá em duas etapas principais:

- (I) Revisão bibliográfica sobre dialogicidade, formação docente e argumentação emancipadora.
- (II) Elaboração e realização do curso de formação, composto por dez encontros presenciais de três horas cada, totalizando 30 horas. Os encontros incluirão rodas argumentativas, análises de práticas, atividades de leitura e escrita e produção de materiais didáticos.

Corpus da pesquisa:

- Diário de campo da pesquisadora;
- Produções textuais e materiais elaborados pelos professores;
- Registros orais das interações (com consentimento via TCLE);
- Todos os dados serão anonimizados e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

DISCUSSÃO

Espera-se que o curso possibilite aos docentes vivenciar práticas dialógicas reais, permitindo observar como princípios da dialogicidade se manifestam nas interações, nas escolhas pedagógicas e nos materiais produzidos. Os dados devem revelar, especialmente:

- modos de escuta e responsividade presentes nas rodas argumentativas;
- estratégias docentes que dirimam relações de saber-poder;
- indícios de negociação de sentidos;
- movimentos de abertura ao outro e de construção coletiva de conhecimento.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo busca sistematizar princípios formativos da dialogicidade que possam orientar cursos futuros, materiais didáticos e políticas formativas.

Como impacto imediato, espera-se o fortalecimento da dialogicidade, criticidade, reflexividade e consciência linguística dos participantes, contribuindo para práticas pedagógicas mais éticas, dialógicas e situadas. No médio prazo, a pesquisa poderá repercutir nas salas de aula dos docentes, potencializando o desenvolvimento argumentativo de seus estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

Argumentação emancipadora. Formação docente. Dialogicidade. Letramento crítico.

REFERÊNCIAS

ALVES LIMA, S. F. As capacidades argumentativas como objeto de ensino da argumentação. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 2, p. 154-174, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-2-3484>. Acesso em: 28 jul. 2025.

AZEVEDO, I. C. M. Formação de professores com foco no ensino de argumentação na Educação Básica. In: AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. (org.). **Argumentação e discurso na multidisciplinaridade**. Campinas: Pontes, 2024. p. 377-401. Disponível em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/lancamento-e-book/argumentacao-e-discurso-na-multidisciplinaridade-2/. Acesso em 28 jul. 2025.

AZEVEDO, I. C. M. Organização de textos dissertativo-argumentativos em prosa: o que se percebe em dez anos de realização do ENEM. In: SILVA, L. R.; FREITAG, R. M. K. **Linguagem, interação e sociedade: diálogos sobre o ENEM**. João Pessoa: CCTA, 2015. p. 33-50.

AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. Pedagogia da esperança e argumentação emancipadora. In: REICHMANN, C. L.; MEDRADO, B. P.; COSTA, W. P. **Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças**. Campinas:

Pontes, 2023. p. 66-84.

AZEVEDO, I. C. M.; SANTOS, M. F. Formação de professores com foco no trabalho com a argumentação no ensino fundamental. **Linha D'Água**, v. 36, n. 3, p. 7–25, 2023. DOI: [10.11606/issn.2236-4242.v36i3p7-25](https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v36i3p7-25).

ARAÚJO, J.; AZEVEDO, G.; OLIVEIRA, R. H. A. de. Análise dialógica no ensino de argumentação emancipadora. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 24, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-24-2-4111> . Acesso em: 28 jul. 2025.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Ceará, 2002.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

PIRIS, E. L. (Im)Posibilidades de enseñanza de la argumentación en la escuela. **Revista Iberoamericana de Argumentación**, Madrid, n. 20, p. 30-56, 2020.

VIDON, L. N. A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do ENEM. In: AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares– vol. 2. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 31-44.



FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE PROFESSORES(AS) DE INGLÊS: entre discursos curriculares e práticas pedagógicas

Levi Silva Santos¹

Élida Paulina Ferreira (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, a formação inicial de professores(as) que atuam com práticas linguísticas associadas ao inglês³ no Brasil tem sido atravessada por desafios que exigem uma postura pedagógica sensível às desigualdades, às tensões culturais e aos discursos hegemônicos que moldam os usos da linguagem. Em um cenário marcado por pluralidades e disputas, torna-se necessário pensar processos formativos que ultrapassem abordagens estritamente normativas, abrindo espaço para perspectivas interculturais comprometidas com justiça social, diálogo e problematização das relações de poder (Guilherme, 2007; Walsh, 2006, 2009).

Embora a interculturalidade figure de modo explícito em documentos curriculares de diversos cursos de Letras, sua presença efetiva nem sempre se concretiza com a profundidade crítica que tais diretrizes pressupõem. Em muitos contextos, práticas pedagógicas voltadas ao trabalho com repertórios reconhecidos como “inglês” permanecem ancoradas em paradigmas tecnicistas e eurocentrados, centrados no domínio de habilidades formais e pouco atentos às relações entre linguagem, cultura e contextos sociais de uso (Rocha, 2023; Schulz, 2024).

É nesse cenário que se inscreve esta pesquisa, de natureza qualitativa e caráter etnográfico. Parte-se da suposição investigativa de que, embora a perspectiva intercultural esteja anunciada no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Santa Cruz, sua apropriação nas práticas formativas pode ocorrer de modo periférico, revelando tensões entre orientações curriculares e currículo em ação. Essa

¹ levisilvasantos@gmail.com Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC). Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² epferreira@uesc.br Professora Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC).

³ Neste trabalho, os termos “inglês” e “língua inglesa” são utilizados apenas como categorias institucionais, referentes ao componente curricular e ao campo de formação docente. Teoricamente, adota-se uma concepção de linguagem como prática social, fluida e heterogênea (Makoni; Pennycook, 2005; Canagarajah, 2013), entendendo “inglês” como repertórios linguístico-culturais em circulação, e não como uma entidade fixa ou homogênea.

hipótese não antecipa conclusões, mas orienta o olhar para compreender como docentes significam e mobilizam noções de língua, cultura e interculturalidade no contexto da formação inicial.

O objetivo do estudo é analisar como essas noções são concebidas e operacionalizadas nos discursos dos documentos curriculares e nas práticas pedagógicas das disciplinas selecionadas. Para isso, articula-se: (i) análise de documentos institucionais — PPC, ementas e programas; (ii) entrevistas com docentes; e (iii) observação etnográfica de aulas ao longo de dois semestres, conforme os preceitos da Resolução nº 510/2016.

Ao adotar uma perspectiva de interculturalidade crítica, esta investigação busca compreender não apenas o que se enuncia sobre língua e cultura, mas como esses discursos se materializam — ou são silenciados — nas práticas pedagógicas. A intenção é mapear tensões, silenciamentos e possibilidades que atravessam a formação docente, contribuindo para políticas curriculares sensíveis à pluralidade, ao diálogo e à formação crítica. Afinal, atuar com repertórios linguístico-culturais associados ao inglês implica formar sujeitos capazes de dialogar com diferenças e participar da construção de práticas educativas mais democráticas e transformadoras.

OBJETIVO GERAL

Investigar se e como o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) concebe e integra, de forma teórica e metodológica, as noções de língua, cultura, interculturalidade e práticas interculturais no trabalho docente com repertórios linguístico-culturais associados ao inglês, analisando como tais noções são mobilizadas pelos(as) docentes nas disciplinas selecionadas e nas práticas pedagógicas que compõem o currículo em ação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Compreender como os conceitos de língua, cultura, interculturalidade e ensino de práticas linguísticas associadas ao inglês têm sido historicamente construídos e politicamente tratados na formação inicial de professores(as), identificando suas implicações teórico-pedagógicas para o currículo de Letras da UESC;

b) Analisar os documentos curriculares — PPC, ementas e programas — das disciplinas Língua Inglesa VII, Abordagens Metodológicas para o Ensino de Línguas Estrangeiras, Interculturalidade e Formação de Professores e Estágio Supervisionado de Língua Inglesa e

suas Literaturas II, identificando bases teórico-metodológicas e possíveis articulações com a perspectiva intercultural prevista no curso;

c) Investigar as concepções de língua, cultura, interculturalidade e ensino de práticas linguísticas associadas ao inglês dos(as) docentes responsáveis pelas disciplinas;

d) Observar como tais concepções se manifestam nas práticas pedagógicas, considerando interações, materiais, atividades e escolhas metodológicas;

e) Identificar convergências, tensões e divergências entre os discursos dos documentos curriculares e o currículo em ação, especialmente no que se refere à materialização da perspectiva intercultural anunciada no PPC.

JUSTIFICATIVA

A formação inicial de professores(as) que atuam com práticas linguísticas associadas ao inglês em contextos marcados por desigualdades sociais, fluxos migratórios, transformações tecnológicas e discursos hegemônicos sobre a linguagem demanda perspectivas pedagógicas que ultrapassem abordagens técnicas ou normativas. Essa necessidade se evidencia diante da circulação crescente de repertórios vinculados ao inglês em escala global, mobilizados por falantes de diferentes origens e em múltiplos contextos comunicativos (Alves; Siqueira, 2020; Canagarajah, 2018).

Nesse cenário, a abordagem intercultural emerge como perspectiva crítica e ética comprometida com diversidade, diálogo e problematização de estereótipos linguístico-culturais. Para Walsh (2009), pensar interculturalidade crítica implica tensionar relações de poder, romper com lógicas coloniais e valorizar epistemologias subalternizadas. Assim, a formação docente que se orienta por esse viés precisa considerar a multiplicidade das práticas de linguagem e enfrentar mecanismos que desvalorizam determinados repertórios e identidades.

Embora a interculturalidade figure em documentos institucionais, sua presença nos cursos de Letras – Inglês muitas vezes se materializa de forma periférica, pouco integrada às práticas formativas e distante de uma concepção crítica de linguagem e cultura (Rocha, 2023). Persistem dificuldades docentes e discentes em articular, de modo coerente, fundamentos interculturais aos processos de ensino-aprendizagem.

Para mapear o cenário nacional, realizou-se uma Revisão Sistemática da Literatura no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em abril de 2025, abrangendo produções de 2020 a 2025. A busca inicial pelo termo “interculturalidade” nas áreas de Letras, Linguística e

Linguística Aplicada resultou em 250 trabalhos; após triagem por títulos e resumos, restaram 38 pesquisas alinhadas ao foco desta investigação. Novas buscas, incluindo os termos “inglês”, “ensino” e “formação de professores”, ampliaram o corpus para 70 estudos. Os achados revelam predominância de reflexões teóricas, análises de materiais didáticos e intervenções no ensino básico. Apenas 10 trabalhos abordaram a interculturalidade em articulação ao currículo da formação docente em Letras, geralmente por meio de análise documental ou práticas pedagógicas — evidenciando uma lacuna que esta pesquisa se propõe a tensionar criticamente. Observou-se ainda que a interculturalidade, quando presente nos currículos, aparece de modo pouco desenvolvido e distante do cotidiano formativo, reforçando perspectivas tecnicistas centradas em competências formais (Rosa, 2021; Santos, 2023).

Como destacam Shohamy (2006) e Severo (2013), políticas linguísticas não se limitam aos documentos: manifestam-se também nas práticas, interações e escolhas cotidianas que regulam o que pode ser ensinado, legitimado ou silenciado. Assim, uma pesquisa que articule análise documental, entrevistas com docentes e observação etnográfica pode contribuir para desafiar discursos hegemônicos sobre o ensino de repertórios ligados ao inglês e fomentar práticas formativas mais sensíveis à pluralidade e às desigualdades.

Partindo de eixos teóricos que envolvem concepções de língua, cultura, políticas linguísticas, interculturalidade crítica e práticas pedagógicas (Bhabha, 1998; Canagarajah, 2018; Hall, 2003, 2016; Makoni; Pennycook, 2015; Mignolo, 2008), esta pesquisa problematiza o lugar da interculturalidade no currículo e nas práticas de formação do curso de Letras Português-Inglês da UESC. Ao identificar lacunas, potencialidades e resistências, busca fortalecer uma educação linguística dialógica, situada e comprometida com o reconhecimento das diferenças e com a formação crítica de futuros(as) professores(as).

APARATO TEÓRICO

A formação docente em práticas linguísticas associadas ao inglês no Brasil atravessa uma história marcada por disputas de poder, silenciamentos e permanências coloniais que moldam o ensino de línguas. Desde o período colonial, políticas educacionais ajudaram a consolidar hierarquias que privilegiaram determinados modos de falar, escrever e existir, apagando repertórios indígenas, africanos e populares. Com o tempo, línguas prestigiadas — latim, francês e, posteriormente, o inglês — tornaram-se marcas de distinção social, reforçando desigualdades educacionais (Jucá, 2017; Souza, 2018). Mesmo com reformas posteriores, muitos cursos de Letras mantiveram uma visão tecnicista, focada em normas e conteúdos

descontextualizados, pouco sensível às experiências dos estudantes e às questões sociais que atravessam a sala de aula (Souza, 2014).

É nesse cenário que se situa esta pesquisa, sustentada por cinco eixos teóricos: concepções de língua, concepções de cultura, políticas linguísticas, interculturalidade crítica e práticas pedagógicas.

O primeiro eixo aborda as **concepções de língua**. Em muitos contextos formativos, ainda predomina a visão de língua como sistema fixo e homogêneo, com regras estáveis e falantes “legítimos”. Essa perspectiva ignora que as línguas são práticas vivas, negociadas e atravessadas por histórias e relações de poder. Makoni e Pennycook (2015), bem como Canagarajah (2013), mostram que as categorias “português”, “inglês” ou “espanhol” são construções históricas, e que sujeitos mobilizam repertórios diversos e fluidos em suas interações.

O segundo eixo trata das **concepções de cultura**. Em cursos de formação docente, ainda é comum reduzir cultura a informações sobre países hegemônicos, reforçando estereótipos e visões simplificadoras. Em contraste, Hall (2003) e Bhabha (1998; 2016) compreendem cultura como processo: algo que se constrói nas relações, nos conflitos e nas disputas por significação, sendo atravessada por histórias, memórias e identidades. Sob essa perspectiva, o ensino de línguas precisa ir além da apresentação de fatos culturais, abrindo espaço para que experiências plurais dialoguem, se tensionem e ressignifiquem a compreensão do mundo.

O terceiro eixo refere-se às **políticas linguísticas**, entendidas não apenas como documentos oficiais, mas como práticas que operam no cotidiano dos cursos, nos materiais escolhidos, nos discursos legitimados e nas vozes silenciadas. As políticas linguísticas distribuem poderes: definem quem fala, quem é ouvido e que repertórios são valorizados ou apagados. Essa compreensão amplia o olhar para além do texto institucional, permitindo analisar como hierarquias linguísticas e culturais são produzidas e reproduzidas dentro da formação docente (Shohamy, 2006; Severo, 2013).

O quarto eixo é a **interculturalidade crítica**, que orienta o olhar desta investigação. Ainda que a interculturalidade apareça em documentos curriculares, isso não garante práticas que reconheçam desigualdades ou enfrentem relações de poder. Para Walsh (2009), Mignolo (2008), Scavino e Candau (2015), uma perspectiva intercultural crítica requer a ruptura com lógicas coloniais que organizam a educação, a valorização de epistemologias e experiências subalternizadas e a criação de espaços formativos que acolham vozes historicamente silenciadas — não apenas para “conviver com a diferença”, mas para transformá-la em chave política e pedagógica.

O quinto eixo envolve as **práticas pedagógicas** e o **currículo em ação**. Ensinar não é aplicar métodos prontos, mas criar condições para que estudantes participem da produção de sentidos, reconheçam suas trajetórias e desenvolvam consciência crítica. O currículo, portanto, não é apenas o documento oficial, mas aquilo que acontece nas interações diárias, nos materiais e tarefas selecionados e nos silenciamentos que se repetem em sala de aula. Essa perspectiva evidencia que cada escolha docente produz efeitos sobre quem pode participar, que conhecimentos são legitimados e quais experiências se tornam visíveis (Kumaravadivelu, 2003, 2006; Dogancay-Aktuna, 2005).

Ao articular esses cinco eixos — língua, cultura, políticas linguísticas, interculturalidade crítica e práticas pedagógicas — esta pesquisa busca compreender como discursos e práticas formativas constroem espaços de diálogo, reconhecimento e transformação na formação inicial. O objetivo não é apenas identificar presenças ou ausências da interculturalidade, mas analisar as condições que permitem — ou impedem — que ela se torne um eixo estruturante do currículo. Em um contexto marcado por desigualdades profundas, repensar o ensino de práticas linguísticas associadas ao inglês implica discutir quem tem o direito de aprender, falar, ser reconhecido e se fazer ouvir dentro e fora da universidade.

METODOLOGIA

A pesquisa inscreve-se no campo qualitativo e adota um olhar interpretativista (Schwandt, 2010), compreendendo que os sentidos produzidos pelos sujeitos emergem das interações e dos contextos em que se inserem, e que o conhecimento se constrói nas relações entre pesquisador(a), participantes e campo — aspecto central para investigar concepções, práticas e discursos sobre interculturalidade na formação inicial de professores(as) que atuam com práticas linguísticas associadas ao inglês. O estudo também se fundamenta em princípios da etnografia (Hammersley; Atkinson, 2022), ao prever acompanhamento prolongado do campo e atenção às dinâmicas cotidianas que constituem o currículo em ação, permitindo observar como políticas linguísticas, concepções de língua e cultura e orientações curriculares se materializam nas práticas formativas.

A geração de dados organiza-se em três frentes articuladas. A primeira consiste na **análise documental** do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e das ementas e programas das disciplinas Língua Inglesa VII, Abordagens Metodológicas para o Ensino de Línguas Estrangeiras, Interculturalidade e Formação de Professores e Estágio Supervisionado de Língua Inglesa e suas Literaturas II. Essa análise combina princípios da análise de conteúdo temática

(Bardin, 2016) com a análise documental crítica (Cellard, 2014), buscando identificar concepções de língua, cultura e interculturalidade, objetivos formativos e práticas previstas, bem como tensões entre diretrizes institucionais e o currículo em ação.

A segunda frente envolve **entrevistas semiestruturadas** com os(as) docentes responsáveis pelas disciplinas. Estima-se a participação de quatro a seis professores(as), convidados(as) por e-mail institucional ou presencialmente. As entrevistas, com duração média de 30 a 60 minutos, serão gravadas mediante consentimento e posteriormente transcritas, abordando concepções de língua, cultura, interculturalidade e práticas pedagógicas, além de desafios e possibilidades percebidos na formação docente. Os dados serão analisados segundo procedimentos de análise temática, buscando recorrências, divergências e contradições nas representações docentes (Bardin, 2016; Poupart, 2014; Schostak; Barbour, 2015).

A terceira frente compreende a **observação etnográfica** de aulas (Jaccoud; Mayer, 2014), realizada ao longo de dois semestres. Serão acompanhados encontros presenciais e reuniões de orientação, totalizando cerca de 133 horas de observação, contemplando disciplinas situadas em diferentes momentos do percurso formativo. As observações buscarão compreender como docentes mobilizam temas culturais, em que medida práticas interculturais são acionadas, como materiais são selecionados e de que forma estudantes participam das interações.

Toda a pesquisa seguirá os preceitos éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, com submissão do projeto à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Os instrumentos — roteiro de entrevista, diário de observação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) — serão avaliados pelo CEP, e a participação ocorrerá apenas após assinatura do TCLE, garantindo voluntariedade, confidencialidade e anonimato.

A análise dos dados será realizada mediante triangulação entre documentos institucionais, entrevistas e observações, permitindo identificar convergências e divergências entre discursos oficiais, concepções docentes e práticas de sala de aula. Essa integração possibilitará compreender, de modo crítico e situado, como a interculturalidade é — ou não — incorporada ao currículo da licenciatura em Letras Português/Inglês, evidenciando lacunas, resistências e potencialidades para a formação de professores(as) comprometidos(as) com uma educação linguística mais plural, dialógica e sensível às desigualdades.

DISCUSSÃO

A partir do percurso teórico construído, já é possível delinear gestos analíticos que orientarão a leitura dos documentos institucionais, das entrevistas e das práticas observadas. Mesmo antes da etapa empírica, as leituras e a Revisão Sistemática da Literatura (RSL) evidenciam tendências e lacunas recorrentes nas pesquisas sobre interculturalidade no ensino de línguas.

A RSL mostrou que a interculturalidade aparece majoritariamente em análises teóricas, materiais didáticos e intervenções no ensino básico, enquanto poucos estudos a articulam ao currículo de formação docente em Letras. Assim, espera-se que documentos institucionais mencionem a interculturalidade como princípio, mas sem traduzi-la em práticas, objetivos formativos ou orientações metodológicas consistentes.

É provável também que emergam tensões entre discursos docentes e práticas pedagógicas. Mesmo quando professores(as) afirmam perspectivas plurais de língua e cultura, as práticas podem permanecer ancoradas em modelos tradicionais, centrados na norma, na “cultura-alvo” homogênea e na referência ao falante nativo.

Nas observações, devem surgir tanto movimentos de abertura ao diálogo intercultural quanto práticas baseadas na repetição de estruturas e em conteúdos descontextualizados. Além disso, entende-se que o currículo opera como política linguística, regulando o que é legitimado ou silenciado. Esses gestos analíticos orientam a investigação e permitem antecipar tensões que serão aprofundadas no trabalho de campo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Polyanna Castro Rocha; SIQUEIRA, Sávio. A perspectiva do Inglês como língua franca como agente de decolonialidade no ensino de língua inglesa. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 169-181, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13102/cl.v21i2.5072>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BHABHA, Homi Kharshedji. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANAGARAJAH, Suresh. The unit and focus of analysis in lingua franca English interactions: in search of a method. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, London, v. 21, p. 805-824, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/13670050.2018.1474850>.

CELLLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 295–316.

DOGANÇAY-AKTUNA, Seran. Intercultural communication in English language teacher education. *ELT Journal*, Oxford, v. 59, n. 4, p. 99–107, 2005.

GUILHERME, Manuela. English as a Global Language and Education for Cosmopolitan Citizenship. *Language and Intercultural Communication*, v. 7, n. 1, p. 72-90, 2007.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. O que é etnografia. In: HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Etnografia: princípios em prática*. Trad. Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 17–47.

JACCOUD, Luciana B.; MAYER, Regina. *Análise de práticas e observação participante*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

JUCÁ, Leina Cláudia Viana. *Das histórias que nos habitam: por uma formação de professores de inglês para o Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. TESOL methods: changing tracks, challenging trends. *TESOL Quarterly*, v. 40, n. 1, p. 59–81, 2006.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. desinventando e (re)construindo línguas. *Working Papers em Linguística*, v. 16, n. 2, p. 9-34, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287–324, 2008.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 215–253.

ROCHA, Arnon Alves. *Formação inicial de professores de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: os efeitos e resultados da mudança curricular numa universidade pública baiana*. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ROSA, Gabriela da Costa. *Inglês como língua franca sob um olhar crítico e decolonial*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, Jaciara Nô dos. *Inglês como língua franca: reflexões no contexto de formação inicial de professores de inglês da Universidade Estadual de Santa Cruz*. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SCHOSTAK, John; BARBOUR, Rosaline S. Entrevista e grupos-alvo. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 99–

SCHULZ, Mariana Ferreira. *Interculturalidade crítica na formação de professores: o ensino de inglês sob a perspectiva de língua franca*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2024.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) linguística(s) e questões de poder. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 451-473, 2013.

SHOHAMY, Elana. Language, manipulation, policy. In: SHOHAMY, E. *Language Policy: hidden agendas and new approaches*. New York: Routledge, 2006. p. 46–57.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: um pensamento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. *Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento*. Buenos Aires: Editorial Signo, 2006. p. 21–70.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e (des)colonialidade: perspectivas críticas e políticas. In: CONGRESSO ARIC, 12., 2009, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: ARIC, 2009.



O DEBATE NO ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: ANÁLISE DA REFLEXIVIDADE EM DEBATES ESCOLARES

Aliks Douglas Souza de Oliveira¹

Eduardo Lopes Piris (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada pela circulação intensa de discursos e pela emergência de fenômenos como a desinformação, os discursos de ódio e a polarização social. Nesse contexto, torna-se urgente pensar práticas pedagógicas que desenvolvam sujeitos capazes de refletir criticamente sobre a realidade e se posicionar de maneira ética e fundamentada.

No campo da educação crítica, Freire (2004, 2005) já defendia que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, que a formação dos sujeitos passa, necessariamente, pela capacidade de problematizar a realidade, questionar estruturas e construir novos sentidos a partir do diálogo. Para Freire, esse movimento é essencial para que os sujeitos alcancem o que ele denomina como *ser mais*, que pressupõe a superação de condições limitantes e o engajamento em processos de transformação social.

Azevedo e Piris (2023) alinham-se a essa perspectiva emancipadora da educação ao proporem o ensino da argumentação emancipadora. Azevedo (2024), em especial, sistematiza a proposta em três eixos – epistêmico, ético e político – que orientam uma pedagogia da argumentação voltada para a emancipação. Dentre eles, destaca-se aqui o eixo da reflexividade, entendido como a capacidade de reorganizar sentidos, revisar perspectivas e construir consciência a partir do diálogo. Esse eixo mostra-se central para o ensino da argumentação na sociedade contemporânea, em que os sujeitos precisam lidar com discursos conflitantes e desnaturalizar práticas hegemônicas.

Apesar da relevância da temática, ainda são necessários estudos que focalizem especificamente a reflexividade enquanto dimensão constitutiva do ensino da argumentação. Compreender como ela se manifesta em práticas pedagógicas pode contribuir para sistematizar

¹ adsoliveira.ppqi@uesc.br

² elpiris@uesc.br

propostas de ensino que favoreçam a formação de estudantes mais conscientes, autônomos e comprometidos com a transformação social. É nesse espaço que se insere a presente pesquisa.

Assim, esta investigação tem como objetivo analisar como as capacidades argumentativas associadas à reflexividade (Azevedo; Piris, 2023; Azevedo, 2024) se manifestam em discursos produzidos por estudantes durante debates na Educação Básica, considerando o debate como forma de ensino da argumentação enquanto prática social de linguagem voltada para a emancipação. A pesquisa pretende discutir a construção da reflexividade na formação de estudantes dos anos finais do ensino fundamental durante um projeto de debates escolares, por meio da análise de debates realizados em uma escola municipal de Itabuna (BA) e documentados em Alves-Lima (2024).

A investigação busca, desse modo, contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a formação de sujeitos reflexivos e capazes de atuar de forma ética e transformadora na sociedade.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar como a reflexividade se manifesta em discursos produzidos por estudantes durante práticas de debate na Educação Básica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender de que modo os debates escolares constituem espaços de desenvolvimento da reflexividade e suas implicações para o ensino da argumentação.
- Analisar como a reflexividade é mobilizada por estudantes na construção de argumentos, nas refutações e nas negociações de sentidos durante os debates.
- Discutir as potencialidades do debate como prática pedagógica para a formação de sujeitos reflexivos e comprometidos com processos de emancipação.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa proposta se justifica pela necessidade de aprofundar as discussões sobre o ensino da argumentação na Educação Básica a partir de uma perspectiva emancipadora, em contraposição às abordagens normativas, tecnicistas e centradas na lógica dos exames de larga escala, ainda recorrentes nas práticas escolares. Para autores como Azevedo (2024), Azevedo e Piris (2023) e Piris (2024), a argumentação deve ser compreendida como prática social de

linguagem, situada, histórica e politicamente, capaz de promover a formação de sujeitos reflexivos e emancipados, em diálogo com a tradição freiriana.

Nesse horizonte, o debate escolar configura-se como uma prática pedagógica potente para o desenvolvimento de capacidades argumentativas que ultrapassam a mera exposição de opiniões. Trata-se de um espaço que favorece a construção coletiva de sentidos, o tensionamento de discursos e a escuta ativa, possibilitando que os sujeitos mobilizem a reflexão, revisem suas perspectivas e assumam responsabilidade pelo dizer e pela escuta (Leitão, 2011; Azevedo, 2024). Ao participar do debate, os estudantes são incentivados a reorganizar sentidos, considerar os pontos de vista dos outros e construir argumentações mais conscientes e fundamentadas, desenvolvendo processos de reflexividade que se constituem como centrais na formação cidadã.

A relevância da pesquisa reside, portanto, em como o eixo da reflexividade se manifesta nos discursos dos estudantes durante práticas de debate na Educação Básica. Investigar esses processos é fundamental porque, na perspectiva freiriana, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2005), e formar sujeitos reflexivos significa possibilitar que compreendam os discursos que os constituem, tensionem sentidos naturalizados, questionem relações de poder e construam leituras de mundo mais conscientes, autônomas e emancipatórias.

O potencial desta pesquisa também se expressa no fato de que ainda são escassos os estudos que tomam o debate escolar como objeto empírico a partir de uma perspectiva que transcenda a lógica da performance, da retórica competitiva ou da simples avaliação de competências formais. Ao adotar uma abordagem voltada para os processos interacionais, cognitivos e políticos de reflexividade, este estudo pretende contribuir tanto para os avanços teóricos no campo do ensino da argumentação quanto para as práticas pedagógicas, oferecendo subsídios para que professores possam incorporar o debate como prática orientada para a emancipação dos sujeitos.

Por fim, ao focalizar o eixo da reflexividade da argumentação emancipadora, este estudo reafirma o papel da argumentação como prática social e como ferramenta de formação ética, política e cidadã, alinhando-se aos pressupostos de uma pedagogia que, na esteira do pensamento freiriano, valoriza o diálogo, a problematização, a leitura crítica do mundo e o exercício constante da construção de sentidos orientados para a emancipação dos sujeitos.

APARATO TEÓRICO

1.1 Panorama sobre a reflexão e a reflexividade no ensino

A discussão sobre a reflexão, enquanto dimensão constitutiva da formação humana, tem uma longa trajetória histórica. Segundo Azevedo e Piris (2023), desde a filosofia clássica grega, a reflexão esteve ligada ao autoconhecimento, ao exame da realidade e à busca da verdade. Essa noção, no entanto, foi reinterpretada ao longo da modernidade, assumindo, em autores como Descartes e Kant, um caráter abstrato e individualizante.

Para os autores, essa tradição mostra como a reflexão sempre ocupou um lugar central no pensamento pedagógico, mas nem sempre foi compreendida em sua dimensão social e situada. O deslocamento mais significativo ocorre com Paulo Freire, que concebe a reflexão como parte da praxis — isto é, um movimento em que ação e reflexão se tornam indissociáveis e orientados à transformação da realidade (Freire, 2005). Nesse horizonte, surge a noção de reflexividade, compreendida como capacidade de revisar perspectivas, reorganizar sentidos e assumir consciência crítica de seu lugar nos discursos e práticas sociais (Azevedo; Piris, 2023).

Assim, embora a reflexão seja um tema antigo, a reflexividade se consolida contemporaneamente como categoria analítica no campo do ensino da argumentação, sobretudo quando vinculada à pedagogia crítica. Essa concepção abre espaço para pesquisas que investiguem empiricamente como a reflexividade se manifesta em práticas escolares — lacuna em que se insere a presente investigação.

1.2 O lugar da reflexividade na pedagogia de Paulo Freire

A pedagogia freiriana é marcada pela ideia de que educar é um ato de reflexão e ação, entendidos como praxis. Freire insiste que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2005), o que significa que a formação dos sujeitos não se dá apenas no domínio de códigos linguísticos, mas, principalmente, na capacidade de problematizar a realidade em que vivem.

Nesse sentido, a reflexividade ocupa papel central em sua pedagogia. Ser reflexivo, para Freire (2004; 2005), é ser capaz de questionar estruturas, rever perspectivas e engajar-se em processos de conscientização. Mais do que uma habilidade cognitiva, trata-se de uma postura política e ética. O diálogo, enquanto categoria fundante de sua obra, é o espaço em que a reflexividade se realiza: nele, os sujeitos se abrem ao outro, confrontam ideias e se reposicionam.

Ao associar reflexividade ao processo de ser mais, Freire explicita que refletir não é apenas pensar sobre si, mas engajar-se em movimentos de transformação coletiva. Isso implica

assumir responsabilidade pelo dizer, escutar o outro e intervir conscientemente no mundo. Assim, a pedagogia de Freire evidencia que a reflexividade é condição para uma educação emancipadora.

1.3 O lugar da reflexividade na proposta de ensino de argumentação emancipadora

Azevedo e Piris (2023) e Piris (2021) atualizam esse horizonte ao discutir a argumentação como prática social de linguagem. Para os autores, não se trata de ensinar técnicas de convencimento ou preparar estudantes para exames de larga escala, mas de formar sujeitos capazes de intervir criticamente em práticas discursivas.

Nesse contexto, há a sistematização da proposta de uma argumentação emancipadora em três eixos: epistêmico, ético e político. O eixo epistêmico refere-se à produção e reorganização de sentidos; o eixo ético, à assunção de responsabilidade pelo dizer e pela escuta; e o eixo político, à problematização da realidade e à desnaturalização de discursos hegemônicos. Esses três eixos, em conjunto, apontam para uma pedagogia da argumentação que privilegia a formação integral do sujeito, superando práticas escolarizadas restritas ao desempenho formal.

Nesse quadro, a reflexividade constitui uma dimensão transversal, pois envolve a capacidade de revisar perspectivas, reconstruir sentidos e tomar consciência da realidade em diálogo com a alteridade. Como destacam Azevedo e Piris (2023), formar sujeitos reflexivos significa possibilitar que compreendam os discursos que os constituem, tensionem sentidos naturalizados e construam novas leituras de mundo.

Portanto, o ensino da argumentação emancipadora propõe criar condições pedagógicas para que os estudantes exerçam a reflexividade como prática cognitiva, ética e política, orientada à emancipação. Essa perspectiva ainda carece de investigações empíricas que demonstrem como tais processos ocorrem em práticas concretas, como os debates escolares, lacuna a que se dedica esta pesquisa.

1.4 Mecanismos de reflexão e revisão de perspectiva

A contribuição de Selma Leitão (2011; 2013) é decisiva para compreender os mecanismos pelos quais a reflexividade se manifesta na interação argumentativa. A autora descreve a função epistêmica da argumentação, mostrando que, no confronto de pontos de vista, os sujeitos reorganizam ideias, analisam alternativas e chegam a conclusões mais

fundamentadas.

Esse processo não se restringe à defesa de opiniões: implica pensar sobre o próprio pensar, isto é, um exercício metacognitivo que permite ao sujeito revisar perspectivas diante da alteridade. Assim, a argumentação em sala de aula se configura como espaço privilegiado de desenvolvimento da reflexividade, pois mobiliza o estudante a reconhecer limites de sua posição, considerar outras vozes e reformular sentidos.

Contudo, como observa a própria autora, sua proposta se concentra, sobretudo, na dimensão cognitiva da reflexividade. Ela não avança diretamente para o horizonte político e emancipador que caracteriza a pedagogia freiriana ou a sistematização de Azevedo e Pires e é justamente nesse ponto que esta pesquisa se situa: ao articular os mecanismos de reflexão descritos por Leitão à dimensão política de Freire e à sistematização de Azevedo, busca-se compreender a reflexividade em sua complexidade, como prática ao mesmo tempo cognitiva, ética e política.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista, fundamentada na Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2019). Nessa perspectiva, a linguagem é concebida tanto como condição quanto como solução para a compreensão dos fenômenos sociais, de modo que o discurso se constitui como espaço privilegiado de produção de sentidos. Assim, o objetivo é compreender os processos de construção discursiva e interacional que emergem nas práticas argumentativas escolares.

O delineamento do estudo se caracteriza enquanto uma pesquisa bibliográfico-documental (Gil, 2002; 2008), pois se apoia, de um lado, no levantamento e análise crítica de referenciais teóricos que discutem o ensino da argumentação, a pedagogia emancipadora e a reflexividade, e, de outro, no exame de um corpus documental já constituído, oriundo de práticas reais de ensino.

O corpus da investigação é composto por um debate escolar realizado em uma escola pública municipal de Itabuna (Ba), documentado por Alves-Lima (2024). Dentre os registros disponíveis, será selecionado para análise o debate intitulado “A legalização ou não do aborto”, que envolve estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. A escolha desse debate se justifica por sua riqueza discursiva e pela relevância social do tema, que mobiliza tensões entre diferentes pontos de vista e favorece a emergência de processos de reflexividade.

A amostragem é intencional (Gil, 2008), uma vez que não se busca representatividade

estatística, mas a pertinência do material para a análise da problemática investigada. Serão focalizados trechos significativos do debate em que os estudantes mobilizam mecanismos de reorganização de sentidos, revisão de perspectivas, assunção de responsabilidade pelo dizer e pela escuta e problematização da realidade.

Os procedimentos de análise terão como base as capacidades argumentativas associadas à reflexividade, conforme sistematizadas por Azevedo (2024), que envolvem, entre outros aspectos, a habilidade de colocar temas em questão, reconhecer os vieses que orientam o dizer, construir posicionamentos axiológicos e problematizar a realidade em sua dimensão ética e social. Cada ocorrência identificada será interpretada qualitativamente à luz da tríade teórica que sustenta esta pesquisa — Freire, Azevedo e Leitão —, com vistas a compreender como a reflexividade se manifesta em práticas concretas de debates escolares.

Além disso, o percurso metodológico seguirá as seguintes etapas: i) levantamento bibliográfico e aprofundamento da fundamentação teórica; ii) definição e organização do corpus, com destaque para o debate selecionado; iii) análise do debate e segmentação dos dados, a fim de identificar passagens relevantes; iv) construção de categorias analíticas, operacionalizando os três aspectos da reflexividade; v) análise interpretativa das ocorrências; vi) discussão dos resultados em articulação com o quadro teórico; e vii) redação final da pesquisa.

Dessa forma, a metodologia proposta busca assegurar a articulação entre teoria e prática, de modo que a análise do debate escolar selecionado possibilite não apenas compreender como a reflexividade se manifesta nos discursos dos estudantes, mas também contribuir para a elaboração de propostas pedagógicas voltadas à formação de sujeitos emancipados.

DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa devem contribuir, em primeiro lugar, para o campo da Linguística Aplicada, ao aprofundar a compreensão da reflexividade como eixo da argumentação emancipadora. A análise qualitativa do debate selecionado permitirá identificar como estudantes, em situações autênticas de interação, reorganizam sentidos, revisam perspectivas, assumem responsabilidade pelo dizer e pela escuta e problematizam a realidade. Além disso, ao sistematizar esses processos, espera-se oferecer uma análise que possa subsidiar investigações futuras sobre práticas argumentativas na escola.

No plano acadêmico-científico, são esperados como produtos concretos a redação da

dissertação de mestrado, a elaboração de artigo científico submetido a periódicos e anais de congressos e a apresentação dos resultados em eventos acadêmicos da área. E, em termos de impacto social e educacional, a pesquisa busca contribuir para o fortalecimento de uma concepção de ensino comprometida com a formação ética, política e cidadã dos estudantes. Ao mostrar que o debate escolar pode funcionar como espaço de emergência da reflexividade, pretende-se reforçar a relevância de práticas pedagógicas que ultrapassem a lógica tecnicista e avaliativa e se orientem pela emancipação dos sujeitos.

Assim, os resultados esperados se traduzem na consolidação de conhecimento científico e crítico sobre a reflexividade em contextos de ensino, de modo a alimentar o debate acadêmico e fornecer subsídios para a construção de práticas escolares mais conscientes e transformadoras.

REFERÊNCIAS

ALVES-LIMA, S. F. **O desenvolvimento das capacidades argumentativas no debate escolar: uma proposta de ensino de argumentação em aulas de língua portuguesa.** 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2024. Disponível em: <https://www.biblioteca.uesc.br/pergamumweb/vinculos/202011584T.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ARCILA, M. A. et al. (org.). **Concursos de Debate Crítico: conceitos operativos.** Colômbia, Editorial EAFIT, 2017. Disponível em: <https://www.eafit.edu.co/escuelas/humanidades/departamentos-academicos/departamento-humanidades/debate-critico/Documents/concurso-debate-critico.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

AZEVEDO, I. C. M. **Formação de professores com foco no ensino de argumentação na Educação Básica.** In: AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. (org.). *Argumentação e discurso na multidisciplinaridade.* Campinas: Pontes, 2024. p. 377-401. Disponível em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/lancamento-e-book/argumentacao-e-discurso-na-multidisciplinaridade-2/. Acesso em 29 jul. 2025.

AZEVEDO, I. C. M. **Organização de textos dissertativo-argumentativos em prosa: o que se percebe em dez anos de realização do ENEM.** In: SILVA, L. R.; FREITAG, R. M. K. *Linguagem, interação e sociedade: diálogos sobre o ENEM.* João Pessoa: CCTA, 2015. p. 33-50.

AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. **Pedagogia da esperança e argumentação emancipadora.** In: REICHMANN, C. L.; MEDRADO, B. P.; COSTA, W. P. *Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças.* Campinas: Pontes, 2023. p. 66-84.

AZEVEDO, I. C. M.; SANTOS, M.; CALHAU, S. P. J.; LEAL, V.; PIRIS, E. L. **Dez questões para o ensino de argumentação na educação básica**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

AZEVEDO, I. C. M.; TINOCO, G. A. **Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa**. Revista Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 18-35, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11383>. Acesso em: 29 jul. 2025.
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

CRISTOVÃO, V. L. L.; DURÃO, A. B. A. B.; NASCIMENTO, E. L. **O debate como gênero textual a ser fomentado nas aulas de línguas**. Signum – Estudos de Linguagem, Londrina, v. 5, p. 105-140, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2002v5n1p125>. Acesso em: 29 jul. 2025.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; PIETRO, J.-F. **Relato da elaboração de uma sequência: o debate público**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 247-278.

EGGLEZOU, F. **O debate no limiar da Pedagogia Crítica e da Paideia retórica: cultivando cidadãos ativos**. Tradução: Ana L. Magalhães. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação - EID&A, Ilhéus, v. 20, n. 2, p. 200-223, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-20-2-2780>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FUENTES, C. **Elementos para o desenho de um Modelo de Debate Crítico na Escola**. In: LEITÃO, S.; DAMIANOVIC, M. C. (org.). Argumentação na Escola: o conhecimento em construção. São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 225-249.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITÃO, S. **O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula**. In: LEITÃO, S.; DAMIANOVIC, M. C. (org.). Argumentação na Escola: o conhecimento em construção. São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 13-46.

LEITÃO, S. **O trabalho com argumentação em ambientes e ensino-aprendizagem: um desafio persistente**. Uni-pluri/versidad, Medellín, v. 12, n. 3, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.unipluri.15151>. Acesso em: 29 jul. 2025.

PIRIS, E. L. **Ensino de argumentação para emancipação e decolonialidade**. Diálogo das Letras, v. 13, p. e02435, 2025. DOI: 10.22297/2316-17952024v13e02435. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6875>. Acesso em: 28 jul.2025.

PIRIS, E. L. **O ensino de argumentação como prática social de linguagem**. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. (orgs.). Estudos em Linguagem, Argumentação e Discurso. Campinas: Pontes, 2021. p. 135-153.

PIRIS, E. L.; ALVES-LIMA, S. F. **Concepções de debate escolar na América do Sul**. In: AZEVEDO, I. C. M. de; SEIXAS, R. (orgs.). Argumentação e conflito: polêmicas em sociedade. Campinas: Pontes, 2025. p. 247-277

PLANTIN, C. **Pensar el debate**. Revista Signos, Valparaíso, v. 37, n. 55, p. 121-129, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-09342004005500010>. Acesso em: 29 jul. 2025.

RIBEIRO, R. M. **A construção da argumentação oral em contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

VIDON, L. N. **A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do ENEM**. In: AZEVEDO, I. C. M.; PIRIS, E. L. Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares– vol. 2. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 31-44.



O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA ESCRITA: UM OLHAR SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

Darlei Jesus dos Santos¹
Rogério Soares de Oliveira (orientador)²

APRESENTAÇÃO

No âmbito das investigações científicas sobre o ensino escolar da escrita, realizamos, em 2022, uma pesquisa bibliográfica que analisou como essa competência vem sendo estudada em artigos científicos brasileiros produzidos entre 2010 e 2020. Entre os resultados, verificamos que estudos sobre a relação escrita e livro didático (doravante LD) tendem a concentrar-se “[n]a produção escrita no livro didático, seu conteúdo e (in)adequação às práticas pedagógicas” (Santos, 2022, p. 23).

Esse achado despertou nosso interesse, pois, a partir de nosso contato com o tema, observamos que boa parte dos estudos que analisam a escrita no LD fazem-no a partir do próprio manual. Em menor proporção, identificamos pesquisas que investigam o LD associado à prática docente, considerando a interação entre professores, alunos e manual. Eis que se coloca uma questão: e quanto aos professores³, sujeitos que interagem diariamente com este material, o que pensam do LD quando o assunto é o ensino da escrita? Procuramos responder a isso.

Partindo desse contexto, o presente estudo tem como foco a relação entre a produção escrita proposta nos LD de Língua Portuguesa e as percepções docentes sobre esse material. Assim, tanto o LD quanto as impressões de professores acerca dele convertem-se em objetos de estudo. Assumimos que, para além das contribuições fornecidas pelos trabalhos que analisam

¹ djsantos.ppgl@uesc.br Bolsista FAPESB

² rosoliveira@uesc.br

³ A distinção feita entre professor e pesquisador mostra, tal como Cole (2012), que a voz avaliativa professoral se difere daquelas de produtores de LD e de equipes designadas para a avaliação técnica dos manuais didáticos. IN: COLE, Patrícia Barreto da Silva. Atividades de escrita e estratégias didáticas: o que prescrevem os livros didáticos de português (LDP)?. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Nas trilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 47-71.

as propostas dos LD de Língua Portuguesa, associar tal análise às representações que deles fazem seus usuários, em especial, o professor, é algo digno de investigação.

Assim, apoiamo-nos no Interacionismo Sociodiscursivo e entendemos a escrita como ferramenta possibilitadora de efetiva participação social (Marcuschi, 2010). Sob essa perspectiva, o LD presente em nossas escolas não é um mero material didático, já que o ensino por ele intermediado não ocorre de forma neutra, pelo contrário, insere-se no espaço-tempo e evidencia as concepções nele validadas.

Desse modo, o que buscamos, com esta pesquisa, são considerações de uso efetivo. Em outras palavras, almejamos verificar, a partir da óptica da sala de aula, o que os professores da educação básica pensam sobre os LD que lhes são fornecidos como principal material pedagógico. Também desejamos a ampliação dos estudos nessa vertente por acreditarmos que, “[p]or dever de ofício, o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos” (Lajolo, 1996, p. 5). Assim sendo, a forma como enxerga o livro infere diretamente em seu trabalho: herói ou vilão? Protagonista ou figurante? No processo educacional, mesmo a não utilização do LD torna-se um indício de sua acolhida em sala de aula.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Investigar a influência do livro didático de Língua Portuguesa nas estratégias de ensino utilizadas pelo professor no processo de ensino da escrita para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Objetivos específicos:

- Verificar se o livro didático adotado na escola lócus apresenta concepções teórico-metodológicas que dialogam com as dos professores.
- Analisar como os professores do Ensino Fundamental Anos Finais percebem as contribuições do livro didático de Língua Portuguesa no desenvolvimento da escrita dos alunos;
- Analisar a interação entre os professores e o livro didático em contextos de ensino da escrita em sala de aula;

- Examinar, por meio da triangulação dos dados (análises de livros, entrevista a professores e observações de aulas), de que maneira o livro didático influencia nas estratégias de ensino da escrita adotadas pelo professor.

JUSTIFICATIVAS

A escola é o espaço privilegiado para a aquisição da modalidade escrita da língua e, nesse ambiente, não é difícil localizarmos o livro didático como elemento de destaque nos processos de ensino, influenciando diretamente na qualidade da aprendizagem dos estudantes. Sua presença na educação básica levou, com o tempo, à formação de um sólido campo de pesquisas acadêmicas, a partir de múltiplos temas e olhares (Munakata, 2012). Em contributo ao campo, tomamos o LD como objeto de estudo por entendermos que, enquanto ele continuar sendo um material tão importante no processo pedagógico, pesquisas sobre tal manual precisam ser incentivadas.

Sobre isso, inclusive, mencionamos que, oportunamente, o estudo ora apresentado insere-se em um contexto em que o LD permanece central nas escolas brasileiras, figurando como o principal material didático fornecido à educação básica. Isso se dá pelo investimento estatal nesse tipo de obra, por meio do aporte financeiro do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que movimenta um grande mercado econômico. Exemplo disso são os R\$2,1 bilhões aplicados ao programa no ano de 2024⁴. Desta feita, o LD é, também, resultado de um dos muitos entrecruzamentos entre educação e economia, e, portanto, alvo de importantes debates sobre sua efetividade. Nesse sentido, pesquisas sobre os LD são, ainda, uma colaboração quanto à qualidade de um investimento público nacional.

Destacamos que, para além da análise do livro didático, esta investigação abarca o que designamos por percepções de professores sobre este material. Tal tomada de partido vem do fato de que, quando se fala em ensino da escrita no LD, temos encontrado poucos estudos que averiguam esse manual e a prática docente de forma combinada. Em consequência disso, por sabermos que o docente não é mero “fiscal” que controla o tempo do aluno com o LD (Geraldi, 2013), mas um sujeito que produz entendimentos sobre esse material, acreditamos na importância de uma pesquisa que favoreça dois olhares complementares: o do pesquisador e o do professor.

⁴ Conforme dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC). A notícia completa pode ser consultada em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/investimento-do-mec-em-livro-didatico-e-79-maior-em-2024>.

Apontamos, ainda, que a pesquisa tem importância social para a comunidade escolar a ser estudada⁵, porque, após sondagens iniciais, a proposta mostrou-se bastante satisfatória aos participantes, sendo perceptível que, naquele contexto, o LD, no ensino de Língua Portuguesa, é sinônimo de tensões. Além disso, a instituição, inserida em uma comunidade periférica da microrregião sul-baiana, ver-se-á no centro de uma investigação, e suas práticas de ensino reais podem ser reconhecidas em outros contextos, tanto no estado da Bahia quanto em outras partes do Brasil. Desse modo, a pesquisa beneficia professores e alunos, já que os resultados obtidos podem orientar práticas mais crítico-reflexivas nos usos do LD.

Por fim, entendemos que a pesquisa almejada é uma importante contribuição aos estudos da didatização da escrita e ao campo de investigação do LD. A óptica pretendida, conforme discutido, procura ir além da análise do livro em si, ampliando-a com o auxílio de docentes da educação básica em uma investigação que, sem abrir mão da teoria, obriga-se a contemplar, de bastante perto, a prática.

APARATO TEÓRICO

A partir da concepção sociointeracionista, entendemos que a escrita deve apresentar-se como ferramenta possibilitadora de efetiva participação social (Marcuschi, 2010). Acrescentamos, em consonância com Silva (2012, p. 41), que “[e]screver exige habilidades variadas de tal maneira que, quanto mais escrevemos, mais descobrimos que há sempre algo a aprimorar”. Assim, a escrita na escola deve preparar os alunos para o exercício da cidadania e mostrar-lhes que o escrever não possui uma única fórmula, mas diferentes acessos.

Sob esse viés, conforme antecipado anteriormente, localizar o LD como elemento central, no contexto da educação brasileira, não é tarefa difícil. Em sua tese de doutorado, Bittencourt (1993) mostra os primórdios desse objeto no Brasil, revisitando-o desde o século XIX. A autora enfatiza a influência de produções francesas em obras nacionais e a complexa conjuntura Estado-editoras-autores na produção e na distribuição desses materiais. Em uma de suas ponderações, destaca que “[a] origem do livro didático está vinculada ao poder instituído” (Bittencourt, 1993, p. 16).

Em concordância com a autora, destacamos o surgimento do Instituto Nacional do Livro, em 1937, embrião do que futuramente viria a ser o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (doravante PNLD), grande programa do governo federal, responsável pela aquisição e distribuição de livros e outros materiais didáticos às escolas públicas de todo o

⁵ As informações sobre a escola onde a investigação será realizada foram ocultadas por motivos éticos.

Brasil. Ressaltamos, assim, que o LD, desde a sua origem até o presente, dedica-se exclusivamente aos interesses educacionais, os quais são subordinados ao Estado.

À medida que o PNLD, enquanto política pública, foi paulatinamente crescendo, surge um campo de pesquisas interessado em averiguar principalmente a qualidade dos LD oferecidos às escolas públicas do país (Munakata, 2012). Especificamente sobre os manuais de Língua Portuguesa, Apolônio e Bessa (2022, p. 2) afirmam que “[e]coam, nas vozes de especialistas nacionais, discursos que ora questionam, ora problematizam, ora apontam “virtudes” no livro didático, mesmo ponderando acerca da existência de falhas”.

Essas apreciações podem ser descritas como um lugar de múltiplos olhares, pois não é do imediatismo que se avalia um objeto complexo como o LD. No que tange ao ensino da escrita, conforme salientamos, a maioria das produções versa sobre a pertinência das propostas trazidas à consecução do ensino (Apolônio; Bessa, 2022), como em Rocha (2012), Mendonça (2019) e Silva (2019). Em menor escala, há estudos, como os de Anzolin (2017) e Albuquerque e Pereira (2019), que, ao analisar o LD, fazem-no por meio de sua associação ao cotidiano da sala de aula.

No estudo de Anzolin (2017), por exemplo, o autor, enquanto professor-pesquisador, avalia o LD positivamente, ao menos quanto à proposta de trabalho do capítulo analisado, voltada ao gênero artigo de opinião. Há que se ressaltar que o próprio autor faz uma ponderação sobre a forma eficiente como o livro aborda o conteúdo ante as produções dos alunos, que ficam aquém do esperado. Diante dessas constatações, ele levanta outros fatores, para além do LD, como partícipes dos problemas de escrita escolar. Por sua vez, Albuquerque e Ferreira (2019) revelam-nos que, ao passo que os critérios de avaliação do PNLD aprimoraram-se, os livros de alfabetização saltaram de qualidade e que as professoras entrevistadas faziam usos diversos destes manuais, complementando-os e combinando-os a outros materiais, quando necessário.

Mais recentemente, Barbosa (2025) publicou sua tese, na qual buscou compreender fatores que levam à aceitação ou à rejeição do LD por professores de Língua Inglesa. Esse estudo amplia os horizontes acerca do olhar docente para o livro didático ao evidenciar uma (relativa) autonomia docente para ler, interpretar e avaliar obras didáticas, “beneficiando-se do que consideram vantajoso nos livros e [subvertendo] aspectos que rejeitam” (Barbosa, 2025, p. 71). Esse aporte bastante recente nos fornece suporte para compreender as percepções docentes em nossa própria investigação, a qual, enfatizamos, concentra-se no campo de estudos da língua materna.

Por fim, reconhecemos, nos estudos listados, investigações que dialogam com o nosso propósito. Assim, a partir da perspectiva da escrita como “uma atividade interativa de

expressão” (Antunes, 2003, p. 45), reconhecemos a necessidade da investigação ora apresentada, na qual procuraremos analisar como se tem dado a relação do professor com o livro didático (Geraldi, 2013), sujeito e complemento unidos em prol de um mesmo verbo – ensinar.

METODOLOGIA

Neste estudo, assumimos a abordagem qualitativa de investigação e classificamos a pesquisa como sendo de caráter descritivo (Gil, 2019) e de campo (Gil, 2022; Marconi; Lakatos, 2021). Nesse sentido, investigaremos uma escola do sul da Bahia, do segmento do Ensino Fundamental Anos Finais, com ênfase nos professores de Língua Portuguesa que lá atuam. Destarte, todo o protocolo de pesquisa encontra-se, atualmente⁶, em apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), sob o registro CAAE: 91544125.6.0000.5526.

Para a operacionalização da pesquisa, utilizaremos os seguintes instrumentos de coleta de dados (Paiva, 2024): a análise documental da coleção de LD de Língua Portuguesa adotada na escola *locus* de investigação; a entrevista com professores dessa disciplina, valendo-nos do questionário facto-atitudinal e da entrevista semiestruturada; e a observação não participante de aulas em que o LD seja utilizado para o ensino da escrita.

Inicialmente, faremos a análise do LD adotado na escola *locus* de investigação, pois acreditamos ser necessário conhecer suas nuances. Para tal, as categorias de análise que consideraremos são: a) Concepção de língua; b) Concepção de escrita; c) Gêneros textuais para o ensino da escrita; d) Etapas de escrita; e) Orientações metodológicas. Posteriormente, traçaremos um perfil dos participantes com a aplicação de um questionário facto-atitudinal (Paiva, 2024). Assim, teremos informações relevantes para a condução das entrevistas, nas quais conheceremos as percepções desses sujeitos quanto ao LD e seu uso em aulas cuja ênfase esteja na produção escrita.

Além disso, entra em cena a observação em sala de aula, a qual será, conforme Paiva (2024), não participante e não estruturada. Gerados os dados a partir dos instrumentos descritos, seguiremos com suas análises individuais, bem como com a triangulação desses dados, posto que são complementares. Tais análises serão realizadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo (doravante AC).

⁶ Até o momento de envio deste resumo expandido (novembro de 2025).

Essa técnica, “[e]nquanto esforço de interpretação [...] oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (Bardin, 2016, p. 15). A AC transita, também, entre as abordagens quali e quantitativa, sendo reconhecida por sua sistematicidade e rigor. Sua escolha justifica-se, portanto, por sua adequação ao tratamento de dados provenientes de nossas diferentes fontes sob o interesse de verificar a influência do livro didático nas estratégias de ensino da escrita. A análise pretendida seguirá as três etapas clássicas da Análise de Conteúdo de Bardin, adaptadas ao contexto da pesquisa, a saber: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Por fim, destacamos que a análise orientada pela AC, conforme apresentada, permitir-nos-á manipular a riqueza dos dados coletados. Além disso, essa abordagem possibilitará captar tanto aspectos já previstos quanto outros inesperados, o que contribuirá para uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado e para o campo da didatização da escrita.

DISCUSSÃO

Atualmente, este estudo caminha sobre o solo teórico, em fase de reconhecimento das pesquisas que, anteriores à nossa, enveredaram-se por estradas que se cruzam com a que agora trilhamos. Isso se deve a duas necessidades: a primeira, de valorizar a produção científica já validada; a segunda, de aguardar o parecer consubstanciado do CEP/Uesc antes de ir a campo, medida inalienável para que, ao seu fim, a investigação colha bons frutos.

De todo modo, podemos fazer projeções para o futuro vindouro. Assim, diante dos objetivos colocados à pesquisa, o principal resultado esperado, que poderá servir, ao mesmo tempo, de base para novos estudos, é a verificação da convergência ou divergência entre a concepção do LD e as dos professores participantes. Isso permitirá que cheguemos, a partir da descrição e análise pormenorizada dessa relação, a uma compreensão da influência do LD de Língua Portuguesa no processo de ensino da escrita.

Esperamos que, ao final da pesquisa, sejam fornecidos subsídios teórico-metodológicos que repercutam no campo do ensino e didatização da escrita. Com isso, indiretamente a pesquisa contribuirá com a formação inicial e continuada, ao evidenciar as concepções teórico-metodológicas dos docentes, e com a revisão do material didático, notadamente o livro didático, e suas estratégias de escolha e de utilização. Almejamos, ainda, contribuir no desenvolvimento de novas pesquisas e com a produção de modelos pedagógicos, materiais didáticos e guias de trabalho ao professor.

Reconhecemos, por fim, que a pesquisa não procura resolver um problema, uma vez que nossos direcionamentos metodológicos não dariam conta de abarcar uma realidade tão

complexa e plural como é a educação brasileira. Todavia, entendemos que o estudo delineado, a partir do compartilhamento que desejamos fazer, será capaz de subsidiar formações docentes e, sobretudo, incentivar que novas pesquisas sob o viés aqui defendido sejam realizadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. Programa nacional do livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 103, p. 250-270, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/1617>. Acesso em 20 ago. 2025.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 181 p. (Série Aula, 1).

ANZOLIN, Carlos Eduardo Krebs. Análise do percurso de produção textual de uma turma de 9º ano a partir da proposta de um livro didático. **Linguagens e Letramentos**, v. 2, n. 2, 2017, p. 97-115. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/469>. Acesso em 03 ago. 2025.

APOLÔNIO, Jakelyne Santos; BESSA, José Cezinaldo Rocha. A produção de sentidos sobre o livro didático e o ensino de Língua Portuguesa: uma análise discursiva de produções científicas nacionais. **Travessias**, Cascavel, v. 16, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2022. <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/29879>. Acesso em 18 jul. 2025.

BARBOSA, Daniela Mota. **A voz do professor: como os professores das escolas públicas da Rede Municipal de São Paulo encaram os livros didáticos de inglês**. 2025. 115 f. Tese (Doutorado em Educação, Linguagem e Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-19052025-093526/es.php> Acesso em 30 set. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. 383 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, 252 p. (Coleção Linguagem).

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: GEN Atlas, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: GEN Atlas, 2019.

LAJOLO, Marisa. LIVRO DIDÁTICO: um quase manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, p. 3-9 jan./mar. 1996. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368>. Acesso em 20 jul. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane. (Coord.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: MEC, SEB, 2010. p. 65-84. (Coleção Explorando o Ensino, v. 19).

MENDONÇA, Marina Célia. Produção de textos em material didático para o Ensino Médio: questões sobre subjetividade e gêneros. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 1021-1050, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jYtmY87pgkgcgfhJb6HTBcb/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2025.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 12, n. 3[30], p. 179-197, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38817>. Acesso em 03 jul. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Pesquisa: projeto, geração de dados e divulgação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2024. [recurso eletrônico].

ROCHA, Regina Braz da Silva Santos. O ensino da escrita argumentativa na perspectiva dialógica. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 199-218, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8889>. Acesso em 22 ago. 2025.

SANTOS, Darlei Jesus dos. **Um mapeamento sobre a produção escrita escolar em artigos científicos brasileiros (2010-2020)**. 2022. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2022.

SILVA, Fábio Pessoa da. Os objetivos do ensino-aprendizagem da escrita na aula de língua materna: uma abordagem à luz do Interacionismo Sociodiscursivo. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Nas trilhas do ISD: Práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 27-46.

SILVA, Meriângela Santos. **O livro didático e o ensino de Português: como a escrita é abordada?**. 2019. 56 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2019.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Ensino da escrita. Livro didático. Língua Portuguesa. Percepções docentes.



PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR DE UM CURSO DE LETRAS SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS E TDICs: um estudo de caso

Isnaile Alves Barberino¹
Jorge Onodera (orientador)

APRESENTAÇÃO

Este projeto está inserido na área da Linguística Aplicada (LA) e está vinculado à linha de pesquisa em linguagens e tecnologias. As metodologias ativas (MA) e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) têm sido discutidas como estratégias que favorecem a participação e protagonismo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira e promovem a inovação nas práticas pedagógicas. No entanto, sua adoção ainda enfrenta desafios, especialmente em cursos da área de Humanas, onde o uso dessas abordagens é menos frequente. Este estudo tem como objetivo investigar as percepções e práticas de professores universitários de um curso de Letras sobre o uso de metodologias ativas e TDICs no contexto acadêmico. A pesquisa possui abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, com delineamento de estudo de caso. A coleta de dados será realizada por meio de questionários on-line e entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, com docentes da área de linguagem de um Curso de Letras de uma Universidade pública no Sul da Bahia. Os dados serão analisados segundo a análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Com este estudo, busca-se compreender como esses professores percebem e utilizam tais estratégias, bem como os desafios e possibilidades identificados em suas práticas docentes. Espera-se que os resultados contribuam para a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas no ensino superior e para o fortalecimento de abordagens interativas e alinhadas às demandas contemporâneas da educação.

OBJETIVOS

Assim, esse estudo tem como **objetivo geral** investigar o uso das metodologias ativas por professores universitários da área da linguagem que atuam em um curso de Letras. Para atingir esse propósito, foram traçados os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Identificar as estratégias das metodologias ativas utilizadas pelos professores do curso de Letras.
- b) Analisar os fatores que facilitam ou dificultam o uso das metodologias ativas.
- c) Investigar as percepções dos professores com relação aos impactos na aprendizagem dos alunos a partir do uso das metodologias ativas.

JUSTIFICATIVA

Justifica-se a realização deste estudo pela necessidade de promover práticas pedagógicas engajadoras, inclusivas e alinhadas às demandas contemporâneas do ensino superior e compreender como os docentes do curso de Letras utilizam ou não as metodologias ativas, a pesquisa contribui também para o debate sobre inovação e aprimoramento do ensino superior, apontando desafios e possibilidades para a formação continuada e a melhoria da qualidade do ensino.

APARATO TEÓRICO

A formação docente para o ensino superior ultrapassa a simples transmissão de conteúdos e implica um processo contínuo de reflexão crítica sobre a prática educativa (Freire, 2003). As universidades, nesse contexto, assumem papel formador de cidadãos conscientes, integrando ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1996; Morosini, 2000). Ressalta-se que a profissionalidade docente articula saberes, competências e valores que constroem a identidade do educador (Gorzoni e Davis, 2017), sendo a formação continuada essencial para esse desenvolvimento (Rossi e Hunger, 2020). Pallu (2008), aponta lacunas na formação dos professores de línguas, especialmente no que tange à atualização metodológica e tecnológica, o que impacta diretamente a qualidade do ensino. Paixão e Carmo (2024) reforçam a necessidade de práticas pedagógicas críticas, ativas e contextualizadas. O uso de metodologias ativas, nesse cenário, surge como estratégia potencializadora da aprendizagem significativa, promovendo protagonismo discente e reconfigurando o papel do professor (Bacich e Moran, 2018).

Bernardes Júnior e colaboradores (2023) destacam que essas metodologias colocam o aluno no centro do processo formativo, valorizando sua autonomia. Almeida e colaboradores (2016) ampliam essa visão ao integrar aspectos sociais e coletivos da aprendizagem. Já Sefton e Galini (2023) alertam para a necessidade de compreender as metodologias ativas não apenas

como técnicas, mas como parte de um campo teórico-prático que exige fundamentação epistemológica e revisão do fazer docente. A integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) à prática pedagógica tem ampliado o alcance das metodologias ativas. Autores como Valente, Freire e Arantes (2018) e Kenski (2012) reforçam a importância das TDICs na mediação de saberes e na promoção de interações significativas.

No ensino de línguas, Leffa (2020), Gomes Júnior e colaboradores (2022) observam que o uso de recursos digitais favorece um processo de aprendizagem mais dinâmico, criativo e contextualizado, sobretudo ao desenvolver competências críticas nos futuros professores. Dessa forma, reconhece-se que a articulação entre formação docente, metodologias ativas e TDICs é fundamental para inovar o ensino de línguas no ensino superior. Apesar do crescente interesse sobre o tema, ainda há lacunas quanto à percepção dos próprios docentes sobre essas práticas, sobretudo em cursos de Letras. Este estudo busca contribuir para esse debate, investigando como professores de línguas do ensino superior compreendem e utilizam metodologias ativas e TDICs, considerando os desafios e potencialidades desse processo.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste estudo, será realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com delineamento de estudo de caso (Yin, 2014; Stake, 1994). Essa abordagem visa compreender como professores de língua materna e estrangeira do curso de Letras, de uma universidade pública do sul da Bahia, utilizam ou não metodologias ativas e TDICs em suas práticas pedagógicas. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela possibilidade de captar significados, percepções e experiências dos participantes de forma contextualizada (Creswell, 2014). A natureza exploratória permite levantar aspectos ainda pouco estudados no contexto investigado, enquanto a dimensão descritiva possibilita a análise das características do fenômeno, a partir de dados coletados por meio de instrumentos padronizados (Neuman, 2014; Gil, 2008). O estudo de caso é apropriado por possibilitar uma investigação aprofundada em um contexto específico, sendo amplamente utilizado nas ciências humanas.

Em relação ao recrutamento dos participantes, este será de forma presencial, por meio de convite aberto e voluntário, após a devida aprovação do sistema CEP/UESC. Serão considerados os docentes de línguas (Português, Inglês, Espanhol, Libras e Francês) que estejam em exercício, não estando afastados por licença, atestado ou outros motivos, e que

possuam acesso a computador, tablet ou aparelho celular com conexão à internet. O primeiro contato da pesquisadora com os participantes ocorrerá no início do primeiro semestre de 2026, no mês de março, em formato presencial. O recrutamento será realizado por livre demanda, nos turnos matutino e vespertino, de modo que, conforme for encontrando os docentes, a pesquisadora apresentará a proposta de pesquisa e os procedimentos a serem adotados. Em seguida, os docentes serão convidados a participar e, por fim, será realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este documento foi impresso em duas vias. Uma via assinada pela pesquisadora e por você, participante da pesquisa, será entregue a você e a outra será arquivada pela pesquisadora.

A geração de dados ocorrerá em três etapas principais: Aplicação de um questionário misto (questões fechadas e abertas via *google forms*: <https://forms.gle/8DitrGRxA1piUQsn7>) com média de tempo de duração de 20 a 45 minutos e será disponibilizado com prazo flexível, respeitando o tempo dos respondentes, para identificar o nível de familiaridade dos professores com metodologias ativas e TDICs e coletar percepções sobre seu uso no ensino de línguas; Realização de entrevistas semiestruturadas gravadas com duração prevista de 20 a 30 minutos, agendadas conforme disponibilidade dos docentes via *Google Meet*, com o objetivo de aprofundar as informações obtidas no questionário e possibilitar a triangulação dos dados; Organização e análise dos dados, conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo uma leitura sistemática e aprofundada dos discursos docentes. A análise será realizada em três fases: 1. pré-análise; 2. Exploração do material; 3. Tratamento dos resultados e interpretação. Com esse percurso metodológico, busca-se identificar as estratégias utilizadas, os fatores que influenciam a adoção dessas práticas e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem em cursos de Letras.

Os dados gerados por meio dos questionários e entrevistas serão analisados com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que permite uma leitura sistemática e aprofundada de dados qualitativos, favorecendo a identificação de sentidos, padrões, contradições e transformações nos discursos e práticas pedagógicas dos docentes. A análise será conduzida em três etapas principais:

1. **Pré-análise:** organização dos dados, leitura flutuante e definição dos critérios de categorização, alinhados aos objetivos do estudo;
2. **Exploração do material:** codificação e categorização das informações, identificação de unidades de registro e agrupamento em eixos temáticos emergentes;

- 3. Tratamento dos resultados e interpretação:** análise das categorias formadas, buscando inferências relevantes que permitam compreender como os docentes integram as metodologias ativas e as TDICs em suas práticas.

A triangulação dos dados obtidos por diferentes instrumentos (questionário e entrevista) será utilizada para fortalecer a validade dos resultados. A triangulação permite contrastar e complementar informações, revelando possíveis divergências ou convergências entre as respostas. Além disso, as entrevistas serão transcritas na íntegra e analisadas com suporte de codificação manual, sem o uso de software, devido ao volume controlado de participantes. Durante a análise, será mantido o sigilo dos participantes, com o uso de pseudônimos ou códigos alfanuméricos. As categorias analíticas serão construídas com base nos referenciais teóricos da pesquisa e emergirão também a partir das falas dos docentes, permitindo que a análise se mantenha fiel às experiências dos participantes. Os resultados serão apresentados de forma descritiva e interpretativa, com apoio de trechos selecionados das entrevistas e dados do questionário, discutidos à luz da literatura sobre metodologias ativas, TDICs e formação docente no ensino superior. Espera-se que a análise contribua para a compreensão das práticas pedagógicas no curso de Letras e para a identificação de desafios e potencialidades no uso das metodologias investigadas.

DISCUSSÕES

A partir do percurso metodológico proposto, espera-se que a pesquisa revele um panorama das percepções e práticas docentes do curso de Letras, destacando os modos como as metodologias ativas e as TDICs vêm sendo compreendidas, incorporadas ou ainda resistidas no contexto universitário. A análise dos dados permitirá identificar tanto experiências exitosas quanto desafios estruturais e formativos que interferem na adoção dessas abordagens. Considera-se que os resultados poderão evidenciar diferentes níveis de apropriação das metodologias ativas, variando conforme a trajetória profissional, a familiaridade tecnológica e a concepção pedagógica dos docentes. Espera-se também observar tensões entre discursos de inovação e práticas ainda marcadas por modelos tradicionais de ensino, revelando o quanto a cultura institucional e a formação docente impactam a implementação efetiva das TDICs e das práticas ativas.

Do ponto de vista teórico, os achados deverão contribuir para o debate sobre a profissionalidade docente e a integração crítica das tecnologias digitais no ensino de línguas, ao articular referenciais da Linguística Aplicada, da formação docente e da educação mediada

por tecnologias, o estudo pretende oferecer subsídios para repensar o papel do professor universitário diante das demandas contemporâneas por uma pedagogia participativa e reflexiva. Assim, espera-se que a pesquisa contribua para a consolidação de práticas pedagógicas inovadoras no ensino superior, reforçando a importância da formação continuada e do diálogo entre teoria e prática na construção de uma docência comprometida com a aprendizagem e com a transformação social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. P.; LANDINI JR, C. L.; AZEVEDO, J. E. Laboratório prático de criação de produto: um experimento no ensino de administração mercadológica no curso de administração. In: CARVALHO, F. F. O.; CHING, H. Y. (Orgs.). *Práticas de ensino-aprendizagem no ensino superior: experiências em sala de aula*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. p. 87–118.
- BACICH, L.; MORAN, J. M. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERNARDES JUNIOR, R.; CORREIA, J. D. E.; INHAMBICUARA, C. R.; BLEINAT, R. D. S.; VAZ, A. C. R.; BAU, D. R. Metodologias ativas no ensino: um estudo bibliométrico. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 6, jun. 2023. ISSN 2675-3375. DOI: 10.51891/rease.v9i6.10410. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10410/4251>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- GIL, C. A. *Métodos e técnicas e pesquisa social*. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2008.
- GOMES JUNIOR, R. C.; SILVA, L. de O.; PAIVA, V. L. M. de O. e. Tecnologias digitais para aprender e ensinar inglês no Brasil. *Texto Livre*, v. 15, e38008, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.38008>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- GORZONI, S. de P.; DAVIS, C. L. F. O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1396–1413, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4311>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- LEFFA, V. J. Gamificação no ensino de línguas. Perspectiva: *Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 38, n. 2, p. 01-14, abr./jun. 2020. ISSN 2175-795X. Florianópolis.
- MOROSINI, M. I. M. *Ensino superior e mercado de trabalho*. São Paulo: Loyola, 2000.
- NEUMAN, W. L. (2014). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches* (7th ed.). Boston: Pearson.
- PAIXÃO, J. A.; CARMO, K. X. do. Formação de professores de línguas estrangeiras para atuação no ensino fundamental. *Revista Interterritórios*, v. 10, n. 19, 02 maio 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/261134>. Acesso em: 21 maio 2025.

PALLU, P. H. R. *Língua inglesa e a dificuldade de aprendizagem da pessoa adulta*. Curitiba: Positivo, 2008.

ROSSI, F.; HUNGER, D. A. C. F. *A formação continuada sob análise do professor escolar*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SEFTON, A. P.; GALINI, M. E. *Metodologias ativas: desenvolvendo aulas ativas para uma aprendizagem significativa*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2022.

STAKE, R. Case studies. In: DENZIN, N; LINCOLN, Y (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. P. 236-247.

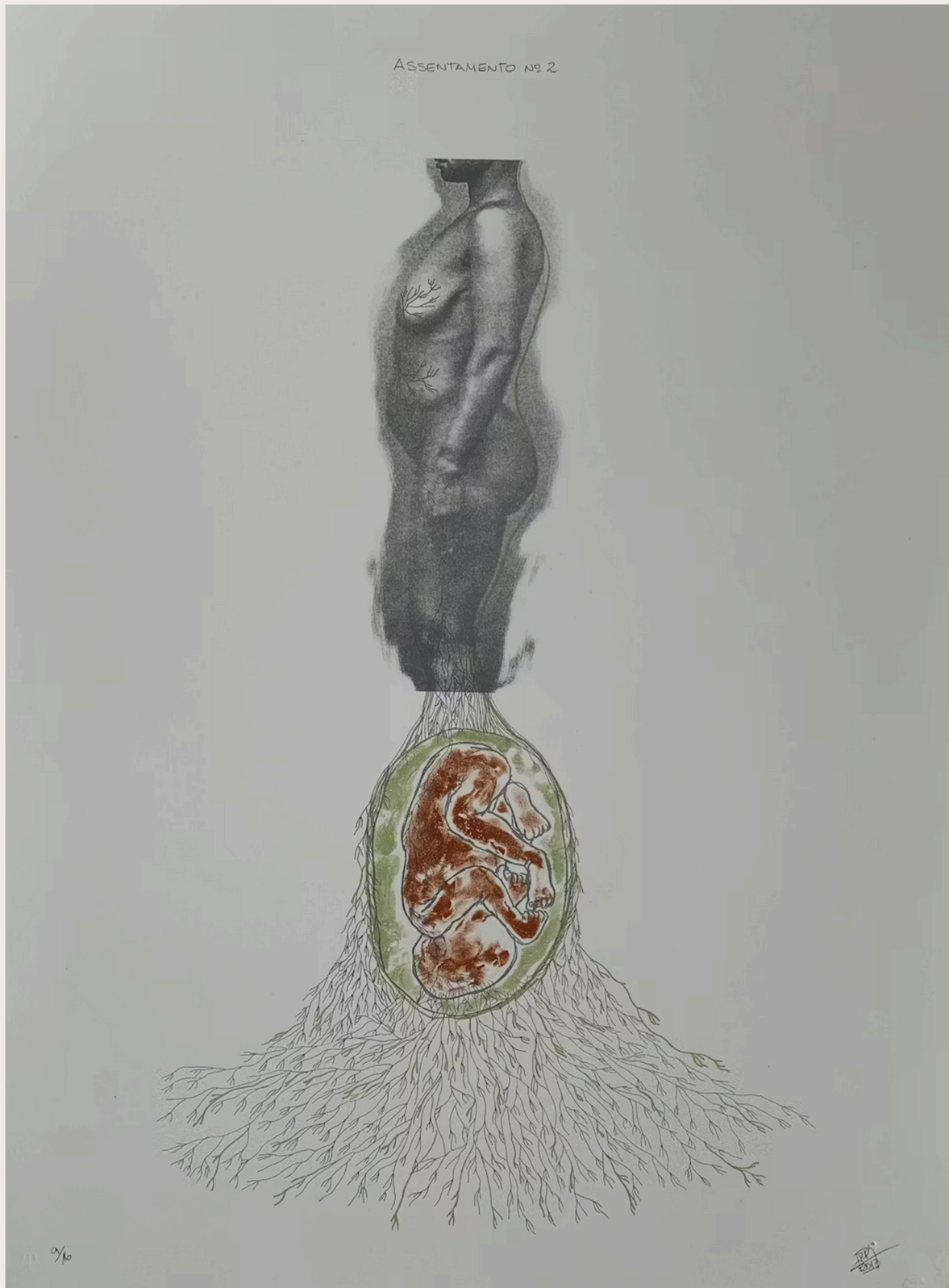
VALENTE, J. A.; FREIRE, F. M. P.; ARANTES, F. L. (Orgs.). *Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir*. Campinas, SP: NIED/UNICAMP, 2018. 406 p. E-book. Disponível em: <https://www.nied.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-NIED-2018-final.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

YIN, R. K. (2014). *Case Study Research: Design and Methods* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

¹ iabarberino.ppgl@uesc.br

² jonodera@uesc.br

Rosana Paulino, Assentamento No.2 (Settlement No.2), 2012,
lithograph. Photograph: Lorraine Leu



LINHA C
LINGUAGEM, ESTUDOS DE
GÊNERO E ESTUDOS DO DISCURSO



CASSANDRA RIOS NO ESPAÇO (LES)BIOGRÁFICO: O CASO DE *EUDEMÔNIA E EU SOU UMA LÉSBICA*

Bianca Farias Lopes¹

André Luis Mitidieri Pereira (orientador)²

APRESENTAÇÃO

De acordo com Foster (2020), a partir do século XX, há uma tendência pela inclusão, na literatura e outras áreas, de sujeitos pouco considerados historicamente, como as mulheres e os negros, com esse interesse se estendendo lentamente para a sexualidade em um contraponto à sociedade cisheteronormativa e patriarcal. Contudo, por muitos anos, essas personagens eram escritas e descritas por homens cisheterossexuais, geralmente em um movimento de vilanizar e/ou tornar cômico pessoas da comunidade LGBTQIAP+, também chamada de *queer* (cuir enquanto tensionado na América Latina), fixando estereótipos que perduraram e perduram nas representações desses sujeitos, como a fragilidade de homens gays e a masculinização de mulheres lésbicas. No entanto, as vozes antes mencionadas começaram a falar de si e de outros, tornando mais comum a publicação de obras literárias em que a autoria, por si só parte da comunidade LGBTQIAP+, escreve personagens e narrativas envolvendo temas contra-hegemônicos.

Entretanto, ao mesmo tempo em que é evidente uma abertura no mercado literário para obras e autores cuir, uma vez que, de acordo com Amara Moira e Tatiana Nascimento (2020), houve uma crescente notável de autores e obras literárias com conteúdo determinado como cuir, estudar esse *corpus* e desafiar o *status quo* ainda constitui um ato político no contexto histórico atual. O projeto surge, portanto, da necessidade de trabalhos acadêmicos que leem e analisam obras literárias com personagens dissidentes de gênero e sexualidade e escritas também por indivíduos pertencentes a essas comunidades, em especial mulheres lésbicas.

Ao destacar obras literárias escritas por uma mulher lésbica contendo personagens pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, ainda é necessário considerar que existem vários ataques ocorrendo simultaneamente. Em primeiro lugar, um ataque liderado pela sociedade machista, misógina e patriarcal incapaz de centralizar o corpo e o desejo feminino para além

¹ bflopes.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² almpereira@uesc.br

de um olhar masculino e, em segundo lugar, o golpe endereçado à comunidade LGBTQIAP+ por meio da lesbofobia, atacando um corpo desviante à cisheteronormatividade.

Nessa perspectiva, estudar as obras literárias de Cassandra Rios, uma autora lésbica que foi perseguida e presa durante a ditadura é um ato contra-hegemônico e necessário. Considerada uma escritora infame, seus romances e suas personagens tinham um enfoque em dissidentes sexuais e de gênero, sem hesitar em abordar questões tidas pela sociedade da época como indignas, o que, segundo Santos (2003), a transformou em *persona non grata* para os militares, cuja prioridade era manter esses corpos nas margens, tratados como sujos, anormais e animalizados.

Surge a necessidade de tensionar e conceituar um local em que vozes e subjetividades que se entendem e se reconhecem enquanto lésbicas existem e resistem nas entrelinhas. Nessa perspectiva, a análise a ser feita será de dois romances de Cassandra Rios, em conjunto com os tensionamentos conferidos pelo aparato teórico, *Eudemônia* (1959) e *Eu sou uma lésbica* (1983), ambos com protagonismo lésbico e com um destaque no ser uma mulher lésbica. Em *Eudemônia* (1959), acompanhamos a vida de Eudemônia Forbes após ser internada em uma clínica como consequência de seus relacionamentos amorosos e sexuais com outras mulheres e, em *Eu sou uma lésbica* (1983), seguimos Flávia da infância até a vida adulta, presenciando novos sentimentos, amores e decepções.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Conceituar o Espaço (Les)Biográfico a partir do Espaço Biográfico conceituado por Leonor Arfuch (2010; 2023).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Conceituar Literatura Lésbica e sua rasura.
- b) Explorar o Espaço Biográfico de Leonor Arfuch (2010; 2023) e seus desdobramentos;
- c) Investigar a inclusão dos livros *Eudemônia* (1959) e *Eu sou uma lésbica* (1983) de Cassandra Rios no Espaço (Les)Biográfico, analisando-os por meio do conceito proposto;

JUSTIFICATIVAS

Estudar e dar visibilidade a obras literárias e uma autora pertencentes à comunidade LGBTQIAP+ constitui um ato político e contra-hegemônico, na medida em que se coloca em oposição a uma norma e uma sociedade cisheteronormativa que objetiva, acima de tudo, silenciar e eliminar dissidentes sexuais e de gênero. E, enquanto mulher bissexual, sinto uma

lacuna nos Estudos Literários acerca de uma Literatura Lésbica, tendo crescido imersa somente em um cânone literário que prioriza obras cisheteronormativas em detrimento de tudo que desvia desse padrão, centralizado no homem cisheterossexual branco. Nessa perspectiva, ler e analisar uma obra literária escrita por uma mulher lésbica, com personagens lésbicas e outros presentes na comunidade cuir é um passo para desestabilizar normas perpetuadas pelo cânone literário.

Ademais, trazer visibilidade para uma escritora como Cassandra Rios, cuja sexualidade, vivência e resistência transbordam a página escrita, corrige uma injustiça de décadas. Apesar de muito lida durante sua carreira, teve suas obras julgadas como meramente pornográficas e, como tal, indignas de serem reconhecidas em seu papel pioneiro na literatura em geral e, principalmente, na literatura LGBTQIAP+. Busco, por meio do projeto, conferir destaque à autora infame a fim de recuperar um pouco do que foi perdido da história e da literatura cuir como um todo após sucessivas censuras que resultaram em uma juventude que pouco sabe sobre uma das autoras lésbicas mais produtivas do Brasil.

APARATO TEÓRICO

O principal conceito a ser mobilizado no decorrer das análises é o Espaço (Les)biográfico, advindo do Espaço Biográfico definido e expandido por Leonor Arfuch (2010; 2023). Arfuch (2010) inicialmente o define como uma confluência de gêneros biográficos e autobiográficos, além de englobar formas tradicionalmente excluídas de análises e contextos acadêmicos, como diários, entrevistas e até mesmo livros de ficção com traços autobiográficos. Para a formulação de seu conceito, Arfuch (2010) movimenta teorias das mais diversas, passeando desde a exotopia bakhtiniana e o valor biográfico até a ipseidade e mesmidade para a definição de uma possível identidade narrativa que, de acordo com Ricoeur (2004), é construída no decorrer da narração.

Logo, o Espaço Biográfico, por ir além de somente gêneros tradicionais biográficos e autobiográficos, permite uma leitura analítica transversal que transita e se mobiliza inclusive por meio de subjetividades e interdiscursividades do mundo contemporâneo, existindo nas entrelinhas e, muito frequentemente, fora do “cânone”. De acordo com Arfuch (2023), esse conceito foi proposto:

[...]para dar conta dessa convivência aparentemente sem conflitos de expressões multifacetadas, não comparáveis em escala valorativa, mas que tinham traços em comum. Um espaço que ia além dos gêneros discursivos - ou que os incluía sem taxonomias hierárquicas nem limites discursivos - e cuja definição, em sintonia com a de Doreen Massey (2005), era a de um espaço/temporalidade em que se podia traçar uma linha histórica desde os alvores do sujeito moderno (Arfuch, 2023, p. 21).

Considerando a expansão constante desencadeada por avanços tecnológicos que esbarram nos limites do público e do privado, os moldes tradicionais de biografias e autobiografias precisaram ser revistos, além da conceituação do sujeito pós-moderno que “se delinea constitutivamente incompleto, modelado pela linguagem, cuja dimensão existencial é dialógica, aberta a (e construída por) um outro” (Arfuch, 2023, p. 71). Portanto, ao pautar essa intersubjetividade, o Espaço Biográfico acaba por ter desdobramentos sem fim, em uma enunciação para e por outro que engloba gêneros e formas além da expectativa.

No que diz respeito à conceituação de gênero, utilizo o conceito de gênero conforme Judith Butler (2003), que entende gênero como um ato performático socialmente construído e mantido. Ademais, compreendo a performance dita por Butler (2003) sempre inclusa no contexto sociocultural que impõe e reforça padrões cisheteronormativos, em uma heterossexualidade compulsória que invisibiliza e/ou desconsidera relacionamentos considerados fora da norma, como as relações gays, lésbicas e bissexuais, dentre outras. Nesse viés, Raíssa Cabral (2019) ressalta como tanto o cissexismo quanto a heterossexualidade compulsória assumem o binarismo como característica intrínseca e real do gênero e, a partir dele, reforça amarras sociais com preceitos ditos como biológicos, uma vez que essa visão equipara gênero com sexo biológico, frequentemente considerando vidas que desviam disso como uma patologia a ser curada e/ou eliminada.

A literatura, então, como veículo de ideias e do imaginário, ao invés de disseminar e perpetuar uma visão patológica da dissidência sexual que, por muitos anos, impôs o rótulo de “homossexualismo”, remetendo a uma doença, para toda e qualquer identidade que desviasse da cisheteronorma, pôde ser tomada pelos próprios dissidentes, gays, lésbicas, bichas, bissexuais, travestis e transgêneros como forma de subverter a imagem deturpada que a sociedade enxerga no cuir. Dessa forma, torna o ser LGBTQIAP+ em algo intrinsecamente político, uma vez que “através do comprometimento político, sobreposto a uma discutível exigência estética, e exposto pelo espaço biográfico, corpos individuais ou coletivos confrontam o poder ao celebrarem o desejo e a reversão dos dispositivos que os interditam” (Mitidieri; Camargo; Lima, 2020, p. 306).

Portanto, existir como uma mulher lésbica é resistir e enfrentar um sistema de opressão e repressão que busca, acima de tudo, impossibilitar o seu viver. Em vista disso, a existência e delimitação de uma literatura que pode ser denominada de Literatura Lésbica é revolucionária e política no momento de sua concepção, visto que existe e resiste nas margens e entrelinhas da sociedade vigente. Apesar da importância de estabelecer uma Literatura dita Lésbica, é

necessário também pontuar, como dito por Polesso (2020), que rotular um grupo muitas vezes têm como sinônimo homogeneizar uma comunidade que, naturalmente, é extremamente heterogênea no quesito de vivências, etnias, nacionalidades e outros fatores. Compreender a multiplicidades de subjetividades presentes dentro do termo e da identidade lésbica é entender que, mesmo com essa problemática, rotular também se torna quase essencial para, em sociedade, ter e usar uma voz.

Dentre as autoras assumidamente lésbicas do Brasil, Cassandra Rios foi, indubitavelmente, a mais censurada, em parte pela quantidade enorme de publicações e vendas associadas a seu nome, mas também pela sua luta e persistência em escrever personagens e vidas LGBTQIAP+ como pessoas, detentoras de virtudes e vícios, ao invés de resumi-las a algo caricato e/ou vilanesco. Com mais de 40 livros publicados no decorrer de sua carreira, Odette “Cassandra” Rios se apossou da palavra para, por meio dela, representar aqueles que eram propositalmente apagados da história e, conseqüentemente, do cânone literário. Ademais, tinha uma preocupação em ter uma escrita popular, isto é, uma escrita acessível para a população como um todo, um dos motivos por sua exclusão de âmbitos acadêmicos, algo reforçado pelo conteúdo erótico de seus livros que, para muitos, era pornográfico e, como tal, indigno de ser considerado uma literatura de qualidade. Santos (2003) discorre sobre a forma que

[...]a literatura de Rios, trabalhando resistentemente na interseção da biografia pessoal, discurso social e ficção, expõe e subverte a forte ficção criada pela ideologia dominante. Uma vez que suas percepções de resistência eram perigosas e proibidas na época da ditadura, elas tiveram de ser disfarçadas. Por isso, em sua escrita, Rios desenvolve um ‘truque de espelho’ para iludir a censura. Seu truque-duplo consistia em um exercício de agora-você-me-vê/agora-você-não-me-vê, o que lhe permitiu, constantemente, alternar percepções resistente e oprimida (Santos, 2003, p. 18).

Pensando nos entrelaços entre o Espaço Biográfico e a Literatura Lésbica, proponho, baseado nas contribuições acerca de Arfuch (2010; 2023) e seus desdobramentos no intratextual, intertextual e extratextual, o Espaço (Les)biográfico como esse local de inserção e mistura de vozes, vivências e subjetividades lésbicas em que o ser lésbica se manifesta na escrita e através dela, ecoando na leitura e nas leitoras. As duas obras literárias a serem analisadas são *Eudemônia* (1959) e *Eu sou uma lésbica* (1983), ambas da autora Cassandra Rios. *Eudemônia* (1959) segue a vida da Eudemônia Forbes, uma mulher lésbica de 28 anos que é obrigada a ficar na clínica do Dr. Jasper por ter se relacionado amorosamente com outra mulher, e a jornada dela em um local hostil a sua existência, enquanto o romance *Eu sou uma lésbica* (1983) acompanha a protagonista Flávia da sua infância, quando demonstrou o primeiro interesse romântico em outra garota, até a vida adulta, em que temos uma personagem que se

afirma como uma lésbica. Portanto, dois livros com enfoque na vida e na resistência de mulheres lésbicas em sua jornada de descobrimento e afirmação de sua sexualidade.

METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada será de cunho bibliográfico e qualitativo com a leitura de duas obras literárias publicadas por Cassandra Rios no começo e no final de sua carreira como escritora, sendo elas: *Eudemônia* (1959) e *Eu sou uma lésbica* (1983).

Conforme a conceituação de Espaço Biográfico (Arfuch, 2010; 2023), analisarei os livros de Rios a fim de buscar a tematização (auto)biográfica ou a estilização de gêneros do Espaço Biográfico atravessados por discursos sociais, além de compreender as subjetividades lésbicas por meio das narrativas, teorizando a existência de um Espaço (Les)biográfico que comporta, nas entrelinhas, existências e resistências lésbicas por meio de uma multiplicidade de vozes, sejam autores ou personagens, que ecoam para além do texto literário. Para conceituar e discorrer sobre a Literatura Lésbica, me ancorarei em Butler (2003), Polesso (2020), Mitidieri; Camargo; Lima (2020) e Cabral (2019).

DISCUSSÃO

Algumas temáticas surgem e se destacam após a leitura inicial dos dois romances de Cassandra Rios que compõem o *corpus*, *Eudemônia* (1959) e *Eu sou uma lésbica* (1983). Embora narrativas com personagens e tramas diferentes, em ambas há uma afirmação encabeçada pelas próprias protagonistas de uma lesbianidade inerentemente disruptiva à sociedade cisheteronormativa a que estão inseridas. Tal colocação resulta em conflitos e confrontos específicos a cada personagem, mas estão associados com sua posição no mundo enquanto mulheres lésbicas.

As humilhações sofridas por Eudemônia Forbes no decorrer da trama estão entrelaçadas com sua sexualidade, uma vez que sua permanência no Hospital Psiquiátrico Hilman ocorria pela tentativa de curar sua “condição” de lésbica, apontada pelos médicos da instituição como uma doença e anormalidade. Além disso, apesar de não ser submetida às mesmas condenações e sofrimentos de Eudemônia, Flávia, protagonista de *Eu sou uma lésbica* (1983), também enfrenta desafios em função de sua sexualidade, inicialmente escondida e explorada de forma tímida com outra jovem após sucessivas tentativas de manter a fantasia cisheterossexual para sua família.

A partir dos desdobramentos do Espaço Biográfico e o entendimento de que Cassandra Rios, enquanto autora, priorizava narrativas e personagens dissidentes de gênero e sexualidade, espera-se conceituar um Espaço (Les)biográfico em que vozes, vivências e corpos lésbicos

ecoam no intratextual, intertextual e extratextual, articulando as leituras teóricas e as análises feitas por meio dos romances estudados.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **A vida narrada**: memória, subjetividade e política. Trad. Diana Klinger. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2023.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Raíssa Éris Grimm. Escrever-se travesti, reescrever-se sapatão: um recorrido sobre corpos e afetividades insubmissas. *In*: SOARES, Mayana Rocha. BRANDÃO, Simone. FARIA, Thais (Orgs.). **Lesbicanidades plurais**: abordagens e epistemologias sapatonas. Salvador: Devires, 2019. p. 19-27.

FOSTER, David Willian. Estudos queer e o conceito de literatura de minorias. *In*: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316. Livro digital – EPUB.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; LIMA, Marcus Antonio Assis. Das configurações homoeróticas às (re)configurações transviadas. *In*: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316. Livro digital – EPUB.

MOIRA, Amara; NASCIMENTO, Tatiana. Apresentação: Literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. 610, 2020.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 61, p. 1-14, 2020.

RICOEUR, Paul. **La historia, la memoria, el olvido**. Trad. Agustín Neira. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

RIOS, Cassandra. **Eudemônia**. São Paulo: Edições Spiker, 1959.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 17-31, 2003.



DO QUEER AO SAGRADO: UMA INVESTIGAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE PERSONAGENS E NARRATIVAS DENTRO DOS JOGOS *SMITE* E *LEAGUE OF LEGENDS*.

João Luiz de Sá Neto¹
Valéria Amim (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Os jogos, mídias populares desde a década de 1960, apresentam uma riqueza de características comuns à literatura, seja na construção de narrativas, de personagens, ou em seus universos utópicos, o que está intrinsicamente conectado à relação simbiótica existente entre literatura e videogame (Araújo, 2017). Para entendermos um pouco a perspectiva dessas características pela qual esta pesquisa se interessa, ao falarmos de narrativas, compactuo com as ideias de Jonathan Culler (1999). Segundo ele, as narrativas estão por toda parte, e entender a história é compreender como um acontecimento leva a outro. Para além do campo acadêmico, contar e ouvir histórias é um impulso da natureza humana. Presente desde a infância, o processo de criar histórias, e também a percepção de suas configurações, surge de forma natural aos humanos, e é a partir dos conhecimentos implícitos dessas concepções que se despertam os questionamentos relacionados à narrativa dentro dos Estudos Literários (Culler, 1999).

No que concerne à reflexão referente à construção de uma personagem, segundo as autoras Raquel Trentin Oliveira e Gisele Seeger (2021), por muito tempo, falar em caracterização estava intrinsicamente conectado a falar em aspectos físicos ou psicológicos da personagem, geralmente fornecidos pelo narrador, ignorando outros processos e mecanismos discursivos que constroem a personagem. À vista disso, as autoras preferem usar o termo figuração, postulado por Carlos Reis, em *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem* (2015). Tal termo se configura de forma “dinâmica, gradual e complexa” não se limitando em determinando momento do texto, mas sim buscando elaborar-se e completar-se ao longo da narrativa (Oliveira e Seeger, 2021).

Entretanto, mesmo com as articulações entre literatura e o mundo dos jogos, o universo dos games ainda é comumente negligenciado dentro da academia, muitas vezes inferiorizado e menosprezado quando na verdade apresenta uma gama de possibilidades e caminhos a serem

¹ jlseto.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² vamim@uesc.br

pesquisados. Partindo desse pressuposto, pretendo assim, analisar dois grandes *games*; *Smite: Arena dos Deuses* (*Smite*) e *League of Legends* (*Lol*), dado seu vasto catálogo de personagens e narrativas relacionadas a comunidades marginalizadas e suas dissidências, pelas quais possui extremo interesse investigativo.

O *Smite* é um jogo online multiplayer gratuito desenvolvido pela *Titan Forge Games* e distribuído pela *Hi-rez Studios*, lançado oficialmente em 2014. O jogo apresenta, em sua base principal, tanto para a narrativa quanto para a construção de suas personagens, um recorte de contos e histórias mitológicas das mais diversas culturas, que dentro da estrutura do jogo são denominadas como “panteões”. Atualmente, existem dezesseis panteões, dentre eles, o Iorubá, objeto de destaque nessa pesquisa. Com esse diverso leque de possibilidades, o *Smite* proporciona narrativas e personagens que exploram essas culturas em um ambiente comum.

No *Lol*, game desenvolvido, distribuído e lançado oficialmente em 2009 pela *Riot Games*, o universo do jogo é composto por personagens próprios que são construídos ao longo de uma vasta narrativa, a partir de histórias, contos e as próprias falas dos personagens dentro do jogo e suas articulações entre si. Dentre o *roster*³, é possível destacar heróis que estão oficialmente relacionados à comunidade *queer*, como gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais e assim por diante.

Em ambos os jogos há uma progressão planejada de eventos narrativos, que ocorre de acordo com as atualizações do game, também chamadas de “*patches*”. Podemos nos arriscar em fazer uma analogia com um romance, em que os capítulos são serialmente organizados. Na medida em que prosseguimos a leitura (jogo), avançamos por estes capítulos (narrativas dos *games*) e podemos retroceder aos capítulos já “lidos”, que permanecem disponíveis online.

Assim, nesse projeto, busco investigar e compreender como ocorre a construção dessas personagens dentro do ambiente digital. Embora tais iniciativas sejam de fato marcadas por um alto valor de representatividade no universo *gamer* e na sociedade como um todo, é importante investigar os processos e o desenvolvimento dessas construções. Ademais, é também fundamental refletir as motivações por trás desses constructos.

OBJETIVOS

GERAL

³ Termo comum para se referir à lista de campeões jogáveis dentro dos jogos eletrônicos.

Analisar a construção de corpos marginalizados nas narrativas construídas pelos *games* digitais *Smite* e *League of Legends*, que apresentam respectivamente personagens da religião Iorubá e personagens da comunidade queer.

ESPECÍFICOS

- Analisar as personagens de *Yemoja* e *Olorun* dentro do *Smite*;
- Investigar os campeões *Twisted Fate* e *Graves*, que constituem um casal gay, dentro do *League of Legends*;
- Examinar as personagens dentro das narrativas dos *games* citados.
- Refletir, a partir dos recortes teóricos adotados, sobre as possíveis motivações sociais e políticas que desencadeiam a construção e desenvolvimento dessas personagens.

JUSTIFICATIVAS

Enquanto consumidor do universo dos jogos e também pesquisador, a pesquisa surge de uma necessidade e desejo de explorar o espaço dos games, compreendendo-o como uma das diversas linguagens em que se é possível analisar características ligadas à literatura e utilizando desses atributos como ferramentas investigativas para entender o processo de construção, mesmo que digital, de corpos dissidentes. A partir dessa inquietude busco também refletir sobre a associação negativa existente em relação aos jogos digitais, principalmente a visão vilanesca atribuída ao seu papel na educação e letramento. Assim, possuo também o intuito de expor as vastas possibilidades de pesquisas presentes no repositório virtual dos games, em uma tentativa inicial de desmitificar estigmas relacionados aos espaços digitais.

Por fim, ao trabalhar com um objeto de estudo consideravelmente novo, esse trabalho apresenta novas contribuições para a academia e para os estudos literários e de linguagem. Ademais, por investigar a cultura de grupos marginalizados na sociedade e evoluir também questões de raça, gênero, sexualidade e religião resguarda um teor social e político. É fundamental estudar e investigar como esses grupos são construídos nos ambientes digitais, em especial no mundo dos jogos devido ao seu enorme sucesso e presença no cotidiano regular de crianças, jovens e adultos.

APARATO TEÓRICO

Em um primeiro contato, ao pensarmos nos videogames, há uma estranheza inicial que pode limitar ou comprometer a compreensão ou análise de sua potencialidade comunicativa

dentro do ciberespaço⁴. Ao abordar essas estranhezas, Lévy (1999) apresenta alguns exemplos, dentre eles, o cinema, que em sua origem, foi extremamente desprezado como uma mecanização da arte por boa parte dos pensadores da época. Hoje, essa vertente artística está estabelecida como uma das grandes artes; completa e altamente investida. Assim, podemos refletir sobre o espaço dos videogames como um ambiente que apresenta um grande potencial comunicativo a ser explorado, estudado e devidamente exposto. Para além, é de suma importância investigar os fatores culturais permitidos por esses ambientes (Lévy, 1999).

Nos espaços dos videogames, principalmente ao se considerar a nova geração dos jogos online, que se preocupa com a construção imersiva de realidades e universos completos, podemos destacar a manifestação de variados aspectos, características e funções das mais diversas mídias, incluindo, também, propriedades comum à literatura. A relação entre videogame e literatura se dá desde os primeiros passos do desenvolvimento dos jogos, na década de 1960. Para abarcar essa intrínseca relação, farei uso das reflexões apresentadas por Naiara Sales Araújo (2017), que reforça não o teor qualificativo da relação entre literatura e videogame, mas a sua constante simbiose.

Entretanto, o videogame ainda pode ser visto como um dos vilões da leitura e, consequentemente, da literatura. Os jogos são comumente desconsiderados como ferramentas educacionais positivas, sendo na verdade visualizados como barreiras ou obstáculos que afastam ou desviam as crianças e jovens, o que por consequência demoniza o ciberespaço como um ambiente que se distancia do ensino e aprendizagem. Essa narrativa se constrói, em certo nível, devido a não familiarização do público geral em relação às origens do videogames (Araújo, 2017). A autora afirma que os jogos tinham como base e objetivo o ensino e a educação, permitindo a construção de ferramentas que serviriam não só para entreter, mas também para ampliar e aprimorar a mente, influenciando positivamente no desenvolvimento cerebral.

Ademais, Guattari e Deleuze (1995) repensam o conceito de livro como uma espécie de agenciamento, e destacam a sua multiplicidade, como um tipo de organismo vivo. Sendo assim, as narrativas podem atravessar as noções tradicionalistas de um livro. Jogos como *League of Legends* e *Smite* podem acoplar características da literatura e da linguagem que compõem seu

⁴ Para Pierre Lévy (1999) Ciberespaço é o novo meio comunicativo consequente da globalização dos computadores, também chamado de *rede* pelo filósofo. A propósito, cibercultura é definido como o conjunto de ferramentas, procedimentos, comportamentos, valores e modos de pensar que se desenvolvem e florescem dentro do ciberespaço.

organismo e despertam narrativas para além das páginas dos livros, explorando sua multiplicidade de ferramentas para contar histórias.

Ao lidarmos com o “fazer personagem”, Raquel Trentin Oliveira e Gisele Seeger (2021) compreendem a personagem como um produto consequente da construção de uma teia composta por diversos elementos, tais como características físicas, teor psicológico e moral. Esses elementos são fundamentais para as análises realizadas na pesquisa, de modo que possamos refletir sobre os processos por trás dessas construções dentro do novo ambiente narrativo da mídia dos videogames.

A fim de compreender as dinâmicas dos estudos de gênero e sexualidade, me basearei nas reflexões abordadas por Foster (2020), nas quais um pouco da trajetória desses estudos é destrinchado. A princípio, por decorrência de uma literatura que buscava definir uma identidade nacionalizada, houve uma exclusão de diversos grupos da sociedade que contrariavam a cisheteronormatividade branca eurocentrista, já que o significado dessa nacionalidade varia com uma série de fatores. Por isso, existiu uma ausência das autorias negras, LGBTQIA+ ou feminina, por exemplo.

Com o desenvolvimento de estudos relacionados a grupos anteriormente ignorados, houve também é claro, uma atenção acentuada aos estudos sobre sexualidade, ou também, estudos *queer*. O uso do termo *queer* conquistou um espaço praticamente universal dentro da academia, se opondo à hegemonia heteronormativa, e em certa substituição dos estudos gays e lésbicos etc. Assim, compactuo com a definição da política *queer* abordada por Foster (2020), fundamentada na proposição de que há algo errado com a normatividade binária de identidade de gênero e as demais composições de identidades fixas, e essa sensação está inerentemente acoplada ao ser humano. Portanto, o olhar *queer* se configura em “uma maneira de perceber a experiência humana vivida para capturar o que não pode ser registrado em uma visão identitária da vida” (Foster, 2020, p. 256).

Para compreender a mitologia das entidades do povo nagô, e também outros conceitos e noções que envolvem a cultura Iorubá, baseio-me nas anotações, histórias e mitos organizados por Beniste (2020) em sua obra *Mitos Yorubás: O Outro Lado do Conhecimento*. Em especial, ao tratar dos mitos de Yemoja, busco compreender a figuração da divindade e suas relações com a cultura africana. Ainda que exista uma pluralidade de suas origens, como a figura da Iemanjá afro-brasileira, no *Smite*, a personagem é construída a partir de suas raízes africanas. Logo, visando também compreender sua relação e presença em território brasileiro, utilizarei das discussões propostas por Flávio José De Paula e Paulo Fernando de Andrade (2023), dentre elas, as que esclarecem a história de Iemanjá e sua relação com a identidade do povo brasileiro.

Impulsionando os horizontes desta pesquisa, ao analisar o processo de construção das personagens, sejam referentes às divindades e entidades da cultura africana ou à comunidade queer, é também possível observar a representação de seus corpos. Na coleção de ensaios organizada por Courbin, Courtine e Vigarello (2008), a diversa e longa história do corpo é discutida, o qual a princípio, esteve prioritariamente relacionado à igreja e ao sagrado:

Por estar no centro do mistério cristão, o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos. Não foi enviando seu filho à Terra, pela anunciação-encarnação, que Deus deu ao humano uma chance de salvar-se, corpo e alma? (Courbin, Courtine e Vigarello, 2008, p. 19).

O elevado prestígio ao corpo é uma decorrência da devoção e fé, especialmente ao corpo de Cristo, assim como também o desprezo pelo corpo do pecador, abominável e auto resultante de seus próprios pecados. No entanto, ao decorrer dos demais ensaios, os autores abordam a virada perceptiva dos corpos para além do psicológico e espiritual, como um impulso para o carnal e material, ou seja, para o corpo animado. Dessa forma, o corpo conquista um papel protagonista na humanidade, principalmente a partir do século 20. Apesar de uma limitante centralização geográfica e cultural do corpo, o que é certamente cabível dado a autoria localizada dos textos, as discussões abordadas na obra estabilizam o corpo como um objeto central da história, excepcionalmente da arte, servindo como uma ferramenta intermediadora e exploradora.

As telas dos cinemas foram também relacionadas ao corpo, pois, “A própria matéria do filme é o registro de uma construção espacial e de expressões corporais” (Baecque, 2011, p. 481). Expandindo essas telas para as de computadores, celulares e videogames, podemos certamente estruturar corpos digitalizados, que revelarão características e identidades pertencentes às mais diversas culturas, reforçando novamente o potencial investigativo que os corpos, mesmo que digitais, podem fornecer.

Com isso, aliado às narrativas e demais características da linguagem e literatura, busco analisar a confecção dos corpos nos ambientes digitais, em específico, dos jogos, espaço cujo é raramente posto em pauta, com intuito de compreender o processo representativo de grupos comumente marginalizados, sejam por raça, cor, sexualidade, gênero ou religião. Os corpos digitais inseridos e desenvolvidos nos espaços dos games certamente despertarão reflexos da sociedade contemporânea, especialmente ao observarmos os efeitos resultante dessas figurações.

METODOLOGIA

A pesquisa apresenta um cunho qualitativo de fundo bibliográfico para realização das análises, investigando os textos que abordam e que tecem as narrativas e as construções dos personagens estudados, utilizando também de outras mídias de análise, tais como a estética e demais ferramentas de linguagem dentro jogos analisados, buscando compreender essas construções.

Quanto aos procedimentos técnicos adotados, para abarcar o conteúdo bibliográfico desse trabalho, servirão em destaque as obras de Jonathan Culler (1999); Raquel Trentin e Gisele Seeger (2021); José Beniste (2020); Flávio de Paula e Paulo de Andrade (2023); Naiara Araújo (2017); Pierri Lévy (1999); Judith Butler (2003); David William (2020). Ademais, serão utilizadas também as obras e ideias de Gilles Deleuze (1983, 1985), Jacques Rancière (2005, 2009) e Raul Lody (1995) em leituras complementares futuras.

DISCUSSÃO

Em uma primeira reflexão, a partir das análises já realizadas até o momento, é possível observar como distintas mídias, tais como os jogos, podem manifestar elementos comuns à literatura, como a criação de personagens e o desenvolvimentos de narrativas, que possibilitam uma gama de caminhos a serem estudados e pesquisados.

A narrativa do *Smite* busca demonstrar o poder das divindades, além de conectar suas histórias e mitos nativos dentro do universo elaborado no jogo. Apesar de serem apresentados em um novo contexto, essas personagens são representadas de acordo com suas origens e a cultura de seu povo, reforçando também os elementos e fenômenos da natureza a quais estão relacionados.

No *League of Legends (Lol)*, as personagens de *Twisted Fate* e *Graves* são construídas a partir de artifícios de um imaginário comum que determina e regulariza categorias cristalizadas do masculino e do feminino, mas que em sua realidade tensionam e rompem paradigmas e práticas de gênero ou sexo estabelecidas por uma sociedade cis-hetero-normativa. Entretanto, ainda há uma série de questões que devem ser analisadas e que despertam discussões e reflexões de extrema importância. Por exemplo, ainda que o *Lol* construa personagens contra hegemônicos, suas relações ainda se baseiam em moldes estruturados pela heteronormatividade.

Por fim, O universo dos games é um espaço digital em constante expansão, inovação e renovação, que busca cada vez mais explorar os aspectos de enredo e narrativa, essa qual está intrinsicamente relacionada ao desejo dos próprios jogadores em envolver-se nas histórias, nos universos e com as personagens.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Naiara Sales. VIDEO GAMES E LITERATURA: Do Nimrod à Neuromancer. **Revista Observatório**, v. 3, n. 3, p. 164-180, 2017.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. Editora Bertrand Brasil, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. p. 85-94.

DELEUZE, Gilles. A imagem-movimento. **São Paulo: Brasiliense**, 1985.

DELEUZE, Gilles. A imagem-movimento. **São Paulo: Brasiliense**, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DE PAULA, F; DE ANDRADE, P. Iemanjá, da África para o Brasil: mitologia e identidade. **Numen**, v. 26, n. 2, 2023

FOSTER, David Willian. Estudos queer e o conceito de literatura de minorias. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316. Livro digital – EPUB.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.

OLIVEIRA, R.; SEEGER, G. **A personagem na narrativa literária**. Roraima. UFSM, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro: estudos sobre a personagem**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

RIOT GAMES. **League of Legends**. 2025. Jogo eletrônico.

SMITE: arena dos deuses. Versão 11.3. **Hi-rez-Games**, 2024. Disponível em: <https://www.smitegame.com/>. Acesso em: 20 mar. 2024. 1. Jogo eletrônico.



EFEITOS DE SENTIDO SOBRE O ENVELHECIMENTO FEMININO: DISCURSO, ETARISMO E RELAÇÕES DE PODER NA REDE SOCIAL X

Thais Dourado da Silva Melo¹

André Cavalcante Barbosa da Silva (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa analisa os discursos etaristas que incidem sobre mulheres na plataforma X (antigo Twitter), observando como tais enunciados participam da construção e manutenção de expectativas sociais e relações de poder sobre o envelhecimento feminino. A pesquisa parte do entendimento de que o etarismo, articulado a relações de gênero, funciona como um operador ideológico que regula modos de ser, aparecer e ocupar o social, especialmente no caso das mulheres, cujos corpos historicamente foram submetidos a regimes de vigilância, controle e disciplinamento massivos.

Nas últimas décadas, o envelhecimento feminino tornou-se objeto de intensos julgamentos públicos, atravessado por discursos que associam juventude à beleza, valor e aceitabilidade, ao passo que o avanço da idade é frequentemente tratado como inadequação, falha ou excesso. Esses sentidos não emergem de forma isolada: inscrevem-se em formações discursivas sedimentadas, que historicamente prescrevem lugares sociais para a mulher e delimitam quais corpos são autorizados a existir com visibilidade. Ao mesmo tempo, o cenário demográfico brasileiro evidencia o crescimento contínuo da população idosa, especialmente das mulheres, tensionando ainda mais os sentidos que circulam sobre velhice, feminilidade e normalidade.

A plataforma X, marcada pela circulação acelerada de postagens virais, pela economia dos afetos e pela intensa disputa de projeção, configura-se como um espaço privilegiado para observar tais discursos. É nesse ambiente que comentários sobre aparência, idade, estilo, comportamento e corpo das mulheres se multiplicam, muitas vezes se convertendo em ataques amplamente compartilhados. Expressões como “parece mais velha”, “não sabe envelhecer” ou “deveria agir de acordo com sua idade” mobilizam sentidos naturalizados socialmente e

¹ tdsmelo.ppgl@uesb.br Bolsista CNPq

² acbsilva@uesb.br

operam como mecanismos de regulação simbólica, atualizando exigências de juventude e adequação.

A pesquisa toma como corpus um conjunto de eventos discursivos virais que envolveram mulheres de perfis diversos, anônimas e figuras públicas, entre 2024 e 2025, observando tanto as postagens principais quanto os comentários, respostas, memes, gifs e demais materialidades que compõem a cena discursiva da plataforma. Ao considerar essas materialidades como práticas significantes atravessadas por memória discursiva, o trabalho busca compreender como o etarismo é atualizado no espaço digital e quais efeitos de sentido produz na constituição das mulheres como sujeitos.

A investigação se insere, assim, no campo da Análise de Discurso Materialista, entendendo que o discurso é atravessado por formações ideológicas que determinam o que pode ser dito, como pode ser dito e sobre quem pode ser dito. Sob essa perspectiva, o etarismo não é apenas uma opinião individual ou um juízo moral isolado, mas uma prática discursiva que reinscreve posições de gênero, reforça ideais de juventude e regula comportamentos considerados legítimos para as mulheres em diferentes idades.

Ao analisar tais enunciados em circulação no X, busca-se compreender como os sentidos sobre envelhecer sendo mulher são produzidos, reiterados ou tensionados nas interações digitais, considerando o papel das redes sociais como espaço de disputa simbólica e de atualização das ideologias que atravessam o corpo feminino contemporâneo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o funcionamento dos discursos etaristas que incidem sobre mulheres em postagens virais na plataforma X (antigo Twitter), buscando compreender os efeitos de sentido produzidos sobre o envelhecimento feminino no espaço digital, à luz da Análise de Discurso Materialista.

Objetivos Específicos

1. Identificar as regularidades discursivas que atravessam comentários, postagens e interações etaristas direcionadas a mulheres na plataforma X.
2. Descrever como sentidos de juventude, beleza, adequação e normatividade são

mobilizados nas materialidades discursivas que compõem os eventos virais analisados.

3. Analisar como o etarismo se articula a relações de gênero, operando como mecanismo de disciplinamento, controle e avaliação dos corpos femininos.

4. Examinar de que modo as postagens e respostas virais atualizam memórias discursivas associadas ao envelhecimento feminino e à construção social da velhice.

5. Compreender como a plataforma X funciona como espaço de circulação, disputa e reforço de ideologias que regulam modos de envelhecer sendo mulher.

JUSTIFICATIVAS

A realização deste estudo justifica-se, primeiramente, pela centralidade que o etarismo tem assumido nas discussões contemporâneas sobre gênero, corpo e visibilidade, especialmente em contextos digitais. Embora o envelhecimento populacional brasileiro seja um fenômeno amplamente documentado, as implicações discursivas e simbólicas desse processo, sobretudo no que diz respeito às mulheres, ainda permanecem pouco exploradas nos estudos de linguagem. Dados do IBGE (2022) revelam que a população brasileira com 65 anos ou mais atingiu seu maior percentual histórico, enquanto o número de crianças e jovens se reduziu significativamente nas últimas décadas, evidenciando um país cuja estrutura etária se transforma rapidamente. Entretanto, essa mudança demográfica não tem sido acompanhada por transformações equivalentes nos sentidos sociais atribuídos à velhice feminina, que continuam marcados por estigmas, silenciamentos e exigências normativas.

Do ponto de vista discursivo, pensar o ageísmo como prática de linguagem implica compreender que tais enunciados não são opiniões isoladas, mas efeitos de formações ideológicas que regulam expectativas sobre os corpos das mulheres, associando valor social à juventude, à beleza e à adequação comportamental. A relevância desta pesquisa reside, portanto, em considerar a plataforma como espaço de materialização do disciplinamento simbólico discutido por Foucault, bem como da produção de subjetividades marcada por relações de poder e por regimes de visibilidade.

Há ainda uma lacuna significativa na literatura acadêmica que articule, de modo consistente, envelhecimento, gênero e discurso em ambientes digitais. Embora estudos sobre violência simbólica, misoginia e controle do corpo feminino nas redes sociais tenham se expandido nos últimos anos, o etarismo, especialmente em sua dimensão discursiva, permanece menos problematizado, apesar de sua presença crescente em debates públicos e em ataques direcionados a mulheres que ocupam diferentes posições sociais. Analisar esse fenômeno sob

a ótica da Análise de Discurso Materialista contribui para preencher esse espaço, permitindo compreender como sentidos sobre “parecer velha”, “não saber envelhecer” ou “agir de acordo com a idade” são produzidos, atualizados e legitimados.

Assim, este trabalho se justifica tanto pela importância social de discutir o envelhecimento feminino em uma sociedade ainda profundamente orientada pela juventude, quanto por sua relevância acadêmica ao mobilizar um aparato teórico compacto para analisar um fenômeno discursivo atual, complexo e politicamente significativo. Ao articular discurso, ideologia e gênero, a pesquisa contribui para ampliar o campo dos estudos da linguagem e para tensionar sentidos cristalizados sobre o envelhecer, abrindo espaço para leituras mais críticas sobre como tais discursos estruturam e afetam a vida das mulheres na contemporaneidade.

APARATO TEÓRICO

O arcabouço teórico desta pesquisa imbrica contribuições da Análise de Discurso Materialista, dos estudos de gênero e dos estudos sobre corpo, velhice e biopolítica, buscando compreender como o etarismo se constitui como prática discursiva atravessada por ideologia, memória e relações de poder. A discussão parte do entendimento de que o discurso é um lugar privilegiado para observar os modos como a sociedade produz significados sobre o envelhecimento feminino.

A Análise de Discurso de linha materialista, inaugurada por Michel Pêcheux, oferece a base central para esta investigação. Considera-se que os sentidos não são transparentes nem produzidos individualmente, mas resultam de formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito em determinadas condições históricas. Pêcheux (1990) destaca que o sujeito é atravessado pela ideologia, produzindo dizeres que não lhe pertencem de modo consciente, mas que o constituem. Orlandi (2005) reforça que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, entendendo o discurso como espaço em que memória, história e linguagem se articulam na produção de sentidos. A partir dessas perspectivas, analisar o etarismo no X implica observar como os enunciadores atualizam sentidos sedimentados sobre a velhice feminina, reinscrevendo posições ideológicas.

O conceito de ideologia, tal como formulado por Louis Althusser (1985), também é fundamental para compreender o funcionamento do etarismo. Para Althusser, a ideologia interpela sujeitos e produz formas de assujeitamento que se materializam em práticas cotidianas, no caso desta pesquisa, em práticas discursivas digitais. Tais interpelações definem papéis e expectativas sociais para os sujeitos, sobretudo em relação ao corpo feminino. Nesse

sentido, o etarismo opera como um mecanismo de interpelação ideológica que convoca as mulheres a ocuparem determinadas posições de acordo com sua idade, aparência e comportamento.

O diálogo com Michel Foucault permite aprofundar a discussão sobre corpo, poder e disciplinamento. Em seus estudos sobre biopolítica e dispositivos de controle, Foucault (1987, 2005, 2008) mostra como os corpos são produzidos por mecanismos reguladores que administram nossa forma de viver e ser. No ambiente digital, tais mecanismos se atualizam por meio da exposição constante e da circulação acelerada de julgamentos costumeiramente chamados de “opiniões”.

A História do Corpo, desenvolvida por Corbin, Courtine e Vigarello (2008), contribui para compreender como os sentidos sobre a velhice e a aparência foram historicamente construídos. Esses autores mostram que representações do corpo não são naturais, mas atravessadas por discursos que definem o que é belo, jovem, saudável ou aceitável. O envelhecimento, nesse contexto, é marcado por estigmas que associam idade à perda de valor social, seguindo a lógica capitalista, reforçando uma dualidade entre corpo jovem (positivo) e corpo envelhecido (negativo), como enfatizam Deleuze e Guattari (1995).

Os estudos sobre estética e representação, como os de Umberto Eco em A história da feiura (2007), permitem compreender a construção imaginária de corpos considerados inadequados ao longo da história da humanidade e das civilizações. Eco destaca que as noções de beleza e feiura são historicamente situadas e constituem regimes de notoriedade que classificam e hierarquizam indivíduos. Tais regimes ajudam a explicar como mulheres com sinais de envelhecimento são lidas discursivamente como “fora do lugar”, “acabadas” ou “inadequadas”.

A obra de Simone de Beauvoir também é central para pensar a velhice feminina. Em A velhice (2018), a autora evidencia que o envelhecimento é atravessado por relações de poder e por uma dupla marginalização quando se trata de mulheres. Em O segundo sexo (2019), Beauvoir evidencia que a mulher é produzida historicamente como ‘o Outro’, posicionada em um lugar de subordinação que molda sua relação com o próprio corpo e define o que dela se espera em termos de aparência e conduta.

Judith Butler (2018), contribui para compreender como normas regulatórias estruturam a inteligibilidade dos corpos. Para Butler, gênero é performativo e constantemente mobilizado por discursos que definem o que é apropriado para cada sujeito. No caso do etarismo, há uma expectativa implícita de que mulheres devem performar juventude, docilidade e “boa aparência”, mesmo quando tais exigências são impossíveis de cumprir. Assim, alegações que

afirmam que uma mulher “não sabe envelhecer” revelam o funcionamento dessas práticas regulatórias.

No campo que operam os estudos contemporâneos da linguagem, Lucia Santaella, ajuda a compreender os modos de circulação e multimodalidade dos discursos no ambiente digital, cujos formatos curtos, velozes e altamente responsivos ampliam processos de identificação e ressignificação de sentidos. Santaella (2018) destaca a centralidade das imagens, dos gifs e dos memes na constituição de sentidos.

Por fim, recorrer a Manuel Castells (2009) permite entender o X como um espaço moldado pela lógica da comunicação em rede. Castells argumenta que, nesse sistema, fluxos informacionais, afetivos e culturais se entrelaçam, produzindo novas dinâmicas de sociabilidade e de dominação. Desse modo, o aparato teórico mobilizado permite compreender o etarismo não como insulto isolado, mas como prática discursiva complexa, atravessada por ideologia, gênero, memória e poder, cuja circulação no X oferece um campo privilegiado para observar o funcionamento da linguagem na produção de sentidos sobre o envelhecimento feminino.

METODOLOGIA

A pesquisa adota a Análise de Discurso Materialista (Pêcheux, 1990; Orlandi, 2005) como orientação teórico-metodológica, entendendo o discurso como prática social atravessada pela ideologia e inscrita em condições materiais de produção. A metodologia, portanto, não se limita à descrição das postagens, mas busca compreender os processos de significação que sustentam os sentidos etaristas que incidem sobre mulheres na rede social X.

O corpus será constituído por cinco eventos discursivos virais envolvendo mulheres de diferentes perfis (anônimas e figuras públicas), publicados entre os anos de 2024 e 2025. Esses eventos devem ter repercutido amplamente na plataforma, acionando debates, julgamentos, comentários e interações que mobilizam sentidos sobre envelhecimento feminino. Para fins desta pesquisa, considera-se como viralização a presença de ao menos um dos seguintes critérios: (a) 5 mil curtidas; (b) 1 mil repostagens (RTs ou Quotes); (c) número expressivo de visualizações; ou (d) repercussão fora da postagem original, como aparições em matérias jornalísticas ou circulação em outras redes sociais.

A seleção das postagens será realizada a partir da ferramenta de busca do X, utilizando palavras-chave como “velha”, “envelhecer”, “idade”, “parece mais velha”, “acabada”, entre outras expressões frequentemente associadas a discursos etaristas. Também serão observadas

hashtags relacionadas, comentários em threads virais, interações espontâneas que emergem no feed e conteúdos multimodais vinculados às postagens (memes, imagens, gifs, vídeos curtos). A coleta será registrada por meio de capturas de tela, links arquivados e transcrição dos textos, garantindo a preservação do material mesmo em caso de exclusão das postagens originais.

DISCUSSÃO

Espera-se que a análise dos eventos virais selecionados revele regularidades discursivas que sustentam e atualizam sentidos etaristas inscritos na memória social sobre o envelhecimento feminino. Considerando que a plataforma X opera por dinâmicas de visibilidade, rapidez e disputa simbólica, antecipa-se que os discursos etaristas que incidem sobre mulheres apresentem forte estabilidade, manifestando-se por expressões que reiteram expectativas normativas acerca de aparência, comportamento e feminilidade.

Os primeiros gestos de leitura realizados durante a pré-seleção do corpus apontam para a recorrência de enunciados que vinculam envelhecer à perda: perda da juventude, da beleza, da sexualidade, da relevância pública e até da legitimidade para ocupar determinados espaços sociais. Nas postagens observadas, envelhecer não aparece como processo natural, mas como desvio, excesso ou falha, sentidos que operam como mecanismos de interpelação ideológica, à maneira proposta por Althusser.

É possível antever que a circulação viral amplifique esses sentidos, reforçando posições de sujeito que desautorizam mulheres a expressarem estilos, comportamentos ou estéticas que não correspondam às expectativas associadas à idade. Expressões usadas que funcionam como marcas linguísticas que apontam para formações discursivas cristalizadas, nas quais o corpo feminino é regulado por uma lógica de normalidade que pressupõe certos enquadramentos após determinada faixa etária, o corpo feminino como um espaço de coerção e performatividade normativa.

Outro ponto que emerge é o papel da multimodalidade nos processos de construção de sentidos. Memes, gifs e imagens operam como reforço ou ironização dos enunciados, adicionando camadas interpretativas que contribuem para indicar como o corpo envelhecido é lido socialmente. Essas materialidades não são acessórios, mas parte constitutiva do discurso.

Espera-se também identificar tensionamentos, ainda que minoritários, dentro dos próprios eventos discursivos. Em algumas postagens preliminares, surgem respostas que tentam desconstruir julgamentos etaristas, evidenciando que o espaço digital, embora intensifique a violência simbólica, também permite a emergência de contra-discursos. Esses

movimentos, porém, parecem ocorrer de maneira fragmentada e geralmente com menor alcance do que os ataques iniciais, característica que deverá ser analisada à luz dos processos de estabilização e disputa de sentidos descritos pela Análise de Discurso Materialista.

Dessa forma, a dinâmica da plataforma tende a potencializar sentidos que circulam socialmente há décadas, evidenciando que o digital não rompe com a história, mas reinscreve e intensifica memórias discursivas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 5. ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro, 2. ed: Nova Fronteira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: Resultados Gerais. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://acesse.one/gYwFc>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP. Pontes, 2da edição. 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-humano:** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.



ENTRE O POP E O PORNÔ:

Discursos sobre o corpo feminino nos vídeos de 2020

Aissa Lauany Santos de Almeida¹

André Cavalcante Barbosa da Silva (Orientador)²

APRESENTAÇÃO

A cultura pop e a pornografia, enquanto tecnologias de gênero³ (Lauretis, 1994), são caracterizadas como produtos culturais que reúnem um conjunto de ideias, atitudes e imagens capazes de explicitar contextos culturais e construir narrativas, conceitos e representações que moldam e/ou validam as percepções sociais a respeito do corpo. Tendo em vista que o corpo é “o resultado de um processo de construção que se dá pelo discurso e no discurso” (Leandro-Ferreira, 2015, p. 15) e que a dissimetria é a base das relações sociais entre homens e mulheres (Bourdieu, 2014), este trabalho tem como objetivo investigar os sentidos produzidos na construção do corpo feminino nos vídeos *Luísa Sonza – BRABA* (2020) e *Cardi B – WAP feat. Megan Thee Stallion* (2020).

Para MacKinnon (1996), as palavras e imagens são meios pelos quais a desigualdade social é substancialmente criada e imposta. Ou seja, a hierarquia social só existe quando é incorporada em significados e expressa nos meios de comunicação. Além disso, é importante considerar que o discurso não se constrói sem sujeito, que o sujeito não existe sem ideologia e que esse processo se dá sob a luta de classes. Isso significa dizer que os sujeitos e as ideologias são estruturados em uma relação de contradição-

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e-mail: alsalmeida.ppgl@uesc.br.

² Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e-mail: acbsilva@uesc.br.

³ Termo cunhado por Lauretis (1994), que se refere aos instrumentos que operam em conjunto com os discursos e sistemas de poder na produção de subjetividades.

subordinação-desigualdade (Pêcheux, 1995). Diante disso, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: como a construção do corpo feminino nos videocliques mais acessados de 2020 esteve relacionada com as mensagens presentes na pornografia *mainstream*, especialmente no site Pornhub, uma das maiores plataformas de pornografia do mundo?

Além do mais, essa investigação se insere em um contexto social em que o consumo de pornografia ocorre cada vez mais cedo. Em 2022, uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas da FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) revelou que a idade média para o início do consumo de pornografia no país é de 12 anos (Scanavino, 2022). Ao se inserir de maneira tão precoce no percurso de formação identitária das pessoas, a pornografia pode moldar concepções sociais sobre sexo, relacionamento, intimidade e identidade (Dines, 2010).

Desse modo, por meio da análise do discurso (Pêcheux, 1995) e do entendimento que o corpo é, ao mesmo tempo, materialidade e lugar de enunciação do sujeito (Orlandi, 2012), a pesquisa envolverá a análise videocliques de artistas femininas do gênero pop com maior visibilidade em 2020, buscando compreender como o discurso construiu o corpo feminino nesse período. O ano de 2020 foi escolhido por se tratar de um momento histórico caracterizado por um aumento significativo no consumo de pornografia no Brasil, relacionado principalmente ao início da pandemia de covid-19 (Maraccini, 2024; Cruz, 2020; Pornhub Insights, 2020).

Posto isto, as análises dos videocliques serão realizadas por meio da teoria de análise do discurso, a partir de Orlandi (2013) e Pêcheux (1995), entendendo que não é possível compreender os processos discursivos em si mesmos, mas apenas a partir das condições materiais de existência que os produzem e os determinam (Silva Sobrinho, 2023). Assim, analisar a construção imagética do corpo feminino na cultura pop implica ir além dos seus enunciados, buscando compreender de que maneira as condições de produção de uma cultura pornificada possibilitam/limitam determinados dizeres sobre o corpo da mulher.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Investigar os sentidos produzidos na construção do corpo feminino nos videocliques *Luísa Sonza – BRABA* e *Cardi B – WAP feat. Megan Thee Stallion*.

Objetivos específicos:

- Compreender o modo como a construção do corpo feminino na cultura pop, especificamente nos videocliques *Luisa Sonza – BRABA* e *Cardi B – WAP feat. Megan Thee Stallion*, está relacionada com a indústria pornográfica.
- Analisar como a fotografia pode (re)produzir ou (re)construir o corpo feminino nos videocliques citados, investigando diferenças no contexto das produções nacional e internacional.

JUSTIFICATIVAS

Esse estudo partiu de uma necessidade pessoal e, ao mesmo tempo, social de aprofundar a investigação sobre como a produção pornográfica é capaz de influenciar outros produtos culturais, além de identificar o modo como o corpo feminino tem sido enunciado/construído na cultura pop. A escolha do ano de 2020 se justifica pelo aumento significativo no consumo de pornografia nesse período.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia de Covid-19 no Brasil (Maraccini, 2024). Nesse mesmo mês, sites de conteúdo pornográfico registraram um crescimento em seus acessos. Um dos maiores sites de pornografia do mundo, o Pornhub, teve um aumento de 24% no tráfego (Pornhub Insights, 2020) e o site brasileiro Camera Hot, divulgou que no período de 1 a 19 de março, quando comparado ao mesmo período do mês anterior, teve um aumento de quase 300 mil visitantes (Cruz, 2020).

Além disso, trata-se de um período histórico marcado por mudanças nos mercados musical e pornográfico, resultantes da ampla disseminação da internet desde os anos 2000. Ou seja, o ano de 2020, para além do contexto pandêmico, também é resultado de um processo histórico marcado pelo desenvolvimento da linguagem digital, que criou um novo modelo de consumo, permitindo que produtores de videocliques explorassem estéticas diferentes dos padrões estabelecidos pela televisão (Soares, 2013).

Antes da internet, o consumo de pornografia era mais restrito, limitado a revistas, cinemas de filmes adultos e fitas VHS. Com o desenvolvimento tecnológico, a pornografia foi completamente alterada, mas também foi responsável por várias transformações na internet e acabou impulsionando a criação de novas tecnologias e modelos de negócios (Dines, 2010; Harford, 2019; Lopes, 2005).

APARATO TEÓRICO

O corpo, enquanto construção discursiva, constitui-se como um espaço de inscrição das relações de classe e de produção de subjetividade. Ele é, simultaneamente, materialidade, historicidade, linguagem, objeto e processo de subjetivação. Ou seja, ele não é apenas um significante biológico, mas também um dispositivo de visualização, um modo de ver/produzir o sujeito, a partir de condições históricas, sociais e culturais (Leandro-Ferreira, 2015).

Enquanto objeto da cultura, o corpo é sempre gendrado (Zoppi-Fontana, 2018) e racializado (Modesto, 2021), o que significa que ele não existe fora das relações de classe, raça, gênero, etnia, sexualidade e territorialidade, mas é construído no interior dessas dinâmicas. No sistema de dominação masculina, o corpo é produzido dentro de um mercado de bens simbólicos, em que as mulheres são situadas como seres-percebidos pelo olhar masculino, ou por um olhar marcado pelas categorias masculinas (Bourdieu, 2014).

Nesse sistema, a humanidade é masculina. “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2019, p. 12-13). Isto é, sob um regime patriarcal, o homem e a mulher possuem uma relação hierárquica, e, portanto, não se apresentam apenas em tom de desigualdade, mas também por meio de um vínculo de dominação e exploração. Segundo Frye (2023), esse sistema não existiria sem a rígida definição de grupos e categorias de pessoas:

O fato de sermos treinados para nos comportar de maneira tão diferentemente, como mulheres e homens e em relação às mulheres e aos homens, contribui poderosamente para a aparência de um dimorfismo natural extremo; mas também as maneiras pelas quais agimos como mulheres e homens e em relação às mulheres e aos homens moldam nossos corpos e nossas mentes às formas de subordinação e dominação. Nós, de fato, nos tornamos aquilo que praticamos ser (Frye, 2023, p. 41-42).

Nesse contexto, tanto a cultura pop quanto a pornografia atuam como produtos culturais que refletem e moldam as percepções sociais sobre o corpo. Isso porque, segundo Pêcheux (2007), a mídia funciona como um operador de memória social, isto é, ela silencia dizeres e faz ressoar discursos que atendem aos interesses das classes dominantes. Por meio de um regime de repetibilidade (Indursky, 2019), os produtos midiáticos regulam sentidos e estabilizam dizeres sobre o corpo, determinando o que pode ou não ser enunciado por ele.

De outro modo, a relação da cultura pop com a pornografia acontece, nesse caso, porque ambas fazem parte do mesmo sistema que organiza o que é possível de ser desejado e comunicado pelo corpo/sujeito. E, na medida em que são legitimadas e consumidas por um grande número de pessoas, ambas reproduzem estruturas que, em alguma medida, definem as mulheres como objetos que existem para serem “escolhidos” e percebidos pelo olhar dos homens (Bourdieu, 2014; Zanello, 2022).

Essa relação ganha mais relevância quando consideramos o conceito de cultura pornificada, desenvolvido por Dines (2010), que descreve um contexto social de hiperssexualização dos corpos femininos, no qual elementos que antes eram vistos e naturalizados apenas na pornografia se disseminaram na cultura pop, e nos seus mais diversos produtos (filmes, músicas, vídeos, séries de televisão e propagandas). Para Preciado (2018), há uma relação direta entre os níveis de opressão vivenciados pelos grupos sociais e o grau de pornificação do corpo. E é por isso que, na era farmacopornográfica⁴, os corpos hiperssexualizados são predominantemente femininos, infantis, racializados e não-humanos.

Nesse contexto, Mackinnon (1996, p. 13) afirma que a “desigualdade social é substancialmente criada e imposta, isto é, feita por meio de palavras e imagens”. Ou seja, por meio da socialização e do consumo dos produtos culturais, os indivíduos assimilam um sistema desigual de gênero antes mesmo de compreendê-lo, uma vez que são resultados da cultura que os atravessam (Chocano, 2020; Dines, 2010; Dworkin, 1974).

Considerando que, em uma sociedade estruturada pela supremacia masculina e branca, os homens detêm o poder de nomeação — isto é, o poder de regular os dizeres e de estabelecer as condições de produção e aceitação dos discursos —, e que a pornografia constitui o DNA dessa supremacia, pode-se concluir que ela é o produto cultural que, mais do que qualquer outro, codifica a misoginia e o racismo. Assim, a pornografia expressa a essência da dominação masculina e branca, bem como a perpetuação de uma visão masculinista e racializada do mundo (Dworkin, 1989; Pêcheux, 1995; Ribeiro, 2021).

Nesse sentido, Ribeiro (2021, local. 1372) afirma que “a pornografia consiste em uma prática discursiva constitutiva, que induz a produção de realidades, com base no primado da dominação masculina”. Todavia, em um cenário de cultura pornificada

⁴ Era farmacopornográfica é um termo criado por Preciado (2023) para se referir “aos processos de governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornográfico) da subjetividade sexual, dos quais a pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (Preciado, 2018, p. 36).

(Dines, 2010), onde a linguagem pornográfica vem sendo gradualmente incorporada aos produtos da cultura pop, a própria cultura pop também se torna capaz de criar realidades fundamentadas no princípio da dominação, na medida em que esta assimila cada vez mais elementos de uma linguagem cuja essência é a reprodução dessas estruturas de poder.

Em outras palavras, ao construir o corpo feminino por meio de uma simbologia posta por um sistema baseado na objetificação feminina (Dworkin, 1989), a cultura pop e a pornografia não apenas reafirmam e sustentam uma ideologia de dominação masculina/branca, mas também têm o poder de criar realidades que posicionam as mulheres como meros instrumentos simbólicos de uma política de mercado masculina e racializada (Bourdieu, 2014). No contexto de dominação, a sexualidade feminina é apropriada pelas estruturas sociais para garantir o funcionamento eficaz dos sistemas de controle. Assim, as imagens do corpo feminino objetificado são criadas como instrumentos pelos quais o sistema desumaniza e subjuga as mulheres como classe (Dworkin, 1989).

Quando essa construção do corpo feminino é submetida a um regime de repetibilidade, isto é, inserida em uma “caixa de ressonância dos interesses da classe dominante” (Indursky, 2019, p. 23), ela não apenas define o imaginário social a respeito das mulheres, mas também molda a maneira como as próprias mulheres se veem. Isso acontece porque a supremacia masculina é fundida dentro e na linguagem e, na medida em que esses sistemas depende que os homens vejam as mulheres como objetos (Dworkin, 1989), as mulheres só podem desejar se seu desejo for o de se tornarem objetos.

METODOLOGIA

As análises da fotografia dos videocliques serão mediadas a partir do aparato teórico-metodológico de análise do discurso materialista, segundo Orlandi (2013) e Pêcheux (1995). A escolha dos videocliques seguiu os seguintes critérios: número de visualizações, período em que foi lançado; uma artista feminina como protagonista da produção audiovisual. Os videocliques que se enquadraram nos critérios de escolha foram: *Luísa Sonza – BRABA* (2020) e *Cardi B – WAP feat. Megan Thee Stallion* (2020). Em ambos os casos, a direção de fotografia é assinada por homens.

Como delimitação de objetos de análise, esta investigação se concentra apenas em videocliques do gênero pop, o que restringe a investigação aos aspectos específicos da construção desses vídeos e a um único gênero musical. No entanto, a popularidade das produções audiovisuais analisadas pode revelar os contextos de sua aceitação. Além

disso, enquanto discurso, os videocliques são também produtos ideológicos, com potencial de revelar as condições de produção que possibilitam a enunciação de determinados sentidos sobre o corpo das mulheres.

DISCUSSÃO

As análises realizadas até o momento deram origem a dois recortes apresentados em eventos distintos: o XII Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras (SEPEXLE) e o XII Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD). Em ambos, o objetivo principal foi analisar os sentidos produzidos na construção do corpo feminino no videoclipe *Braba* (2020). No SEPEXLE, a análise se concentrou na fotografia do refrão da música, enquanto no SEAD, o conceito de pré-construído — que se refere àquilo que não é construído no discurso, mas que já existe, foi dito antes e o atravessa (Pêcheux, 1995) — foi mobilizado para compreender de que modo a narrativa do videoclipe retoma um dizer anterior da mulher sob o arquétipo da *femme fatale*.

Como conclusões preliminares, destaco que a fotografia do videoclipe se constrói a partir do que Mulvey (1975) conceitua como *male gaze* (olhar masculino), ao posicionar o corpo feminino como objeto de desejo do outro. Nesse contexto, o corpo da mulher é situado em um espaço de disputa de sentidos, onde o pré-construído da *femme fatale* reforça um já-dito mitológico da supremacia masculina, que é apresentado de forma, à primeira vista, empoderadora.

Nas análises, o sentido de empoderamento feminino é apresentado sob uma ideologia liberal, que individualiza o poder, desvinculando-o das estruturas que o sustentam. Ao fazer isso, o videoclipe acaba utilizando uma imagem da mulher que, embora pareça emancipada, na prática reproduz uma narrativa histórica frequentemente usada para justificar o controle dos corpos femininos enquanto classe. Essa formação ideológica não questiona a hierarquia de gênero, mas a reforça ao colocar a mulher como responsável pela própria liberdade, sem considerar as condições sociais e estruturais que ainda limitam sua autonomia.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5. ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CARDI B - WAP feat. Megan Thee Stallion [Official Music Video]. Direção: Colin Tilley. Produção: Whitney Jackson. Intérprete: Cardi B e Megan Thee Stallion. Fotografia de Elias Talbot. [S. l.]: Atlantic Records, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hsm4poTWjMs>. Acesso em: 15 out. 2025.

CHOCANO, Carina. **Mulheres imperfeitas**: como Hollywood e a cultura pop construíram os falsos padrões femininos no mundo moderno. Tradução: Martha Argel e Humberto Moura Neto. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.

CRUZ, Felipe Branco. Após coronavírus, busca por sites pornô e camgirls cresce no Brasil: A audiência do Pornhub no Brasil aumentou e profissionais do sexo virtual estão ganhando mais com a chegada de clientes privados das baladas pela quarentena. **Veja**, [S. l], 20 mar. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

DINES, Gail. **Pornland**: how porn has hijacked our sexuality. Boston: Beacon Press, 2010.

DWORKIN, Andrea. **Woman hating**. New York: Dutton. 1974.

DWORKIN, Andrea. **Pornography**: men possessing women. New York: Plume, 1989.

COSTA, Greciely Cristina da. A Palavra do Ano é uma Imagem. **Fragmentum**, [S. l.], n. 48, p. 89–103, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23308>. Acesso em: 07 ago. 2024.

FRYE, Marilyn. **Políticas da realidade**: ensaios em teoria feminista. Tradução: Carla Henrique Gomes. 1. ed. [S. l.]: Oitava Feminista, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1VVuIkwcFv17U0Q1NHkvR7OWzfWLLJNQ/view>. Acesso em: 10 set. 2025.

HARFORD, Tim. Como a pornografia impulsionou avanços tecnológicos. BBC News Brasil, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48526409>. Acesso em: 7 ago. 2025.

INDURSKY, Freda. Discurso político: processos de significação em tempos de fake News – uma entrevista com freda indursky. **Cadernos de Letras da UFF**, Brasil, v. 30, n. 59, p. 13–31, 2019. DOI: 10.22409/cadlettrasuff.2019n59a768. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44120>. Acesso em: 13 nov. 2025.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Discurso: conceito em movimento. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Oficinas de Análise do Discurso**: Conceitos em Movimento. Campinas: Pontes Editores, 2015.

LOPES, Marco Antônio. A (indiscreta) história da pornografia. **Super Interessante**, 31 mar. 2005. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-indiscreta-historia-da-pornografia>. Acesso em: 7 ago. 2024.

LUÍSA Sonza - BRABA. Direção: Jacques Dequeker. Intérprete: Luísa Sonza. Fotografia de Jacques Dequeker, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ogxUGtlAq18&list=RDogxUGtlAq18&> Acesso em: 10 abr. 2025.

MACKINNON, Catharine A. **Only Words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

MARACCINI, Gabriela. 5 anos da Covid-19: lembre o histórico desde 1º caso até fim da emergência. **CNN Brasil**, [S. l.], 31 dez. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/5-anos-da-covid-19-relembre-o-historico-desde-o-caso-ate-fim-da-emergencia/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

MODESTO, R. **Os discursos racializados**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1851. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MULVEY, Laura. Visual pleasure and narrative cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, p. 6-27, 1975.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas, Pontes Editores, 2012

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PORNHUB INSIGHTS. Coronavirus Update – June 18. Pornhub Insights, 2020. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/coronavirus-update-june-18>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RIBEIRO, Raísa D. **Discurso de Ódio, Violência de Gênero e Pornografia: entre a liberdade de expressão e a igualdade**. 2. ed. Feminismo Literário, 2021. Ebook (236 p.).

SANTALELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SCANAVINO, Marco. Pesquisa da FMUSP mostra hábitos sexuais no país: a pesquisa aponta que grande parte dos brasileiros começa a consumir pornografia por volta dos 12

anos e tem relações sexuais pela 1ª vez aos 18. **Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas**, Universidade de São Paulo, 23 dez. 2022. Disponível em: <https://ipqhc.org.br/2022/12/23/pesquisa-da-fmusp-mostra-habitos-sexuais-no-pais-saiba-mais/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SOARES, Thiago. **A estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/37376027/A_ESTÉTICA_DO_VIDEOCLIP. Acesso em: 14 jul. 2024.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Análise do discurso e suas implicações teórico-políticas na sociedade capitalista. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; CARNEIRO, Thiago César da Costa (org.). **Diálogos com Analistas de Discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 97-102. ISBN 978-65-5637-766-7. Disponível em: https://www.neplev.com.br/_files/ugd/9e9c35_41a6156a40fd477d900a1a0d42b13aa6.pdf. Acesso em: 1 nov. 2025.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

ZOPPI FONTANA, Mônica. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, [S. l.], v. 12, n. 18, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.79457. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/79457>. Acesso em: 5 abr. 2025.

Palavras-chave: Cultura Pornificada; Análise do Discurso; Olhar Masculino; Objetificação.



HUMOR EM DISCURSO: OS MEMES NA (DES)CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Lavínia Souza Reis¹

André Cavalcante Barbosa da Silva (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Discutir gênero e sexualidade é sempre desafiador, sobretudo em uma realidade ainda marcada por concepções binárias que organizam, classificam e regulam a vida social. Apesar de avanços recentes nos debates sobre essas temáticas, permanece fundamental analisar como a língua(gem) forja sentidos relacionados às identidades, aos corpos e às expressões do desejo, produzidos por diferentes materialidades discursivas que nos interpelam cotidianamente. Como afirma Lins (2021, p. 132)

[...] somos corpos perpassados pelo registro do simbólico, pois a linguagem-atributo, nos antecedentes, cria, instaura (forma e informa) uma realidade que nos capta de tal modo que só existimos como sujeitos sócio-históricos e só interpretamos (a nós, ao outro, ao real simbólico) porque somos mediados por linguagem.

Os sujeitos são atravessados pelo simbólico, uma vez que a linguagem cria e instaura modos de existência e de interpretação do real. Nesse contexto, os memes configuram um fenômeno cultural e discursivo relevante. Ao reunir textos, imagens e códigos visuais, eles operam como dispositivos que produzem e circulam sentidos rapidamente, mobilizando humor, crítica e intertextualidades diversas. Sua linguagem econômica e acessível favorece a replicabilidade, contribuindo para a disseminação massiva de discursos e posições ideológicas. Segundo Coutinho e Loureiro (2019, k. p. 47) “[...] o conteúdo é econômico, o que facilita que sejam feitas cópias. Em segundo lugar a linguagem é acessível, o que permite maior difusão [...] esse formato responde ao tipo de conteúdo breve, dinâmico e de fácil apropriação buscado pelos usuários.

A pesquisa em desenvolvimento propõe uma análise discursiva de memes da *internet*, ancorada na Análise de Discurso Materialista, especialmente nos estudos de

¹ lsreis.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES.

² acbsilva@uesc.br

Pêcheux (2008) e Orlandi (2005). Parte-se da compreensão de que o discurso constitui uma prática social atravessada pela ideologia, capaz de moldar representações, subjetividades e modos de significar o mundo. Para Orlandi (2005), o discurso é uma forma de ação social que molda a realidade e influencia a maneira como as pessoas pensam, agem e se relacionam, ou seja, uma ferramenta de poder que reflete estruturas sociais e relações de domínio.

Pensar a articulação entre linguagem e estudos de gênero implica examinar como determinados sentidos são construídos, legitimados ou contestados. Nesse sentido, analisar memes digitais sob a ótica discursiva permite observar como novas práticas comunicacionais abrem espaços para tensionar normas e colocar em circulação discursos que tanto reforçam quanto desafiam padrões hegemônicos sobre corpo, gênero e sexualidade. A proposta busca, assim, contribuir para a ampliação das discussões sobre linguagem e diversidade, evidenciando como essas materialidades digitais participam da disputa simbólico-ideológica contemporânea.

Os memes revelam a circulação de sentidos heterogêneos, frequentemente contraditórios, que se articulam em torno das identidades de gênero e sexualidade, produzindo efeitos de crítica, humor e naturalização normativa. Diante disso, o estudo se orienta pelas seguintes perguntas de pesquisa: i) Como as discursividades sobre gênero e sexualidade são forjadas pelo/no tensionamento entre crítica social e efeito de riso presentes nos memes? ii) De que modo os memes, pelas suas condições de formulação e circulação, contribuem para a (re)produção e a (des)construção de significações sobre as relações de gênero e sexualidade?

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar os arranjos de significação das relações de gênero e sexualidade que constituem memes que circulam em redes sociais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como os memes reforçam e, em um só gesto, questionam as normas sociais acerca das relações de gênero e sexualidade;
- Analisar os recursos linguístico-visuais que constituem os processos de significação de gênero e sexualidade nos/pelos memes.

JUSTIFICATIVAS

Os memes configuram um dos fenômenos comunicacionais mais expressivos no ambiente digital, constituindo-se como um gênero capaz de mobilizar, condensar e propagar uma ampla gama de discursos. A literatura especializada demonstra crescente interesse por essas produções, sobretudo no que diz respeito às suas formas, circulação e usos políticos. Viktor Chagas (2020) ao reunir diferentes ensaios sobre o tema, evidencia que boa parte dos estudos se concentra em categorias amplas ou em suas dimensões sociopolíticas, deixando em segundo plano a análise dos efeitos humorísticos e das dinâmicas discursivas que sustentam esse humor, especialmente quando o gatilho inicial do meme não é necessariamente cômico. De modo semelhante, Coutinho e Loureiro (2019) enfatizam a eficiência comunicativa do humor no processo de viralização, mas não apresentam uma teoria conclusiva que explique os mecanismos discursivos que constituem esses “motivadores de humor” e sua atuação ideológica.

O levantamento bibliográfico realizado em bases como *SciELO*, *Google Scholar* e no acervo do Museu de Memes da Universidade Federal Fluminense confirma essa lacuna. Embora haja pesquisas concentradas na cultura digital, na circulação imagético-textual e nos usos políticos dos memes, não foram encontrados estudos que, sob a perspectiva da Análise de Discurso Materialista, abordem os memes como objeto voltado especificamente às discursividades de gênero e sexualidade. Essa ausência justifica a pertinência da investigação, uma vez que esses materiais digitais têm desempenhado papel central na reatualização, contestação e reforço de discursos normativos sobre corpo, desejo e identidades.

A relevância do estudo também se sustenta na compreensão de que esses discursos não são neutros: eles constroem modos de subjetivação, regulam comportamentos e participam de disputas ideológicas que atravessam a vida social. Ao analisar memes sob a ótica discursiva, busca-se compreender como se articulam sentidos que ora reproduzem estereótipos de gênero e sexualidade, ora acionam o humor como estratégia de crítica, deslocamento ou resistência. Tal perspectiva permite observar como determinadas formações discursivas se estabilizam, tensionam ou se reconfiguram no espaço digital, contribuindo para o debate sobre práticas sociais que impactam diretamente grupos historicamente marginalizados.

Além disso, a escolha por esse objeto se relaciona ao reconhecimento da importância de investigar discursos que circulam massivamente e moldam percepções cotidianas de forma rápida e aparentemente despretensiosa. Os memes, por sua combinação de humor, economia

textual e forte apelo imagético, constituem um terreno fértil para compreender como a ideologia opera na construção de evidências discursivas que naturalizam determinadas posições de sujeito ou, em outros casos, possibilitam a emergência de contranarrativas que desafiam normas hegemônicas.

APARATO TEÓRICO

A base teórica que sustenta esta pesquisa articula três eixos principais: os estudos sobre memes e humor na cultura digital; os pressupostos da Análise de Discurso Materialista; e as discussões sobre gênero e sexualidade. O projeto dialoga, assim, com autores como Coutinho; Loureiro (2019), Dawkins (2007 [1976]), Foucault (1988), Lins (2021), Pêcheux (2008), Orlandi (2005), Katz (2007 [1995]), Butler (2016), Recuero (2009), Chagas (2020), entre outros, que contribuem para situar o objeto de pesquisa no cruzamento entre linguagem, cultura digital e disputas identitárias.

1.1 Estudos sobre memes, humor e *internet*

A discussão sobre memes no âmbito dos estudos da linguagem remonta à definição pioneira de Dawkins (1976 [2007]), para quem os memes são unidades de transmissão cultural que circulam e se replicam entre sujeitos de forma rápida, adaptável e altamente eficaz. Embora essa noção tenha sido expandida e reelaborada ao longo das décadas, sua contribuição inicial ainda oferece subsídios para compreender a lógica reprodutível e imitativa que estrutura boa parte dos conteúdos digitais contemporâneos.

Para aprofundar essas discussões, este trabalho se filia às análises de Chagas (2020), que entende os memes como um gênero cultural híbrido, marcado pelo humor, pela acessibilidade e pela facilidade de criação e circulação. Segundo o autor, os memes operam como “artefatos sociotécnicos” que condensam discursos e afetos em formatos visuais e textuais breves, mas altamente significativos. Essa perspectiva auxilia a situar os memes como materialidades discursivas que participam de processos ideológicos mais amplos, especialmente quando tensionam normas de gênero e sexualidade.

No que se refere ao humor, Coutinho e Loureiro (2019) apontam que ele não pode ser compreendido como um fenômeno universal ou puramente espontâneo, mas como efeito produzido a partir de condições sociais, culturais, históricas e políticas. No material referenciado eles discutem como, ao longo do tempo, diferentes campos do saber

(sociologia, filosofia e psicologia) vêm se dedicando a investigar os mecanismos que levam alguém a achar algo engraçado. De acordo com esses autores, o riso é também um gesto interpretativo que opera no interior de disputas ideológicas, produzindo efeitos de alinhamento, crítica ou naturalização de sentidos. Essa abordagem possibilita compreender os memes não apenas como ferramentas de entretenimento, mas como práticas discursivas que mobilizam mecanismos de humor para reforçar ou tensionar posições de sujeito.

1.2 Análise de Discurso Materialista

A perspectiva materialista da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, fornece as bases teórico-metodológicas para analisar os memes enquanto materialidades ideológicas. Orlandi (2005) destaca que o discurso deve ser entendido como prática social inscrita em relações de poder, e não como simples transmissão de mensagens. Nessa perspectiva, a produção de sentidos é atravessada por condições de produção específicas e pelas redes de memória que estruturam cada enunciação.

Pêcheux (2011), um dos fundadores da teoria materialista, apresenta três conceitos indispensáveis na Análise de Discurso Materialista: o Interdiscurso é definido como uma relação entre discursos opostos presentes na sociedade, capazes de influenciar a constituição de sentidos, já que um discurso atravessa outro. Por esse motivo, para compreender um discurso, é necessário averiguar as relações interdiscursivas. De acordo com o autor elementos de uma sequência textual podem ser trazidos de outra formação discursiva, permitindo assim, que as referências discursivas sejam construídas e historicamente deslocadas.

Já o conceito de formações discursivas refere-se ao conjunto de enunciados que compartilham uma mesma posição ideológica, produzidos e circulados a partir de condições históricas e sociais específicas. Essas formações não são fixas nem previamente definidas, mas estão em constante disputa, atravessadas pela dinâmica da história e pelas relações de poder. Por sua vez, a ideologia é compreendida como um funcionamento da linguagem que participa da constituição dos sentidos, influenciando as formas pelas quais os sujeitos dizem e interpretam o mundo. Caracteriza-se pela ilusão de um sentido literal, pela naturalização do discurso e pelo apagamento da materialidade da linguagem e da historicidade. Assim, atua como um conjunto de valores socialmente partilhados por grupos que ocupam posições hegemônicas, podendo funcionar como mecanismo de sustentação das desigualdades e de

silenciamento nas relações de dominação.

1.3 Estudos sobre gênero e sexualidade

Os estudos de gênero e sexualidade contribuem para compreender como discursos hegemônicos organizam corpos, práticas e identidades. Foucault (1976) discute a sexualidade enquanto dispositivo de poder, argumentando que não se trata de característica natural, mas de uma construção histórica regulada por instituições, discursos e saberes. Sua noção de “tecnologias de poder” permite entender como normas sexuais e de gênero são produzidas e aplicadas socialmente.

Katz (2007 [1995]) demonstra que a heterossexualidade, frequentemente tratada como natural, é resultado de um processo histórico de normatização que marginaliza outras expressões de desejo. Essa compreensão é essencial para analisar memes que reproduzem ou ironizam essa naturalização. Segundo Katz (2007, p. 35) “a heterossexualidade foi progressivamente naturalizada, tornando-se a norma padrão das relações sexuais e afetivas. Esse processo envolveu a exclusão e marginalização de outras formas de sexualidade”.

Butler (2016), propõe o gênero como uma construção social, uma performance repetida e ritualizada, formada por práticas cotidianas e não uma característica imutável de uma pessoa. Assim, ao ser evidenciada, a performatividade pode ser utilizada como espaço de resistência e transformação. Ela categoriza a binaridade (masculino/feminino) como uma visão limitada de expressão do gênero que problematiza a diversidade de identidades de gênero.

Lins (2021) discute como a linguagem desempenha papel central na constituição das identidades de gênero, ressaltando que sentidos atribuídos ao masculino e ao feminino são efeitos discursivos sustentados por memórias históricas. De acordo com Lins (2021, p. 138) “[...] biologicamente determinado, o gênero [...] é compreendido como um atributo apolítico, a-histórico dos sujeitos; dito e posto como intrinsecamente emanado do genital que há nos corpos”. Para o autor, tais sentidos interpela(m) os sujeitos e produzem modos de existir, o que permite analisar os memes como espaços de reinscrição ou contestação dessas normas. Sua reflexão sobre silenciamentos e invisibilidades de performatividades dissidentes é especialmente relevante para compreender o apagamento e a ridicularização de identidades não normativas que aparecem em muitas materialidades digitais.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico encontra-se em andamento e, neste momento, articula simultaneamente a leitura, compreensão e fichamento do material bibliográfico selecionado com o desenvolvimento das primeiras análises. Essa etapa tem permitido avançar no aprofundamento das teorias mobilizadas, especialmente no que concerne à internet, redes sociais, memes, teorias do humor, Análise de Discurso Materialista (ADM) e discussões sobre gênero e sexualidade. As leituras permanecem alinhadas às discussões realizadas em sala ao longo do programa, sendo atravessadas pelas contribuições das disciplinas, do orientador e dos demais pesquisadores envolvidos.

Considera-se que, embora a comunicação seja constitutiva da vida social, a internet intensificou suas formas de circulação, possibilitando conexões e trocas simbólicas entre sujeitos de diferentes regiões. As redes sociais, contudo, não surgem exclusivamente da popularização da *internet*, mas se estruturam a partir de vínculos e interesses compartilhados, conforme destaca Recuero (2009, p. 24), uma rede social “é uma metáfora para se observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os integrantes deste”. Em outras palavras, as redes sociais, são o resultado da junção de grupos sociais, motivados por um mesmo contexto, interesse ou objetivo, que estabelecem relações através da *internet*, utilizando *sites*, *interfaces*, aplicativos etc.

Até o momento, parte do *corpus* já foi selecionada a partir da página de *instagram* @brasilianversion, escolhida por sua relevância e ampla circulação. Dentro dela, optou-se por delimitar quatro quadros fixos de grande repercussão: **Toda pesquisa tem sua resposta**, **O melhor do Brasil é o brasileiro**, **The best moments in the Brazilian TV show** e **Motivacional da semana**. Os critérios iniciais de seleção incluem: memes que circulem amplamente nas redes sociais e memes que abordam questões de gênero e sexualidade, permanecendo em aberto a possibilidade de novos ajustes conforme as necessidades interpretativas emergjam ao longo do percurso analítico.

Na etapa seguinte, o *corpus* será apresentado acompanhado de uma análise preliminar, orientada pelas condições de produção e pelos efeitos de sentido percebidos em um primeiro contato interpretativo. Essa fase será aprofundada por meio de uma análise discursiva detalhada, que buscará compreender as condições de produção e replicação dos enunciados, os significados atribuídos e a presença de discursos políticos e ideológicos, de acordo com os pressupostos da Análise de Discurso Materialista.

DISCUSSÃO

As discussões parciais desenvolvidas até o momento partem do entendimento de que, no âmbito da Análise de Discurso Materialista, não se operam hipóteses nem resultados antecipados; o que se produz são gestos de análises que transcorrem conforme novas materialidades são analisadas. Assim, o movimento interpretativo da pesquisa tem sido construído simultaneamente à ampliação do corpus e às leituras teóricas, permitindo observar regularidades discursivas que emergem do modo como o humor circula em redes sociais.

Os primeiros gestos de análise evidenciam que o humor funciona como um dispositivo que torna visíveis tensões sociais já presentes no interdiscurso, sobretudo no que diz respeito às disputas simbólicas envolvendo gênero e sexualidade. Mesmo sem mencionar exemplos específicos do corpus, é possível afirmar que tais materialidades operam deslocamentos irônicos que desestabilizam sentidos hegemônicos, ao mesmo tempo em que (re)inscrevem, de forma reiterada, estereótipos e expectativas normativas. Esse duplo movimento de ruptura e reinscrição tem aparecido como um ponto central nas análises, indicando que o riso não é neutro, mas atravessado por posições ideológicas em confronto.

Outro elemento recorrente diz respeito à circulação ampliada das postagens e à forma como sua replicabilidade interfere na constituição de efeitos de verdade. Observa-se que as formulações humorísticas ganham força justamente por se apresentarem como “apenas piadas”, o que mascara a presença de discursos políticos que atravessam a construção de identidades, afetos e modos de pertencimento. Nos gestos realizados até o momento, tem-se percebido que a aparente leveza do humor opera como uma zona de negociação discursiva em que normas de gênero são simultaneamente tensionadas e reafirmadas.

As análises também têm indicado que a constituição das posições-sujeito nas postagens mobiliza memórias discursivas já estabilizadas no imaginário social. Tais memórias afloram tanto na forma de estereótipos quanto na forma de repetições irônicas que produzem deslocamentos significativos. O que está em disputa, portanto, não é apenas o reconhecimento de um grupo frente a outro, mas a própria lógica binária que sustenta regimes normativos sobre o que pode ou não ser dito sobre corpos, práticas e performances.

Por fim, os gestos iniciais permitem observar que o humor digital, ao mesmo tempo em que critica e ridiculariza certos comportamentos, abre espaço para a circulação de discursos contraditórios, revelando o funcionamento ideológico da cultura online. Tais contradições são centrais para o andamento da pesquisa, pois demonstram como sentidos aparentemente consensuais são, na verdade, marcados por conflitos, resistências e tentativas

de estabilização. As discussões em curso, portanto, apontam para a complexidade do riso enquanto prática discursiva e para seu papel na produção e reprodução de significados sobre gênero e sexualidade em ambientes digitais.

Palavras Chave: Memes. Análise do Discurso Materialista. Gênero e Sexualidade. Humor. Redes Sociais.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 287 p. Tradução de: Renato Aguiar.

CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020. 544 p.

COUTINHO, J. V. ; LOUREIRO, R. **Memes internet e a comunicação: Humor e comunicação na era da internet**. [Kindle Paperwhite version]. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

DAWKINS, R. Memes: os novos replicadores. In: DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Cap. 11, p. 143. Tradução de: Rejane Rubino. [1976]

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 149 p. Tradução de: M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

KATZ, J. N. **The invention of hetero sexuality**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2007. 305 p. [1995]

LINS, Anderson. “É menino ou menina?” Os efeitos do (re)conhecimento do corpo genitalizado nas condições de emergência de discursividades de gênero. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; VINHAS, Luciana Iost. **O corpo na Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas, SP: Pontes, 2023, p. 131-147.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005. 217 p.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2008. 68 p. Tradução de: Eni Puccinelli Orlandi.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 206 p.

MASCULINIDADES NEGRAS E LINGUAGEM NO CANDOMBLÉ IJEXÁ: práticas, performances e ancestralidades no Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá

Pedro Afonso Caires Silva¹

Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora)²

Valéria Amim (co-orientadora)³

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa investiga as construções e performances das masculinidades negras no terreiro Ilê Axé Odé Omopondá Aladê, de nação Ijexá, localizado em Ilhéus, Bahia. Parte-se do reconhecimento de que os terreiros de candomblé, para além de seus fundamentos religiosos, constituem espaços fundamentais de ressignificação identitária e resistência cultural para a população negra no Brasil. O estudo se ancora na premissa de que as cosmologias e práticas rituais de matriz africana oferecem modelos alternativos de existência, que desafiam e complexificam as noções hegemônicas de gênero, em especial as de masculinidade.

A tradição Ijexá no sul da Bahia, conforme documentado por Amin (2015), representa um rico e específico legado cultural e espiritual, ainda pouco explorado academicamente quando comparado a outras nações. O terreiro em questão, Ilê Axé Odé Omopondá Aladê, se configura como um locus privilegiado para esta investigação, por sua relevância histórica e comunitária na região. A problemática central reside em compreender como, nesse contexto ritual e comunitário específico, se constroem, performam e transmitem experiências de ser homem negro, articulando saberes ancestrais, linguagem e corporeidade.

O pressuposto que orienta a investigação é o de que as performances de masculinidade no terreiro Ijexá desafiam os modelos patriarcais e eurocêtricos ao incorporar valores como coletividade, cuidado, reverência ao sagrado e uma fluidez de gênero que não se funda na dominação. Para iluminar essa questão, o estudo dialoga criticamente com a obra de Frantz Fanon (2008), que analisa os efeitos psicossociais do racismo na constituição do sujeito negro, propondo ir além de sua análise para explorar como o terreiro opera como um espaço de cura

¹ pacsilva.ppgl@uesc.br bolsista CNPq

² mmrocha@uesc.br

³ vamim@uesc.br

e reconstrução dessas subjetividades fracturadas. Neste movimento, é crucial o diálogo com Oyèrónké Oyěwùmí (2021), cuja crítica descolonial demonstra que o gênero, enquanto categoria social primária e universal, é uma invenção ocidental. Ao questionar a projeção deste modelo binário sobre as sociedades iorubás, a autora nos incita a observar como corpos, hierarquias e socialidades são organizados no Candomblé a partir de lógicas outras, como senioridade, que podem ressignificar radicalmente o que entendemos por "masculinidade".

OBJETIVOS

Objetivo

Geral

Analisar como as cosmologias e práticas rituais da nação Ijexá, no Ilê Axé Odé Omopondá Aladê, constroem e performam masculinidades negras, articulando saberes ancestrais, linguagem e experiências comunitárias.

Objetivos Específicos

1. Identificar os papéis sociais e religiosos de homens e mulheres no terreiro, considerando diferentes graus de iniciação.
2. Mapear as narrativas sobre gênero, corpo e ancestralidade presentes nos discursos dos participantes.
3. Documentar as especificidades rituais e simbólicas relacionadas às performances de masculinidade e feminilidade no contexto Ijexá.
4. Analisar como as construções de gênero no terreiro dialogam com questões contemporâneas de raça, religiosidade e identidade negra.

JUSTIFICATIVAS

A realização desta pesquisa se justifica por urgentes razões acadêmicas, sociais e existenciais. Do ponto de vista teórico, busca-se preencher uma lacuna significativa nos estudos sobre gênero e religiosidades afro-brasileiras, que frequentemente negligenciam as especificidades das nações de candomblé, em especial a Ijexá, e suas particulares construções de masculinidade. A recorrente objeção à pertinência do conceito de "masculinidades negras" no terreiro é, ela mesma, sintomática de uma epistemologia que naturaliza as categorias ocidentais. Seguindo o caminho aberto por Oyěwùmí (2021), esta investigação não pretende impor uma leitura de gênero ao terreiro, mas, sim, aprender com ele como corpos masculinos são socializados a partir de uma matriz cultural que precede e escapa ao modelo colonial de

gênero. Enquanto homem negro, compreendo que investigar essas dinâmicas é mais que um exercício acadêmico; é um gesto político de visibilização de epistemes que resistem ao epistemicídio.

A dimensão social desta investigação adquire contornos de extrema urgência em um cenário onde a população negra, e em especial os homens negros, são diariamente assediados por violências físicas e simbólicas que buscam reduzir suas existências a estereótipos de periculosidade ou hiperssexualização. Autores como Mbembe (2018) e Faustino (2014) discutem como a humanidade do homem negro é constantemente questionada numa estrutura social racista. Neste contexto, os terreiros emergem como trincheiras vitais, oferecendo não apenas refúgio, mas um projeto alternativo de homem e de humanidade.

Eles são espaços onde a masculinidade pode ser aprendida e vivida a partir de valores como o axé, o cuidado com o coletivo, o respeito às hierarquias sagradas e a celebração da ancestralidade, constituindo-se em antídoto potente contra a desumanização. Esta não é uma mera "masculinidade positiva", mas uma reinvenção da pessoa a partir de códigos relacionais profundamente africanos.

Metodologicamente, o estudo se propõe a adotar uma abordagem sensível e dialógica, reconhecendo os saberes tradicionais como produtores de conhecimento válido. Isto implica um compromisso ético que vai além da extração de dados, visando uma pesquisa que seja também um processo de devolutiva e fortalecimento para a comunidade envolvida. A relevância, portanto, transborda o campo acadêmico, situando-se no âmbito mais amplo da luta antirracista e da valorização das culturas negras como fontes de saber, cura e futuro. É uma investigação que, ao buscar compreender as masculinidades no terreiro, assume o desafio de desaprender as lentes coloniais para poder, de fato, ver.

APARATO TEÓRICO

O arcabouço teórico deste projeto é construído a partir de um diálogo interseccional entre autores que fundamentam a crítica ao colonialismo, os estudos sobre performatividade de gênero e as epistemologias negras. A noção de performance, tal como elaborada por Geertz (1989) em sua antropologia interpretativa, é fundamental para entender o ritual como um texto cultural a ser decifrado, onde significados sociais são encenados e reafirmados. Esta perspectiva se entrelaça com o conceito de performances da oralitura, desenvolvido por Leda Martins (2003), que compreende o corpo, a voz e o gesto nos terreiros como suportes vivos de memória e criação, lugares onde a ancestralidade se atualiza.

Para analisar as especificidades da experiência negra, a obra de Frantz Fanon (2008) fornece ferramentas indispensáveis para compreender a internalização do racismo e a busca por uma autopercepção liberta. Sua análise é complementada pelas reflexões de Kabengele Munanga (2009) sobre a negritude e por Achille Mbembe (2018), cuja crítica da razão negra desvela as estruturas que produziram a figura do negro como o Outro absoluto. Neste terreno, o trabalho de Deivison Faustino (2014) e Henrique Restier (2017) oferecem um olhar específico sobre as masculinidades negras, desconstruindo a noção falocêntrica e propondo a análise de modelos masculinos não baseados na dominação.

A contribuição seminal de Oyèrónké Oyěwùmí (2021) é central para desestabilizar o próprio campo de inquiry. Em "A Invenção das Mulheres", a autora argumenta que o gênero não era um princípio organizador fundamental na sociedade iorubá pré-colonial, onde critérios como senioridade e linhagem prevaleciam. Sua obra nos obriga a problematizar a aplicação acrítica da categoria "masculinidade" e a investigar quais são, de fato, os marcadores de diferença e os princípios de socialização que organizam as relações no Ilê Axé Ijexá. Esta não é uma negação da existência de corpos sexuados, mas uma interrogação sobre os significados que lhes são atribuídos numa cosmologia não ocidental.

O contexto regional e religioso é ancorado nos estudos de Valéria Amin (2015) e Ruy Póvoas (2007), que mapeiam a tradição Ijexá no sul da Bahia e suas dinâmicas comunitárias. Por fim, a metodologia de análise se inspira no conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo (em Duarte, Côrtes e Pereira, 2018), que orienta a escrita a emergir das experiências vividas, das marcas corporais e das memórias ancestrais, posicionando o pesquisador em um lugar de escuta e coautoria com os saberes dos participantes. A combinação desses referenciais permite uma abordagem que é, ao mesmo tempo, rigorosa academicamente e profundamente enraizada nas realidades e saberes que se propõe a estudar.

METODOLOGIA

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, alinhada aos preceitos da antropologia interpretativa e ancorada em perspectivas afro diaspóricas e contracoloniais. O trabalho de campo será realizado exclusivamente no Ilê Axé Odé Omopondá Aladê (nação Ijexá), em Ilhéus/BA.

A amostra será composta por 10 participantes, selecionados por saturação teórica, sendo 6 homens (iniciados ou não), 3 mulheres (iniciadas ou não) e a liderança religiosa do terreiro.

Esta composição visa captar um espectro diversificado de experiências e perspectivas sobre as masculinidades no interior da comunidade.

As técnicas de coleta de dados incluirão:

1. Observação participante: envolvendo o acompanhamento de atividades rituais e cotidianas ao longo de seis meses, com registros detalhados em diário de campo.
2. Entrevistas semiestruturadas: realizadas individualmente, em ambiente reservado e respeitoso com os tempos sagrados do terreiro, guiadas por um roteiro flexível que aborda trajetórias, percepções sobre gênero e experiências rituais.
3. Análise de materiais da comunidade: quando autorizado, análise de registros audiovisuais ou escritos produzidos pelo próprio terreiro.

A análise dos dados seguirá uma perspectiva interpretativa, organizada em três eixos interligados: (1) as performances rituais de masculinidade; (2) as narrativas de identidade e pertencimento; e (3) as práticas de cuidado e construção comunitária. O processo analítico será guiado pelos conceitos de oralitura (Martins, 2003) e escrevivência (Evaristo, em Duarte et al., 2018), tratando as narrativas e performances como fontes legítimas de saber e priorizando os significados atribuídos pelos próprios participantes. Todo o processo será conduzido com rigor ético, incluindo a submissão ao Comitê de Ética, a utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) adaptado e a garantia de anonimato através de pseudônimos.

DISCUSSÃO

Espera-se que esta pesquisa produza um mapeamento etnográfico e discursivo detalhado sobre as formas de construção e performance das masculinidades negras no contexto específico do Candomblé Ijexá. Os resultados preliminares indicam a potencialidade de se identificar um modelo de masculinidade profundamente entrelaçado com noções de responsabilidade comunitária, cuidado com o sagrado e flexibilidade de papéis, que se distingue radicalmente do ideal hegemônico, individualista e dominador.

Antecipa-se que a análise das narrativas e observações poderá revelar como os rituais e o convívio no axé funcionam como uma pedagogia cultural que ressignifica corporeidades e afetos masculinos. A presença e o papel das mulheres, assim como a figura de Odé (Oxóssi) como patrono do terreiro, provavelmente emergirão como centrais na configuração dessas masculinidades, destacando a importância da complementaridade e do equilíbrio dinâmico entre os gêneros.

No plano teórico, a pesquisa busca contribuir para consolidar um campo de estudos que articula masculinidades negras, linguagem e religiosidades de matriz africana a partir de uma perspectiva decolonial. A utilização dos conceitos de oralitura e escrevivência como ferramentas metodológicas poderá oferecer um caminho fértil para futuras investigações em contextos semelhantes, valorizando a palavra e o corpo como arquivos vivos de conhecimento.

Para a comunidade acadêmica, os resultados devem enriquecer os debates nos campos dos estudos de gênero, antropologia das religiões, linguagens e ciências sociais, demonstrando a vitalidade dos saberes tradicionais como produtores de teoria. Para a comunidade do terreiro e para o movimento negro em geral, a pesquisa visa oferecer uma devolutiva ética que fortaleça a autoestima e a valorização de suas tradições, documentando e validando seus modos próprios de existir e educar. Por fim, ao evidenciar modelos positivos e não opressivos de masculinidade, o estudo aspira a contribuir, ainda que modestamente, para a imaginação de novos futuros possíveis para os homens negros no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMIN, Valéria. **A Tradição Ijexá no Sul da Bahia**. In: SARAIVA, Clara; BASSI, Francesca; DIAS, João Ferreira (Org.). *Dinâmicas de Identificação e Transformação nas Religiões de Matrizes Africanas (no Espaço Lusófono)*. Lisboa: Edições Lusófonas, 2015. p. 89.
- DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2018.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAUSTINO, Deivison. **O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (Original publicado em 1978).
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARTINS, Leda, Maria. (2003). **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. *Letras*, (26), 63-81.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. wanderson flor do nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco**. Ilhéus: Editus, 2007.

RESTIER, Henrique. **O homem negro no pós-abolição: masculinidade sob ataque.** Justificando, 25 set. 2017.



NAS INS/ESTABILIDADES DA SIGNIFICAÇÃO: A DINÂMICA DOS SENTIDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA REDE X

Ricardo Mattuella¹

Anderson Lins (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O presente projeto está inserido ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e representações, na linha C: Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso. A linguagem digital presente no ciberespaço corresponde a diversas transformações na maneira como os sujeitos interagem e se identificam. A identificação do sujeito com a língua, de acordo com Payer (2014), vai muito além de um processo individual, pois inclui o coletivo, a partir das relações com diferentes formas linguísticas. Nesse sentido, no ciberespaço, essa identificação alcança novas dimensões, permitindo interações que ultrapassam as limitações de espaço e tempo, além de proporcionar maiores conexões sociais.

O ciberespaço é definido por Pierre Lévy (2010) como um espaço de comunicação e interação global que facilita a circulação de informações e a interconexão entre usuários da web, proporcionando múltiplas oportunidades de atualização do real (imediato). Ademais, a rede digital engloba diferentes formas de linguagem, possibilitando um ambiente dinâmico e em constantes transformações, de acordo com o algoritmo e preferências do usuário. Essas transformações na linguagem, segundo Orlandi (2012), ocorrem desde a época dos copistas da Idade Média até as novas tecnologias.

No contexto específico dessas trocas nos espaços virtuais, destaca-se o estilo linguístico característico do espaço de significação “postagem”, produzido na rede social X. Esse estilo se adapta ao perfil do público-alvo, incorporando particularidades linguísticas e semânticas que só fazem sentido a partir das condições de produção desse ciberespaço (Freitas, Barth, 2015). Aliás, Paveau (2021) reconhece as postagens da rede social X como tecnodiscursos — enunciados co-construídos entre linguagem, máquina e sujeito — da qual a circulação e significação são mediadas por algoritmos, interfaces e formatos específicos do ambiente digital.

¹ rmattuella.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² alrodrigues@uesc.br

Considerando esses funcionamentos linguísticos presentes na rede social X, é possível identificar materialidades nas quais os sentidos deslizam para outros processos de significação. Assim, este estudo emerge dos seguintes questionamentos: como significam, nas condições de produção do ciberespaço (Rede Social X), as expressões: “maceta”, “fecho”, “bafora”, “jurou”, “serve” e “old”? A escolha dessas palavras decorre tanto do meu contato direto com seu uso quanto da observação do crescimento no número de pessoas que as utilizam. Além disso, questiono como outros processos de significação emergem nessas condições de produção e tensionam a suposta estabilização dos sentidos de gênero e sexualidade promovidas por essas expressões. Para tanto, será trabalhado o tensionamento dos conceitos da Análise do Discurso, paráfrase e polissemia, o mesmo e o diferente (Orlandi, 1998), pois, ao mesmo tempo que as palavras apontam para uma estabilização de sentidos tradicionais, também deslizam para outros processos de significação.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar, nas condições de produção da rede social X, como as expressões “maceta”, “fecho”, “bafora”, “jurou”, “serve” e “old” significam e tensionam um suposto processo de estabilização dos sentidos de gênero e sexualidade por elas arregimentado.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar a recorrência e regularidade dos sentidos dessas expressões na rede X;
- b) Analisar os deslocamentos de sentidos nos diferentes funcionamentos das palavras “maceta”, “fecho”, “bafora”, “jurou”, “serve” e “old”;
- c) Compreender como a imbricação entre materialidades verbais e visuais nas postagens da rede X produz sentidos que tensionam os discursos de gênero e sexualidade;

JUSTIFICATIVAS

A proposta justifica-se em dois pilares. O primeiro consiste em tecer novos olhares sobre os efeitos de sentidos produzidos por expressões que circulam no ciberespaço, mais especificamente na rede social X. É fundamental considerar que as palavras e coisas podem não ter um sentido único e universal para todos os sujeitos ou contextos, tampouco existe a possibilidade de um sentido absoluto. Essa concepção retoma o que foi discutido por Pêcheux (1990) sobre o equívoco de perceber a língua como monossêmica e sobre a impossibilidade de produzir sentido fora de uma dada formação discursiva.

A segunda justificativa, em consonância com o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, relaciona-se diretamente à relevância dos estudos de gênero e sexualidade. Isso se deve ao fato de que as expressões analisadas tensionam um suposto sentido a componentes da cultura queer, permitindo o enfrentamento da sobreposição imposta por uma sociedade normativa. Lins (2021) discute como essa normatividade instrumentaliza e dirige as subjetividades em benefício próprio, segundo ele “a cisnormatividade como ‘a verdade dos corpos’ pela relação gênero-genital, bem como a arregimentação compulsória da heterossexualidade enquanto possibilidade legítima, correta e saudável de desejo sexo-afetivo”.

Dessa forma, a normatividade e a instrumentalização dos corpos podem impor não apenas um sentido único aos próprios corpos, mas também ao que é expressado por eles. Isso inviabiliza a construção de outros sentidos para as expressões utilizadas por corpos dissidentes, situados fora da normatividade e da heterossexualidade como única possibilidade legítima. Portanto, entende-se que a presente proposta pode contribuir com os demais trabalhos que relacionem a AD aos estudos de gênero por um viés contra-hegemônico.

APARATO TEÓRICO

Os estudos de gênero e sexualidade têm sido objeto de pesquisa de distintas áreas de conhecimento, como Política, Antropologia, Ciências Biológicas etc. Neste trabalho, pretendo investigar o conceito de gênero sob uma perspectiva discursiva, explorando a relação entre as expressões analisadas e as possíveis filiações a questões de gênero e sexualidade. Não me refiro a um gênero construído a priori, mas sim à totalidade das formas de ser. O conceito de gênero não é algo que existe naturalmente, de forma inerente aos corpos das pessoas. O gênero é uma construção social e discursiva, sustentada por discursos que visam à normatização e hierarquização do que foge à regra, ditando como as pessoas devem agir e ser na sociedade (Zoppi Fontana, 2018).

Segundo Lins (2021), no que se refere ao gênero, existe um efeito retroativo que deve ser considerado. Esse efeito significa que todo indivíduo, até mesmo antes de nascer, já é entendido como um “sujeito”, classificado e lido como pertencente a um gênero específico a partir de características biológicas, genitalizadas. Desde o início, portanto, o ser humano já é inserido em categorias de gênero e moldado pelas normas e expectativas associadas a elas.

Outro ponto relevante é que não é possível desassociar gênero e sexo, uma vez que, segundo Lins (2021, p. 146), o “sexo sempre foi gênero, ou seja, as diferenças sexuais são uma construção do gênero que atuam, discursivamente, por meio da invocação performativa do gênero, de modo a atribuir-lhe um suposto sentido natural”. Assim, aquilo que nomeamos como

“sexo” (como ser biologicamente masculino e feminino) não corresponde a uma verdade natural e estabilizada, mas a algo que foi construído e ressignificado a partir do conceito de gênero, moldado por práticas e discursos sociais.

Da mesma forma que a concepção de gênero é uma construção social, o mesmo se aplica à sexualidade. De acordo com Foucault (2014), tanto o gênero quanto a sexualidade não são realidades essencialmente baseadas na biologia, mas sim construções sociais e históricas, modeladas por discursos e por mecanismos de controle e poder. Dessa forma, não existe uma “realidade” ou um “natural” sexual, mas sim uma construção histórica produzida por saberes e normas.

Este projeto constitui uma ampliação da proposta desenvolvida no TCC, no qual já haviam sido realizados gestos analíticos voltados à investigação das relações entre determinadas expressões a questões de gênero e sexualidade. A partir dessas análises, foram identificadas conexões estabelecidas por meio de nomes de usuários que fazem referência a divas pop, do uso recorrente de memes e imagens de figuras pertencentes a comunidade LGBTQPIAN+, bem como por meio de formas particulares de linguagem que estão associadas e contribuem para a produção de sentido dentro dessa comunidade.

A linguagem oral e a escrita se apresentam como pontos relevantes e comuns para os sujeitos sociais, possibilitando transformações na maneira como interagem e se identificam. Sobre a identificação, Payer (2014) discute que ela não se limita ao fato de o sujeito se apresentar como falante de uma língua. Ou seja, não é algo individual, não tem início na sua origem, visto que as identificações ocorrem no sujeito, “elas já se ligam aos efeitos de uma certa história individual/coletiva de relação com as línguas/formas” (p.69).

Ao considerar gênero, sexualidade e linguagem nas condições de produção do ciberespaço, entende-se que a identificação do sujeito em relação à linguagem virtual permite a inclusão de novos trajetos de significação para a sua interlocução em sociedade. No ciberespaço, essas interlocuções são facilitadas pela tecnologia, que possibilita trocas capazes de estabelecer e fortalecer conexões. O ciberespaço é entendido como o domínio digital no qual os usuários interagem mundialmente, facilitando aspectos comunicacionais e informacionais, além de viabilizar contatos a longas distâncias e disseminação de informações Lévy (2010).

Para analisar como as trocas interacionais se manifestam em um espaço virtual específico, escolhi a rede social X. Essa escolha permite observar os funcionamentos de sentidos de gênero e sexualidade em expressões utilizadas por seus usuários. Além disso, contribui para entender melhor a expansão do ambiente digital, com o surgimento de mídias

sociais que evidenciam essas trocas coletivas por meio de comentários, postagens, diálogos, entre outras possibilidades de interação.

Segundo Freitas e Barth (2015), o X é um site que também pode ser chamado de microblogging, o qual aparenta ser um atrativo para a população mais jovem, além de ser uma rede social muito popular em todo o mundo. Os autores ainda afirmam que o X pode ser caracterizado como uma rede social similar ao Facebook, pois é um espaço de interação entre usuários que permitem trocas comunicativas e a difusão de variados gêneros textuais. A rede social X é uma esfera digital que possibilita o aparecimento de outras formas de linguagens, como memes e gírias, o que pode permitir o deslocamento de outros sentidos que não apenas são caracterizados pelo sentido convencional a determinados termos linguísticos.

Os discursos presentes nas “postagens” na rede X são diretamente atravessados pelos sujeitos envolvidos, os quais são interpelados por ideologias, pois o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não está “em si mesmo”, mas, como diz Pêcheux (1995 p. 160), “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Assim, podemos pensar a (re)produção de um discurso a partir de uma determinada posição-sujeito, que é o resultado, ainda que momentâneo, do processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos que só dizem e só significam porque se inscrevem às formações ideológicas e às formações discursivas.

Um outro ponto a ser levado em consideração nas postagens, é a imbricação entre materialidades distintas (verbal e visual) que são utilizadas em sua grande maioria. Nas esteiras das reflexões de Lagazzi (2009), é preciso pensar que os sentidos não emergem apenas do verbal, mas a partir da contradição entre distintas materialidades significantes. A autora aponta que tais materialidades (visuais, verbais, sonoras etc.) não se complementam, mas se relacionam por via da contradição: “Não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. [...] a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda” Lagazzi (2009, p. 68).

Assim, as análises das postagens a serem realizadas a partir da rede X - que em sua maioria, são acompanhadas de imagens (estáticos), gifs, vídeos e montagens - permitem uma atenção à sua composição discursiva heterogênea, pois cada materialidade tensiona e desloca os sentidos da outra.

A partir do momento em que compreendo a ideia de sentidos outros das palavras, surge uma inquietação que nos leva a investigar como essas formas estão sendo mobilizadas, pois ao mesmo tempo que causam uma estranheza, também geram uma curiosidade. Tais expressões são recorrentes em postagens que se filiam a questões de gênero e sexualidade, em dadas circunstâncias, e reproduzem algo já dito em outro momento, no entanto, parece existir uma incompletude no dizer, a qual permite que os sentidos sejam moventes ou instáveis, dada a posição-sujeito, assim como determinadas condições de produção.

METODOLOGIA

Na Análise do Discurso, é fundamental considerar o batimento entre o material, teoria e análise. Assim, definir um método prévio, como se a pesquisa devesse se ajustar a um modelo preexistente, não reflete a prática dessa abordagem. Os procedimentos metodológicos serão desenvolvidos a partir e na exigência dos corpus. No entanto, é possível antecipar alguns movimentos prévios para o desenvolvimento da pesquisa.

A primeira abordagem metodológica consistiu na leitura e fichamento de textos relacionados ao aporte teórico do trabalho, bem como de outros textos que foram e identificados e que continuarão a ser utilizados ao longo do processo. Este trabalho também será elaborado com base em diálogos e discussões com o orientador e com outros professores e pesquisadores de diversas áreas que possam colaborar na construção deste estudo. Em seguida, será desenvolvida a constituição do corpus, com a seleção de postagens na rede social X.

A seleção de postagens da rede X, sendo internauta da rede social e membro da comunidade LGBTQIAPN+, pode contribuir para a identificação de possíveis tensionamentos de gênero e sexualidade na utilização dessas expressões, pois, como apontado por Lagazzi (1988, p. 51) “[...] não existe o observador, o pesquisador, o cientista neutro, descomprometido de suas crenças. Afirmar o contrário seria o mesmo que colocar o sujeito fora do alcance da ideologia”. Dessa forma, compreendo que quem pesquisa fala a partir de um espaço de atravessamentos subjetivos que pode influenciar desde a escolha do tema até a seleção do material de análise, bem como os seus posicionamentos.

A pesquisa fundamenta-se em um dispositivo teórico analítico da Análise de Discurso conforme os estudos de Eni Orlandi (1999), Michel Pêcheux ([1995] 2009, [1969] 1990) e Lagazzi (2009). Além disso, alinha-se aos estudos sobre ciberespaço e AD digital a partir de Lévy (2010); Paveau ([2017] 2021); e aos trabalhos que conectam gênero Butler (2016) e gênero e discurso Lins (2021); bem como às contribuições de Foucault (2014) para os estudos

da sexualidade. Como contribuição, espera-se que esta pesquisa possa somar aos demais estudos e, assim, promover uma melhor compreensão das complexas relações de sentidos entre o ciberespaço, o campo dos estudos discursivos de filiação materialista e os estudos de gênero e sexualidade.

DISCUSSÃO

As análises iniciais da pesquisa indicam que as expressões escolhidas da rede social X não operam como unidades linguísticas de sentidos estáveis, mas são significadas por disputas discursivas que atualizam e tensionam sentidos de gênero sexualidade. A expressão “fecho”, por exemplo, permite observar o funcionamento de processos parafrásticos e polissêmicos, nos quais que o “mesmo” e o “diferente” (Orlandi, 1998) se friccionam, produzindo efeitos de estranhamento, deslocamento reinscrição de sentidos.

Nas postagens analisadas até o presente momento, compreende-se que o sentido não é construído pelo signo isolado, mas por/pela posições-sujeito, condição de produção que disputam a significação dessas palavras no ciberespaço. Ao serem mobilizadas por usuários LGBTQIAPN+, tais expressões acionam memórias discursivas, resistência e performatividade, produzindo sentidos que subvertem e desestabilizam tentativas de normatização e universalização dos sentidos.

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz. Movimento de sentidos e constituição de subjetividade em discursos transfeministas. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; G. FERRARI, Ana J. (Orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**. Campinas: Pontes, 2017, p. 149-170.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREITAS, Ernani Cesar; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 9, n. 12, p. 08-26, 2015.

LAGAZZI, Suzy. Algumas considerações sobre o método discursivo. In: **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes Editores, 1998, p. 51-57.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LINS, Anderson. **Subjetividades em trama, corpos em transe**: os mo(vi)mentos de identificação de sujeitos transgêneros no entremeio dos sentidos de feminilidades e masculinidades. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, n. 4, p. 9-19, mar. 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PAYER, Maria Onice. Des-atando laços das identificações entre sujeito(s) e língua(s). Em: ORLANDI, E.P. (Org). **Linguagem, sociedade, políticas**. Campinas: RG, 2014. p. 91- 10
PÊCHEUX, Michel. ([1969] 1990). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. Trad.: Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK. T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da UNICAMP.

PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e outros. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ZOPPI FONTANA, Mónica. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, v. 12, n. 18, 2



O IMAGINÁRIO DE CIÊNCIAS E MULHERES CIENTISTAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Valéria Lucinda da Silva¹
Maurício Beck² (Orientador)

APRESENTAÇÃO

De acordo com Pierro (2018) por muito tempo as histórias em quadrinhos (HQs) eram definidas como um tipo de arte que exercia uma má influência na vida dos jovens e crianças, acreditava-se que tornavam os jovens mais preguiçosos para o processo de leitura, o que na verdade se constitui como um grande equívoco, pois ela auxilia na aquisição do conhecimento, bem como estimula os jovens na prática de leitura por se tratar de um texto lúdico. Algumas editoras desempenharam um papel importante na ressignificação das HQs, especialmente a partir da publicação de cartilhas educativas com conteúdo científico e adaptações de obras clássicas da literatura em formato de quadrinhos, um dos pioneiros nesse movimento foi o nova-iorquino Max Gaines (1894–1947), que, em 1944, fundou a *Educational Comics* com o objetivo de divulgar histórias em quadrinhos voltadas à ciência e à educação. A partir desse marco, a relação entre quadrinhos e ciência passou a se intensificar, sobretudo no período pós-Segunda Guerra Mundial (1939–1945).

Deste modo, destaco que esse projeto de pesquisa tem como objetivo investigar como as Histórias em Quadrinhos constroem o imaginário de ciência (ideologias da ciência), bem como as questões de gênero que refletem também no modo pelo qual as mulheres cientistas estão sendo significadas. A análise será embasada na Teoria Materialista de Discurso, com o apoio de conceitos específicos da análise de quadrinhos, como a *grafiação*, proposta por Marion (1993), as noções de *espaçotopia* e *artrologia*, elaboradas por Groensteen (2015), bem como as questões de gênero com base em Wolf (2019) e Stengers (2023) que questionam a fibra do “verdadeiro pesquisador” e quanto essas exigências estão distantes das realidades das mulheres no campo acadêmico e científico.

Para a análise foram selecionadas cinco Histórias em Quadrinhos de ficção científica e (super)heroísmo, sendo a primeira *O Eternauta* escrita pelo argentino Héctor Germán Oesterheld (1919–1977) e ilustrada pelo quadrinista argentino Francisco Solano López (1928–2011), publicada entre os anos de 1957 a 1959, é uma das histórias em quadrinhos

¹vlsilva.let@uesc.br - Bolsista CAPES

²mbeck@uesc.br

mais influentes da Argentina e da América Latina, destacando-se não apenas pelo enredo de ficção científica, mas também pela carga político-ideológica que carrega, em diálogo com o contexto histórico da época. A segunda com o intuito de analisar (não) relação entre ciência e política é o volume 1 do livro *Black Science* intitulada *como cair para sempre* publicado em 2019, criada pelo escritor norte-americano Rick Remender, e a ilustração foi produzida pelo ilustrador italiano Matteo Scalera, insere-se no gênero da ficção científica. A narrativa acompanha Grant McKay, líder da Liga Anarquista de Cientistas, que inventa uma máquina de viagem interdimensional chamada Pilar, no entanto, após a sabotagem do aparelho, McKay e sua família são lançados em uma jornada por múltiplas dimensões alternativas, enfrentando os efeitos imprevisíveis da própria ciência que desenvolveram.

A terceira e a quarta são intituladas *Mulher Invisível* publicada em 2015 pela editora Marvel, e por fim o volume 4 de *Pantera Negra: O império Intergalático de Wakanda* criada por Stan Lee e Jack Kirby e lançada no Brasil em 2021 pela editora Panini. Na primeira obra, a personagem central é Sue Storm, também conhecida como Mulher Invisível. Conforme destaca Hammond (2015), editor da Marvel, “quando não precisava ser urgentemente resgatada pelos rapazes, ela era simplesmente a esposa carinhosa seguindo cegamente o seu marido, Reed, enquanto este colocava o mundo nos eixos”. Essa representação perdura até determinado ponto da narrativa, quando a personagem passa a ocupar o papel de super-heroína, rompendo com estereótipos de gênero e com a lógica patriarcal historicamente atribuída às figuras femininas nos quadrinhos. Na segunda HQ, a ênfase recai sobre a personagem Shuri, princesa de Wakanda, retratada como uma gênia da ciência e da tecnologia. Ela subverte os padrões tradicionais associados às mulheres negras na ficção ao assumir uma posição de protagonismo intelectual e estratégico. Ambas as obras foram selecionadas com o objetivo de analisar as questões de gênero presentes nas narrativas, particularmente a forma como as personagens femininas são significadas, encenadas e posicionadas frente ao saber científico.

Por fim, *Amigos da ciência* lançada no Brasil em 2023, de autoria dos irmãos brasileiros Carlos Henrique Ruas Bon e Guilherme Bon. Os irmãos já haviam publicado outros livros em conjunto. Com 64 páginas, a obra transforma divulgadores científicos em super-heróis, dois desses divulgadores que se tornam personagens são o próprio Carlos Ruas e Paulo Miranda Nascimento (Pirula ou Pirulla) mestre e doutor em Paleontologia pela Universidade de São Paulo (USP). No enredo, os super-heróis têm como missão combater os vilões “Desinformação” e “Negacionismo”, representações dos obstáculos enfrentados pela ciência na contemporaneidade, como afirmam os personagens: “Enquanto houver desinformação e negacionismo, nós estaremos lá para combater” (RUAS; BON, 2023, p. 3). Assim, destaco que são Histórias em Quadrinhos Situadas em diferentes épocas históricas, sendo afetadas pelo período histórico e social de sua produção.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral investigar o imaginário de ciência (ideologias da ciência) e de cientistas mulheres presentes nas histórias em Quadrinhos *O Eternauta*, *Black Science*, *Mulher invisível*, *Pantera Negra* e *Amigos da Ciência*.

Objetivos específicos

- a. Compreender como os conhecimentos científicos são significados nas Histórias em Quadrinhos, bem como a (não)relação entre ciência e política em recortes de cinco obras intituladas *O Eternauta*, *Black Science*, *Mulher invisível*, *Pantera Negra* e *Amigos da Ciência*.
- b. Elucidar as formações ideológicas em funcionamento no imaginário que as histórias em quadrinhos (re)produzem acerca de ciência e de como se comportar perante estas;
- c. Analisar como a marcação de gênero em personagens funciona com relação ao imaginário de cientista nas Histórias em Quadrinhos;

JUSTIFICATIVA

O presente projeto de pesquisa mostra-se pertinente em um momento histórico em que as ciências, suas práticas e seus resultados têm sido desacreditados pelos chamados discursos negacionistas e pela dita desinformação. As Histórias em Quadrinhos têm sido um grande veículo de divulgação científica e um meio difusor de imaginários, deste modo, é relevante investigar a imagem de ciência nessas narrativas gráficas, tendo em vista que a ciência produz um certo-saber-se-comportar perante ela. Assim, abordar e problematizar questões relacionadas à ciência, bem como o papel crucial da divulgação científica possui relevantes contribuições para os âmbitos social e acadêmico.

Além disso, destaco a importância de discutir questões de gênero, refletir sobre como as mulheres cientistas são representadas nessas histórias contribuirá significativamente para essa linha de pesquisa, considerando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na sociedade, decorrentes do "multitarefaismo" imposto pelo sistema patriarcal. Assim, ciência, ideologia, política e questões de gênero são temas de grande relevância para o meio acadêmico, especialmente no contexto dos novos sistemas de textos, especificamente as HQs, que servirão como corpus de análise visando avançar nessas discussões.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórico-metodológica está ancorada na Análise de Discurso materialista, para compreender os processos de significação, recorro aos aportes teóricos de Orlandi (1984) e Pêcheux (1990), que permitem mobilizar conceitos fundamentais como Ideologia, Discurso, Formação Discursiva e Interdiscurso. Conforme destacado por Althusser (1979) e aprofundado por Fonseca, Beck e Marcel (2018), o discurso científico é atravessado por um “saber-como-se-comportar” diante da ciência, evidenciando os efeitos de sentido e as posições ideológicas que o sustentam. Como suporte analítico específico para a linguagem dos quadrinhos, utilizo Marion (1993), e Groensteen (2015), que reforçam o caráter sistêmico e estruturado da linguagem das HQs, considerando a articulação entre texto e imagem no funcionamento do discurso. Para investigar de que modo as mulheres são significadas, mobilizo os aportes teóricos de Woolf (2019) e Stengers (2023), autoras que questionam as representações tradicionais e as exigências simbólicas associadas às mulheres na ciência.

O discurso é o objeto teórico da análise de discurso produzido através de sua materialidade específica (a língua) e, para sua compreensão, é necessário analisar os

processos de sua produção. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas, desse modo, "os sentidos sempre são determinados ideologicamente," sendo fruto da discursividade e do modo como, no discurso, a ideologia produz efeitos. Orlandi (1999, p. 44) ainda afirma que "o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinado pelo já-dito, aquilo que constitui uma relação discursiva em relação a outra", portanto algo já foi dito antes, em algum lugar e independente, o que desloca o sujeito da posição de ser origem do dizer. Como define Costa (2016, p. 101), "a incompletude e não-transparência da linguagem mantêm uma incontornável relação com a história, a política e a ideologia".

Para Althusser o ensino científico é carregado de ideologia, seja de modo intencional ou não, a educação em ciência é constituída de valores, perspectivas e suposições que não deixam de estar subordinados à ideologia dominante. Esses processos determinam tanto a suposição da excepcionalidade das verdades científicas, bem como o modo de lidar com elas. O momento descritivo da análise dos quadrinhos terá como base os elementos estilísticos de significação, como o conceito de *grafiação* desenvolvido por Marion (1993) sendo uma instância enunciativa própria das HQs, como cores, disposição de imagens, espaçamentos, traços, etc. que dialoga bastante como os conceitos de Groensteen (2015) como *Artrologia* e *Espaçotopia*, pois as ilustrações não carregam sozinhas todo o significado, cada quadro faz parte de um sistema maior de traços, a exemplo da linguagem visual, a disposição das imagens, a sequenciação das cenas, etc. Onde as imagens se combinam com outros elementos, para criar o significado total da narrativa. Portanto, para a análise faz-se necessário compreender a narrativa em sua totalidade, ao considerar os elementos estilísticos como verbo e imagem com base nas teorias dos quadrinhos, sendo a razão pela qual podem ser descritos em termos de *sistema*. Segundo o autor, esses chamados códigos trabalham juntos para criar significados, por isso é essencial entender o sistema como um todo, isso significa explorar como todos os elementos se conectam e contribuem para a coerência e os significados das histórias em quadrinhos.

Com o intuito de analisar o modo como as mulheres são significadas nas histórias em quadrinhos selecionadas, mobilizo os aportes teóricos de Woolf (2019) e Stengers (2023), autoras que problematizam as representações da figura do "verdadeiro pesquisador" e as exigências associadas a esse papel. Stengers (2023, p. 47) observa que: "Quando se trata de mulheres, o preço a se pagar por uma carreira é ainda mais discriminante, porque ele é parte da própria definição da vocação, daquilo que permite julgar o 'verdadeiro pesquisador' ". Ao discutir a formação de pesquisadores e o lugar ocupado pelas mulheres cientistas, a autora argumenta que a noção de vocação científica opera como um mecanismo discriminatório.

Essa concepção estabelece normas e expectativas sobre o que caracteriza um pesquisador legítimo, com base em valores e estruturas sociais que historicamente reforçam desigualdades de gênero, essa imagem idealizada do pesquisador, historicamente associada a homens que têm o privilégio de dedicar-se integralmente à ciência, muitas vezes é construída às custas das responsabilidades domésticas e familiares, que são delegadas às mulheres. Consequentemente, muitas precisam se afastar do campo acadêmico para cuidar da família ou para lidar com as demandas da vida diária, o que é frequentemente visto como um obstáculo à aptidão de um "verdadeiro pesquisador".

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza analítica com base na teoria materialista de discurso. Para a análise, foram selecionadas três obras em formato de história em quadrinhos que compõem o corpus deste estudo: *Amigos da Ciência*, de Ruas e Bon (2023); *Black Science*, de Remender, Scalera e White (2019); e *O Eternauta*, de Héctor Germán Oesterheld e Francisco Solano López (1957–1959). O objetivo é analisar como a ciência é significada nessas narrativas gráficas. Não se trata de uma análise das obras em toda a sua extensão, mas de recortes das partes mais relevantes à questão de pesquisa. Essa escolha metodológica está ancorada na perspectiva de Orlandi (1984, p. 14), que afirma: “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”. Inicialmente, será realizada a coleta e leitura das HQs selecionadas, para posteriormente realizar os recortes com base no suporte teórico adotado, considerando tanto o contexto histórico-ideológico de produção do discurso quanto os elementos estilísticos presentes nas obras.

DISCUSSÃO

Com base nesse percurso analítico, espera-se que esse estudo proponha a investigação referente a imagem que se faz de ciência, bem como observar o modo pelo qual as mulheres cientistas estão sendo significadas nas Histórias em Quadrinhos selecionadas com base em três aportes teóricos metodológicos, a saber: a teoria Análise de Discurso Materialista, a teoria dos Quadrinhos, bem como as teorias de Gêneros.

Com base nos gestos iniciais de análise destaca-se que a primeira HQ *O Eternauta* está situado em período histórico, no qual as condições de produção do discurso situam-se como fator significativo. O tom preto e branco reforça a densidade e a seriedade dramática da narrativa, de um lado há a imagem de ciência não como progresso ou solução, mas reforça a ciência como algo que escapou do “controle” racional, o que vai contra a imagem de ciência como ordem, cálculo e previsibilidade e do outro a imagem de ciência, orientada pela sobrevivência coletiva que emerge como ferramenta de resistência diante do caos distante das instituições legitimadas (universidade, governos, exércitos etc.).

A personagem feminina Elena emerge como efeito de um discurso que reproduz e sustenta um modelo tradicional de mulher, vinculado a uma divisão social e ideológica do trabalho baseada na lógica patriarcal. Posicionada no interior de uma estrutura familiar, Elena é interpelada como mãe e esposa, afastada dos espaços de enunciação científica que atualizam representações de gênero subordinadas às formações ideológicas dominantes da época. Assim, como conclusões preliminares com base nessa primeira obra analisada compreende-se que as histórias em quadrinhos são ferramentas discursivas potentes na construção do imaginário social da ciência, revelando tensões entre ideologia, política, conhecimento e gênero. Investigá-las é, portanto, fundamental para compreender como se constroem sentidos sobre quem pode ser cientista, como a ciência é significada e quais são os valores que sustentam sua circulação social.

Nesse ínterim, espera-se no final da pesquisa responder os seguintes questionamentos: Como funciona a relação entre ideologia e ciência? Como a ciência é significada nas Histórias em Quadrinhos (HQs)? Qual a imagem se faz da ciência nestas narrativas gráficas? Como se

produz certo saber se comportar perante a ciência? Como as mulheres cientistas são significadas nas histórias em quadrinhos? Como a personagem feminina é encenada e seu comportamento perante o conhecimento científico é significado? Quais são as implicações dessas significações? O objetivo é investigar o modo pelo qual se dá (re)produção e veiculação de um imaginário de ciência, bem como o papel das mulheres cientistas nessas histórias nessas Histórias em Quadrinhos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas* (1974), tradução de Elisa Amado Bacelar. Lisboa, Presença e Martins Fontes, s/d.

BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

BYRNE, John. *A Mulher Invisível*. São Paulo: Marvel Comics, 2015. CARLOS

RUAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedi Foundation, 2023.

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos_Ruas&oldid=66205125>. Acesso em: 6 jul. 2023. Acesso em: 25 de agosto de 2024

COSTA, Grciely Cristina da. A Palavra do Ano é uma Imagem. *Fragmentum*, [S. l.], n. 48, p.89–103, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23308>.

FONSECA, Rodrigo ; BECK, Maurício ; MARCEL, Phellipe. Ideologia, discurso, revolução: a radicalidade da proposta pecheuxtiana. In: BARBOSA FILHO, F. R.; BALDINI, L. J. S. (Orgs.). *Análise de Discurso e Materialismos: prática política e materialidades*. Campinas: Editora Pontes, 2018. v. 2, p. 85-114. Disponível em: https://www.academia.edu/49350393/Ideologia_Discurso_Revolu%C3%A7%C3%A3o_a_radicalidade_da_proposta_pecheuxtiana. Acesso em: 20 mai. 2025.

CANGUILHEM, Georges. *O conhecimento da vida*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro; 1a Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. 1.ed. Nova Iguaçu: Marsupial editora, 2015.

JÚNIOR, Antônio Barros Brito. CAIMI, Claudia Luiza. OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura, imagem e mídias. Porto Alegre: Clss, 2021. p. 532.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. *Pantera Negra: o império intergaláctico de Wakanda – Parte 4*. São Paulo: Panini Comics, 2021.

MARION, Philippe. *Traces en cases: Travail graphique, figuration narrative et participation du lecteur*. Loovun-U-Neovt: Academia, 1993.

OESTERHELD, HÉCTOR G. *El eternauta*. Edición especial literatura complementaria. 1 ed. Buenos Aires: Doedytores, 2008, p. 152.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Recortar ou segmentar?* In: *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09- 26.

_____. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes. 1999. 100p.

_____. *Sujeito/Sentido*. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso & leitura*. 4. ed. São Paulo, Cortez; Campinas: Unicamp, 1999. p.53-101.

PANDORA, Central. *O eternauta: Guerras Alienígenas e a comovente história de um mártir*. Disponível em: <https://youtu.be/ucwgcgUT3CJw?si=qRdm6WEwh4gtO8re>. Acesso em: 27 de Agosto de 2024

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990. PIERRO, Bruno de. Ciência em Tirinhas. *Revista da FAPESB*. nº 342, p. 32-37, jul. 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ciencia-em-tirinhas/>. Acesso em: 15 de Agosto de 2024.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (AAD69) [1969]*. GADET, F.;HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani et al. 4. Ed. Campinas: Unicamp, 2010.

REMENDER, Rick. SCALRA, Matteo. WHITE, Dean. *Black Science*. Tradução de Kleber de Sousa. São Paulo: Devir, 2019. Vol. 1. 176 p.

RUAS, Carlos. BON, Gui. *Amigos da Ciência*. 1 ed. São Paulo, 2023. 80 p.

STENGERS, Isabelle. *Uma Outra Ciência é Possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Bazar do Tempo, 2023.

WOOLF, Virginia. Três guinéus. Autêntica Editora, 2019.

Wikipedia contributors. (2024, August 14). Rick Remender. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 02:09, September 1, 2024, from https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Rick_Remender&oldid=1240269170. Acesso em: 20 de agosto de 2024

_____. (2024, June 15). Francisco Solano López (comics). In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 02:12, September 1. 2024, from [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Francisco_Solano_L%C3%B3pez\(comics.&oldid=1229162371](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Francisco_Solano_L%C3%B3pez(comics.&oldid=1229162371) . Acesso em: 15 de Agosto de 2024.



RACIALIZAÇÃO E LINGUAGEM NAS TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA OBRA DE RUY PÓVOAS

Ketie Emilly Santos Neves¹

Rogério Modesto (orientador)²

APRESENTAÇÃO

O presente projeto de pesquisa se insere no campo da Análise de Discurso (AD) de orientação materialista, articulada à História das Ideias Linguísticas (HIL) e aos estudos sobre racialidade e produção de saberes no Brasil. O foco central da investigação é compreender como os sentidos de língua e religiosidade são articulados discursivamente na obra *A Linguagem do Candomblé - níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa* (1989), do intelectual negro e babalorixá Ruy do Carmo Póvoas.

Minha trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), iniciada em 2019, desenvolveu-se em torno da compreensão da língua como espaço de disputa simbólica, atravessada por tensões raciais e históricas. As pesquisas realizadas na graduação, no âmbito da Iniciação Científica, trataram da racialização nos discursos do ENEM e das nomeações raciais em dicionários de língua portuguesa, estudos que permitiram identificar como instrumentos linguísticos e práticas de políticas linguísticas contribuem para naturalizar sentidos racializados. Além disso, no Trabalho de Conclusão de Curso, aprofundi essa discussão a partir da análise do texto *Etymologias - Preto* (1905), de Hemetério José dos Santos, o que possibilitou compreender a potência teórica de intelectuais negros frequentemente invisibilizados nos estudos linguísticos.

¹ Mestranda da Linha C no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e bolsista CNPq. E-mail: kesneves.ppgl@uesc.br

² Professor do Departamento de Letras e Artes da UESC. E-mail: rmsantos.uesc.br

Esse percurso consolidou meu interesse pela interseção entre língua, cultura, intelectualidade negra e religiosidade afro-brasileira, levando-me ao encontro da obra de Ruy Póvoas, autor cujo trabalho reúne saberes acadêmicos e saberes tradicionais, especialmente no contexto do Candomblé. A escolha de *A Linguagem do Candomblé* como corpus principal justifica-se por sua relevância teórica, histórica e sociocultural, uma vez que a obra analisa a presença da língua iorubá nos rituais do Candomblé, articulando aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos com práticas culturais e religiosas. Póvoas demonstra como o iorubá é preservado, reelaborado e ritualizado, constituindo-se como elemento de resistência, memória e identidade negra.

Partindo do pressuposto de que os discursos sobre língua presentes na obra de Póvoas não podem ser compreendidos dissociados da memória discursiva das tradições afro-brasileiras, tampouco dos processos históricos de racialização que atravessam a constituição da língua e do saber no Brasil, este projeto busca responder ao seguinte questionamento: **De que forma os sentidos de língua e religiosidade são discursivamente articulados na obra *A Linguagem do Candomblé* de Ruy Póvoas, e como essas articulações contribuem para a construção das identidades negras no contexto brasileiro?**

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o funcionamento discursivo da relação entre a língua e as práticas religiosas afro-brasileiras, em especial o candomblé, na obra *A Linguagem do Candomblé*, do intelectual negro Ruy Póvoas, com o intuito de compreender de que modo a religiosidade de matriz africana se articula com a língua(gem) na constituição de sentidos.

Pensando nisso, esta pesquisa tem os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar discursivamente as conexões entre língua, negritude e tradições afro-brasileiras na obra *A Linguagem do Candomblé*, de Ruy Póvoas;
2. Investigar como o discurso religioso afro-brasileiro é mobilizado na obra de Póvoas, observando os sentidos que emergem da articulação entre língua e espiritualidade;
3. Explorar a relação entre religiosidade e língua(gem) na produção intelectual de Ruy Póvoas, buscando compreender como a espiritualidade afro-brasileira é integrada às suas concepções de língua e cultura;
4. Discutir como a memória discursiva das tradições afro-brasileiras atua na constituição

de sentidos sobre língua e identidade na obra de Póvoas;

5. Identificar e analisar os possíveis discursos racializados presentes na obra de Póvoas, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas;
6. Contribuir para a valorização de intelectuais negros no campo dos estudos linguísticos e culturais, destacando a relevância de Ruy Póvoas na construção de epistemologias contra-hegemônicas.

JUSTIFICATIVAS

Ao optar por analisar as obras de Ruy Póvoas, parto da convicção de que esta pesquisa pode ser enriquecida por múltiplas perspectivas, revelando aspectos fundamentais das dinâmicas sociais e culturais, reconhecendo a importância dos estudos que exploram a relação entre língua e religiosidade afro-brasileira, especialmente aqueles fundamentados nas contribuições de intelectuais negros frequentemente marginalizados pela academia. Essa escolha reflete um movimento necessário e tardio nos estudos linguísticos brasileiros, que apenas recentemente começaram a reconhecer as contribuições de intelectuais negros.

Apesar da relevância de Póvoas como professor, escritor, babalorixá e figura central na fundação do KÀWÉ, ainda não há registros de pesquisas dedicadas à sua obra ou à sua influência no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UESC. Essa ausência contrasta com a importância de sua atuação como educador e agente de transformação, sobretudo no campo dos saberes afro-brasileiros e da religiosidade, aspectos que foram fundamentais para a constituição de espaços acadêmicos voltados à valorização das culturas de matriz africana na instituição. Além disso, a escassa referência ao seu nome em repositórios acadêmicos, como os da Capes³, evidencia o esquecimento de sua obra no cenário acadêmico como um todo.

Minhas pesquisas anteriores já haviam evidenciado silenciamentos significativos na intersecção entre língua e racialidade, apontando para uma lacuna crítica na valorização das perspectivas afro-brasileiras sobre língua e cultura. Diante disso, este projeto visa preencher essa lacuna, adotando uma postura antirracista comprometida com a preservação da memória, cultura e produção afro-brasileira, em oposição ativa ao esquecimento, à invisibilização e ao

³ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma Fundação do Ministério da Educação (MEC) e é a responsável por incentivar, reger e dispor sobre os cursos de pós-graduação stricto sensu (Mestrado e Doutorado) em todos os estados da Federação. Ao pesquisar por “Ruy Póvoas”, é possível encontrar apenas três trabalhos acerca do intelectual, no entanto, desses trabalhos, dois não são da área de Letras. Busca feita em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

epistemicídio negro (Carneiro, 2005). Este projeto, portanto, propõe dar visibilidade ao legado de Ruy Póvoas, intelectual de relevância incontestável para o Sul da Bahia e para os estudos sobre identidade e cultura afro-brasileira.

Ao reconhecer a potência teórica e analítica de suas produções, o projeto também busca problematizar a lógica hierárquica que privilegia autores brancos nos espaços acadêmicos, relegando saberes produzidos por intelectuais negros a posições de menor prestígio. Com isso, pretende-se contribuir para a construção de um campo de estudos mais plural, inclusivo e comprometido com a valorização das epistemologias afro-brasileiras. Dessa forma, este projeto se justifica não apenas por sua contribuição ao PPGL e à análise crítica das práticas discursivas e culturais, mas também por promover a valorização de saberes marginalizados, reforçando a importância de uma abordagem crítica e integrada para compreender as formas de dominação e resistência nas esferas linguísticas e culturais.

APARATO TEÓRICO

Este projeto situa-se no terreno teórico construído pela interseção entre a Análise de Discurso orientada por uma perspectiva materialista e a História das Ideias Linguísticas (HIL) (Guimarães, 1996; Ferreira, 2018). Essa relação é enriquecida pelos estudos sobre racialidade, linguagem e produção de conhecimento (Fanon, 2008; Carneiro, 2005; Souza, 2020; Nascimento, 2019; Modesto, 2021), os quais fornecem uma base crucial para a compreensão das dinâmicas discursivas e suas implicações sociais e culturais.

A relação entre AD e HIL permite uma compreensão mais profunda de como a produção de saberes metalinguísticos contribui para a memória discursiva, que, por sua vez, sustenta discursos capazes de moldar a forma como os sujeitos se veem e se relacionam com a língua. Na perspectiva do presente projeto, o objetivo é analisar de que forma os sentidos produzidos a partir da obra de Póvoas entrelaçam a língua(gem) e a religiosidade na constituição de significações culturais, linguísticas e identitárias afrodescendentes, com um foco especial nas tensões raciais que podem ou não se manifestar.

Modesto (2021) argumenta que os discursos racializados refletem um funcionamento discursivo marcado pela memória dos processos sociais e históricos de racialização, os quais se manifestam não apenas em declarações e formulações diretas sobre raça, mas também em ideias que, de certa forma, disfarçam sua influência racial. É a partir dessa perspectiva teórica que podemos analisar como os discursos racializados sobre a língua e os sujeitos se constituem, são formulados, circulam e como eles podem produzir efeitos de evidência, naturalização ou resistência no saber metalinguístico em questão.

Com relação à memória discursiva, de acordo com Pêcheux (1999), os sujeitos, ao produzirem discursos, estão estabelecendo uma relação com outros discursos já existentes e, de certa forma, com tudo o que foi dito anteriormente, o que acontece mesmo que a pessoa não tenha consciência desse processo. Assim, quando alguém fala, está usando uma voz que não é totalmente sua, pois está influenciada pela ideologia e pelo inconsciente. Por essa razão, a Análise do Discurso argumenta que esse conhecimento, que não é ensinado e nem pode ser ensinado, tem efeitos importantes nos discursos produzidos. Portanto, ao analisar um discurso, é importante considerar não apenas o que é dito, mas também como é dito, comparando diferentes maneiras de expressão e procurando entender o que não é dito explicitamente. Isso significa prestar atenção à ausência de certos temas ou informações, pois essa falta também pode ter um significado importante na interpretação do discurso⁴.

Toda a construção do quadro teórico deste projeto é também afetada pelo atravessamento dos estudos que tratam das dinâmicas de racialidade, racismo, linguagem e religiosidade. Nesse contexto, é fundamental destacar que a discussão envolve um silenciamento estrutural, tanto da intelectualidade negra quanto da produção daqueles que se posicionam a partir do "lugar de negro". Por essa razão, é utilizado o conceito de "epistemicídio", conforme descrito por Carneiro (2005), que define esse termo como um processo contínuo de anulação e desqualificação do conhecimento de povos subjugados. Esse processo se manifesta através da negação de acesso à educação de qualidade, da inferiorização intelectual, e dos mecanismos que deslegitimam o negro como produtor e portador de conhecimento, comprometendo sua capacidade cognitiva e autoestima devido a discriminações presentes no ambiente educacional.

A análise de Deleuze e Guattari (1995) sobre a produção de conhecimento e a subjetividade oferece uma perspectiva enriquecedora para compreender como as práticas religiosas afro-brasileiras enfrentam e resistem ao epistemicídio. Em *Mil Platôs*, os autores desenvolvem a ideia de que o conhecimento é um processo dinâmico e rizomático, que não se limita a estruturas fixas e dominantes, mas é constantemente reconfigurado através de práticas e experiências diversas. Essa visão pode ser aplicada à análise das tradições afro-brasileiras,

⁴ Orlandi (1999) define discurso como uma elocução em fluxo, ou seja, algo que está em constante movimento. A Análise do Discurso não se limita ao estudo da língua ou da gramática, embora esses elementos sejam relevantes. Em vez disso, foca-se no discurso, entendido etimologicamente como um percurso ou movimento. O discurso, portanto, é a palavra em ação, uma prática de linguagem que envolve observar o ser humano falando. Para Orlandi, o discurso é também determinado pela formação discursiva, o que significa que as palavras adquirem sentidos diferentes conforme as posições de quem as utiliza. Esses sentidos são extraídos das posições ideológicas em que estão inseridos aqueles que empregam as palavras (Orlandi, 1999, p. 15; 2009, p. 42-43).

que historicamente foram marginalizadas e deslegitimadas por sistemas epistemológicos hegemônicos. De acordo com os autores, a produção de conhecimento não é linear, mas se dá através de "máquinas desejanças" que criam e reconfiguram saberes, o que pode ser visto nas formas de reatualização e afirmação das tradições culturais afro-brasileiras. Essas práticas desafiam as narrativas dominantes e oferecem novas formas de subjetividade e conhecimento que se opõem às tentativas de epistemicídio e marginalização (Deleuze & Guattari, 1995, p. 21-34).

Portanto, partindo da perspectiva de Deleuze e Guattari (1995) sobre a produção do conhecimento, aliada ao conceito de epistemicídio (Carneiro, 2005), esta pesquisa busca evidenciar como essas práticas desafiam as narrativas hegemônicas, promovendo uma visão mais inclusiva das identidades culturais. Nesse sentido, o estudo pretende revelar de que maneira a performatividade linguística e ritualística do Candomblé ressignifica discursos racializados sobre a língua, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e das configurações identitárias na sociedade brasileira contemporânea.

METODOLOGIA

A Análise de Discurso, como campo de pesquisa, não dispõe de uma metodologia fechada ou definitiva. Isso implica que, ao mobilizar os elementos teóricos que guiarão a análise, o analista de discurso também desenvolve os dispositivos metodológicos necessários. Em AD, é o objeto de estudo (corpus) e os efeitos de sentido que determinam a teoria a ser mobilizada. Assim, teoria e metodologia são interdependentes, sustentando-se mutuamente ao longo do processo de pesquisa. Dessa forma, a pesquisa aqui proposta será conduzida por meio de diversos procedimentos metodológicos. Será necessária uma pesquisa bibliográfica para consolidar os conhecimentos relacionados à Análise de Discurso, História das Ideias Linguísticas, e estudos sobre racialidade e produção de conhecimento e, além disso, será realizada uma pesquisa exploratória que busca compreender como o sentido de língua é construído e expresso no contexto das práticas religiosas afro-brasileiras, especificamente por meio da análise de algumas obras do intelectual negro Ruy Póvoas, como por exemplo, o livro *A Linguagem do Candomblé - níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa* (1989).

DISCUSSÕES

Espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para a valorização dos saberes produzidos por intelectuais negros, especialmente no campo dos estudos linguísticos e culturais. A partir da análise das obras de Ruy Póvoas, busca-se compreender como a

linguagem, atravessada pelas práticas religiosas afro-brasileiras, opera na constituição de sentidos identitários, culturais e históricos vinculados à negritude. Desse modo, o trabalho pretende destacar a centralidade da religiosidade afro-brasileira na produção de discursos que afirmam e fortalecem identidades negras no Brasil.

Além disso, a investigação visa lançar luz sobre uma produção intelectual ainda pouco reconhecida nos espaços acadêmicos, promovendo a circulação das ideias de Ruy Póvoas e reafirmando sua relevância para a constituição de um pensamento crítico e comprometido com as epistemologias afro-brasileiras. Com base nesse percurso analítico, espera-se a elaboração de uma dissertação de mestrado que contribua para os debates em torno da linguagem, da racialização e da memória discursiva, sobretudo na perspectiva da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas.

Como desdobramento, prevê-se a publicação de artigos científicos em periódicos qualificados, bem como a apresentação de recortes da pesquisa em eventos acadêmicos e científicos locais, regionais e nacionais. Tais ações não apenas fortalecerão a interlocução com outras pesquisas da área, como também ampliarão a visibilidade do estudo. Por fim, acredita-se que este projeto contribuirá para o reconhecimento e a valorização de saberes historicamente marginalizados, colaborando com a construção de uma ciência mais plural, inclusiva e comprometida com o enfrentamento do epistemicídio e das desigualdades raciais nos espaços de produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A Análise de Discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. In: **Fragmentum**, n. 52, 2018, p. 17-47.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo (orgs.). **Língua e cidadania: o português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1996, p. 127-138.

MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da Abralín**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1851>. Acesso em: ago. 2024.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político** – o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos (SP): EdufScar, 2009.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. **O Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Linguagem do Candomblé**: níveis sociolinguísticos de integração afro-brasileira. Rio de Janeiro: José Olympo, 1989.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Edições Kisimbi, 2020.



REPRESENTATIVIDADE TRANSGÊNERO EM ANIMES JAPONESES: ANÁLISE DE ONE PIECE

Leslie Madureira Sá¹

Marcus Assis Lima²

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a representatividade transgênero em animes japoneses, tendo como objeto central a obra *One Piece*, de Eiichiro Oda. A pesquisa parte do pressuposto de que os animes e mangás são produtos culturais centrais na formação de subjetividades e imaginários sociais, especialmente entre o público infantojuvenil. Essas obras atuam como uma verdadeira pedagogia cultural, conforme observa Kindel (2003), pois ensinam modos de ser, sentir e existir no mundo. O objetivo é compreender como determinadas representações de gênero e sexualidade, ao atravessarem fronteiras culturais, são ressignificadas e reinterpretadas tanto no Japão quanto no Brasil.

O estudo parte do reconhecimento de que a cultura japonesa possui uma longa tradição de expressões de gênero não normativas. Figuras como os *onnagata* do teatro *kabuki* e os *najimi* são exemplos históricos de representações que desafiam a rigidez binária entre masculino e feminino. Esses elementos culturais ajudam a entender o contexto no qual personagens queer aparecem em *One Piece*, como Emporio Ivankov, Kikunojo e Yamato — personagens que tensionam normas de gênero e ampliam o imaginário sobre identidades trans.

A pesquisa propõe, assim, analisar como essas representações se constroem discursivamente e visualmente, observando de que modo articulam resistências, deslocamentos e pedagogias culturais. *One Piece*, além de ser um fenômeno global, oferece um vasto repertório de personagens que desestabilizam noções fixas de identidade, tornando-se um terreno fértil para a reflexão sobre a performatividade de gênero e a descolonização dos imaginários midiáticos.

¹ lmsa.ppgl@uesc.br

² malima@uesb.edu.br

OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é analisar as representações de personagens transgênero em *One Piece*, buscando compreender como essas figuras são discursivamente construídas e ressignificadas dentro do contexto sociocultural japonês e como tais representações reverberam no debate sobre gênero e identidade no Brasil.

Objetivos Específicos

1. Investigar, à luz da Análise Cultural e dos Estudos de Gênero, como personagens como Ivankov, Kikunojo e Yamato são constituídos por marcas visuais, linguísticas e narrativas que performam deslocamentos em relação à norma cisgênera;
2. Compreender os sentidos atribuídos à identidade de gênero em *One Piece*, levando em conta os referenciais culturais e históricos do Japão, em especial as figuras do *onnagata* e *najimi*;
3. Discutir os impactos simbólicos e pedagógicos dessas representações na formação de subjetividades infantojuvenis, considerando o papel da mídia como instância formadora e educativa;
4. Refletir sobre os efeitos de tradução cultural quando essas narrativas atravessam contextos, circulando entre Japão e Brasil.

JUSTIFICATIVAS

A relevância deste estudo reside tanto na escassez de pesquisas sobre personagens trans em mídias de animação quanto na urgência de se discutir alternativas à cisnormatividade hegemônica. Em um país como o Brasil — que, segundo a Transgender Europe (TGEU, 2024)³, concentra 31% dos assassinatos de pessoas trans registrados mundialmente —, refletir sobre representações positivas e plurais é um ato de resistência simbólica. Bruna Benevides (2025, p. 62), em dossiê da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) reforça que, apenas em 2024, 122 pessoas trans e travestis foram assassinadas no país.

³ Último monitoramento disponibilizado pela TGEU foi divulgado com dados sobre 2023. O ranking considera apenas países que fazem esse tipo de levantamento, realizado majoritariamente por órgãos ou instituições da sociedade civil. Disponível em: < <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring-2023/> > . Acesso em 7 nov. 2025.

O anime, como produto cultural global, carrega o potencial de subverter visões hegemônicas sobre gênero, sobretudo quando apresenta personagens que escapam ao binarismo. *One Piece*, por sua amplitude e diversidade narrativa, oferece um espaço privilegiado para se observar tais movimentos discursivos. Ivankov, por exemplo, lidera o Exército Revolucionário e rege a Ilha de Kamabakka, onde o *okama way* simboliza uma filosofia de vida livre de restrições normativas. Kikunojo, uma mulher trans e samurai, traz à cena a tensão entre tradição e identidade, desafiando o papel historicamente masculino do guerreiro japonês. Yamato, por sua vez, reivindica uma identidade não-binária ao se autodeclarar homem e adotar o nome de um herói lendário, em um gesto de performatividade butleriana.

Trata-se, portanto, de um estudo que não apenas investiga uma narrativa popular, mas questiona as fronteiras culturais e epistemológicas que delimitam as concepções de gênero. Ao desnaturalizar categorias impostas pelo discurso colonial, o projeto contribui para o fortalecimento de perspectivas decoloniais nos estudos de mídia e gênero.

APARATO TEÓRICO

O arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa se apoia em uma articulação entre os Estudos de Gênero, a História Cultural e as Epistemologias Decoloniais. Judith Butler (1990) é referência central, ao propor o gênero como prática performativa, isto é, como efeito produzido por atos e discursos que regulam corpos e identidades. Para a autora, “não há um ‘eu’ anterior ao gênero: o sujeito é constituído justamente pelas normas que regulam o corpo e o comportamento”. Essa concepção é essencial para compreender a performatividade presente nas figuras queer de *One Piece*.

Guacira Lopes Louro (1997) reforça que o gênero é uma construção social, histórica e discursiva, e que a mídia atua como uma pedagogia cultural, “em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos e representações, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais” (LOURO, 1997, p. 28).

No campo da crítica cultural, Foucault (1999) ajuda a compreender como o poder opera na regulação dos corpos e dos desejos, transformando o sexo em dispositivo disciplinar. A partir dos Estudos Decoloniais, Quijano (2005) e Mignolo (2017) problematizam a colonialidade do saber e a imposição de epistemes eurocêntricas que naturalizam hierarquias de gênero e raça.

Como destaca Mignolo (2017, p. 15), “a descolonialidade não consiste em um novo universal, mas em uma opção que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes”.

Do lado japonês, a pesquisa se ampara nas contribuições de Junko Mitsuhashi (2006), que analisa a comunidade *crossdresser* e transgênero em Tóquio e Osaka, mostrando como a cena queer japonesa se organiza de modo autônomo, mesmo sob estruturas sociais conservadoras. Mitsuhashi descreve a pluralidade de identidades no Japão contemporâneo — *new-half*, *MTFCD*, *drag queens* e outras — e demonstra como o gênero é vivenciado de formas menos dicotômicas do que no Ocidente.

Braga Jr. (2012; 2014) e Luyten (2012) oferecem ainda uma base histórica e estética fundamental, ao abordar o desenvolvimento dos mangás e animes como produtos culturais profundamente enraizados na tradição japonesa, vinculados às práticas visuais do *ukiyo-e*. Segundo Braga Jr. (2014, p. 93), “a temática dos intergêneros sempre é detectada nas mais variadas histórias e gêneros de classificação, tanto nos mangás como nos animes”.

Para a discussão sobre os estudos dos quadrinhos e mangás, utilizaremos contribuições de autores como Sonia Luyten (2012) e Moliné (2004) sobre as obras de origem nipônica, mas também contando com aportes teóricos de Scott McCloud (2005) e Will Eisner (1985) para entendermos como os quadrinhos funcionam em sua singularidade.

Por fim, a perspectiva de Chartier (2002) sobre História Cultural permite compreender o anime como espaço de construção simbólica, no qual diferentes grupos sociais disputam representações e sentidos.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, ancorada na Análise do Discurso e na História Cultural. O corpus é composto por episódios e arcos narrativos de *One Piece* em que aparecem personagens queer e trans — notadamente Ivankov, Bentham, Inazuma, Kikunojo e Yamato.

A análise se concentrará na linguagem visual e verbal das obras, bem como nos discursos que emergem das interações entre personagens. Serão observados elementos como figurino, fala, gestualidade, enquadramentos e contexto narrativo, buscando identificar as estratégias de significação do gênero.

A metodologia também considera o conceito de “tradução cultural” proposto por Burke (2009), para refletir sobre como *One Piece* é recebido e reinterpretado no Brasil, por meio de dublagens, legendas e circulação nas redes sociais. Essa análise pretende revelar as tensões e

adaptações que ocorrem na transposição entre culturas, evidenciando como a recepção brasileira incorpora e transforma as representações de gênero presentes no original japonês.

DISCUSSÃO E RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que o estudo demonstre como *One Piece* desafia a cisnormatividade ao criar personagens cujas identidades extrapolam as fronteiras do binarismo ocidental. Ivankov, por exemplo, com sua capacidade de modificar o corpo por meio do “Horm-Horm no Mi”, é uma representação literal da performatividade corporal de gênero discutida por Butler (2003). Já Kikunojo e Yamato oferecem uma leitura mais cultural: enquanto a primeira reinscreve o feminino no espaço do samurai, o segundo desestabiliza o masculino tradicional.

A leitura dessas representações, sob a ótica da descolonialidade, contribui para reimaginar o gênero como campo plural e dinâmico, rompendo com os padrões coloniais de corpo e identidade. Seguindo Bagagli (2017, p. 50), “as formas de significação de homens e mulheres no discurso dos sujeitos trans, a partir da crítica à cisnormatividade, produzem deslocamentos de sentidos sobre os corpos e identidades de gênero”.

Ao mesmo tempo, a pesquisa evidencia o papel dos animes como instâncias pedagógicas que moldam percepções de infância e juventude. Como aponta Boynard (2005, p. 287):

“Milhões de crianças, em todo o mundo, substituem a ausência familiar e compensam a solidão pela companhia de uma tela colorida, ágil, múltipla, presente, disponível. Os modelos de identificação acabam surgindo desse conjunto de influências.”

Assim, compreender como *One Piece* aborda a diversidade de gênero é também compreender como a mídia contribui para formar subjetividades mais empáticas e conscientes.

Do ponto de vista acadêmico, espera-se consolidar um marco analítico interdisciplinar entre os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais. Do ponto de vista social, o trabalho se insere na luta simbólica por reconhecimento e visibilidade das pessoas trans, desafiando a exclusão histórica e a violência estrutural que ainda marcam nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

Bagagli, Beatriz. **Movimento de sentidos e constituição de subjetividade em discursos transfeministas**. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; G. FERRARI, Ana J. (Orgs.). *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia*. Campinas: Pontes, 2017, p. 150.

Braga jr. A. X. **Representações sociais do erotismo nipônico: dominação, consumo e influências na produção de bd's**. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto, Portugal. 2012. Disponível em: <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0144_ed.pdf>. Acesso em 18 jun. 2025;

Braga jr. A. X. **A Diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses**. In BRAGA JR. A. X. org. *Questões de sexualidade nas histórias em quadrinhos*. Maceió: Edufal. 2014. p. 81-116.

Benevides, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília, DF: ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais; Distrito Drag, 2025.

Butler, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Burke, Peter. **Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna**. In.: BURKE, P. & HSIA, R. P. (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.13-46.

Chartier, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa: DIFEL. 2002

Eisner, Will. *Comics and Sequential Art*. Tamarac: Poorhouse Press, 1985.

Foucault, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

Luyten, Sonia Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2012.

Louro, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

McCloud, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

Mignolo, W. **Desafios decoloniais hoje**. Revista Epistemologias do Sul. v.1, n.1,p.12-32, Paraná: Unila, 2017; p. 15

Mitsubishi, Junko. **The transgender world in contemporary Japan: the male to female cross-dressers' community in Shinjuku**. Tradução de Kazumi Hasegawa. *Inter-Asia Cultural Studies*, v. 7, n. 2, p. 202–227, 2006.

Moliné, A. **O grande livro dos mangás**. São Paulo: Editora JBC, 2004. 225 p.

Oliveira, M. P.; Sá, U. M. **LGBTT'S por um outro ponto de vista: a representação da sexualidade e identidade de gênero no animê japonês Sakura Card Captors**. Cadernos de

Comunicação, [S. l.], v. 22, n. 2, 2018. DOI: 10.5902/2316882X25717. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/25717> . Acesso em: 18 jun. 2023.

Pallares-Burke, M. L. ***The Spectator, ou as metamorfoses do periódico: um estudo em tradução cultural***. In.: BURKE, P. e HSIA, R. P. (Orgs.). A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.163-181. p. 169

Quijano, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In.: LANDER, Edgardo (org.). A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

Segato, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. E-cadernos CES (Online), v. 18, p. 1-5, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/1533>> Acesso em 18 jun 2025

Siqueira, D. **O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais**. Revista Em Questão. Vol. 12, No 1 (2006). Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/14>> Acesso em: 19 jun. 2025.

